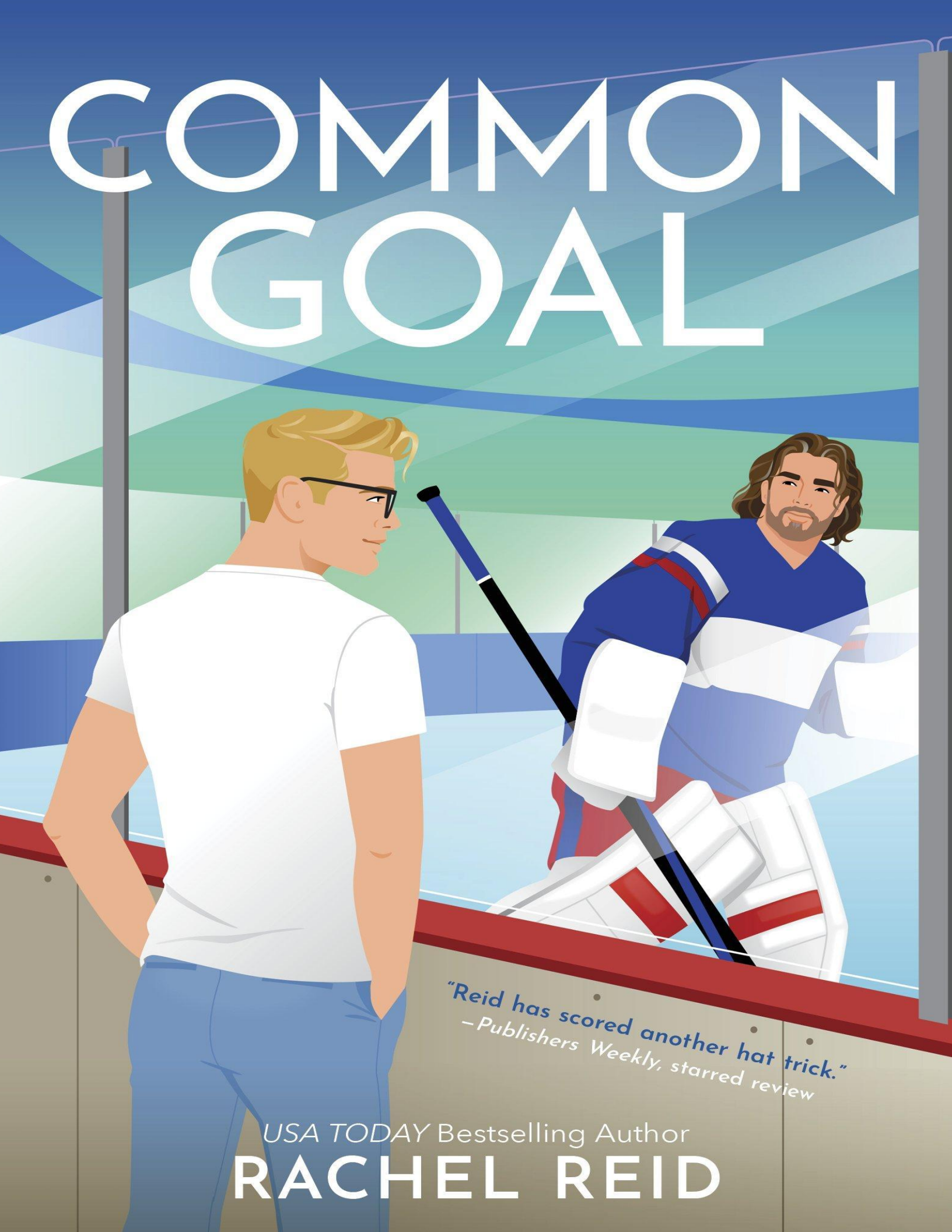
COMMON GOAL



"Reid has scored another hat trick."
—Publishers Weekly, starred review

USA TODAY Bestselling Author

RACHEL REID

Não existe inocência mais pura

Do que nosso doce pecado

KARDIA



revisão inicial:

ROSÉ

revisão final:

OLESYA

leitura final:

MILO

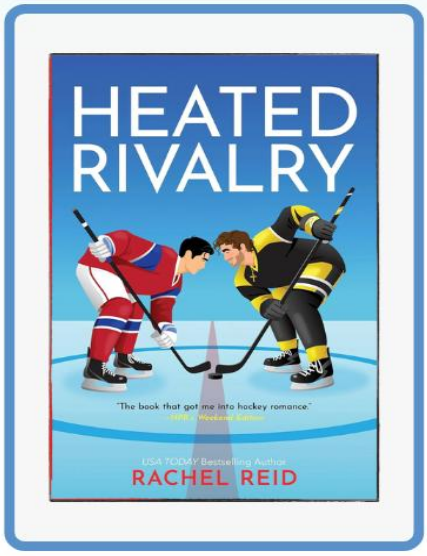
conferência:

HELGA

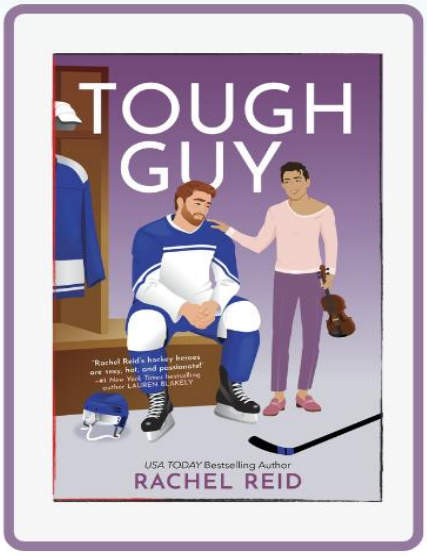
GAME CHANGERS



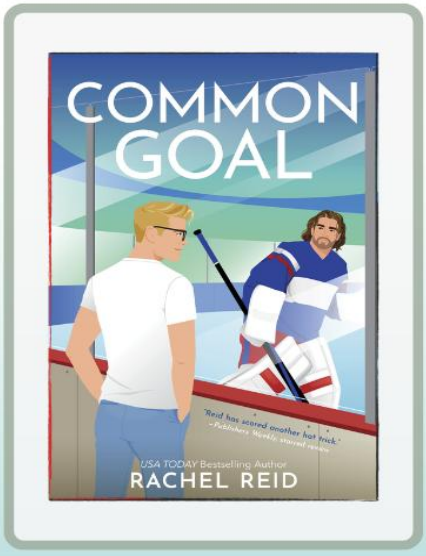
1.0



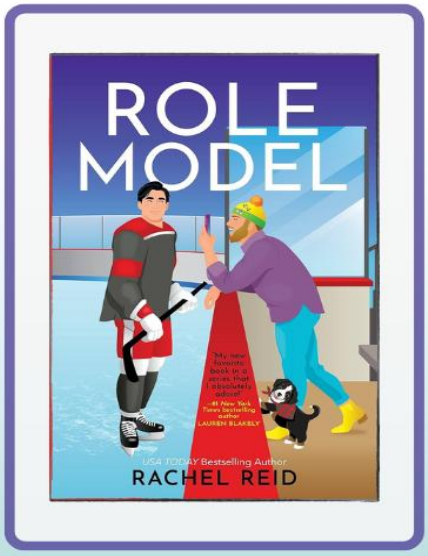
2.0



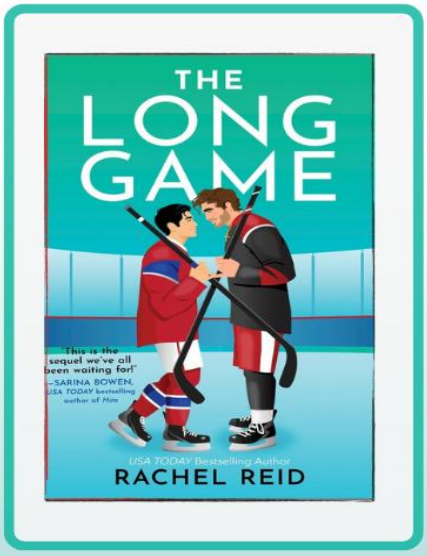
3.0



4.0



5.0



6.0

Aviso - km

Esta é uma tradução feita por fãs para fãs, do grupo Kardia Mou Traduções. Não temos fins lucrativos nem recebemos compensação; nosso intuito é oferecer acesso gratuito a obras estrangeiras com temática Queer.

Como se trata de uma prática ilegal, para evitar denúncias ou processos judiciais e garantir o funcionamento do grupo, pedimos que:

∞ *Evite publicar vídeos no TikTok sobre qualquer livro traduzido pelo grupo e não mencione nos comentários que a tradução do livro existe.*

∞ *Evite fazer postagens nas redes sociais com trechos e imagens dos livros traduzidos.*

∞ *Evite mencionar que você leu livros traduzidos em qualquer rede social, pois isso pode nos expor a possíveis processos judiciais.*

∞ *Os downloads dos livros são exclusivamente para uso pessoal, sendo proibido compartilhá-los abertamente em drives ou plataformas similares para divulgação em redes sociais.*

∞

Aviso: Nossas traduções são disponibilizadas gratuitamente. Se pagou por elas, sentimos informar... você foi feito de otário.

Sinopse

O goleiro do New York Admirals, Eric, nunca pensou que seu acordo de amizade com o muito mais novo Kyle deixaria ambos querendo mais...

O goleiro veterano Eric Bennett já encarou alguns dos atacantes mais difíceis do gelo, mas nada o preparou para seu mais novo desafio: a vida após o hóquei. É hora de fazer grandes mudanças, começando por finalmente namorar homens pela primeira vez.

O estudante de pós-graduação Kyle Swift se mudou para Nova York com o coração partido. Ele jurou encontrar alguém da sua idade para se apaixonar (pelo menos uma vez). Até que ele conhece um jogador de hóquei charmoso, distinto e grisalho. Apesar da intensa atração física entre eles, Kyle não tem intenção de se envolver emocionalmente. Ele ensinará alguns truques a Eric, se divertirá mutuamente e depois irá se afastar.

Eric fica mais do que feliz em aprender qualquer coisa que Kyle tenha a oferecer. E Kyle nunca imaginou que o acordo de amizade colorida o deixaria querendo mais. O “felizes para sempre” pode estar bem na cara deles, mas não vai acontecer se eles forem teimosos demais para confessar seus sentimentos.

Tudo o que ambos desejam está ao seu alcance... Eles só precisam ser corajosos o suficiente para agarrar.

Este livro é para Matt, Mitchell e Trevor. Obrigada por me dar espaço para escrever este livro e peço desculpas pela demora!

Capítulo Um

— Vou ficar pensando nisso a noite toda — confessou Eric Bennett. — Deveria ter pegado aquele.

Suas traves, como sempre, não responderam.

Eric pegou sua garrafa do alto da rede, espirrou um pouco de água na boca antes de olhar para o placar, onde mostravam o gol que acabara de passar por ele. Parecia ainda pior em câmera lenta.

— Vamos pegar o próximo, certo, pessoal? — Eric bateu em cada uma das traves com o taco e, em seguida, sacudiu os ombros. O placar estava 3 a 1 para o time adversário e ainda era apenas o primeiro período. Aquele jogo era um desastre. Eric conseguia imaginar o que os comentaristas estavam dizendo na televisão sobre ele naquele momento. Que Eric Bennett não conseguia acompanhar o ritmo da NHL ultimamente. Que ele já tinha passado do auge e estava pronto para se aposentar.

Que se danem. Já vinham dizendo isso do Eric há quase dez anos. Toda vez que ele tinha um jogo ruim, ou uma lesão leve, era hora de deixá-lo para trás. Como se o Eric não tivesse tido jogos ruins quando tinha 26 anos e ganhava todos os prêmios de goleiro. Como se ele não tivesse, aos 38 anos, desempenhado um papel importante na conquista da Copa Stanley com o New York Admirals, duas temporadas antes.

O capitão dos Admirals, Scott Hunter, patinou até ele e bateu nas suas almofadas. — Esse é difícil, Benny. Você está bem?

— Estou bem. Vou fechar o gol agora. Acha que tem alguns gols em você?

— Absolutamente.

Eric se agachou para a frente, pronto para o jogo recomeçar. — Nada mais vai me passar despercebido esta noite — prometeu a si mesmo.

A promessa durou exatamente um minuto e quarenta e três segundos. Foi quando Shane Hollander, o superastro idiota do Montreal, deu um chute perfeito que passou por cima do ombro esquerdo de Eric.

Porra.

Eric olhou para o banco e não ficou surpreso ao ver o técnico Murdock gesticulando para que ele fosse para o banco. Ele também viu o outro goleiro do New York, Tommy Andersson, colocando sua máscara.

Porra!

— Desculpem, pessoal — disse Eric em suas traves. — Acho que vou assistir ao resto. Sejam gentis com o Tommy.

Ele patinou em direção ao banco com a cabeça baixa. Podia ouvir os aplausos fracos da plateia, que talvez fossem uma demonstração de apoio a Eric, ou talvez alívio por ele estar sendo substituído.

Tommy deu um tapinha nas almofadas de Eric ao passar por ele. — Não se preocupe, Benny.

Eric não respondeu, porque é claro que ele ia se preocupar com isso. Não apenas com este jogo, mas com o resto da temporada.

O que poderia muito bem ser o resto da carreira de Eric. Os companheiros de time de Eric o receberam com palavras cautelosas de apoio enquanto ele se sentava no banco. Ele tirou a máscara e a entregou ao gerente de equipamentos, que entregou a Eric um boné dos Admirals para ele usar. Eric detestava usar bonés. Ficavam estranhos em sua cabeça.

O jogo recomeçou e Tommy, mal aquecido, teve que defender dois chutes rápidos. Ele defendeu ambos, o que lhe rendeu um grito de aprovação da torcida. Tommy era um bom goleiro. Bom demais para ser reserva de Eric, e todos sabiam disso. Eric tinha certeza de que Tommy só havia permanecido

nos Admirals por tanto tempo porque estava esperando Eric se aposentar. Talvez todo o time estivesse esperando Eric se aposentar.

Sua esposa não esperou.

Eric franziu a testa. Não era justo dizer ou sequer pensar. Holly tivera muitos motivos para terminar o casamento, e ele entendia todos eles. Sabia há anos que o casamento não estava funcionando; a faísca que existia na juventude deles havia se apagado há muito tempo. Eric dissera a si mesmo que a culpa era da sua agenda e que ele e Holly teriam a chance de se apaixonar novamente quando ele se aposentasse. Talvez ela também tivesse esperado por isso por um tempo, mas a verdade que ambos finalmente reconheceram era que provavelmente nunca se apaixonariam novamente. Seus melhores anos como casal haviam ficado para trás, e era hora de seguir em frente. Eric sabia que o divórcio era a melhor coisa para ambos. Saber disso não o fazia se sentir menos solitário, no entanto.

Seus companheiros não conversaram muito com ele durante o resto do jogo, mesmo durante os intervalos no vestiário. Sabiam que ele preferia ficar sozinho por enquanto. Tommy jogou muito bem, defendendo todos os chutes a gol do Montreal, exceto um, mas os Admirals ainda perderam por dois gols no final.

Muito tempo depois do término do jogo, e depois que o técnico Murdock conversou com o time - o que incluiu elogios a Tommy por seus esforços -, Eric estava sentado em sua baia vestindo metade de seu terno azul-marinho Ted Baker. O colarinho da camisa estava desabotoado e a gravata pendia frouxa e aberta em volta do pescoço curvado. Ele girava distraidamente sua aliança de casamento, que não conseguia parar de usar.

— Ei.

Eric não precisou levantar a cabeça para saber que Scott Hunter havia se sentado ao seu lado. — Oi.

— Você está bem? Quer dizer, tirando o jogo de hoje à noite. Tem alguma coisa te incomodando?

Não. Ser recém-divorciado e encarar o meu quadragésimo primeiro aniversário é incrível. — Não. Só um jogo ruim.

Scott deu um tapinha no ombro dele. — Você vai estar no topo de novo no próximo jogo.

Eric assentiu. Ele se certificaria disso.

— Você vai amanhã à noite, certo? — perguntou Scott.

Por mais que Eric não estivesse a fim de ir à festa de noivado de Scott e seu noivo, Kip, ele forçou um sorriso e disse: — Com certeza. Claro. Mal posso esperar.

Scott sorriu para ele. Scott vinha sorrindo bastante nos últimos dois anos, desde que se apaixonara por Kip Grady. Scott tinha levado uma vida solitária e reservada antes de decidir arriscar tudo por uma chance de ser feliz com o homem que conhecera em uma loja de smoothies. Eric foi uma das primeiras pessoas para quem Scott se assumiu, e Eric não levou isso de ânimo leve. Ele estava emocionado por Scott, mesmo que a instituição do casamento não fosse a coisa favorita de Eric ultimamente.

— Ótimo — disse Scott, ainda sorrindo. — Vamos deixar esse jogo para trás, certo? E vamos todos nos divertir amanhã à noite.

Eric deu um sorriso irônico. — Até eu?

Scott riu. — Até você, Benny. Vou garantir isso.

Kyle Swift olhou para o outro lado da mesa pela milionésima vez naquela manhã. Ele não conseguia evitar. Esses encontros de estudo com Kip eram sempre completamente improdutivos para ele. Ele passava muito mais tempo estudando o rosto de Kip do que suas próprias anotações.

Kip estava absorto em algo em seu laptop, seus olhos castanhos se movendo de um lado para o outro enquanto lia. Ele tinha uma barba escura por fazer nas bochechas e no maxilar hoje, o que Kyle gostou, embora tornasse as covinhas de Kip menos visíveis. E, ufa! Kyle tinha passado boa parte dos últimos dois anos pensando naquelas covinhas.

O rosto de Kip se ergueu, e Kyle rapidamente baixou o olhar para a tela do seu próprio laptop.

Kyle não tinha certeza do porquê de se torturar daquele jeito. Só porque ele e Kip estavam fazendo mestrado em história não significava que precisavam ter esses encontros ridículos. Eles nem sequer estudavam na mesma universidade. Kyle passava a maior parte da primeira hora juntos lançando olhares furtivos para Kip, e então Kip ficava entediado e começava a fazer perguntas a Kyle que não tinham nada a ver com seus objetivos acadêmicos. Eram as conversas que sempre acabavam com Kyle. A facilidade com que conversavam e riam juntos, porque tinham tantas coisas em comum. Porque Kip era engraçado, carinhoso e um amor de pessoa. Porque ele era absolutamente perfeito para Kyle de todas as maneiras que os homens com quem Kyle costumava sair não eram.

Pena que Kip estava noivo.

— Kyle?

Kyle olhou para cima e foi atacado por um dos sorrisos fofos e cheios de covinhas de Kip.

— Ei, aí está você. Vou pegar mais uma. — Kip acenou com a caneca de café vazia no ar. — Quer uma?

— Na verdade — Kyle disse lentamente — preciso ir.

— Ah. — Kip franziu a testa.

— Mas te vejo na festa hoje à noite.

O sorriso de Kip voltou. — Não acredito que estou noivo!

— Não sei o que você vê naquele cara — disse Kyle secamente.

Kip suspirou dramaticamente. — Eu sei. Mas um homem chega a uma certa idade, às vezes ele tem que se conformar, sabe?

— Vinte e oito. É essa a idade que você quer dizer?

— Eu não quero ser um solteirão.

— É muita gentileza sua se casar com aquele lindo atleta milionário.

— Eu sei — disse Kip solenemente. — Sou muito corajoso.

Os dois riram, e Kyle fez o possível para ignorar a dor no coração.

— Talvez você conheça *seu* futuro marido esta noite — sugeriu Kip, brincando.

— Aham. Te vejo mais tarde. — Kyle enfiou o laptop na mochila e pendurou a mochila no ombro.

— O homem dos seus sonhos pode estar lá! Mantenha a mente aberta.

O homem dos meus sonhos com certeza *estará lá. Esse é o problema.* O que, claro, Kyle não disse. Em vez disso, ele disse: — Vou usar algo bonito, só por precaução.

— Você sempre está bonito.

O coração de Kyle se apertou. — Não deixe o Scott com ciúmes.

Kip bufou como se aquela fosse a ideia mais absurda do mundo. Kyle supôs que fosse. Qualquer um - inclusive Scott - podia ver que Kip só tinha olhos para o futuro marido.

Kyle levantou o capuz do moletom para proteger o cabelo e os óculos da garoa lá fora. Supôs que poderia usar a festa daquela noite como inspiração para, finalmente e com firmeza, encerrar a porta para aquela paixão sem sentido por Kip Grady. Kyle se voluntariou para trabalhar no bar naquela noite, principalmente porque isso lhe daria algo para fazer além de ouvir seu coração murchar e morrer enquanto Kip e Scott se beijavam.

Era isso, Kyle decidiu enquanto descia as escadas apressadamente para o metrô. Naquela noite, ele pararia de ansiar por Kip e talvez se divertisse deixando jogadores de hóquei heterossexuais desconfortáveis flertando com eles. E então concentraria seus esforços em encontrar um homem legal, disponível e, o mais importante, *apropriado* para viver feliz para sempre.

Ou um cara bonitinho com uma bunda durinha. Tanto faz.

Capítulo Dois

Kyle nunca ficou tão decepcionado com um bar gay cheio de homens gostosos.

Ele havia passado muito tempo em bares gays. Muito tempo *neste* bar em particular. O Kingfisher fora sua principal fonte de renda durante anos, e ele flertara com uma vasta gama de homens atraentes naquele mesmo salão durante esse tempo. Ele fora para casa com uma porcentagem considerável deles. Naquela noite, o Kingfisher estava comemorando o noivado de dois homens gays, mas estava lotado de caras héteros. Jogadores de hóquei, principalmente.

Jogadores de hóquei extremamente atraentes. E suas esposas.

Água, água por todo lado...

Kyle suspirou e serviu uma cerveja pela milionésima vez naquela noite. Os jogadores de hóquei não eram aventureiros na escolha de bebidas alcoólicas. Ele colocou o copo de cerveja no balcão e ofereceu um sorriso ao atleta milionário, alto e desleixado, que aceitou a cerveja sem sequer olhar para Kyle.

Homens héteros. Deus.

Houve um tempo em que conhecer pelo menos uma estrela da NHL teria sido emocionante, mas desde que Scott Hunter se tornou frequentador assíduo do Kingfisher e Kyle se tornou amigo de Kip, jogadores do New York Admirals se tornaram comuns na vida de Kyle. Chatos, até.

— Se divertindo? — O colega de trabalho de Kyle, Aram, deu uma leve batida no quadril enquanto pegava um copo de cerveja.

— Poderia estar me divertindo mais se algum desses garotos soubesse flertar — resmungou Kyle.

— Eu sei. Que desperdício, né? Este lugar está cheio de notas de dez, e todas elas não valem nada.

— Notas de dez falsas — Kyle concordou.

Aram apoiou os dois braços enormes no balcão e se inclinou para a frente, sorrindo para a multidão barulhenta e atraente. — Mesmo assim. É divertido de se ver. Você já *viu* o Matti Jalo de perto?

— Não tão perto quanto eu gostaria.

Aram riu quando um homem que *não era* o lindo defensor finlandês do New York Admirals se aproximou do bar e pediu algumas canecas de cerveja. Aram começou a servi-las enquanto flertava com o homem sem motivo. Kyle deixou seus olhos vagarem pelo ambiente.

Ah, Eric Bennett.

O goleiro estrela dos Admirals estava encostado no bar, aparentemente curtindo a festa. Kyle não o conhecia de verdade, mas já o tinha visto ali antes com Scott e Kip, e ele era exatamente o tipo de Kyle. Ou melhor, era exatamente o tipo de homem por quem Kyle não se deixaria mais apaixonar. Mas não custava nada dar uma *olhada.* Kyle sempre amou o cabelo escuro e cacheado de Eric e sua barba por fazer bem cuidada, ambos salpicados de fios grisalhos. Ele era alto e magro e sempre parecia tão maduro e elegante em comparação com os outros jogadores dos Admirals.

Eric estava sozinho agora, e *tecnicamente* estava no bar, então Kyle podia tecnicamente perguntar se ele queria pedir alguma coisa. E se ele estivesse esperando pacientemente o tempo todo para pedir uma bebida? De costas para o bar...

— Posso te servir alguma coisa? — Kyle se apoiou no balcão, inclinando o rosto para que Eric pudesse vê-lo com a visão periférica.

Eric virou a cabeça imediatamente. — Estou bem. — disse ele com um sorriso educado.

Ele com certeza estava. Vestia uma camisa xadrez azul e branca, com as mangas arregaçadas, revelando seus antebraços fortes. Seus olhos escuros estavam fixos nos de Kyle, seu olhar confiante e inabalável.

Uau. Se Kyle tinha uma fraqueza - e ele não tinha; ele tinha muitas - era por homens mais velhos, confiantes e atraentes. E por homens mais jovens, confiantes e atraentes. E por homens.

— Kyle, certo? — perguntou Eric. — Você é amigo do Kip.

— Esse sou eu.

— Sou Eric. — Ele estendeu a mão e Kyle a apertou.

— Eu sei quem você é. — O tom de Kyle era provocador e sedutor, porque era quase sempre provocador e sedutor. — Você é quem esconde esse rosto bonito atrás de uma máscara o tempo todo.

Ele esperava que Eric, o goleiro heterossexual, se afastasse e desse uma desculpa para ir embora. Ou talvez simplesmente fosse embora. Mas, em vez disso, seus lábios se curvaram e ele disse: — É assim que ele fica tão bonito.

Kyle se permitiu apreciar o brilho brincalhão nos olhos de Eric por um momento.

— Ei, Kyle! Preciso pegar um barril novo de cerveja. Você está bem aqui um minutinho?

Kyle se virou para Aram. — Claro. Vá usar esses músculos.

Aram mandou um beijo para ele e foi para a sala dos fundos.

— Foi legal da parte do Scott reservar essa festa no local de trabalho do Kip — disse Eric secamente.

Kyle riu. — Eu estava pensando exatamente a mesma coisa. Quem faz isso, né?

Eric balançou a cabeça. — Scott Hunter, é ele. Ele gosta deste lugar e se sente confortável aqui. Tenho certeza de que era só nisso que ele estava focado.

Kyle avistou Scott na multidão - não foi difícil, porque ele tinha 1,93m e era exatamente como Kyle sempre imaginara que Aquiles era. Scott estava rindo com alguns amigos, e Kyle não conseguiu conter o sorriso. Dois anos antes, Scott estava firmemente no armário, solitário, e teria morrido de medo de entrar em um bar gay como o Kingfisher. Agora ele era um frequentador assíduo - o bar até batizou um drinque com seu nome - e estava organizando sua grande festa de noivado gay. Kyle estava feliz por ele. Estava feliz por Kip também, mesmo que seus sentimentos em relação a isso fossem um pouco mais complexos.

— Tem certeza de que não posso te servir nada? — perguntou Kyle. — Estou servindo cervejas a noite toda e adoraria mostrar minhas habilidades com coquetéis.

— Eu não bebo.

— Ah. Ai, meu Deus, desculpe. Eu não deveria tentar você.

Eric acenou com a mão. — Não é bem assim. Não estou tentado.

— Ah. — Kyle cruzou os braços sobre o balcão e se inclinou para a frente. — Então você é um menino muito bom?

Eric deu um sorriso irônico. — Na maioria das vezes.

Espera aí. O Eric *estava* flertando com ele? A conversa parecia flerte, mas o Kyle tinha um longo histórico de sentir desejo quando não havia absolutamente nenhum por parte do outro homem.

Homens héteros. Outra fraqueza dele.

— Você está com sorte porque eu faço os coquetéis sem álcool mais incríveis do mundo.

Os olhos de Eric brilharam de alegria. — Faz?

Kyle piscou. — Você vai jurar que tem bebida neles. São bons demais.

— Não posso realmente comparar.

— Faz mesmo tanto tempo que você não bebe?

Antes que Eric pudesse responder - se é que ele iria responder - eles foram interrompidos por um animado Kip Grady.

— Eric! — Kip passou o braço pelos ombros de Eric e, em seguida, cambaleou para a frente, puxando os dois homens para mais perto de onde Kyle estava, atrás do balcão. O nariz de Eric quase roçou na bochecha de Kyle. — Você está aqui!

— Estou sim — disse Eric, deslizando calmamente de debaixo do braço de Kip. Ele se endireitou e deu um passo para trás, mas seu rosto ainda estava relaxado e discretamente divertido. — Você está se divertindo?

— Vou me casar! — As bochechas de Kip estavam coradas e seus olhos brilhavam de êxtase e amor. Kyle desviou o olhar.

— Parabéns — disse Eric. Ele se apoiou no balcão e ergueu a mão esquerda para segurar o pulso. Foi então que Kyle notou a aliança de ouro em seu dedo anelar.

Casado. Certo. Claro.

Ele piscou ao perceber que Kip estava tentando chamar sua atenção. Desviou o olhar da aliança para o rosto radiante de Kip.

— Este é o Eric! — disse Kip, desleixado. — Ele é, tipo, o melhor goleiro de todos os tempos!

— Fiquei sabendo.

— Ele também é inteligente! Ele coleciona arte. — Os olhos de Kip se arregalaram numa expressão de compreensão repentina. — Eric! Kyle está *estudando arte!*

— Sério? — Eric perguntou a Kyle.

— *História da arte* — esclareceu Kyle. — Arte antiga, principalmente. Se a sua coleção inclui mosaicos de três mil anos, eu sou seu especialista.

O rosto de Eric se abriu num sorriso largo que quase derrubou Kyle. Aquele homem era *lindo.*

Enquanto Kyle se perdia no rosto bonito de Eric, Kip correu para trás do balcão, esbarrando em Kyle. Pegou um copo de cerveja e começou a se servir, mas Kyle o impediu. — Sai daqui. Você está bêbado.

Kip revirou os olhos dramaticamente. — Tudo bem. Pode servir.

Quando Kyle lhe entregou a cerveja que ele absolutamente não precisava, Kip se inclinou e beijou sua bochecha. — Te amo.

Os ombros de Kyle se enrijeceram. — Também te amo — disse ele baixinho. Seu olhar seguiu Kip, impotente, enquanto ele se afastava com sua bebida.

— Onde você está estudando arte antiga? — perguntou Eric, atraindo a atenção de Kyle de volta para ele.

Kyle conseguiu dar um sorrisinho. Viu, Kyle? Não tem motivo para ficar triste. Você tem um homem hétero, lindo e casado para te fazer companhia. — Columbia. Estou fazendo meu mestrado.

— Impressionante.

— Bem, antes que você fique muito deslumbrado comigo, vou esclarecer que estou trabalhando muito *lentamente* no meu mestrado. Estou fazendo apenas uma aula no momento.

— Ainda impressionante. Acho que nunca conheci ninguém que estudasse arte antiga antes. O que te fez escolher essa área?

Os olhos de Eric eram calorosos e atentos. Kyle acreditava que ele estava realmente interessado em sua resposta. — Sempre me interessei por isso, desde criança. Eu tinha um livro infantil ilustrado de mitos gregos que li um

zilhão de vezes. — Ele riu. — Quando fiquei mais velho, descobri que as versões *reais* desses mitos eram muito mais violentas. E cheias de tesão.

— Mais bestialidade do que você esperava?

Kyle acenou com a mão. — Isso é o de menos. Enfim, obviamente as versões para maiores de 18 anos só me fizeram me interessar *mais* por mitologia. O que me levou a um interesse pelas pessoas que criaram e acreditaram nesses mitos. Os contadores de histórias, sabe?

Eric assentiu, pensativo. — Sua graduação também é em história da arte?

— Eu me formei em história antiga e latim, e depois decidi fazer meu mestrado em arte e arquitetura antigas.

— Isso parece algo fascinante para estudar.

Kyle deu de ombros. — Não tenho ideia do que vou fazer com isso, mas gosto de aprender.

— Eu também.

Kyle se apoiou no balcão. — Ah, é? Você é um leitor? — Talvez Eric fosse um daqueles atletas completos que faziam aulas online na faculdade ou ouviam muitos podcasts educativos.

— Gosto de ler. Sou formado em literatura inglesa.

Kyle ficou momentaneamente surpreso, mas ao considerar o homem à sua frente, decidiu que ser estudante de literatura lhe convinha mais do que ser jogador de hóquei. — Onde você estudou?

Os lábios de Eric se contorceram de uma forma que sugeria que ele estava envergonhado com o que estava prestes a dizer. — Harvard.

Kyle piscou. — Você tem diploma de Harvard?

— Sim.

Kyle riu. Não conseguiu evitar. Rapidamente cobriu a boca, encolhendo-se diante da grosseria daquela reação. — Desculpa! Eu simplesmente não esperava por isso.

Eric, felizmente, não se ofendeu. — Você não é a primeira pessoa a se surpreender com isso. Mas pode conferir minha página na Wikipédia se não acredita em mim.

— Eu acredito em você. — O que Kyle não conseguia acreditar era o quão cruel o universo era por colocar aquele homem absurdamente perfeito e absolutamente proibido na sua frente. Um homem mais velho, atlético e confiante, com um diploma de Harvard em Literatura? Que se dane. Kyle estava tão tentado a dizer algo muito sedutor naquele momento, só para ver se conseguia abalar a fachada calma de Eric. Só para ver se seus olhos escuros demonstrariam desconforto ou desejo.

Uma mulher deslumbrante, loira e com um timing impecável, impediu Kyle de realizar experimentos inapropriados. Apesar disso, Kyle sentiu o olhar de Eric sobre ele o tempo todo enquanto preparava a vodca com refrigerante para a cliente.

— Você está trabalhando na festa de noivado do seu amigo — disse Eric depois que a mulher saiu com sua bebida.

— Sim. Você percebeu, né?

Eric pareceu considerar Kyle por um instante, como se estivesse tentando decifrá-lo. Havia algo no olhar de Eric que o fez se sentir muito exposto. Ele quase estremeceu.

— Não estou *trabalhando.* É um evento privado e todos que trabalham aqui também estão na lista de convidados, porque é assim que o Kip funciona, mas eu não conheço a maioria dos convidados, então fico feliz em ajudar no bar.

— Melhor do que ficar batendo papo com jogadores de hóquei. — Os lábios de Eric se curvaram levemente quando ele disse isso.

Kyle se inclinou. — Na maioria das vezes.

Por um momento, Eric não disse nada. Apenas encarou Kyle atentamente, como se estivesse desvendando todos os seus segredos com os olhos. Seus lábios ainda estavam contorcidos naquele sorrisinho divertido, e Kyle não fazia ideia do que estava acontecendo naquele momento. Mas seu pau estava a fim. Seu pau sempre estava a fim de homens indisponíveis, então podia ir se foder.

— Então. Drinques sem álcool — disse Kyle, quebrando a tensão que provavelmente só ele sentia. Bateu palmas. — Você tem alguma alergia?

— Gatos — disse Eric.

Kyle franziu a testa. — Ah. Então vou ter que mudar a receita.

Eric riu disso. Seu riso era cálido e maravilhoso. Kyle queria se enrolar nele como num cobertor. *Hétero. Casado.* Kyle repetia para si mesmo. *Hétero, casado e jogador profissional de hóquei. Além disso, provavelmente quinze anos mais velho que você.*

— Você não precisa me fazer nada. Sério — disse Eric. — Preciso ir embora logo, de qualquer jeito.

Kyle não deveria ter se sentido tão decepcionado com isso. — Tem certeza?

— Sim, eu... — Eric baixou a voz. — Aqui entre nós, eu amo o Scott. E o Kip. Mas sinto que estou comemorando o relacionamento deles há quase três anos.

Kyle sorriu de alegria. — Eu *sei*, né? Tipo, *a gente entende.* Você é perfeito e está apaixonado.

— Nojento — concordou Eric. Os dois riram.

— Sério — disse Eric, parecendo um pouco envergonhado do que dissera sobre os amigos — estou emocionado por eles. Principalmente pelo Scott. Eu o conheço há muito tempo, e ele... bem, ele definitivamente merece a felicidade.

Kyle avistou Kip e Scott na multidão. Scott segurava firmemente os ombros de Kip com o braço, e ambos estavam radiantes. — Ele pegou um bom homem — disse Kyle, melancolicamente. Quando seu olhar voltou para Eric, encontrou compaixão nos olhos do outro homem. Era surpreendente.

— Ele encontrou — Eric concordou.

Kyle revirou os olhos, o que era a atitude imatura que ele fazia quando não queria lidar com sentimentos. — De qualquer forma. Eu deveria pegar algumas das garrafas vazias. — Ele pegou uma bandeja e deu uma piscadela de despedida para Eric antes de entrar na briga de bêbados.

Eric observou Kyle manobrar seu caminho pelo bar lotado. Observou seus quadris estreitos deslizando para um lado e para o outro, evitando mesas e pessoas. Observou seus dedos longos arrancando garrafas e copos vazios das mesas. Observou a maneira como os lábios de Kyle se esticavam num sorriso brincalhão sempre que alguém falava com ele.

Ele o observou por tempo provavelmente demais. Até que uma mão no ombro de Eric o tirou do transe.

— Em quem você está de olho? — perguntou Carter Vaughan, companheiro de time e amigo de Eric, que conseguiu se aproximar dele sem ser notado, o que não foi fácil. — Não tem muita mulher solteira aqui hoje à noite, mas eu não descartaria o Matti como uma possibilidade.

— Do que é *que* você está falando, afinal?

— Tipo, eu sou hétero. Mil por cento. E sou totalmente comprometido com a Gloria, mas admito: o Matti Jalo às vezes me vira a cabeça.

— Não estou olhando para ninguém — mentiu Eric. — Só fiquei distraído por um minuto.

— Bem, nisso eu acredito. Contanto que você não esteja pensando no jogo de ontem à noite. Isso é uma festa, Benny!

— Eu não estou.

Carter ergueu as duas sobrancelhas e tomou um gole de cerveja.

— Eu *não* estou — insistiu Eric.

— Certo. Você está se divertindo?

Eric deu de ombros. — Claro. Estou feliz que eles finalmente vão se casar, sabe?

— Deveria ter acontecido há um ano.

— Acho que é inteligente esperar. Você precisa ter certeza de que é a pessoa com quem quer passar o resto da vida.

— Tenho quase certeza de que Scotty soube em uma semana.

Eric não podia contestar isso. Seu próprio casamento lhe ensinara que se apressar em assumir um compromisso com alguém era uma má ideia, mas até *ele* via o coração nos olhos de Scott e Kip quando se olhavam.

— Como você está? — perguntou Carter. O brilho brincalhão em seus olhos se suavizou, transformando-se em algo mais próximo de preocupação. — Isso é difícil para você?

Eric parou um momento para refletir sobre a pergunta. Ele gostava de pensar em cada pergunta antes de responder. — Um pouco. Talvez. Não que eu não esteja feliz pelo Scott, mas acho que ando pensando no meu próprio casamento.

O brilho provocador retornou aos olhos de Carter. — Você consegue se lembrar de algo tão antigo?

— Cale a boca.

— Esqueci. Holly era uma noiva de guerra? Ela era sua enfermeira depois que os alemães atiraram em você?

— Tudo bem, estou indo para casa.

Carter o cutucou. — Sério mesmo. Me desculpe se isso é difícil para você.

— Já faz quase um ano. Já superei. Sério. Não sinto falta da Holly, mas sinto falta... — Eric balançou a cabeça.

— Sexo normal? — Carter adivinhou.

— Companheirismo — concluiu Eric, lançando um olhar furioso para Carter. — A Holly e eu não passamos muito tempo juntos nos últimos anos, mas ainda era bom ter alguém para conversar à noite. Quando estávamos os dois em casa.

— Aposto que podemos encontrar alguém que não se importaria de ser sua *companhia* — disse Carter, fazendo a palavra soar indecente.

O olhar de Eric encontrou Kyle novamente, sua bandeja agora pesando sob o peso de garrafas de cerveja vazias e copos de cerveja. Eric podia ver a protuberância de seu bíceps esticando o tecido de sua camiseta branca. Ele tinha um corpo atlético - não musculoso como o do outro barman, mas esguio e tonificado. Eric se perguntou se ele praticava algum esporte ou se apenas se exercitava bastante.

— Acho que vou para casa — disse Eric, porque olhar para o jovem que estava no bar era definitivamente um sinal de que era hora de ir embora.

— Precisa descansar esses ossos velhos — brincou Carter.

— Sim, sim. — Eric pegou seu longo casaco de lã preta e seu cachecol de cashmere verde-oliva do encosto de um banco do bar.

Enquanto enrolava o cachecol no pescoço, Kyle retornou e colocou a pesada bandeja no balcão. Com os dedos, ajeitou as mechas loiras que haviam caído sobre um dos olhos. — Você vai embora?

— Sim. — Eric olhou para o relógio, como se a hora justificasse sair de uma festa naquele momento. Ainda não eram nem onze horas.

— Já passou da sua hora de dormir? — A voz de Kyle havia adquirido um timbre rouco e sensual, que Eric sabia que era para ser provocativo, mas que o atingiu de forma surpreendente.

— Eu não sou muito de festas.

O que Kyle estava fazendo naquele momento, encostado no balcão com os braços cruzados, um ombro erguido o suficiente para fazer a barra da camiseta subir e revelar apenas um centímetro de sua barriga lisa, provavelmente funcionava com muitos homens. Era inegavelmente atraente. Eric desviou o olhar da faixa de pele pálida, balançando a cabeça enquanto abotoava o casaco.

— Eu me lembro de quando você era divertido, Benny — disse Carter.

— Não, você não lembra — disse Eric categoricamente.

Carter riu. — Não. Não mesmo.

— Boa noite, Carter. — Então, Eric se virou para Kyle. — Foi um prazer conversar com você, Kyle.

— Igualmente. — A palavra escapou da boca de Kyle, rica e beirando o ridículo. Eric ficou constrangido com o calor que lhe subiu à barriga em resposta. Ele se virou e caminhou em direção à saída antes que alguém percebesse o quanto estava nervoso. Ele não gostava de parecer nada menos do que firme e inabalável o tempo todo.

Ele saiu para a garoa fria de novembro e desejou ter usado algo impermeável em vez do casaco de lã Burberry. A chuva gélida, porém, funcionou como um banho de gelo, amenizando as faíscas que percorriam pelas veias de Eric desde que vira Kyle pela primeira vez naquela noite. A verdade era que ele... já *conhecia* Kyle há algum tempo. Eric tinha ido ao Kingfisher algumas vezes nos últimos dois anos. Ele ia se Kip estivesse trabalhando, aparentemente fazendo companhia a Scott, mas na verdade apenas sentado ali enquanto Scott observava o namorado servir bebidas.

Na segunda vez que ele concordou em ir, Kyle estava trabalhando com Kip, e Eric se sentiu atraído por ele por razões que ainda não conseguia explicar.

Bem. Ele *conseguia* explicar, pelo menos em parte. Certamente tinha algo a ver com os olhos azuis de inverno de Kyle e seu sorriso fácil e sedutor. Ele parecia confiante e divertido de uma forma completamente diferente dos companheiros de time de Eric. Era sedutor.

Eric notava as pessoas. Sempre notou. Sua capacidade de observar tudo e todos ao seu redor era parte integrante de sua carreira como goleiro. Apesar disso, ele não se sentia *atraído* por outras pessoas com frequência. Mas definitivamente se sentia atraído por Kyle.

Embora já tivesse passado mais de um ano desde a última vez que fizera sexo, Eric não sentia falta. Suas necessidades sexuais, fossem quais fossem, sempre haviam sido satisfeitas de uma forma ou de outra. Mas agora, com algumas palavras de flerte e sorrisos de um belo e jovem bartender, a libido de Eric de repente começou a exigir atenção.

Houve um tempo em que o fato de o barman em questão ser um *homem* teria aterrorizado Eric. Durante a maior parte da vida, ele escolhera ignorar a parte de si que se sentia atraída por homens. Afinal, ele fora casado com Holly, então não havia motivo para pensar nisso. Era o que ele dizia a si mesmo.

Mas desde que Scott Hunter se assumiu gay, as coisas mudaram. Eric teve a sorte de ter tido um lugar na primeira fila para testemunhar a felicidade de Scott enquanto ele finalmente se permitia viver e amar do jeito que sempre teve medo. Ele não era como Scott. Ele já havia amado Holly e nunca fora forçado a esconder quem realmente era. Não da mesma forma. Ele apenas escolhera não revelar tudo sobre si, porque nunca precisou.

Mas desde o divórcio, e agora vivendo em um admirável mundo novo, onde sentir atração por homens não era algo impensável para um jogador de hóquei, Eric se permitiu examinar essa coisa que havia enterrado há tanto tempo. Para cutucá-la um pouco. Era algo que ele achava que gostaria de

explorar, agora que podia. Mas *como?* Onde diabos se começa com esse tipo de coisa?

Com um barman paquerador?

Não. De jeito nenhum. Kyle era jovem demais - pouco mais velho que os novatos do time -, então era completamente inapropriado. Mais do que isso, seria humilhante. O quanto Eric queria ser um estereótipo de crise de meia-idade? Sair com um homem com quase metade da sua idade não ia acontecer. Tinha que haver uma opção mais segura e sensata.

Pela primeira vez na vida de Eric, seguro e sensato não parecia particularmente atraente.

Capítulo Três

O cheiro de café atraiu Kyle para fora da cama, tarde da manhã seguinte. Ele estava acordado havia cerca de vinte minutos, contemplando os benefícios de ficar na cama para sempre. Mas então sentiu o cheiro do café.

Sua colega de quarto, Maria Villanueva, fazia um café ótimo. Ela trabalhava como barista no Starbucks havia dois anos - meio período desde que voltara a estudar - e Kyle estava feliz em se beneficiar de seu treinamento especializado.

— Sente-se — ordenou Maria, parecendo nada intimidadora em seu roupão roxo e felpudo e pantufas de panda. Kyle obedeceu mesmo assim. Ela colocou uma caneca fumegante de café na mesa da cozinha e esperou que ele tomasse exatamente um gole antes de dizer: — Como está seu coração?

Ele colocou os dedos sob os óculos para esfregar os olhos. — Não faço ideia do que você está falando.

— Besteira. Você sabe exatamente do que estou falando. Quer um bagel?

— Só se eles não forem...

— Não são do tipo jalapeño, meu bem. Sementes de gergelim são muito picantes para você?

— Eu gosto de comida apimentada. Só não de manhã cedo. Tem passas com canela?

— Não, porque são nojentos. Quer o seu torrado? — Ela ergueu um bagel de gergelim.

— Eles são frescos?

Ela o encarou e gesticulou para a própria roupa. — Parece que saí do apartamento hoje de manhã?

— Torrado, por favor. — Ele observou Maria enquanto ela preparava o café da manhã da mesma forma que fazia tudo: com movimentos rápidos e eficientes, tratando a pequena cozinha como um Starbucks na hora do rush.

— Então você está bem? — ela perguntou. — Porque, entre nós dois, eu sou a que estava bêbada ontem à noite, mas você é quem está com uma cara horrível.

— Obrigado.

Maria colocou um bagel cuidadosamente preparado com cream cheese na frente dele e sentou-se com o seu próprio bagel. — O que você planejou para hoje?

— Acho que vou com calma.

Maria olhou para ele com desconfiança, esperando que Kyle admitisse que precisava de um amigo naquele momento.

— Meu Deus — suspirou Kyle. — Tudo bem. A noite passada exigiu muito de mim. É isso que você quer ouvir?

— Se você precisa conversar sobre isso, então sim, eu quero ouvir.

Kyle beliscou as sementes de gergelim do seu bagel. — Que bobagem. Não sei. Foi bom.

— Ver o homem por quem você está basicamente apaixonado celebrando seu noivado com outro homem foi bom?

— Eu não estou apaixonado por ele — resmungou Kyle. — É só uma paixonite. E ele nunca foi uma possibilidade, então não é uma paixonite útil de qualquer maneira.

— Eu queria poder te dizer o contrário, mas não. Não é. Você precisa de alguém novo para ficar obcecado.

— Não sou obcecado pelo Kip. Eu só... gosto da ideia do Kip. E de mim. Juntos. — Ele empurrou o bagel para o lado, cruzou os braços sobre a mesa e enterrou o rosto neles.

Maria estendeu a mão por cima da mesa e deu um tapinha no braço dele. — Eu sei. Mas você sabe o que eu tenho a dizer em seguida, certo?

Kyle balançou a cabeça, o rosto ainda impassível. — Não precisa dizer.

— Estou dizendo. Você e o Kip não vão ficar juntos. Nunca. Certo?

— Eu sei.

— Se ele e Scott estivessem interessados em sexo a três, ou em abrir seu relacionamento de alguma forma...

— Oh meu Deus.

— Então eu diria que você teria uma chance. Mas esses dois são *comprometidos.* Tipo, meus pais renovaram os votos *duas vezes* e não acho que eles sejam tão comprometidos um com o outro quanto Scott e Kip.

Kyle riu em seus braços. — Tá, entendi.

Maria sempre o fazia rir. Tornaram-se amigos através de Kip, que trabalhava com ela na loja de smoothies onde conhecera Scott. Kip convidou Kyle para beber com alguns amigos certa noite, mais de dois anos antes, e Kyle adorou Maria instantaneamente. Poucos meses depois, Kyle descobriu que ela precisava encontrar um novo lugar para morar e ofereceu seu segundo quarto a ela. O acordo deveria ser temporário, mas eles se deram tão bem que Kyle insistiu que ela ficasse.

— Você consegue imaginar? — Maria refletiu. — Metendo-se no meio daquele sanduíche?

— Eu provavelmente poderia escrever uma tese sobre isso, já imaginei muito isso.

— Aposto que Scott é um amante muito generoso.

— Pare — Kyle gemeu. — Como isso está ajudando?

— Acho que não. Ei, falando em paixões impossíveis, eu conversei com o Matti Jalo ontem à noite por uns seis minutos inteiros.

— Sozinha? — Kyle ofegou. — Você está comprometida! Ele vai ter que te pedir em casamento agora!

— Quem me dera. Meu Deus. Tipo, eu entendo que ele está várias léguas acima de mim, mas, caramba. Uma garota pode sonhar, não pode?

— Ele não é inalcançável pra você! Você é completamente incrível e linda. Ele é só um jogador de hóquei grandão.

— Com genes perfeitos e milhões de dólares.

— É, bom. Ele teria sorte de ter você.

— Falando em jogadores de hóquei... — Maria chupou um pedaço de cream cheese do dedo, soltando-o com um estalo. — Vi você conversando com o Eric 'Papai dos Sonhos' Bennett ontem à noite.

— Ah, você está falando do homem hétero com aliança no dedo? Sim, foi muito promissor. Espero que ele me visite a qualquer momento.

— Heterossexual, velho e casado. Não é exatamente o seu tipo?

Kyle jogou uma semente de gergelim para ela. — Eu também gosto deles gays, jovens e comprometidos. Sou muito mente aberta.

— Por que você não vai atrás do Aram? Ele é um amor e um gato.

— Porque ele é um dos meus melhores amigos e trabalha comigo.

— Você descreveu Kip exatamente como ele é.

— É, mas... — Kyle não sabia bem como terminar a frase com elegância, então, em vez disso, balbuciou alguma bobagem. — O Kip foi uma paixonite *no começo.* Tipo, eu o vi uma noite no Kingfisher com os amigos e fiquei *encantado.* A gente flertou um pouco, e eu realmente pensei que o levaria para casa naquela noite. Mas aí ele foi embora. Quando ele voltou, você estava lá. Acho que era aniversário dele.

— Ah, sim. Eu estava super bêbada naquela noite.

— Vocês todos estavam. E, mais uma vez, pensei que iria embora com ele no fim da noite. Acontece que, claro, ele estava namorando o Scott secretamente na época.

— E então teve aquela vez que você o beijou.

Kyle deixou a cabeça cair sobre os braços cruzados. — E teve aquela vez que eu o beijei. — Ele levantou a cabeça. — Mas, em minha defesa, ele *realmente* me fez acreditar que queria. Apareceu sozinho, sentou-se no bar e flertou comigo a noite toda.

— Ficar bêbado sozinho. Sempre um sinal de estabilidade emocional.

— Eu *sei.* Eu deveria ter percebido que algo estava errado. Sinceramente, provavelmente percebi, mas preferi ignorar porque era a minha *chance.* Ele foi embora comigo. E então eu o beijei e... — Ele fechou os olhos com força, como se pudesse apagar a lembrança. — Só estou feliz por sermos amigos agora.

— Eu também. Mas, principalmente, estou feliz por *sermos* amigos agora.

— Com certeza. Valeu a pena toda essa dor e constrangimento para você fazer café para mim de manhã.

— É o mínimo que eu poderia fazer.

Era verdade que Kyle tinha oferecido a Maria um ótimo negócio. Como o apartamento tinha sido pago por seus pais ricos, Kyle nem sequer cobrava aluguel de Maria. Ela apenas ajudava com as compras e as contas. Kyle achava que preferia morar sozinho, mas, principalmente, se sentia culpado por ter tanto espaço para si. Além disso, sentia-se solitário.

— O que você vai fazer hoje? — perguntou Kyle.

— Tenho que me encontrar com meu grupo para um projeto escolar esta tarde. — Um ano e meio antes, Maria havia concluído o exame para a academia de polícia e passado com louvor. Então, rapidamente decidiu que queria, em suas próprias palavras, realmente ajudar as pessoas. Imigrantes,

como seus próprios pais, em particular. Então, ela agora estava estudando Serviços Humanos em uma faculdade local. — E você?

— Eu poderia me enrolar num cobertor e assistir aquela série da Alyssa Edwards na Netflix.

Maria se levantou e deu um tapinha no ombro dele enquanto levava os pratos para a pia. — Você merece, amigo.

Eric lutou contra o tremor que lhe subia pelo corpo, apoiado nos antebraços. Respirou fundo e de forma controlada, ordenando ao corpo que se acalmasse. Seu corpo, como sempre, obedeceu.

Eric adorava aquela sensação, quando seu corpo aceitava a dor e a superava. Ele havia começado a praticar ioga quinze anos antes para aumentar sua força e flexibilidade no gelo, mas agora considerava a prática diária um presente que dava a si mesmo. Adorava estar em perfeita sintonia com tudo o que seu corpo fazia. Tudo o que ele lhe dava quando pedia, e tudo o que ele pedia dele. Em alguns dias, ele conseguia facilmente manter uma postura vertical como aquela por bem mais de um minuto. Hoje, seu corpo estava lutando contra ele.

Mais três respirações, disse ao corpo. Seu ombro esquerdo - aquele em que ele passara por duas cirurgias ao longo da carreira - andava tenso ultimamente, mas parecia estar bem agora. Seu corpo sofrera muitos abusos ao longo de suas décadas defendendo discos, e ele sabia que não sairia daquele jogo sem algumas lembranças permanentes, mas poderia tentar mantê-las no mínimo. Poderia tratar seu corpo com o respeito que merecia e controlar o que entrava nele e o que fazia com ele entre os jogos.

Mais uma inspiração e expiração profundas, e Eric lentamente curvou as pernas estendidas em direção ao tronco e saiu da parada de mão. Ele

terminou a prática, aplicando técnicas mais leves nas posturas finais e prestando atenção ao que seu corpo lhe dizia.

Eric sabia do que seu corpo precisava. Agora, ele reclamava, mas à noite praticamente gritava. Fazia muito tempo desde a última vez que fizera sexo.

Enquanto descia as escadas para a cozinha, seus pensamentos se voltaram involuntariamente para Kyle. Ele tinha certeza de que Kyle flertava com muitos homens - era praticamente seu trabalho fazer isso -, mas Eric não conseguia evitar o fato de Kyle ter capturado a parte raramente usada e lasciva de sua imaginação.

Era absurdo. Kyle era jovem e, flertes à parte, provavelmente não tinha interesse real em um velho como ele. Na verdade, Eric tinha certeza de que Kyle estava perdidamente apaixonado por Kip, pelo jeito como o olhara com desejo na festa. A felicidade de Scott e Kip pareceu perfurar Kyle como uma lâmina. Se Kip fosse o tipo de Kyle, então Eric definitivamente não tinha chance.

Sem chance. Meu Deus. Sem chance de *quê?* O que o Eric queria mesmo?

Eric encheu um copo d'água e bebeu rapidamente. Encheu o copo novamente, devolveu a jarra de água à geladeira e pegou um pote de quinoa para o café da manhã. Ficou parado na janela da cozinha observando o trânsito matinal na Rua 36 enquanto comia. A casa grande que dividira com Holly ficava em Long Island, com uma vista espetacular para o mar. Mas Eric preferia isso: um lugar na primeira fila para a agitação de Manhattan. Esta casa em Murray Hill lhe caía melhor em todos os sentidos.

Era, com toda a sinceridade, ridículo que Eric tivesse uma casa geminada de quatro andares só para ele. Ele havia considerado um apartamento - talvez uma cobertura como a de Scott -, mas a casa estava à venda na hora certa e Eric não conseguiu resistir. Ele trabalhou com um designer para criar uma casa que exalasse serenidade e conforto, além de servir de pano de fundo para sua coleção de arte. O resultado foi, Eric teve que admitir,

deslumbrante. Mas ele não estava preparado para a solidão que seria ter apenas obras de arte e móveis de design como companhia.

O telefone dele acendeu onde estava, sobre o balcão da cozinha. Eric colocou o pote de quinoa vazio ao lado da pia e pegou o telefone. Era uma mensagem de Jeanette, sua amiga e negociante de arte. Ela tinha uma coleção de pinturas de um novo artista que, segundo ela, o interessaria.

Bem. Talvez *esta* fosse a pintura que faria sua vida parecer completa.

***Eric**: Quando poderei vê-las?*

Eles combinaram que Eric iria à galeria na terça-feira - seu dia de folga. Como sempre, Jeanette não enviou foto de nenhuma das pinturas. Ela insistiu que a primeira impressão dele fosse a que ele teve ao vê-la pessoalmente. Ela nunca se enganava sobre o que Eric gostaria, então ele estava animado para ver o que ela tinha.

Kyle estava estudando história da arte, algo em que Eric não conseguia parar de pensar. Ele havia cometido o erro fatal de *saber* sobre o homem. Gostaria de poder voltar ao tempo em que não sabia que Kyle estudava história e arte antigas, ou que amava mitologia e era simplesmente brilhante e fascinante.

Uma coisa era ser paquerado por um barman fofo, mas quando era um barman fofo, inteligente e que compartilhava os interesses de Eric...

Bem. Foi uma surpresa agradável.

Ele poderia, pensou, tentar flertar com Kyle na próxima vez que o visse. Kyle parecia naturalmente flertador e provavelmente seria capaz de proporcionar a Eric uma prática muito necessária. Seria inofensivo, e Eric poderia usar o que aprendesse com isso sempre que tentasse seriamente namorar novamente.

Praticar era tudo de que precisava, decidiu enquanto subia correndo os dois lances de escada até seu quarto. Era algo que ele entendia, como atleta.

Praticar algo repetidamente acabaria dando resultados. Ele poderia melhorar sua habilidade de flertar da mesma forma que havia melhorado seu controle de rebote no gelo. Ele praticaria flertar, praticaria encontros, praticaria intimidade com outra pessoa.

Com um homem.

Talvez.

Mas primeiro, flertar.

Capítulo Quatro

Se Ilya Rozanov não tirasse o traseiro da cara do Eric agora mesmo, Eric ia cortar as pernas dele.

Eric empurrou-o com força nas costas com o protetor de bloqueio. — Cai fora, Rozanov.

Mas Rozanov - um central estrela que foi uma pedra no sapato de Eric e de todos os outros goleiros da NHL por quase uma década - manteve sua posição.

— Juro por Deus, Rozanov — Eric rosnou enquanto esticava o pescoço para tentar ver por cima do ombro de Rozanov.

— Ouvi dizer que Hunter vai se casar — disse Rozanov em tom de conversa, como se estivessem almoçando juntos e não no meio de um jogo de hóquei empatado em 1 a 1.

— Procurando um convite? — perguntou Eric, empurrando-o novamente.

— Para o evento mais chato do século? Não.

Rozanov era um sujeito grande, difícil de mover. Mas Matti Jalo era maior, e finalmente veio salvar Eric.

— Demorou bastante — resmungou Eric, mas Jalo já tinha ido embora, correndo atrás de Rozanov. Alguns segundos depois, Rozanov corria em direção à rede com o disco. Em vez de afundar de volta na rede, Eric foi para o topo da área, destemido e desafiador. *Tenta comigo, filho da puta.*

Rozanov disparou uma tacada de pulso extremamente rápida que foi em direção ao canto superior da rede. O disco era rápido, mas Eric era mais rápido, dominando-o com um pouco mais de floreio do que o necessário. Ele

só tinha algumas chances restantes para fazer um vídeo de momentos marcantes.

— Boa defesa — disse Rozanov calmamente enquanto patinava.

— Tem muito mais de onde isso veio.

Rozanov se virou e sorriu. — Duvido. Você tem cem anos. Eu podia ouvir seus ossos rangendo.

— Não foi isso que sua namorada disse. — Eric ficou imediatamente constrangido com sua resposta imatura. Mas Rozanov estava rindo.

— Vou ter que perguntar a ela sobre isso — disse ele, e então foi embora patinando, ainda rindo. Eric franziu a testa. Ele nem sabia se Rozanov *tinha* namorada.

O jogo terminou com os Admirals vencendo o Ottawa por 3 a 1. Normalmente, derrotar um time tão baixo na classificação quanto o Ottawa não faria Eric se sentir tão bem, mas depois de sua péssima atuação no último jogo, vencer foi incrível. Quando a sirene soou para encerrar o jogo, ele ergueu os dois braços acima da cabeça enquanto primeiro Jalo, e depois o outro defensor no gelo, Brisebois, o envolviam em abraços jubilosos.

Carter desceu o gelo patinando e bateu a frente do capacete na testa da máscara de Eric. — Você deu uma maldita *aula* hoje à noite, Benny. Mando-os chorando de volta para Ottawa.

— Eles ficam na cidade por algumas noites — Eric comentou, porque não conseguia ficar tranquilo e deixar as coisas de lado. — Eles vão jogar no Brooklyn no sábado.

Carter passou o braço pelos ombros enormes e acolchoados de Eric. — Talvez eu recomende um bar onde eles possam afogar as mágoas.

O vestiário estava animado e comemorativo depois do jogo. Era sempre um alívio vencer o último jogo em casa antes de uma viagem; a confiança

que eles tinham, com sorte, seria levada para o jogo em Nashville, dali a duas noites.

Eric sentou-se à esquerda de Scott, como sempre, e o ouviu contando alegremente a Carter sobre seus planos de visitar Kip no trabalho naquela noite. Scott realmente adorava frequentar o Kingfisher. Talvez, depois de quase trinta anos no armário, estivesse compensando o tempo perdido frequentando bares gays abertamente. Kip fizera isso por ele. Ou melhor, o amor que Scott sentia por Kip fizera isso. Fora forte o suficiente para tirar Scott da zona de conforto e levá-lo a uma vida melhor.

Eric se perguntou como seria amar alguém tão profundamente a ponto de se tornar mais corajoso por isso. Tornar-se melhor. Scott ria o tempo todo agora, enquanto antes sempre fora quieto, reservado e estoico. Raramente sociável, sempre dando desculpas para evitar sair. Nunca namorando ninguém, obviamente. Nunca compartilhando sua vida.

Quão diferente era a vida de Eric agora? Eric aparentemente havia compartilhado a vida com Holly por duas décadas, mas, olhando para trás, percebeu que eles não compartilhavam muita coisa um com o outro. Uma casa. Uma conta bancária. Uma cama, às vezes.

E ele gostava muito de Holly. Ela vinha de família rica, mas Eric a achava incrivelmente pé no chão e engraçada. Eles tinham sido amigos primeiro, e depois se tornaram ainda mais amigos quando ela, brincando, perguntou se ele algum dia a beijaria. Ele já vinha considerando a ideia há muito tempo, então aceitou o convite, beijando-a e formando uma parceria que durou vinte anos. Os pais dela não ficaram muito felizes com a escolha do namorado dela - um jogador de hóquei canadense que trabalhava para uma instituição de caridade -, mas mudaram de ideia quando Eric assinou seu primeiro contrato com a NHL.

Eric não tinha certeza, mesmo agora, se algum dia realmente se apaixonara por Holly. Era bem possível que ele não tivesse a capacidade de

amar. Não do jeito que Scott amava Kip, ou Carter amava Gloria. O amor que seus amigos sentiam por seus parceiros transbordava deles, iluminando seus rostos quando falavam sobre eles. Talvez esse tipo de amor fosse raro, e tudo o que Eric pudesse desejar fosse uma faísca de atração por alguém e uma conversa agradável.

A conversa de Scott sobre o Kingfisher fez Eric se perguntar se algum outro barman estaria trabalhando naquela noite. E que talvez sair um pouco faria bem a Eric.

— Você vai direto para o bar daqui? — perguntou Eric.

— Sim. É mais perto da arena do que da minha casa.

Eric pensou nisso. Ele estaria de terno ao sair da arena, mas Scott também. Supôs que poderia tirar o paletó e a gravata antes de entrar no bar.

— Talvez eu vá com você — disse Eric. — Se não tiver problema.

Scott pareceu surpreso, depois abriu um sorriso largo, com os olhos azuis brilhando. — Isso seria incrível!

Provavelmente era uma péssima ideia. Kyle tinha claramente rejeitado Eric na semana passada e provavelmente não ficaria nada feliz em vê-lo no trabalho. Mas Eric não ia incomodar Kyle; ele não era tão idiota assim. Ele aproveitaria uma noite com Scott, e se lançasse alguns olhares furtivos para Kyle, não haveria problema.

Eric e Scott dividiram um carro com o serviço de motorista particular de que ambos gostavam. Assim que o carro começou a andar, Scott começou a tirar as roupas. Primeiro o paletó, depois a gravata, e Eric fez o mesmo. Mas, quando Eric começou a arregaçar as mangas da camisa, Scott tirou toda a camisa social, revelando uma camiseta justa cinza-escuro por baixo. Foi então que Eric percebeu que a - calça do terno - de Scott era, na verdade, uma calça jeans preta e elegante.

Quando ele ergueu uma sobrancelha, Scott sorriu timidamente. — O código de vestimenta é uma regra idiota, de qualquer forma.

Eric balançou a cabeça, sorrindo. — Quando você se tornou tão rebelde?

— Provavelmente quando Kip discursou por vinte minutos uma vez sobre como atletas profissionais são obrigados a usar apenas ternos masculinos tradicionais como forma de reprimir a criatividade e impor normas de gênero.

— Certo. — Eric continuou de camisa, mas desabotoou alguns botões de cima. — Engraçado como nunca falamos sobre esse tipo de coisa no vestiário.

— Estamos melhorando — disse Scott, confiante. Eric sabia que Scott realmente acreditava que havia um futuro não muito distante em que o hóquei seria tão inclusivo e acolhedor quanto os bares que Scott agora frequentava. Eric não tinha certeza se o futuro do esporte era tão promissor, mas se a cultura do hóquei mudasse, seria em grande parte graças àquele homem sentado ao seu lado.

Eric tinha orgulho de ser seu amigo. Teria ainda mais orgulho de estar ao seu lado no dia do casamento de Scott. Mas, naquela noite, Eric estava nervoso porque secretamente esperava que Kyle estivesse trabalhando, e não tinha certeza do que isso significava. Ou do que exatamente esperava. Pois, naquele momento, tudo o que Eric sabia com certeza era que queria olhar para Kyle. Apreciar a forma como seu sangue fervilhava um pouco quando Kyle sorria para ele. Talvez fosse triste que a vida sexual de Eric tivesse se tornado tão terrível a ponto de ele sobreviver de piscadelas de flerte de um homem que não tinha nenhum interesse real nele, mas pelo menos era *alguma coisa*...

— Então, hum... — O desconforto na voz de Scott chamou a atenção de Eric. — Acho que mais alguém pode se juntar a nós esta noite.

— Ah? Quem?

— Rozanov. Ele me mandou uma mensagem depois do jogo. Perguntou o que eu ia fazer hoje à noite, e eu contei.

Eric ficou perplexo. — Ilya Rozanov quer sair com você hoje à noite? Num bar gay?

Scott deu de ombros. — Aparentemente.

— Aquele cara é tão estranho.

Scott riu. — Ele é misterioso, com certeza. Mas acho que talvez seja um cara decente. Lembra quando ele apareceu naquela boate gay em Las Vegas para ficar com a gente?

Eric se lembrava. Uma boate estava organizando a Noite Scott Hunter para celebrar a revelação pública de Scott. A festa acontecera na mesma noite da cerimônia de premiação da NHL, após a cerimônia. Scott estendeu o convite a todo o público presente, mas, além dos poucos companheiros de time de Scott que estavam na cidade, Rozanov foi o único que apareceu. Eric ficou tão surpreso quanto Scott ao ver Rozanov - um homem que zombava alegremente de Scott sempre que possível havia anos, que tinha uma merecida reputação de conquistador, que era um famoso jogador de hóquei da *Rússia*, pelo amor de Deus - calmamente se aproximando deles em uma boate gay. Até hoje, Eric não conseguia entender.

— Então ele está na cidade de Nova York, lar de uma das melhores opções de vida noturna do mundo, e quer sair com você?

— Sim. Porque eu sou muito legal e divertido agora. Você não ouviu? — Scott o cutucou de brincadeira. Eric forçou um sorriso, mas ter Rozanov ali iria... complicar as coisas. Eric não estava pronto para contar *a Scott* o verdadeiro motivo de estar com ele naquela noite, muito menos para contar a Ilya Rozanov. Eric queria se assumir para Scott - ele achava que talvez quisesse se assumir para *todo mundo* -, mas não gostava de fazer nada até ter tudo em ordem. Por alguma razão, fazia sentido para Eric tentar flertar com

um homem primeiro. Talvez sair em um ou dois encontros, ou beijar um homem; qualquer coisa que pudesse fazer sua bissexualidade parecer *real.* Se ele fizesse isso, talvez pudesse contar ao seu melhor amigo, com confiança, que era bissexual.

O ridículo era que ele conseguia ouvir a voz de Scott em sua cabeça, repreendendo-o por acreditar que precisava provar sua sexualidade para si mesmo. Mesmo assim, Eric queria ter certeza, e não queria que Scott adivinhasse que Eric estava no bar para cobiçar Kyle. Infelizmente, Rozanov parecia muito mais observador. Muito mais a fim de encher o saco das pessoas também.

O carro parou em frente ao bar, e Scott e Eric agradeceram ao motorista enquanto saíam dos luxuosos assentos de couro e entravam no frio revigorante do final de novembro. Eles correram para dentro, com mochilas abarrotadas de roupas descartadas penduradas nos ombros.

O Kingfisher estava, como sempre, aconchegante e animado, apesar de visivelmente áspero nas bordas. A maioria das cadeiras e mesas tinha manchas de desgaste causado pela tinta para madeira. O papel de parede estava rasgado e descascando em alguns pontos. As caixas de som nos cantos, que tocavam música pop no bar, precisavam urgentemente de uma limpeza. A grande televisão em um canto, que exibia um jogo da NBA da Costa Oeste, era de um modelo antigo. Era um pouco decadente, mas havia algo reconfortante e convidativo no lugar.

A maioria das mesas estava ocupada, mas Kip correu até lá assim que avistou Scott e gesticulou para uma mesa vazia perto do bar. Havia uma plaquinha de - reservado - que Eric tinha certeza de que só era usada para as visitas de Scott.

Kip cumprimentou Scott com um beijo, que durou tanto que Eric teve que desviar o olhar.

— Você foi incrível hoje à noite, querido — disse Kip, ainda com os braços em volta do pescoço de Scott. — Assistimos o jogo aqui. Você também foi incrível, Eric.

— Obrigado. — Eric examinou a sala e avistou um corpo esbelto e familiar, vestindo jeans desbotados e uma camiseta branca justa. Ele estava sentado a uma mesa do outro lado da sala, de costas para Eric, mas Eric não teve dificuldade em reconhecê-lo.

— Sentem-se — disse Kip alegremente. — Vou trazer uma cerveja e uma água com gás com limão para vocês, rapazes? — Ele olhou para Eric com as sobrancelhas arqueadas, verificando silenciosamente para ter certeza de que se lembrava corretamente do que Eric costumava pedir.

— Água com gás com limão, sim. Obrigado.

Kip saiu para pegar as bebidas, e Scott não tirou os olhos dele. Eric cuidadosamente voltou o olhar para Kyle, deixando-o se demorar por alguns segundos e depois desviando o olhar. Kyle sorria para um jovem atraente que estava no bar, no mesmo espaço em que Eric estivera na outra noite. O brilho malicioso nos olhos de Kyle enquanto falava com o homem agora era o mesmo brilho que estivera lá quando ele flertara com Eric naquela noite.

Uma pontada de ciúmes brotou absurdamente no peito de Eric. Aquele era *o trabalho de Kyle.* Ele flertava com inúmeros homens assim o tempo todo. Eric tinha sido apenas um deles. Ele não era especial.

Mas então o olhar de Kyle encontrou o de Eric, e os olhos de Kyle se arregalaram enquanto o sorriso desaparecia de seus lábios. Foi apenas por um segundo, e então Kyle se recuperou e voltou a atenção para o cliente, os lábios se curvando em um sorriso sedutor mais uma vez.

Ah, não. O que *ele estava* fazendo aqui mesmo?

Kyle podia aceitar que Eric Bennett estivesse ali no Kingfisher para fazer companhia ao amigo. Provavelmente não tinha nada a ver com Kyle. Mas isso significaria ignorar o olhar de Eric pousando em Kyle enquanto ele trabalhava. O franzir de testa quando Kyle flertava com outros clientes, mesmo enquanto Eric mexia na porra da sua aliança de casamento.

Kyle conhecia bem homens como Eric. Homens que gostavam de passar as noites longe das esposas para coçar uma coceira sobre a qual nunca ousariam falar com ninguém em suas vidas que realmente importasse. Homens que ficavam felizes em transar com Kyle, homens que talvez até alegassem querer mais do que encontros secretos com ele, algum dia. Mas aqueles homens eram todos iguais. Assim que havia a mínima chance de o segredo ser revelado, de que seu desejo por homens pudesse ser descoberto por alguém importante para eles, eles fugiam.

Que se danem homens assim. Kyle tinha desperdiçado muito da sua vida - do seu coração - com eles. Eric podia olhá-lo o quanto quisesse com aqueles lindos olhos escuros. Kyle não estava mordendo a isca.

— Detesto quando o Scott vem aqui — resmungou Aram enquanto enchia dois copos de cerveja. — Todos os olhos estão voltados para ele até ele ir embora.

— Ah — disse Kyle. — Acho que pelo menos um par de olhos está em você, bebê — Ele acenou com a cabeça para um homem alto e musculoso que definitivamente estava tentando chamar a atenção de Aram por motivos que iam além de pedir uma bebida.

Aram se animou. — Bem, olá. Deixa-me ver o que ele está com sede. — Kyle riu. Aram terminou de encher a bandeja com canecas cheias e piscou para ele. — Ei, vi que o Scott trouxe o papai gostoso dele hoje à noite.

Kyle seguiu o olhar de Aram até onde Eric estava sentado. Assim que os olhos de Kyle pousaram nele, Eric virou a cabeça rapidamente. Pego. — Ah, você quer dizer o Marido do Ano ali? Não, obrigado.

Aram torceu o nariz. — Certo. Esqueci. Eca.

Ele saiu com sua bandeja de bebidas, e Kyle pegou o pedido de um cara bonitinho, gordinho e barbudo.

— Esse é Scott Hunter, certo? — perguntou o homem enquanto Kyle preparava seu gim tônica.

— O único e verdadeiro.

— Ele é ainda mais lindo pessoalmente. Nossa.

— Ah, eu sei.

— O cara que está sentado com ele também é gostoso, tipo um professor sexy.

Kyle teve que se esforçar para não revirar os olhos. — Hum.

Quando o barbudo saiu com sua bebida, foi imediatamente substituído por Kip. — Você devia vir até a mesa para dizer oi.

— Estou *ocupado.*

— Ocupado com aquele lenhador bonitão?

Kyle estreitou os olhos para ele. — O lenhador bonitão que tem uma quedinha pelo *seu* noivo?

Por um momento, Kip pareceu indignado, mas então sorriu e disse: — Bem, não posso culpá-lo. Quer dizer, basta *olhar* para o Scott. Às vezes, não consigo acreditar que ele é realmente meu.

Argh. — Sorte sua.

— Você está de mau humor esta noite.

— Estou *bem.* Só estou... com fome. E provavelmente preciso transar.

— Ainda bem que você trabalha em um bar que tem comida e homens tarados.

Kyle não conseguiu conter o riso, o que fez Kip sorrir radiante. Suas covinhas horríveis apareceram para atormentar Kyle. — Deixe-me dar uma

olhada nas minhas mesas — disse Kyle — e depois vou cumprimentar o Scott. E o Eric. E... espera. Quem é esse cara?

Kip se virou para olhar para a mesa de Scott e seus olhos se arregalaram. — Puta merda.

— Esse é...

— Ilya Rozanov — Kip soltou um suspiro. — Esta noite ficou muito mais interessante.

— Por quê? Ele é seu terceiro ou algo assim?

— De jeito nenhum. Rozanov definitivamente gosta de mulheres. E ele meio que odeia o Scott.

— Ele está em um relacionamento sério?

— Não que eu saiba.

— Então talvez eu veja se alguma parte dele gosta de homens. — Kyle sorriu timidamente para Kip e então saiu rapidamente com uma bandeja vazia.

Kyle estava definitivamente evitando a mesa deles. Se era por causa de Eric ou porque não gostava de estar perto de Scott e Kip como um casal, Eric não sabia dizer. Talvez ele estivesse apenas ocupado e Eric estivesse paranoico. Ele queria que Kyle passasse por lá por pelo menos um momento, pelo menos para poupar Eric de ter que escolher entre olhar para Kip aconchegado no colo de Scott ou para Ilya irritante Rozanov.

Rozanov estava sentado calmamente, observando a sala com o mesmo sorrisinho perplexo que enfurecia seus oponentes no gelo. *Precisava* ser praticado, porque era uma obra-prima. Um sorriso que dizia, ao mesmo tempo "*estou descobrindo exatamente como torturar você*" e "*não me importo nem um pouco com você*".

— Então — disse Eric. — *Você está* aqui.

— Sim — Ilya concordou.

— Existe uma razão para isso, ou...

— Este lugar é aconchegante. — A maneira como Ilya disse isso - a maneira como ele dizia *tudo* - tornava difícil dizer se ele estava zombando de Eric.

— É legal — disse Eric cuidadosamente.

— Você vem muito aqui?

— Não muito. Às vezes venho com o Scott.

— Sua esposa o deixou, não é?

Nossa, ele foi direto. — Nós nos *separamos.*

Ilya deu um sorriso irônico. — Tá. Mas ela se divorciou de você?

— Foi mútuo.

— Sim. E agora você fica aqui?

Eric quase nunca corava, mas chegou perigosamente perto naquele momento. — Para fazer companhia ao Scott, como eu disse.

Ilya acenou com a cabeça na direção de Kyle, que agora estava atrás do balcão. — Tem muita coisa para ver.

Eric cerrou o maxilar. Como diabos Rozanov era tão perspicaz? Ele realmente parecia não dar a mínima para ninguém ao seu redor, mas seu poder de observação era ainda mais aguçado que o de Eric. — Acho que sim.

Infelizmente, Kyle escolheu *aquele* momento para finalmente visitar a mesa deles. — Boa noite, rapazes. Kip, quando vocês terminarem a dança de colo, sua mesa no canto precisa de mais uma rodada.

Kip deslizou para fora do colo de Scott, com as bochechas rosadas. — Não foi uma dança de colo.

— Hunter provavelmente pensou que sim — brincou Ilya.

Scott o encarou. — Cai fora, Rozanov. Eu sei o que é dança de colo.

Kip correu para verificar sua mesa, e Kyle voltou sua atenção para Rozanov. — Acho que não tive o prazer. — Eric não gostou do brilho nos olhos de Kyle enquanto admirava o rosto e o corpo reconhecidamente atraentes de Ilya.

— Kyle — disse Scott — este é Ilya Rozanov. Ilya, este é meu amigo Kyle.

Ilya estendeu a mão sobre a mesa e apertou a de Kyle. — Kyle. — Eric sentiu que ele segurou a mão dele por mais tempo do que o necessário.

— O que você quer, gostoso? — perguntou Kyle naquele tom de flerte natural que ele costumava usar.

Ilya apontou para um quadro negro ao lado do bar que anunciava o drinque especial que não mudava há mais de dois anos. — Eu gostaria de um Scott Hunter. Por favor.

Scott gemeu. — Só traz uma cerveja pra ele, Kyle. Ele está sendo um babaca.

— Você já experimentou? — perguntou Ilya a Eric.

— Não.

— Quero experimentar. E traga um para o Bennett.

Eric cruzou o olhar com Kyle e balançou a cabeça. — Eu não...

— Posso fazer um sem álcool — ofereceu Kyle.

Ilya pareceu encantado. — Sim! Um Scott Hunter virgem.

— Jesus Cristo — resmungou Scott.

— Não precisa — disse Eric. — Estou bem.

— Eu não consegui fazer aquele drinque sem álcool para você na outra noite. — Kyle colocou a mão no ombro de Eric. — Eu estava assistindo você se exibindo na televisão mais cedo. Deixa-me te mostrar no que *eu sou* bom.

Eric engoliu em seco com tanta força que o resto da mesa deve ter ouvido. Sentiu aquela sensação efervescente que ele vinha buscando. — Certo.

Kyle pegou os copos vazios e saiu com uma piscadela para Ilya. Eric odiava a inveja que sentia por causa daquela piscadela. Ilya nem reagiu além do seu habitual meio sorriso irritante.

Scott se levantou. — Vou ao banheiro masculino.

Ele demorou um pouco antes de sair, o que o deixou vulnerável a um ataque de Rozanov. — Você está esperando companhia?

Scott franziu a testa. — Não. — Ele se virou e saiu, e Eric teve que morder a bochecha para não rir. Sua diversão não durou muito, porque assim que Scott saiu, Ilya começou a atacar Eric.

— Kyle parece legal.

Eric manteve a expressão o mais neutra possível. — Ele é.

Por um longo momento, Ilya não disse nada. Apenas observou Eric em silêncio, como se procurasse um ponto fraco. — Ele é atraente.

— Eu suponho.

— Ele se parece um pouco com o Hunter. Só que mais novo. — Ele fez uma pausa e sorriu. — *Muito* mais novo.

A expressão de Eric ficou bem menos neutra. Ele não respondeu, então Ilya continuou. — É como se Scott Hunter tivesse um irmão mais novo. E esse irmão tivesse um filho.

Eric não gostou de *nada* do que Ilya estava insinuando. — Ele parece gostar de *você* — retrucou, odiando ser verdade.

Ilya balançou a cabeça. — Esta mesa está uma bagunça.

— O que você quer dizer?

Ilya se inclinou para frente, desconfortavelmente perto de Eric. — Você quer transar com o Kyle. O Kyle quer transar com o namorado do Hunter,

mas talvez você também, já que o Hunter e o namorado só veem um ao outro.

— Eu não! — gaguejou Eric, mesmo tendo quase certeza de que tudo o que Rozanov acabara de dizer era verdade. Meu Deus, esse idiota era perspicaz. — Eu mal o conheço. E eu não... só estou aqui com o Scott.

— Sim. — Os olhos de Ilya se voltaram para onde a mão esquerda de Eric repousava sobre a mesa. — Além disso, você está usando aliança, mas não tem esposa.

Eric cobriu a mão esquerda com a direita, protegendo-a. — Eu gosto de usar. Usei durante toda a minha carreira na NHL, e não me parece certo tirá-la. Não quando eu só... — Ele se interrompeu bem a tempo. Ou pelo menos, ele achava que tinha.

— Não quando só falta esta temporada — completou Ilya. Meu Deus, Eric ainda não tinha contado isso *a ninguém.* Ele planejava anunciar depois das férias de Natal, talvez.

— Não diga uma palavra a ninguém, Rozanov.

Ilya recostou-se na cadeira. — Não vai chocar ninguém, Bennett. Você é muito velho.

— Obrigado.

— Tommy Andersson ficará feliz.

Eric viu Scott voltando do banheiro. — Shhh. É sério.

Ilya apertou os lábios, mas seus olhos brilhavam e Eric não tinha certeza se ficaria quieto ou não. Seu estômago se contraiu com a possibilidade de ter seus dois maiores segredos revelados naquele momento pelo maldito Ilya Rozanov.

Mas Ilya não disse uma palavra, e logo depois que Scott se sentou, Kyle voltou com as bebidas. — Um Scott Hunter travesso — disse ele enquanto colocava um drinque azul na frente de Ilya. — E um Scott Hunter *legal.* —

Ele colocou uma bebida idêntica na frente de Eric e saiu correndo antes que Eric pudesse sequer agradecê-lo.

Ilya ergueu o copo. — Vamos brindar ao Scott Hunter e ao seu futuro marido?

— Acho que bebemos o suficiente na semana passada — disse Scott timidamente.

— Para o amor, então. E... — ele olhou para Eric — ...ser corajoso.

Todos brindaram, e Ilya piscou para ele num gesto que Eric traduziu como *seu segredo está seguro comigo.*

Ilya tomou um gole da bebida e franziu o rosto. — Ugh. Tem gosto de Scott Hunter. Doce demais.

Eric achou a bebida notavelmente bem equilibrada, mas a dele obviamente tinha ingredientes diferentes.

— Kyle! — gritou Ilya. — Socorro!

Eric viu Kyle parar a caminho do bar em direção a uma mesa. Ele carregava uma bandeja cheia de bebidas. — Deixem-no em paz. Ele está trabalhando.

— Sou um cliente — argumentou Ilya. — E preciso de uma cerveja ou algo assim para tirar esse gosto da boca.

— Uma vez eu vi você beber três Coca-Colas de Cereja em um almoço de fim de semana do Jogo das Estrelas, então não finja que não gosta de bebidas doces.

Ilya pareceu um pouco atordoado com a ironia de Eric. Então, sorriu. — Eu não sabia que você estava tão interessado em mim.

— Não estou. De jeito nenhum. Foi uma quantidade absurda de Coca-Colas de Cereja para um atleta profissional consumir. Foi memorável.

— Sabe — disse Ilya com um sorrisinho estranho. — Você não foi o único a pensar assim naquele dia. — Ele tomou outro gole da bebida e fez uma cara de desgosto. — Onde está o Kyle? Ou o outro, o cara do Hunter.

Eric suspirou. — Fique aqui. Vou te pegar uma cerveja.

O sorriso irônico de Ilya era demasiadamente cúmplice. — Sim. Vá falar com o Kyle. Quer que eu segure sua aliança?

Eric não respondeu. Virou-se e caminhou em direção ao bar antes que Ilya pudesse ver suas bochechas escurecerem.

Kyle estava voltando para o bar quando Eric chegou. — Ah, ei — disse Kyle. Definitivamente não era caloroso.

— Ilya quer uma cerveja, e eu queria esticar as pernas — disse Eric.

— Aham. Que tipo de cerveja?

A conversa não estava indo como Eric queria. Ele tentou flertar. Inclinou-se um pouco para a frente, apoiando o cotovelo no balcão. — Talvez eu precise da sua opinião especializada para isso.

Kyle o encarou, com uma expressão tão hostil que Eric deslizou o cotovelo para fora do balcão e deixou o braço pender ao lado do corpo. Então Kyle disse, com um bufo de irritação: — Eu gosto da cerveja vermelha.

— Certo. Então vou nessa.

Kyle pegou um copo e, sem dizer uma palavra, encheu-o de cerveja. Eric aceitou sem jeito, mas não se mexeu para voltar à mesa. Ele *deveria* ir embora, sabia disso, mas também queria desesperadamente a atenção de Kyle, mesmo que por um instante.

Por que ele ainda está aqui?

Kyle estava começando a desejar que Eric desse em cima dele diretamente para que ele pudesse rejeitá-lo e acabar logo com aquilo.

Talvez ele não queira dar em cima dele.

Era definitivamente uma possibilidade. Kip dissera que Eric precisava de um amigo - alguém com quem conversar sobre arte, história e outras coisas que não fossem hóquei. Na verdade, era *extremamente* possível que Kyle estivesse sendo um babaca por estar projetando sua mágoa do passado em um homem mais velho, atraente e perfeitamente inocente.

Um homem mais velho e atraente que parecia completamente perdido naquele momento, segurando a cerveja de outra pessoa e aparentemente tentando pensar em algo para dizer que faria Kyle ser legal com ele.

Kyle decidiu lhe dar uma chance: — Você tem folga amanhã?

O rosto de Eric se iluminou, e Kyle se encheu de vergonha. — Sim.

Kyle fingiu estar ocupado limpando o bar. — E como o Eric Bennett passa os dias de folga?

Eric pareceu pensar por um momento. — Eu pratico ioga mais intensamente em casa nos dias em que não tenho jogo ou treino.

— Uau — Kyle riu. — É assim que você descansa e relaxa? Ioga intensiva?

— Sim. — Não havia nada de brincalhão no tom de Eric, então Kyle deixou para lá. Talvez a ioga fosse agradável para Eric. Talvez a ioga intensiva tenha se transformado em sexo matinal intenso e flexível com a esposa.

— Também vou visitar a galeria da minha amiga — disse Eric. — Ela está preparando uma nova exposição e quer me mostrar as pinturas com antecedência. Estarei na estrada na inauguração.

— Ah, é mesmo! Você é um patrono das artes. — Kyle disse isso como se tivesse esquecido completamente que Eric colecionava arte. Era uma das muitas coisas encantadoras sobre Eric Bennett nas quais Kyle tentava não pensar.

— Eu compro arte que gosto — corrigiu Eric. — É basicamente egoísmo.

— Isso é algo que muitos jogadores de hóquei fazem? Colecionam arte? — Kyle já imaginava que não.

— Não conheci muitos. Nada contra meus companheiros de time... alguns deles são meus melhores amigos..., mas eles não são os mais cultos.

A maneira como ele disse isso sugeriu a Kyle que, quando Eric ia a galerias e inaugurações, provavelmente era sozinho. — Onde fica a galeria?

— Em Chelsea. É a Galeria Saint-Georges.

— Eu conheço! — exclamou Kyle. — Quer dizer, eu nunca entrei, mas conheço bem a loja de empanadas ao lado.

O rosto de Eric se abriu em outro sorriso largo e devastador. — Padaria Córdoba! Adoro esse lugar.

Por que ele não conseguia parar de ser perfeito? — Sou cliente regular de lá. Moro a um quarteirão de distância. As empanadas de carne apimentadas são como sexo, meu Deus.

— Terei que acreditar em você.

Kyle não conseguiu se conter. — Sobre sexo?

Eric deu uma risadinha. — Sobre carne. Sou vegetariano.

Claro que sim. — Isso é ótimo! Quer dizer, ótimo para... o meio ambiente. E para você! E, hum, para os animais. Eu tenho tentado reduzir meu consumo.

O rosto de Eric assumiu a mesma expressão calma e divertida que Kyle achara tão encantadora na festa de noivado. — Não me ofendo que você coma carne. A maioria dos meus amigos come.

— Ah. — A camisa social branca e impecável de Eric estava aberta no colarinho, dando a Kyle uma excelente visão de seu pescoço, que era mais sexy do que merecia ser. Alguns cachos de pelos escuros no peito eram visíveis logo acima do primeiro botão fechado da camisa. Kyle adorava pelos

no peito. Apostava que Eric tinha a quantidade perfeita deles, e talvez alguns fossem grisalhos. Nossa, isso seria excitante.

— Se você quiser, quero dizer — disse Eric, e Kyle percebeu que tinha perdido completamente o que quer que tivesse acontecido antes.

— Desculpe. Se eu quiser o quê?

— Ir comigo. Amanhã à galeria. Jeanette, a dona, está muito animada com essas pinturas e pensei que você gostaria de vê-las.

Seria tão fácil para Kyle dizer sim a isso. Era algo normal que duas pessoas com interesses em comum fariam. Não precisava significar mais do que isso. Poderia ser... seguro.

Mas Kyle se conhecia. Eric, ele não tinha certeza, mas se conhecia. Passar um tempo aconchegante a sós levaria Kyle a recair em maus hábitos. Então, em vez de dizer sim, ele disse: — Não posso amanhã. Talvez eu tente ir na estreia, no entanto. Que noite é?

Eric contou os detalhes, com decepção estampada em seu rosto, e Kyle fingiu decorá-los.

Kip se aproximou de Eric por trás, com um sorriso de orelha a orelha. — Eu sabia que vocês se dariam bem. Do que vocês dois estão falando?

— Arte — disse Kyle, dando um passo para trás, afastando-se do bar e de Eric.

— Viu? Melhores amigos — disse Kip. — Mas também, Rozanov está procurando sua cerveja.

— Merda, esqueci dele — disse Eric. Ele pegou a cerveja. — Acho melhor eu entregar isso.

— Fazendo o meu trabalho por mim? — provocou Kyle.

— Terrivelmente, claramente.

Ele se virou para ir embora, e Kyle exclamou: — Ei, hum. — Eric se virou, com uma expressão de puro interesse. — Se estiver com fome, saiba que aqui fazemos couve-flor empanadas deliciosas. Cem por cento sem carne.

Eric sorriu como se Kyle tivesse acabado de se oferecer para lhe realizar seu maior desejo. — Obrigado. Por me avisar.

Meu Deus. Kyle realmente queria pegar aquele homem. Ele era a mistura perfeita de distinto e tímido. Confiante em si mesmo, mas tímido em relação ao que queria. Quer ele quisesse a amizade de Kyle ou que ele realizasse todas as suas fantasias gays secretas, era evidente que Eric não fazia ideia de como pedir. Ele precisava de alguém que assumisse o controle, e Kyle queria muito ser essa pessoa.

Mas ele não conseguia. Obviamente. Eric era casado, provavelmente enrustido e provavelmente odiava a si mesmo. Tudo o que Kyle absolutamente não precisava na vida.

Capítulo Cinco

Eric não conseguia decidir o que era mais humilhante quando repassava em sua cabeça: o fato de ter basicamente convidado Kyle para sair, ou a maneira eficiente como Kyle o havia ignorado completamente. Porque, claro, ele tinha feito isso; Eric era velho demais e sem graça demais.

Mesmo *se* a atração fosse mútua, não seria o suficiente para fazer Kyle fazer algo tão ridículo quanto sair num encontro com um homem que provavelmente estava no ensino médio quando ele nasceu.

Encontro. Jesus.

Se Kyle esperava alguma coisa de Eric - e quase certamente não esperava - seria um encontro casual. Um encontro de uma noite. Normalmente, esse não era o estilo de Eric, mas ele estava fora do mundo dos encontros há tanto tempo que não conseguia dizer com sinceridade qual era o seu estilo. Talvez ele adorasse encontros casuais. Seus companheiros de time certamente pareciam gostar.

E se Eric não queria uma aventura de uma noite com Kyle, então o que ele *queria?* Um namorado? Não, claro que não. Mas talvez... um amigo. Eric não conseguia negar o quão solitário se sentia, além do tempo que passava com seus companheiros de time, especialmente nos últimos meses.

Ele afastou esses pensamentos ao entrar na galeria de Jeanette. Queria estar com a mente lúcida ao contemplar as pinturas.

Jeanette estava ao celular quando Eric entrou. Ela acenou para ele e levantou um dedo. Ele assentiu e aproveitou o tempo para tirar as luvas e se livrar do frio. Um minuto depois, ela caminhava rapidamente em sua direção.

— Eric! — Ela o abraçou rapidamente e depois se afastou para inspecioná-lo. — Você fica mais bonito a cada vez que te vejo. Me diz que está saindo com alguém.

— Ninguém.

Ela estalou a língua. — Que desperdício. Você fez alguma foto nova ultimamente? Acho que as últimas que vi eram do País de Gales.

— Não, não tenho muito tempo para fotografia durante a temporada de hóquei. — Eric se aventurava na fotografia há anos. Ele havia gastado em uma câmera de qualidade profissional e passara boa parte do período de entressafra viajando e tirando fotos. Ele não era um artista, mas acreditava ter um bom olho, beneficiando-se da mesma atenção aos detalhes que o ajudava no gelo.

— Seus talentos estão sendo desperdiçados — suspirou Jeanette.

Eric riu disso. — Algumas pessoas acham que meu maior talento é ser goleiro.

— Idiotas. — Jeanette fez um gesto com a mão, convidando-o a segui-la. — Venha. Os quadros estão na outra sala.

— Jovem artista? — perguntou Eric enquanto a seguia.

— Na verdade, não. O artista está na casa dos cinquenta, mas é novo no mundo da arte. — Ela o cutucou. — Você pode se tornar um artista em qualquer idade, Eric.

— Observado.

— Ele era técnico de linhas de energia, acredite se quiser.

— Isso lhe daria uma perspectiva diferente do mundo, eu acho. Ele é americano?

— Sueco. — Eles entraram na segunda sala, onde havia algumas telas encostadas nas paredes, esperando para serem penduradas. Mas Jeanette o conduziu até a parede do fundo, onde havia quatro pinturas menores

instaladas. — Ele faz paisagens abstratas, e sei que você vai perceber imediatamente como o trabalho dele é especial.

Eric estudou as quatro pinturas. Eram deslumbrantes, em sua maioria tons escuros com toques de cores mais claras, como amarelo e verde. Eram quase puramente abstratas, mas com estrutura suficiente para sugerir uma paisagem. — São lindas — disse ele.

— Não são? Mas é *esta* que eu realmente quero que você veja. — Ela colocou as mãos nos ombros dele e o virou de frente para a parede atrás dele. Havia uma tela maior com um pano sobre ela. — Prepare-se para se apaixonar — disse ela, removendo o pano.

Eric quase se engasgou. A pintura era uma onda intensa de azul e preto que parecia determinada a puxá-lo para suas profundezas. — Uau.

— De tirar o fôlego, não é?

— Não consigo desviar o olhar.

Ela tocou o braço dele. — Vou te deixar sozinho com isso um pouco. Preciso fazer uma ligação. Mas já vou avisando que tenho outro interessado...

— Vou comprá-lo — disse Eric, com o olhar ainda fixo no quadro. — Sei exatamente onde pendurá-lo. É perfeito.

— Maravilhoso. A exposição fica até janeiro, mas depois é sua.

Eric não pôde deixar de se perguntar, sozinho na galeria, o que Kyle teria pensado das pinturas. Ele mal conhecia o homem e nunca se importou muito em obter uma segunda opinião sobre as obras de arte que havia comprado no passado, mas se pegou desejando que Kyle estivesse ali agora. Será que Kyle teria ficado boquiaberto quando a pintura foi revelada? Estaria ele perto o suficiente de Eric para que seus braços pudessem se tocar acidentalmente? Diria algo sedutor e brincalhão que faria o sangue de Eric ferver?

Meu Deus, por que o Eric estava tão encantado por ele? Talvez fosse *uma* crise de meia-idade. Ele faria quarenta e um anos na semana seguinte, o que era basicamente cem anos em anos de hóquei. Tinha sido estranho, ano passado, fazer quarenta logo depois que ele e a Holly se separaram. Quarenta era um marco, mas ele não estava com muita vontade de festejar. Os amigos dele tinham se esforçado, mas quando um colega está deprimido por causa de um término e não bebe, os jogadores de hóquei geralmente não sabem o que fazer com ele. Então, Scott e Carter sofreram com o que deve ter sido um jantar de aniversário muito chato e triste com o Eric no seu restaurante indiano favorito.

Ele não esperava que seu quadragésimo primeiro aniversário fosse muito melhor. Não estava mais infeliz com o divórcio, mas sim solitário e ansioso com o iminente fim de sua carreira.

Além disso, já fazia mais de um ano que ele estava celibatário. Mesmo com a libido relativamente baixa, ele sentia a dor. A necessidade de um toque humano - um beijo, uma carícia, qualquer coisa. Alguém para viajar ou, que diabos, assistir a um filme.

Alguém para visitar galerias e museus. Alguém com um sorriso encantador e olhos como jeans desbotados.

Eric passou mais alguns minutos com sua pintura, satisfeito por ter conseguido obter pelo menos uma coisa bonita que desejava esta semana.

Kyle estava no sofá assistindo *A Batalha dos Carrinhos* quando Maria saiu do quarto na manhã de Ação de Graças.

— Ah, não. Uma emergência máxima — disse ela. — Seus pais ligaram ou algo assim?

Kyle deu de ombros e fingiu estar entretido com alguém tentando fazer um jantar de Ação de Graças usando apenas itens do corredor de cereais. O

único motivo pelo qual ele estava fora da cama naquele momento era porque tinha sido acordado de repente pelo telefonema da mãe. O obrigatório telefonema de Ação de Graças. Como sempre, tinha sido tenso e constrangedor, com a mãe fazendo perguntas básicas sobre a faculdade e o tempo, e Kyle respondendo sem nenhum entusiasmo. Ele costumava ficar desesperado para ter notícias dos pais, a esperança florescendo em seu peito cada vez que ligavam de que aquele seria o momento em que eles iriam... perdoá-lo? Pedir desculpas? Ouvir? E então Kyle simplesmente parou de se importar.

Mas os telefonemas ainda traziam à tona todo tipo de sentimentos desagradáveis.

Maria se juntou a ele no sofá. — Sinto muito — disse ela.

— Obrigado. — Ele não precisou dizer mais nada. Maria já tinha ouvido tudo aquilo antes.

— Que bom que você vai poder ir ao melhor Dia de Ação de Graças de todos os tempos hoje — ela disse alegremente.

Os lábios de Kyle se curvaram ao ouvir isso. Os Villanuevas realmente organizavam os melhores jantares de Ação de Graças. — Vou comer até explodir.

— Esse é o espírito!

Ele se aninhou nela e assistiram ao resto do programa juntos. Quando terminou, Kyle disse: — Quero mudar completamente a minha vida.

— Uau. Eu sei que *A Batalha dos Carrinhos* é inspirador, mas...

— Estou falando sério. O que é mesmo a minha vida? Estou fazendo um curso que nem quero. Estou apaixonado pelo meu melhor amigo indisponível. Nunca tive um bom relacionamento... nunca?

— Ok, mas vamos olhar para os aspectos positivos.

— Tipo o quê? Eu trabalho num bar?

— Quer dizer, claro. Você tem um trabalho que não odeia. Isso é importante!

— Eu meio que odeio isso. Às vezes. — Ele realmente amava o seu trabalho. Era facilmente a coisa que ele mais gostava na vida. Às vezes, ele ficava muito frustrado com a forma como o Kingfisher era administrado.

— Ainda melhor do que a maioria das pessoas. E você tem ótimos amigos, incluindo uma colega de quarto dos sonhos.

Kyle sorriu. — Verdade. Continue.

— Você anda com jogadores da NHL.

— Claro. Certo.

— Você pode estar contando com a generosidade dos seus pais, mas você tem um apartamento de dois quartos em Chelsea, cara. Isso é muito legal.

— Eu sei. Porra, eu sei. Eu sou realmente privilegiado e é horrível para mim reclamar. — Meu Deus, era nojento o Kyle reclamar da vida dele para alguém que estava na faculdade para aprender a ajudar algumas das pessoas mais desfavorecidas de Nova York. Maria era uma pessoa melhor do que ele jamais seria.

— Tudo bem reclamar, mas estamos sendo positivos agora. O que me leva ao meu próximo ponto: você é muito atraente. Você só precisa concentrar essa sensualidade no homem certo.

— Ótimo. Se alguém quiser me dizer quem é o homem certo, terei prazer em capturá-lo.

Ela colocou as duas mãos nos ombros dele e o encarou fixamente. — Não. Kip.

— Estou tentando, tá? Estou... quase superando ele.

— Sabe o que ajudaria? Um homem que não fosse o Kip.

— Eu *sei.*

Ela cutucou o braço dele. — Sabe, o Rafael vai estar na casa dos meus pais hoje. Acho que ele ainda está solteiro.

— Aham. Ele ainda gosta só de ursos?

Ela franziu as sobrancelhas. — O Raf gosta de ursos?

— *Sim.* Lembra da última vez que você tentou me arrumar um encontro com ele? Foi na festa de aniversário do seu pai? Ele me decepcionou fácil, mas *não* vou tentar isso de novo. — Que pena. O primo da Maria era gostoso.

— Certo. Então não é o Raf. Mas talvez o Raf tenha um amigo que...

— Pare. Por favor. O Dia de Ação de Graças não é momento para sedução, de qualquer forma. É momento para comer uma quantidade absurda de comida e depois desabar no sofá.

Maria arrebentou o cós da calça. — Estou com a minha calça mais elástica. Estou pronta.

— Sexy.

Um novo episódio de *A Batalha dos Carrinhos* tinha começado. Eles assistiram em silêncio por um momento, e então Maria disse: — Ah, não.

— O quê?

— Assisti a um minuto deste episódio.

Kyle sorriu, percebendo o problema. — Bem, agora estamos comprometidos.

— É. Preciso assistir tudo. — Ela se encostou nele, dobrando as pernas no sofá.

— Devo comprar lanches?

— Não! É Ação de Graças. Você não pode fazer esquenta pro Dia de Ação de Graças!

Kyle riu e decidiu ser grato pela família que encontrara em Nova York, em vez de remoer a vergonha e a raiva que sentia sempre que falava com os pais. — Não sei o que eu estava pensando.

— Estou dando uma festa.

O anúncio de Eric foi recebido com um silêncio atordoado. Ele já esperava por isso, então se apressou em explicar: — Meu aniversário é na quinta-feira, temos sexta-feira de folga e eu quero dar uma festa. Na minha casa. Na quinta à noite.

A ideia lhe ocorreu ao acordar naquela manhã. Ele, Eric Bennett, celebraria seu quadragésimo primeiro aniversário - seu último aniversário como jogador da NHL - com uma grande e divertida festa. Porque, se não fosse agora, quando? Ele tinha uma casa só para ele, tinha amigos que amava como família e, francamente, tinha uma quedinha por alguém. Alguém que talvez gostasse de uma festa divertida.

O vestiário dos Admirals permaneceu em silêncio por mais alguns segundos, e então Carter bateu palmas e disse: — Festa na casa do Benny! Vamos lá, rapazes, é o aniversário de 90 anos dele. Vamos com tudo.

A sala explodiu em risos, aplausos e provocações.

— Tudo bem, Benny!

— Você ainda estará vivo na semana que vem?

— Que horas é a festa? Das cinco às sete?

— Devemos levar nosso próprio leite com chocolate?

Eric fingiu estar irritado, mas não conseguiu esconder o sorriso. — Hora de festa normal, seus babacas. E eu vou ter um bar abastecido. Levem seus parceiros, levem seus amigos. — Então, por algum motivo ridículo, ele acrescentou: — Levem os amigos do seu parceiro.

Houve muita gritaria e algazarra. Este time adorava uma boa festa.

— Então, do que se trata tudo isso? — Scott perguntou em voz baixa enquanto tirava os patins.

— O que você quer dizer?

— Eu te conheço há muito tempo, e acho que você nunca deu uma festa. Você mal *vai* a festas.

Eric desamarrou as tiras do protetor de tórax. — Talvez eu queira experimentar algo novo. — Era um absurdo dizer isso, considerando que quase tudo na vida de Eric ultimamente tinha sido novo. Sua casa era nova, morar sozinho era novo, ser solteiro era novo, encarar a aposentadoria era novo.

Permitir-se fantasiar sobre homens era novo.

Querer talvez fazer algo a respeito era definitivamente algo novo.

— Bem, o Kip e eu com certeza estaremos lá. E talvez o Kip possa convidar a Maria. Ela é divertida. Ah, e o Kyle. Ela mora com ele, então se ele não estiver trabalhando, talvez...

— Claro. Seria legal — interrompeu Eric, ansioso demais. — Se ele não estiver ocupado. Ele pode ir com certeza. Eu adoraria. Quer dizer... quanto mais, melhor, né? — Ele se encolheu por dentro. *Quanto mais, melhor?* Nossa, ele parecia a mãe.

— Temos que acordar meio cedo na sexta — disse Scott. — Kip e eu, quero dizer. Estamos dando uma entrevista para um documentário sobre atletas queer. Vai ter cabelo, maquiagem e tudo mais. O Kip está animado com isso.

— Parece ótimo. — Eric falava sério. Scott e Kip tinham feito muitas entrevistas, eventos e ensaios fotográficos desde que seu relacionamento se tornara público. Era basicamente um segundo emprego para Scott, ocupando a maior parte do seu tempo livre. Mas Scott dissera a Eric certa vez que, no passado, esse tempo poderia ter sido gasto fazendo trabalho

remunerado para seus patrocinadores, e representar e impulsionar a comunidade LGBTQ+ era muito mais gratificante do que promover lâminas de barbear e bebidas esportivas. — Não ficarei ofendido se você precisar sair mais cedo da festa. Já saí mais cedo de muitas festas sem motivo algum, então...

Scott sorriu. — Eu não era exatamente um cara de festa antes de conhecer o Kip. Quer dizer, ainda não sou, mas pelo menos saio sem medo de deixar a máscara cair, sabe?

Ah, Eric sabia. Sua situação não era a mesma de Scott, mas ele entendia como era viver com um segredo. Amar jogar hóquei, mas odiar ter que suportar as infindáveis ofensas homofóbicas. Ter que fingir que não levava para o lado pessoal. Pelo menos Eric estivera com Holly durante a maior parte de sua carreira. Ele não se negara amor ou companhia por medo, apenas não fora completamente honesto sobre quem ele era.

Scott nunca tivera esse luxo. Quando Scott finalmente se assumiu para os amigos, Eric já suspeitava que Scott pudesse ser gay. Não era só o fato de nunca ter demonstrado interesse em namorar ou ficar com mulheres - era o desconforto que Scott sempre carregava consigo em situações sociais. Em conversas de vestiário sobre mulheres. Era a tristeza que sempre se escondia sob sua aparência firme e heroica. A maioria dos caras provavelmente não tinha notado, mas Eric já a via há anos.

Ele nunca perguntou a Scott sobre isso além de um superficial "você está bem?" o que provavelmente fazia de Eric um péssimo amigo. Ou talvez apenas o tornasse um jogador de hóquei, condicionado a se interessar apenas pelos sentimentos que vinham do jogo ou o afetavam. De qualquer forma, Eric não fizera nada para ajudar.

Era quase egoísmo se assumir para Scott agora. Depois de Scott ter feito todo o trabalho duro sozinho. Fazia dois anos e meio que Scott se assumira publicamente como o primeiro jogador gay da NHL, e agora, depois de ver

seu amigo carregar esse fardo sozinho, Eric queria o quê? Um conselho? Algumas dicas de namoro?

Ele precisava descobrir uma maneira de contar a Scott que não o fizesse se sentir um babaca.

— Gosto mais de você sem máscara — foi o que ele disse agora.

Scott sorriu para ele. — Eu também. — Deu um tapinha no ombro de Eric. — Estou animado com essa festa, Benny! Vai ser demais.

Eric assentiu. Talvez ele pudesse ser um pouco mais aventureiro. O tipo de cara que dava festas divertidas e que talvez abrisse a porta, só uma fresta, para deixar um pouco de caos entrar em sua vida.

Capítulo Seis

Ir à academia com Aram era como ir a uma noite de karaokê com Jennifer Hudson. Kyle se sentia absolutamente inferiorizado e ridículo toda vez que concordava em se exercitar com seu colega de trabalho, tipo Atlas. Aram era talvez oito centímetros mais alto que Kyle, mas devia ter pelo menos uns quinze ou dezoito quilos a mais de músculos. Seus braços eram como arcos de balão.

Kyle observou Aram adicionar mais peso à barra antes de subir no suporte. — Por que não vamos lá fora e você levanta um ônibus? — sugeriu Kyle. — Seria de graça.

— Porque há menos garotos atraentes de regata por lá — disse Aram.

Kyle se posicionou perto de Aram, aparentemente para observá-lo enquanto ele fazia seus agachamentos, mas se Aram realmente perdesse o controle da barra, ela atravessaria Kyle, o chão e provavelmente acabaria perto do centro da Terra.

Aram era definitivamente um dos caras *mais atraentes* de regata da academia. Alto, musculoso e incrivelmente bonito, com seus longos cabelos escuros e barba aparada, olhos castanhos intensos e um sorriso de matar. Era meio chocante que ele e Kyle nunca tivessem ficado, mas Kyle imaginou que, se não tinha acontecido até então, não aconteceria. E, apesar da boa aparência de Aram, Kyle não pensava nele dessa forma.

O olhar de Kyle se desviava principalmente para uma das esteiras onde um homem mais velho e de aparência distinta corria havia meia hora. Seu cabelo era grisalho, mas ele provavelmente tinha apenas quarenta e poucos anos. Parecia um executivo; um homem acostumado a conseguir o que

queria. Kyle se permitiu um momento para fantasiar sobre ter aquele homem embaixo dele, implorando pelo seu pau.

Oof. Enfim.

Aram terminou sua apresentação e levou Kyle até alguns tatames onde eles puderam fazer alguns alongamentos antes de irem para o vestiário.

— O Kip vai mesmo continuar trabalhando no Kingfisher? — perguntou Aram enquanto se acomodava de costas. — Não é como se ele precisasse do dinheiro agora que está se casando com o Scott.

Kyle deitou-se ao lado dele, e ambos se viraram um para o outro para fazer alongamentos idênticos de rotação torácica. — Não sei — disse Kyle honestamente. — Talvez não.

— Se eu fosse me casar com um milionário, com certeza não estaria mais trabalhando lá — disse Aram.

— Ele é orgulhoso, sabia? Ele não quer ser um homem sustentado.

— Meu Deus, *eu* sei. Acho que ficaria muito feliz gastando o dinheiro do meu marido para viver.

Kyle balançou a cabeça. Ele tinha um gostinho de como era gastar dinheiro que não era seu. Seus pais lhe deram muito dinheiro ao longo dos anos - dinheiro que ele sabia que eles podiam facilmente dar, mas ainda assim. Ele definitivamente apreciava a sorte que tinha, mas também não conseguia se orgulhar disso. De muitas maneiras, isso o fazia sentir como se nunca tivesse realmente amadurecido.

— Algum dia seu príncipe virá, Aram.

— Bem, ele pode ficar à vontade — disse Aram com um sorriso. — Estou me divertindo, aproveitando tudo o que a cidade tem a oferecer por enquanto.

Como se fosse uma deixa, um homem jovem e em forma, com o braço todo tatuado, passou pelos tapetes, fazendo Aram sentar-se e sorrir para ele.

— Talvez *ele seja* um milionário — Kyle provocou.

— Eu provavelmente deveria ir descobrir. — Aram passou um braço musculoso e suado em volta dos ombros de Kyle e apertou. — Te vejo mais tarde, tudo bem?

— Boa sorte. — Kyle foi até a fonte para encher sua garrafa d'água. Enquanto caminhava, tirou o celular do bolso. Havia uma mensagem do Kip.

***Kip**: O Eric Bennett vai dar uma festa na quinta-feira. Você deveria ir.*

Ah, de jeito nenhum. A última coisa que Kyle precisava era ir a uma festa oferecida pelo homem indisponível que ele tanto desejava como convidado do homem indisponível por quem ele se apaixonou discretamente por dois anos. Isso parecia uma tortura.

***Kyle**: Estou ocupado.*

***Kip**: Fazendo o quê? Eu sei que você não está trabalhando.*

Kyle franziu a testa para o celular. Que desculpa funcionaria? Não que ele devesse uma para o Kip.

***Kyle**: Tenho um encontro.*

Bem, isso foi uma mentira enorme. Mas foi bom. O que provavelmente não era saudável.

***Kip**: Nossa, sério?! Que incrível!*

***Kip**: Impressione-o levando-o para a festa de um jogador da NHL!*

Kyle colocou o telefone de volta no bolso.

Quando Kyle voltou para casa, havia mais quatro mensagens de Kip.

***Kip**: Com quem você está saindo? Eu o conheço?*

***Kip**: Você o conheceu no trabalho?*

***Kip**: Talvez se o encontro não der certo você possa desistir e ir à festa?*

***Kip**: A Maria vai. Acho que o Eric gostaria muito que você fosse também.*

Kyle suspirou e respondeu: *Talvez na próxima vez.*

Um minuto depois, seu telefone tocou.

— Não vai ter próxima vez — disse Kip. — Você sabe com que frequência o Eric dá uma festa? Basicamente nunca aconteceu antes. Foi o que o Scott disse, pelo menos.

— Então acho que vou ter que perder o evento do século. Desculpe.

— Ele tem uma coleção de arte incrível. Você devia ver. O Scott e eu estivemos na casa nova dele tipo um mês atrás. Puta merda, Kyle. A casa dele é incrível. É tão... *chique.* Mas não, tipo, nojenta? É bem minimalista e linda. Combina muito com a personalidade dele. Só fui à casa antiga dele uma vez, e era tipo uma mansão em Long Island. Era tão errada para ele. — Ele fez uma pausa, provavelmente porque precisava de oxigênio, e então disse: — Acho que a esposa dele também era errada para ele.

— A esposa dele?

— É. Eles se separaram há mais ou menos um ano. Ele está divorciado agora. É por isso que acho esta festa tão importante. Ele provavelmente está solitário.

O Eric era divorciado. Hum. Bem, isso já era alguma coisa.

— E — continuou Kip — não estou brincando sobre ele querer você lá. Acho que ele gosta muito de você. Vocês têm algumas coisas em comum.

— Certo. — Eric era *divorciado.*

— Eu sei que ele é, tipo, velho. Mas ele anda mais com jogadores de hóquei de vinte e poucos anos. Ele é legal.

— Ele é divorciado? — perguntou Kyle, para ter certeza.

— Totalmente. Nem foi bagunçado. Acho que eles simplesmente se distanciaram. Mas o Eric é um cara legal. Não é a alma da festa, mas é uma boa pessoa, com certeza.

— Ele ainda usa sua aliança de casamento.

— Hã? Ele usa?

— Sim. Ele estava usando no bar outro dia. E na sua festa de noivado.

— Sério? Que estranho. Talvez o Scott saiba o porquê.

— Não pergunte a ele.

— Por quê?

— Porque não é da minha conta — Kyle suspirou. — Por que fui convidado para isso? Só vão ter jogadores de hóquei?

— Não! Quer dizer... quase, sim. Mas a Maria vai!

— Para que ela possa olhar para Matti Jalo.

— Olha, vamos *todos* ficar de olho no Matti Jalo. Vamos ser realistas.

— Não vou porque não vou.

— Ah, certo. Então, com quem você vai sair?

— Só um cara. Você não o conhece. Tanto faz. Ele provavelmente nem vai aparecer.

Houve silêncio, e então Kip disse: — Você não tem um encontro, tem?

— Claro que sim. Por que é tão difícil de acreditar? Eu sou um bom partido.

Kip riu. — Eu sei. Sério, espero que você tenha um encontro. E que seja com o homem mais incrível do mundo.

— Obrigado.

— Mas se você *não* tiver um encontro...

— Meu Deus, dá para parar? Passa o telefone para o Scott. Prefiro falar com ele.

— Não posso. Ele está em St. Louis.

— Oh.

— Ei, você quer vir aqui? Estou super entediado e totalmente sozinho e a gente podia assistir a um filme ou algo assim.

Puta merda, não.

— Ah, não posso. Desculpe.

— Outro encontro?

— É. Na verdade, estou no pau dele agora. Então, acho que é melhor eu ir.

— Que constrangedor — concordou Kip. — Principalmente porque estávamos falando do seu próximo encontro.

Kyle bufou e fingiu sussurrar para seu parceiro sexual inexistente: — Desculpe se fui rude antes. — Então, ele baixou a voz comicamente e disse: — Eu nem percebi que você estava no telefone, bebê, porque você é tão bom em me cavalgar.

Kip uivou. — Por que a voz dele é tão mais grave que a sua?

Kyle também caiu na gargalhada, mas se recompôs o suficiente para dizer, com a mesma voz grave: — Porque eu sou uma fera do caralho.

— Ele parece o *Groot!* — Depois disso, nenhum dos dois conseguiu falar por um minuto inteiro. No meio desse minuto, Maria voltou para casa.

— Jesus, o que é tão engraçado? — ela perguntou.

— É a Maria? — perguntou Kip, ainda rindo. — Puta merda, ela esteve no seu quarto esse tempo todo?

— Ei, eu fiz um ótimo show.

— Aposto que sim. — Kip estava brincando, mas suas palavras fizeram o pau de Kyle se contorcer. — Passa o telefone para a Maria. Quero falar com ela.

— Não. Você só vai pedir para ela me convencer a ir à festa.

— A festa do Eric? — perguntou Maria enquanto tirava as botas. — Você vai mesmo.

— Conte a ela sobre seu encontro — disse Kip.

— Não.

— Sério. Quero ouvir você dizer na cara da Maria que você tem um encontro de verdade na quinta à noite.

— Tchau, Kip.

Kip ainda estava rindo quando Kyle encerrou a ligação. Ele se virou para Maria, que segurava o telefone.

— Mensagem do Kip — ela disse. — Ele disse para perguntar por que você não pode ir à festa.

Kyle deu um suspiro exagerado. — Eu disse a ele que tenho um encontro. *Não tenho* — esclareceu antes que Maria pudesse começar a fazer perguntas. — Eu simplesmente deixei escapar. Provavelmente estava tentando deixá-lo com ciúmes, o que é tão triste que vou comer um saco inteiro de perogies[1] congelados agora mesmo. — Ele foi para a cozinha, e Maria o seguiu.

— Primeiro — disse ela — você só vai comer metade desses perogies porque estou morrendo de fome. Segundo, por que você não quer ir à festa?

— Não sei. Porque não quero ver o Kip fazendo cara de coração para o noivo. E não quero ficar perto do Eric.

[1] São bolinhos de massa recheados, cozidos e frequentemente fritos ou assados, originários da Europa Central e Oriental. Eles podem ser recheados com uma variedade de ingredientes, tanto salgados (como batata e queijo, chucrute, carne ou cogumelos) quanto doces (como frutas ou compotas).

— Por que não? Espera aí. Ele está tentando trair a esposa com você? Que canalha. Eu vou...

— Ele não é. Casado, quero dizer. Ou está tentando ativamente fazer qualquer coisa comigo. Mas... eu me conheço, e se eu tomar uns drinques e ele me disser qualquer coisa, mesmo que levemente, que flerte, eu vou fazer algo lamentável.

— Ah, qual é. Você não é tão fácil assim.

— Com homens assim? Ah, sim, sou.

— Qual o problema em gostar de homens mais velhos? Sei que você teve uma experiência ruim.

— Ou três.

— É, mas você sabe de quem eu estou falando. Aquele cara em Vermont era um saco de lixo. Não significa que seja errado se sentir atraído por homens mais velhos. Eu gosto de homens altos, e já fiquei com quatro deles que eram péssimos. Não significa que eu não vou continuar tentando encontrar aquele príncipe finlandês perfeito, alto, provavelmente, que pode ou não jogar pelo New York Admirals.

Kyle sorriu ao ouvir isso. — Ian *era* um saco de lixo, mas eu fiz minhas próprias escolhas. E essas escolhas são sempre ruins quando se trata de um certo tipo de homem.

Maria lançou lhe um olhar severo. — Kyle. Você tinha dezoito anos. Vai com calma.

— Por quê? Ninguém mais fez isso. — Porra, ele não devia ter dito aquilo. Ele deu um sorriso que provavelmente não parecia mais real do que parecia. — Enfim. Deu tudo certo, né? A gente ganha esse apartamento lindo e grátis em Manhattan e eu vou poder viver a minha melhor vida gay longe da fofoca de Shaw, Vermont.

Maria soube da história logo depois de se mudar para a casa dele. Durante o último ano do ensino médio de Kyle, seu pai lhe arranjou um emprego na sede da Associação de Negócios e Turismo da Área de Shaw. O diretor da associação, Ian, tinha trinta e poucos anos na época, era casado, tinha dois filhos e era um membro muito querido e respeitado da comunidade. Ele também era, aos olhos do adolescente virgem Kyle, extremamente atraente.

Kyle trabalhava com ele havia cerca de um mês quando Ian pediu que ele ficasse até mais tarde e o ajudasse a pensar em novas ideias para o festival. Ele continuou movendo sua cadeira para mais perto da de Kyle e encontrando maneiras inocentes de tocá-lo. E então os toques se tornaram menos inocentes.

Kyle sabia que era errado, mas nunca fizera sexo com ninguém e estava excitado e lisonjeado demais para se importar. Permitira que o relacionamento secreto continuasse durante o verão porque acreditara em tudo o que Ian lhe dizia: que era infeliz no casamento. Que estava apaixonado por Kyle. Que deixaria a família por ele. Que seria o melhor para todos, porque Ian estava vivendo uma mentira.

Kyle, jovem e ingênuo como era, acreditava que aquele era um romance de conto de fadas. Que o amor deles era tão forte que suportaria qualquer coisa. O segredo só fazia o relacionamento deles parecer mais importante, como se ninguém mais soubesse, porque ninguém mais entenderia o quão perfeitos eles eram juntos. Ian o deixara acreditar que Kyle era quem estava no controle. Que Ian era indefeso perto dele, e Kyle adorava isso. Ele queria ser irresistível. Queria ser Helena de Troia e fazer com que homens importantes se entregassem para conquistar seu favor.

Tudo desmoronou quando a esposa de Ian descobriu. Ela contratou um investigador particular, porque, claro, suspeitava; ser diretor da associação comercial de uma cidadezinha não era um trabalho que exigisse muitas

noites em claro. O investigador instalou uma câmera escondida no escritório de Ian, e Kyle e Ian deram a ela bastante material para registrar.

Ian foi confrontado com as imagens mais explícitas das gravações, juntamente com a notícia de que sua esposa havia ido embora com as crianças. A fofoca se espalhou pela cidade como um incêndio. Foi a coisa mais interessante que aconteceu em Shaw em muito tempo: um caso gay. Com um adolescente.

E foi assim que Kyle foi descoberto como gay. Para a cidade, para os amigos e, o mais devastador, para a família.

Seus pais lhe garantiram repetidamente que não tinham problema com o fato de ele ser gay. Mas ele os envergonhou ao causar um escândalo, e eles acharam melhor que ele fosse embora da cidade. Kyle sempre fora um aluno excepcional e fora aceito em algumas universidades de prestígio. Ele decidiu ir para Columbia porque Nova York parecia o lugar perfeito para se reinventar, ou simplesmente para se deixar levar. Ambas as opções pareciam boas para Kyle na época. Seus pais encontraram e pagaram por um apartamento em Chelsea, e Kyle conseguiu um emprego de meio período como garçom em um restaurante em Chelsea para cobrir suas despesas. Ele nunca mais viu ou ouviu falar de Ian, e só via seus pais nas raras vezes em que o visitavam em Nova York.

— Eu quero muito destruir com esse cara — disse Maria, trazendo Kyle de volta ao presente. — Ele deveria estar preso pelo que fez com você.

— Eu era legal — argumentou Kyle, por algum motivo.

— Mal. Quer dizer, deveria haver uma lei contra esse tipo de... manipulação, sabe? Além disso, ele era seu chefe. Isso não é legal.

— Eu sei.

Ela o abraçou de repente, um gesto incomum de Maria. — Você merecia coisa melhor.

Kyle retribuiu o abraço. — Eu só acho — disse ele cuidadosamente — que sofrimento e tentação são uma mistura perigosa. Se eu for àquela festa, sei o que pode acontecer.

Maria se afastou para encará-lo. — Mas qual é a pior coisa que pode acontecer? Se o Eric não estiver interessado em você, você não vai, tipo, enganá-lo para te pegar.

— Estou mais preocupado com o cenário em que ele *esteja* interessado em mim.

Ela se afastou e começou a contar nos dedos. — Ele não é casado. Ele é um amor, pelo que dizem. E é incrivelmente atraente. Não vejo como dar em cima dele seria ruim na pior das hipóteses.

— Porque é sempre ótimo *no começo* com esses caras. Aí eles ficam com medo ou algo assim e fogem. E aí eu estou juntando os pedaços do meu coração *de novo.* Não, obrigado.

— Bem, se você mudar de ideia...

— Não vou mudar de ideia — disse Kyle com firmeza. — Pela primeira vez na vida, vou tomar uma boa decisão.

Capítulo Sete

Na quinta-feira à noite, Kyle seguiu Maria escada acima da casa de Eric. Porque, claro, ele tinha decidido ir à festa.

A questão era a seguinte: ao tentar fazer as escolhas certas, Kyle percebeu que estava, na verdade, fazendo escolhas terríveis que o afastavam dos amigos. E o impediam de fazer novas amizades. Ele se lembrou de que nem tudo precisava ser sobre sexo. Kip era um amigo maravilhoso, e Eric parecia um cara muito legal, inteligente e agradável de conversar. Não havia absolutamente nenhum motivo para evitar tudo isso.

E Kyle tinha se convencido totalmente de tudo isso até o momento em que Eric atendeu a porta. Porque, caramba. Eric, que, até onde Kyle percebia, nunca usava nada menos formal do que calças sociais e camisa social, vestia jeans escuro e uma camiseta cinza-escuro que se ajustava ao seu peito largo e musculoso e esvoaçava sobre a barriga lisa. Quando o olhar de Kyle voltou para o rosto de Eric, ele o viu o observando antes que seus olhos se arregalassem em reconhecimento. — Kyle?

— Surpresa — disse Kyle, com a voz fraca. Parecia que Eric estava deixando a barba crescer um pouco, o que definitivamente lhe caía bem.

— Quase não te reconheci.

Kyle sorriu. — Eu sei. Fico diferente quando não estou no trabalho.

— Você fica. Levei um tempinho. — Eric deu um tapinha na própria sobrancelha. — Óculos.

— Sim, eu, hum, eu nunca uso quando estou no bar, mas é basicamente assim que eu pareço na maior parte do tempo.

Eric encarava o próprio rosto como se não conseguisse acreditar que Kyle era a mesma pessoa que lhe servia água com gás com limão. — Você está ótimo — disse ele finalmente. — De óculos, quero dizer.

Kyle apreciou o sorriso breve e tímido de Eric. — Obrigado.

— Eu posso levar essa bolsa para você — disse Eric. — E seu casaco.

Kyle colocou a bolsa pesada que carregava no chão e tirou o casaco. — Boa tentativa, mas a bolsa tem uma surpresa. — Ele havia prometido ser brincalhão, agradável e não flertador demais naquela noite.

— Normalmente não gosto de surpresas, mas admito que estou intrigado. — Ele sustentou o olhar de Kyle enquanto pegava o casaco e o colocava sobre o braço. Seus olhos brilhavam, mesmo com o resto do rosto impassível. Era injustamente sexy.

— Oi — disse Maria. — A Maria está aqui.

Isso fez as bochechas de Eric ficarem rosadas. — Desculpe. Que bom te ver de novo, Maria. Deixe-me pegar seu casaco.

Maria tirou o casaco e Kyle conteve o riso quando os olhos de Eric se arregalaram ao ver sua roupa. Maria tinha vindo para se *divertir* naquela noite. Seus seios estavam empinados, revelando o máximo de decote sobre o profundo decote em V do suéter preto. Ela estava fantástica, com o vestido marcando suas curvas e o cabelo e a maquiagem impecáveis. Ela podia ter apenas 1,55 m de altura em uma casa cheia de homens altos e atléticos, mas Kyle esperava que ela se destacasse naquela noite.

Por sua vez, Kyle manteve um visual casual, de um jeito que demonstrava que não estava ali para seduzir ninguém. Vestia sua calça jeans desbotada mais confortável com uma camiseta azul de manga comprida, usava um cachecol enrolado no pescoço e completava o visual com seus óculos favoritos. Estava vestido para se destacar e não ser uma tentação para ninguém.

Kyle estava incrível. O coração de Eric começou a pular no peito quando reconheceu o homem por trás dos óculos. Ele adorava essa versão dele: o doce e artístico estudante de pós-graduação. Ele gostava de todas as versões de Kyle, para ser sincero, mas ele era tão fofo com aqueles óculos.

E ele trouxe uma surpresa para Eric.

Ele observou Kyle recuperar a bolsa misteriosa do chão, sem conseguir tirar os olhos dele. — Onde fica a cozinha? — perguntou Kyle.

— Eu vou te mostrar. — Ele gesticulou para que Kyle o seguisse. Maria, que estava deslumbrante naquela noite, já tinha ido para o porão, onde estava a maioria dos convidados da festa. A cozinha ficava um andar acima deles, então Eric levou Kyle até a escada. Quando Eric acendeu as luzes da escada, Kyle se engasgou.

— São deslumbrantes! — Eric tinha três pinturas expostas na parede que levava ao andar seguinte. Eram abstratas, todas do mesmo artista e da mesma série.

— Não são? — concordou Eric. — Estas foram as primeiras pinturas que Jeanette me mostrou. Depois disso, eu soube que tinha encontrado meu negociante.

Kyle estava encostado na parede oposta, com os pés plantados em alturas diferentes em dois degraus diferentes. Ele sorria para a arte, seu rosto iluminado da mesma forma que o de Eric quando ele mesmo vira as pinturas pela primeira vez. Do mesmo jeito que o rosto de Eric provavelmente se iluminava agora, observando Kyle.

— Adorei o laranja desta — disse Kyle, apontando para a que Eric pendurou no meio.

— Essa é a minha favorita. — Eric percebeu que ambos falavam em voz baixa. Todos estavam no primeiro andar ou no porão, então o andar de cima estava completamente vazio. A situação de repente pareceu muito íntima.

Kyle se virou para encará-lo, e seu rosto mudou. Era como se a luz tivesse se apagado de repente, os cantos de sua boca se curvaram para baixo e seus olhos pareciam quase assustados. Eric se moveu para não se inclinar tanto.

— Então — disse Kyle. Não era o sussurro rouco que ele vinha usando há pouco. Era claro, alto e estridente. — Onde fica a cozinha? — Sem esperar por uma resposta, ele se virou e subiu o resto da escada.

Claro. A atração de Eric por Kyle provavelmente estava estampada em seu rosto. Seu rosto velho, divorciado e sem graça. Kyle não podia ser culpado por estar desconfortável.

Fique tranquilo, Eric instruiu a si mesmo. *Você está no controle dos seus sentimentos, do seu corpo e da sua libido.* Ele respirou fundo para se concentrar e seguiu Kyle escada acima. Kyle havia encontrado a cozinha, o que fazia sentido, já que ocupava a maior parte do andar. Ele colocou a bolsa em um dos balcões e olhou ao redor.

— Você está dando uma festa e sua cozinha está impecável *assim?*

— A comida é servida. Pedi comida de uma churrascaria que os caras adoram.

— Uh huh. E o que *você* vai comer?

— Eles têm uma salada de couve que eu gosto.

Kyle sorriu, mas não disse nada enquanto começava a tirar as garrafas da bolsa e colocá-las no balcão. A última coisa que tirou foi uma coqueteleira. — Não tinha certeza se você teria uma — disse ele, erguendo-a.

— Sim. Mas o que é tudo isso?

— Um presente de aniversário. Espere só.

Eric sentiu uma pontada daquela sensação efervescente no sangue quando Kyle piscou para ele. — Você precisa de gelo?

— Sim, por favor. — Kyle arrumou tudo na ilha da cozinha como se fosse um bar, então Eric encheu uma tigela com gelo e sentou-se em um dos bancos do outro lado.

— Tenho um amigo que faz sucos e refrigerantes fermentados incríveis — disse Kyle enquanto abria uma garrafa alta de vidro cheia de um líquido amarelo vibrante. — Aqui, cheire isso. — Ele estendeu a garrafa e Eric cheirou. Era quente, picante e familiar.

— Gengibre? — ele perguntou.

Kyle assentiu. — É um tônico fermentado de gengibre e cúrcuma. Delicioso, saudável e o ingrediente principal do seu drinque sem álcool de aniversário.

— Drinque sem álcool de aniversário? — Eric ficou emocionado. Ele tinha planejado beber água com gás hoje à noite.

— Imaginei que você pudesse gostar de suco fermentado. Você parece, sabe...

— Como um fanático por saúde?

— Como alguém que cuida de si mesmo — disse Kyle, piscando novamente, enquanto media uma pequena quantidade de um líquido marrom-claro e xaroposo de uma segunda garrafa. Era estranho ter o Kyle do bar e o Kyle diurno se misturando a uma única pessoa na cozinha de Eric. Eric sentia falta das mangas curtas das camisetas brancas e justas que Kyle normalmente usava no trabalho. Ele conseguiria ver a leve protuberância dos bíceps de Kyle agora mesmo, enquanto balançava a coqueteleira.

Kyle ergueu um dedo e foi até os armários de Eric, abrindo portas até encontrar o que queria. Voltou para a ilha com um copo baixo e jogou alguns

cubos de gelo nele. — Espero que goste. Fiz um teste para mim mais cedo hoje.

— Você não precisava se esforçar tanto.

— Não é problema. Adoro inventar drinques, com ou sem álcool. Estou tentando convencer meu chefe, Gus, a lançar um cardápio de drinques artesanais no Kingfisher. Mas ele está bem satisfeito servindo apenas cerveja e drinques básicos.

— E o drinque Scott Hunter?

Kyle sorriu enquanto coava o conteúdo da coqueteleira no copo. — Essa foi uma criação minha. Coloquei no quadro-negro uma noite e está lá desde então. O Gus é péssimo em marketing, mas até *ele* tinha que enxergar o valor de promover a conexão do bar com o astro gay de hóquei favorito de Nova York.

— O Kip sabia do drinque? Antes mesmo de você colocar no quadro, né?

— Eu mostrei para ele. Ele ficou bem animado com a ideia. Ele sugeriu fazer com suco de mirtilo. Acho que é uma coisa de segredo entre eles dois. — Ele deslizou o copo na direção do Eric. — Talvez possamos chamar este de Eric Bennett.

Eric ergueu o copo e admirou a cor amarelada e turva do líquido lá dentro. Deu um gole e sentiu o sabor forte do gengibre, o calor do açafrão e algo doce que equilibrava tudo. Era delicioso.

— Isso é incrível — disse Eric. — Tem algo doce nisso, ou é o tônico?

— É uma calda de abacaxi que eu fiz. Você gostou?

Eric tomou outro gole, fechando os olhos dessa vez e saboreando a mistura perfeita de sabores. Engoliu em seco e disse: — Sério. Obrigado.

Kyle sorriu radiante. — Posso fazer mais alguns com os suprimentos que trouxe. Posso te manter abastecido com eles a noite toda, se quiser.

— Não precisa. Mas se cair na minha mão, com certeza vou beber. — Ele inclinou a cabeça em direção à escada. — Tem um bar lá embaixo. E uma geladeira de cerveja abastecida.

Kyle o seguiu até a escada. — Por que você tem um bar e uma geladeira de cerveja se não bebe?

— Porque todos os meus amigos são jogadores de hóquei.

— Exceto aqueles que são negociantes de arte?

— Os amigos que não são do hóquei são um grupo pequeno e bem separado. Hoje à noite, infelizmente, é só hóquei e coisas relacionadas ao hóquei.

— Sou eu? Adjacente ao hóquei?

Eric parou no patamar, no meio da escada, e se virou para Kyle. — Tecnicamente, eu te conheci através do hóquei, mas... — Ele se interrompeu porque não havia uma maneira não intensa de terminar a frase. Se ele estivesse respondendo o mais honestamente possível, a frase teria terminado com algo como "*Acho que posso ser eu mesmo com você*".

— Mas? — perguntou Kyle. Seus olhos azuis-claros brilhavam sob os óculos.

Eric balançou a cabeça, tentando parecer calmo e sereno, mesmo com o coração acelerado. — Nada. Vamos te buscar uma bebida. Você gosta de churrasco?

— Só se tiver salada de couve.

Eric riu. Ele adorava o jeito como Kyle o provocava. Era brincalhão e quase carinhoso, como se fossem velhos amigos. — Tenho certeza de que sobrou bastante salada.

Kyle realmente não fazia ideia do que estava fazendo naquela festa, mas o tempo que passou sozinho com Eric na cozinha foi... bom. Ele se sentia meio que aquecido e animado desde que se juntaram à festa no porão, mesmo que Eric tivesse sido imediatamente afastado por algumas mulheres, provavelmente esposas ou namoradas de seus companheiros de time.

Kyle estava agora sentado em um sofá secional com Scott, Kip, Carter e um atraente jogador de hóquei sueco cujo nome Kyle vivia esquecendo. Ele parecia ter a mesma idade que Kyle.

Kyle conhecia Carter Vaughan porque ele frequentemente acompanhava Scott quando este visitava Kip no Kingfisher. Carter e Eric eram os melhores amigos de Scott no time, mas os dois eram muito diferentes. Carter era barulhento e divertido, sempre a alma da festa. Adorava comida e bebidas destiladas de primeira qualidade, e sempre criticava Kyle pela seleção de uísques abaixo da média do Kingfisher.

Carter, como a maioria dos convidados da festa, tinha mais ou menos a mesma idade de Kyle do que de Eric. Ele tinha a beleza de um astro de cinema, pele escura e um maxilar forte, geralmente barbeado. Eric era lindo, mas de um jeito mais distinto, com sua barba grisalha e cabelos grossos e cacheados que imploravam para serem desgrenhados.

O que eles tinham em comum era que Carter e Eric eram boas pessoas e apoiavam e amavam Scott completamente. Kyle gostava dos dois.

— Quando você e Gloria vão ficar noivos, Carter? — perguntou Kip.

— Quando ela quiser — disse Carter, o que fez todos rirem. — Estou falando sério. Ela sabe que estou pronto quando ela estiver. É que está tudo corrido agora. Nós dois estamos viajando constantemente.

Carter estava namorando uma atriz muito famosa, Gloria Grey. Ela não estava aqui esta noite, mas já tinha ido ao Kingfisher algumas vezes e era superlegal.

— Onde ela está esta noite? — perguntou Kyle.

— Atlanta. Ela está filmando um filme de ação com Rose Landry, onde Gloria é uma assassina e Rose é a agente especial que tenta detê-la. Aí elas acabam trabalhando juntas.

— Buu. Spoilers — reclamou Kip, brincando.

— Parece incrível — disse Carter.

— Elas se apaixonam? — perguntou Kyle. — A assassina e a agente especial?

— Não oficialmente. — Carter deu um sorriso travesso. — Mas a Gloria disse que ela e a Rose vão fingir que estão completamente apaixonadas uma pela outra. Vamos ver se alguém percebe.

— Eu adorei — disse Kip.

Carter se levantou. — Vou ao bar. Alguém precisa de alguma coisa? — Ele se virou para Kyle. — Posso *te oferecer* uma cerveja para variar?

Kyle riu. — Estou bem. — Provavelmente era bobagem, mas saber que Eric não bebia fez com que Kyle também não quisesse beber. — Talvez eu tente dar uma olhada em mais algumas peças da coleção de arte do Eric.

— É legal, né? Preciso que aquele filho da puta estiloso me ensine essa merda um dia.

— Não vai ajudar — brincou o misterioso sueco.

— Foda-se, Tommy.

Tommy. Certo. Kip e Scott estavam claramente perdidos nos olhos um do outro naquele momento, então Kyle voltou sua atenção para Tommy. — Acho que não nos conhecemos. Eu sou Kyle. — Ele estendeu a mão, e Tommy a apertou.

— Tommy. Andersson.

— Certo! Você é o outro goleiro. Desculpe por não ter te reconhecido.

Tommy sorriu. Ele era realmente lindo. Parecia um Skarsgaard. — Não se preocupe.

Não havia nada de flerte na maneira como Tommy falava ou olhava para Kyle, mas Kyle percebeu que era muito legal que aquele jogador de hóquei provavelmente hétero estivesse calmamente dividindo um sofá com três homens gays. Tipo, ele não deveria ganhar um troféu por isso nem nada, mas pelo que Kyle sabia sobre esportes coletivos, especialmente hóquei, não era um gesto insignificante. Ele se perguntou o quanto Scott havia impactado a forma como seus companheiros de time viam pessoas queer.

— Então você também gosta de ser atingido por discos, hein?

— Na maioria das vezes, sim. — Ele era muito mais novo que Eric. Kyle se perguntou se ele era um concorrente de Eric, ou se Eric era mais como um mentor. Talvez fosse um pouco dos dois.

— Você gosta de Nova York? — perguntou Kyle. Talvez fosse a pergunta mais chata que ele poderia fazer, mas pelo menos preencheu o silêncio.

Tommy, felizmente, pareceu entusiasmado ao responder. — Sim, tenho muita sorte. Não só porque é Nova York, mas porque posso jogar com o Benny. Eric, quero dizer. Ele era meu herói quando criança.

— Nossa, sério? Que loucura! — Kyle não conseguia imaginar como era para Eric. Devia fazê-lo se sentir velho.

— Sim — disse Tommy, sério. — Ele é um dos melhores de todos os tempos. Ele tem sido um ótimo professor.

Kyle sabia que Eric era considerado um dos maiores goleiros de todos os tempos, mas meio que se esqueceu disso quando conversou com ele. Não conseguia conciliar o homem por trás da máscara com o homem discretamente intenso que colecionava arte.

Naquele momento, Maria se jogou no sofá ao lado de Kyle, e uma mulher loira, muito alta e bonita, aninhou-se em Tommy. Eles começaram a falar em

sueco, então Kyle presumiu que se tratasse da namorada ou esposa de Tommy.

— Como vai? — Kyle perguntou a Maria. — Como está a Operação Finlândia?

Maria expirou com força suficiente para soprar para longe os fios de cabelo que caíam em seu rosto. — Horrível. Você viu as mulheres nesta festa? — Ela acenou sutilmente na direção da mulher que Tommy estava beijando. — Como eu vou ter uma chance?

O olhar de Kyle pousou no peito dela. — Você podia tentar um decote maior.

Em vez de mandá-lo se foder, como ele esperava, ela riu e se aninhou nele. — Meu Deus, estou ridícula. E desesperada.

Kyle beijou o topo da cabeça dela. — Você está linda. Então o Jalo foi um babaca com você? Eu posso dar uma surra nele. Pode levar alguns dias socando-o, mas eventualmente ele vai sentir. Eu acho.

— Eu nem tentei falar com ele — disse Maria em seu ombro. — Não sei o que eu esperava que acontecesse.

— Bem, o que *deveria* ter acontecido era que ele te viu do outro lado da sala e, em seguida, abriu caminho entre a multidão com seus ombros e coxas enormes para poder chegar até você. Depois, ele deveria ter te arrebatado e te carregado de volta para a casa dele para seis dias e sete noites de amor.

— Tipo, teria sido tão difícil assim? Homens. Sério. — Ela suspirou. — Vou morrer sozinha.

— Você não vai. Você vai morrer durante um ménage à trois com Oscar Isaac e Michael B. Jordan.

— É muito gentil da sua parte dizer isso.

— Você quer ver arte comigo?

Ela levantou a cabeça. — Acho que prefiro olhar para aquele bar ali.

— Se acalme, garota.

— Vai se foder, garoto. — Ela deu um soquinho de brincadeira no braço dele antes de se levantar e ir em direção ao bar. Ele voltou a atenção para Kip, que estava dando umas batidinhas no nariz de Scott, então Kyle se levantou e saiu dali.

Ele saiu do porão lotado e subiu as escadas, em direção à entrada principal. Notara algumas pinturas e esculturas em exposição ali, que não tivera a chance de ver antes. Decidiu dar uma olhada, talvez preparar outra bebida para Eric e depois cair na estrada. Não estava com muita vontade de festa naquela noite.

A casa de Eric era inegavelmente linda, mas Kyle se perguntava como seria quando não estivesse cheia de convidados animados. As paredes brancas e os móveis modernos e minimalistas eram ideais para exibir arte, mas Kyle imaginava que poderia ser um lugar frio para se viver sozinho.

Havia uma tela pendurada sozinha em uma parede que chamara a atenção de Kyle antes. Era difícil não notar, na verdade: uma enorme pintura a óleo abstrata, repleta de frenéticos traços angulares de marrom-escuro, índigo, preto e branco puro. Espalhados em alguns pontos, havia pontos de um fúcsia chamativo. Kyle se perdeu naquilo por vários minutos.

— Poderoso, não é? — a voz baixa de Eric retumbou atrás dele. Kyle não o ouvira se aproximar, então se virou rapidamente, assustado. Eric ergueu as mãos. — Desculpe. Eu não queria te assustar.

— Está tudo bem. — Ele se virou novamente para a pintura. — Isso é realmente lindo.

— Chama-se *Guardião.* Apaixonei-me assim que o vi, mas o nome conquistou-me mesmo.

Kyle levou um instante. — Porque esse é o seu trabalho. Proteger a rede.

— Certo. — Eric estava tão perto que Kyle só precisava se inclinar um pouco para trás para sentir o peito de Eric contra as suas costas. Ele teve que fechar os olhos por um instante para lutar contra a vontade de ter Eric o abraçando por trás. De beijar o pescoço de Kyle e mordiscar sua orelha. De Kyle pressionar a bunda contra a virilha de Eric e senti-lo endurecer contra si.

Eram todos pensamentos ruins. Kyle deu um passo à frente, sob o pretexto de querer olhar a pintura mais de perto. — Adoro a energia dela. Dá para sentir a urgência do artista.

— Urgência?

— Ao criar o guardião. Bloqueando tudo o que eles temiam ou odiavam.

— Então você acha que o guardião é bom?

Kyle se virou para ele. — Você não?

Eric franziu a testa para a pintura. — Não tenho certeza. Pensei que talvez o guardião fosse um obstáculo para algo melhor. As manchas rosadas... — apontou para algumas delas — ...podem ser o bem tentando se libertar.

— Hã. — Kyle considerou a perspectiva. Fazia sentido. — Então isso faz de você o vilão.

— De certa forma, sim. Eu evito que as pessoas marquem gols. Que vençam. Eu me interponho entre elas e a vitória.

— Ou você protege seus próprios companheiros de time da derrota.

— Perspectiva é importante — concordou Eric com um sorriso irônico. — Que bom que você gostou da peça. Quando mostrei para o Carter, ele disse que deveria se chamar *Retângulos.*

Kyle riu. — Pelo menos ele conhece as formas.

— É um começo.

O sorriso desapareceu dos lábios de Eric no mesmo instante em que Kyle sentiu o coração apertar. Ele não conseguiu deixar de notar o olhar de Eric pousado na boca de Kyle.

O que aconteceria se Kyle se inclinasse, mesmo que de leve? Eric o beijaria? Ele recuaria? Estaria Kyle interpretando mal o desejo que ele tinha certeza de que estava escurecendo os olhos de Eric?

Passos ecoaram escada acima, e Eric se virou rapidamente para longe de Kyle. Kip, seguido de perto por Scott, apareceu, parando surpreso ao ver Eric e Kyle.

— Ah, pessoal — disse Kip. — Temos que ir.

— Amanhã acordamos cedo — disse Scott, desculpando-se.

— Certo — disse Eric. Sua voz calma não sugeria que ele quase tinha sido pego beijando Kyle, então talvez Kyle estivesse imaginando coisas. — Eu lembro. Obrigado por terem vindo. Deixe-me pegar seus casacos.

— Já estou nisso — disse Kip, levantando um dedo antes de retornar ao porão. Scott cruzou os braços gigantes na frente do peito enorme e sorriu para Kyle e Eric.

— O quê? — perguntou Eric.

— Kip e eu estamos tentando juntar vocês dois há meses.

— *O quê?* — Kyle gaguejou.

— Juntar? Por quê? — perguntou Eric, com muito mais suavidade.

— Achamos que vocês poderiam ser amigos. Sabe como é. Sobre arte e essas coisas. — Ele apontou com a cabeça para a pintura.

Então talvez a gagueira de Kyle fosse injustificada. Ele se virou para a pintura para esconder o constrangimento enquanto Eric dizia: — *É* bom falar sobre algo além de videogames e futebol americano fantástico.

Kip saiu do porão vestindo seu casaco e carregando o de Scott. — Tem pelo menos três caras jogando *Fortnight* no celular lá embaixo. Vou escrever um relato sobre como os jogadores profissionais de hóquei são chatos.

— É melhor não — provocou Scott.

— Ah, vou ter um capítulo inteiro sobre seu amor por caça-palavras.

— É relaxante!

Kip abraçou Eric. — Feliz aniversário, amigo.

— Obrigado.

Kyle foi o próximo a ser abraçado, o que sempre era um exercício para não aninhar o pescoço de Kip. Era mais fácil resistir com o noivo de Kip observando. — Boa noite, Kip.

— Que bom que você veio hoje à noite. Divirta-se, tá? — Ele deu um aperto extra em Kyle e depois o soltou. Kyle ainda sentia os braços de Kip em volta dele enquanto observava Kip pegar a mão de Scott e levá-lo para fora da porta da frente.

Quando Kyle se virou para Eric, viu em seu rosto a mesma expressão de compaixão que vira na noite do noivado de Kip e Scott. Ele odiou aquilo.

— Então — disse Kyle alegremente, recusando-se a reconhecer que seus sentimentos por Kip eram tão óbvios que até mesmo esse quase desconhecido os notava. — Posso te servir outra bebida?

O rosto de Eric assumiu a expressão calma e divertida que Kyle preferia. — Claro.

Capítulo Oito

A festa durou horas. Muito depois da hora habitual de Eric dormir. Ele tentou se misturar com todos, vagando entre o porão e a sala de estar no andar de cima, mas, como ímãs, ele e Kyle continuavam sendo atraídos um pelo outro.

Ele não tinha certeza se Kyle estava fazendo aquilo de propósito ou se não conhecia pessoas suficientes na festa, mas quase todas as vezes que Eric o via, ele estava sozinho. Às vezes, admirava uma obra de arte, às vezes apenas observava a festa. Algumas vezes, ele estava com o celular na mão. Eric não conseguia resistir a falar com ele todas as vezes.

Os convidados finalmente estavam começando a ir embora, e Eric pensou que talvez Kyle tivesse ido embora enquanto ele estava lá em cima, mas quando Eric voltou ao porão, ele o encontrou recolhendo garrafas de cerveja vazias.

— Você não precisa fazer isso — disse Eric.

Kyle ergueu os olhos de onde estava curvado sobre uma mesa lateral e sorriu. — Hábito. E *alguém* precisa fazer isso. Seus amigos são animais. — Kyle havia tirado o cachecol, e agora Eric podia admirar as longas linhas do seu pescoço.

— Eles não são os mais atenciosos — Eric concordou enquanto ajudava Kyle a recolher as garrafas.

Ele ouviu a porta da frente abrir e fechar algumas vezes enquanto trabalhavam, e logo não conseguiu ouvir mais sinais de ninguém na casa além deles dois.

— Onde está Maria? — perguntou Eric.

— Ela foi embora há mais de uma hora. Um dos casais se ofereceu para deixá-la em casa. Não me lembro dos nomes, mas a esposa está grávida.

— Esses são Breezy e Martine.

— Pessoas decentes e não assassinas, eu presumo?

— Eles são ótimos. E são de Montreal, então não têm problema em dirigir em Manhattan.

— Bom saber. Devem ir para a cozinha? — Kyle carregava nos braços cerca de uma dúzia de garrafas vazias. Ele era obviamente muito habilidoso na arte de carregar grandes quantidades de recipientes de vidro.

— Sim. A gente pode enxaguar lá em cima. Ou eu posso. Você pode ir para casa. — Eric riu nervosamente. — Você não tem obrigação de me ajudar a limpar.

— Eu realmente não me importo. — Kyle seguiu em direção às escadas, então parou e olhou por cima do ombro. — Você é o aniversariante. Não deveria ter que limpar. — Ele piscou, e Eric *realmente* desejou que ele parasse de fazer isso.

— A faxineira vem amanhã — disse Eric enquanto o seguia escada acima, tentando, mas não conseguindo, não admirar a bunda de Kyle balançando na frente de seu rosto.

— Então você estava planejando ir para a cama com essa bagunça de garrafas espalhadas por aí? — Era uma pergunta, mas parecia que Kyle já sabia a resposta.

— Não — admitiu Eric. Ele teria pelo menos enxaguado as garrafas vazias, como Kyle estava fazendo. Ele odiava bagunça. Era algo que seus companheiros de time vinham provocando há anos, mas Eric se perguntava por que Kyle tinha sido capaz de adivinhar tão rápido. Provavelmente só de ver sua cozinha. Ou talvez Eric se apresentasse claramente como o maníaco por limpeza que era.

— A propósito — disse Kyle quando entraram na cozinha — se ainda não mencionei, sua casa é incrível.

— Obrigado. Estou muito feliz com isso.

— Existe um terraço no último andar?

— Sim.

— Maldito seja você.

Eric riu. — Desculpe. Pode usar quando quiser. — Ele se repreendeu mentalmente por dizer algo tão estranho, mas Kyle sorriu.

— Talvez eu espere até a primavera.

— Certo. Sim.

Kyle arregaçou as mangas e começou a enxaguar as garrafas na pia de Eric, o que ele não podia permitir. — Sério — disse ele, colocando a mão no braço de Kyle. — Eu posso fazer isso depois.

Kyle olhou para a mão de Eric e então encontrou os olhos dele. — Mais tarde, quando? São quase duas da manhã.

— Exatamente. Você deveria ir para casa dormir.

— Estou no trabalho depois das duas quase todas as noites — disse Kyle. — Isso não é nada. Deixe-me ajudar.

Eric se rendeu e ficou ali, sem jeito, observando Kyle trabalhar, com a cabeça cheia de pensamentos que sabia que não deveria dizer em voz alta. Ele escolheu um dos mais seguros. — Foi bom passar um tempo com você esta noite. Que bom que você veio.

Kyle não levantou os olhos da pia. — Quase não vim.

— Por quê?

Ele viu os ombros de Kyle ficarem tensos e pensou que ele não responderia, mas disse: — Acho que você sabe por quê.

Eric tinha alguma ideia, embora estivesse surpreso por Kyle ter tocado no assunto. — Por causa do Kip. E do Scott.

— Sou bem óbvio, eu sei. E patético. — Ele colocou as últimas garrafas no balcão e se virou, apoiando-se com as duas mãos na borda da pia atrás das costas. — Enfim. Preciso superar isso. Quer dizer, estou *superando.*

— Sinto muito.

Kyle riu sem humor. — Sabe qual é a parte mais ridícula? O Kip deveria ser o fim das minhas paixões por homens inapropriados. Ele deveria ser uma *boa escolha.*

— Homens inapropriados?

Ele balançou a cabeça. — Eu não deveria estar falando sobre isso com você. Nem com ninguém. Está bem. Esqueça o que eu disse.

— Não, eu... — A mão de Eric voltou a segurar o braço de Kyle. — Eu quero ouvir. Se você quiser conversar.

— Estou sóbrio demais para isso.

Eric estudou o rosto dele. — Você *está* sóbrio, não é? Não bebeu hoje à noite?

Kyle deu de ombros. — Não estava com vontade.

A possibilidade de Kyle ter se abstido porque Eric não bebia o aqueceu. Mas talvez Kyle realmente não estivesse com vontade e Eric não devesse pensar mais nisso. — Por que não pego água para nós dois e podemos ficar sentados na sala um pouco?

— OK.

Poucos minutos depois, Kyle estava espremido no canto de um sofá secional, e Eric estava sentado a uma distância segura e platônica. Kyle tomou um gole de água e disse: — Então, o que você quer saber?

Havia muitas perguntas fáceis e cuidadosas que Eric poderia ter feito. Perguntas que não seriam completamente egoístas. Mas o que ele perguntou

foi: — Kip não é o tipo de homem por quem você normalmente se sente atraído?

As sobrancelhas de Kyle se ergueram sobre a armação dos óculos, e seus lábios se curvaram. — Não. Normalmente não. Quer dizer, eu não tenho um tipo rígido, mas...

Eric se ajeitou na ponta da almofada do sofá. — Mas?

— Tenho uma queda por... homens mais velhos.

Ele engoliu em seco. — Quantos anos mais velho?

— Ah, não sei. Talvez quarenta. Ou... — Kyle sorriu maliciosamente para ele — ...quarenta e um.

O pau do Eric chegou à festa naquele momento. Atrasado, mas muito ansioso para comemorar seu aniversário. Ele sabia que deveria responder a Kyle, mas sua cabeça estava confusa.

Kyle acenou com a mão. — Não me leve muito a sério quando eu flertar. É basicamente um mecanismo de defesa para mim.

— Defesa — repetiu Eric com a voz rouca. — Certo. — Ele afastou um pouco da névoa de tesão. — Claro. Eu sei que você não está falando sério.

— Ótimo. Mas me avise se eu te deixar desconfortável, por favor. Eu realmente não quero fazer isso.

— Eu vou te contar. — Desconfortável era uma maneira de dizer. Embora fosse difícil dizer se ele se sentia desconfortável por não saber como responder aos comentários sugestivos de Kyle, ou se era por causa do aperto repentino da calça jeans. Será que Kyle *sabia* que Eric se sentia atraído por homens? Seria tão óbvio para ele quanto a incapacidade de Eric de deixar seu porão bagunçado?

— Mas você é lindo — disse Kyle, com naturalidade. — Caso não soubesse disso.

— Obrigado. — *Retribua o elogio, Eric!* Ou deveria? Isso só tornaria as coisas mais estranhas? Provavelmente seria mais seguro se o flerte fosse unilateral. Mas ele precisava dizer algo, então disse: — Gostei dos seus óculos.

Kyle riu. — Como se você quisesse comprar um par para você, ou como se quisesse me ver usando apenas um? — Antes que Eric pudesse responder, Kyle disse rapidamente: — Desculpe. Foi demais.

Eric cruzou as pernas o mais casualmente possível, lutando para afastar a imagem de Kyle usando apenas os óculos. Talvez ele estivesse elegantemente esticado na cama de Eric, com as costas arqueadas enquanto Eric espalhava beijos pela parte interna da coxa...

— Estou tentando ser de qualquer jeito — disse Kyle.

Tentando ser? Tentando ser o quê? Meu Deus, Eric não tinha entendido nada do que Kyle tinha acabado de dizer.

— Tentando ser, hum... perdão? — Eric disse elegantemente.

Kyle sorriu. — Bom. Ou inteligente. Tentando não namorar pervertidos.

— Pervertidos? — A raiva tomou conta de Eric ao pensar em um homem machucando Kyle. — Como assim?

— Ah, você sabe. Casado em segredo. Enrustido e tudo. Manipulador e egoísta. Qualquer combinação dessas coisas. Esse é o meu tipo, aparentemente.

Aquilo não parecia o tipo de homem com quem Kyle deveria estar. Kyle deveria estar com alguém que apreciasse cada um dos seus sorrisos brincalhões e piscadelas diabólicas. Que apreciasse o quão inteligente Kyle era e como era fácil conversar com ele. — Esses caras parecem uns babacas.

— É, bom. — Kyle levantou os joelhos e apoiou a cabeça inclinada neles. — Quer ouvir uma coisa engraçada? Achei que você fosse um deles.

— Um deles? Como assim?

— Achei que você fosse casado. Por causa do anel. E pensei que você fosse... bem. Não importa.

— Achou que eu era o quê? — Droga. O anel. Carter tinha razão. Ele deveria ter tirado há muito tempo.

— Provavelmente projeto isso em todos os homens mais velhos e bonitos agora, mas pensei que você fosse mais um homem casado enrustido que estava querendo se divertir um pouco às escondidas com o garoto gay.

O estômago de Eric se contraiu com o pensamento. — Eu nunca... isso é...

— Eu sei. Eu estava errado. Entendo. Como eu disse, eu projeto. Mas você realmente parece ser um cara legal, e eu gostaria de ser seu amigo.

Amigos. — Eu também gostaria. — Não era mentira. Eric gostava de conversar com Kyle e adoraria ir a algumas galerias com ele. Talvez compartilhar algumas refeições. Talvez...

Kyle bocejou então, e Eric se lembrou da hora tardia. E do fato de que Kyle morava em Chelsea.

— Você deveria ficar aqui esta noite — disse Eric. Era uma oferta óbvia e ele deveria tê-la feito antes.

— Ah, não. Posso pegar um táxi.

— Fique. Tenho dois quartos de hóspedes. Até preparo café amanhã.

Kyle levantou a cabeça dos joelhos. — Isso é muito tentador.

— Tenho escovas de dente extras e tudo. Não tenho onde estar amanhã. Você pode dormir até mais tarde.

Kyle bocejou novamente e depois riu. — Tudo bem. Você venceu.

Eric sorriu radiante, feliz demais com o acontecimento. Levantou-se e ofereceu a mão a Kyle, um gesto natural que faria a um de seus companheiros de time no gelo ou na academia. Mas quando Kyle pegou sua mão, de repente nada nela pareceu natural ou familiar. Os dedos de Kyle estavam frios, provavelmente de enxaguar as garrafas de cerveja, e sua pele

estava mais áspera do que Eric esperava. Ele ajudou Kyle a se levantar, e então o rosto de Kyle ficou a centímetros do de Eric. Seus peitos estavam quase se tocando enquanto Kyle o fitava com olhos azuis sonolentos.

Eric ainda segurava sua mão.

— Eu, hum. Vou te mostrar o seu quarto. Posso te emprestar uma calça de pijama, se quiser.

Kyle passou o polegar pelos nós dos dedos de Eric e depois soltou sua mão. — Obrigado.

Eric se virou antes que fizesse algo imperdoável, como convidar Kyle para compartilhar sua cama. Ele o levou para o quarto que ficava no mesmo andar da cozinha. Era o quarto de hóspedes favorito de Eric entre os dois.

— Nossa — disse Kyle quando Eric acendeu o abajur. O quarto ficava na frente da casa e havia uma janela grande com vista para a rua. A parede com a janela era de tijolos aparentes, que Eric adorava, e o resto das paredes era de um branco austero, assim como a roupa de cama, a poltrona no canto e o tapete. Acima da cabeceira de bordo levemente manchada da cama, pendia uma grande fotografia emoldurada em preto e branco de uma praia rochosa coberta de neblina.

— Tem uma máquina de ruído branco — disse Eric, apontando para o pequeno dispositivo ao lado do abajur. — Se precisar.

— Talvez — disse Kyle. — Estou na cidade há mais de seis anos e ainda não consigo bloquear o barulho da noite.

— Onde é seu lar?

— Vermont. Ou pelo menos era o meu lar.

Eric não gostou da ideia, mas também sabia que três da manhã não era hora para ficar contando histórias tristes. Então, ele simplesmente disse: — Eu amo Vermont.

— Eu também. Esta fotografia é linda. Você sabe onde fica?

— País de Gales. — Eric hesitou por um momento, depois disse: — Eu tirei.

Kyle virou a cabeça bruscamente, com os olhos arregalados sob os óculos. — *Você* tirou isso?

— Eu me envolvo. Não sou profissional, nem de longe.

— Pode ser. Puta merda. — Ele piscou. — Que outros talentos você está escondendo?

Eric sentiu um calor subir pela nuca. Kyle não estava facilitando seus pensamentos puros.

— Desculpa — disse Kyle. — Essa foi a última. Eu juro. Só estou sonolento e bobo. E faz uma eternidade que não faço sexo.

— Certo. Sem problemas — disse Eric, rigidamente. — Vou pegar aquele pijama para você. E uma escova de dentes. Precisa de mais alguma coisa?

— Não consigo pensar em nada.

Eric saiu rapidamente. Não gostava de como se perturbava facilmente na companhia de Kyle. Em seu quarto, parou um momento para se recompor, depois pegou sua calça de pijama mais macia e uma camiseta antes de ir ao banheiro buscar uma escova de dentes e pasta de dente novas. Ao retornar ao quarto de Kyle, quase deixou cair tudo o que carregava.

Kyle estava esparramado na cama, sem camisa e com o botão da calça jeans desabotoado. Seu corpo era magro e tonificado - o corpo de um atleta feito por velocidade.

Kyle se apoiou nos cotovelos, flexionando o abdômen enquanto se curvava para encarar Eric. — Esta capa de edredom é *de linho?*

— Sim — disse Eric, com a voz fraca. — Os lençóis também.

Kyle caiu de costas na cama e soltou um longo e gutural gemido de prazer que fez Eric abaixar o embrulho em suas mãos até que cobrisse sua virilha. — Porraaa. E esses travesseiros — continuou Kyle, alheio ao aumento

alarmante na excitação de Eric. — Estou com um tesão danado por essa cama.

Ah, qual é, universo. Não é justo.

— Eu tenho um pijama. E uma escova de dentes. Eu só... — Bem, Eric não podia *entregá-los* a ele. Não com sua ereção tentando atravessar a calça. — Vou deixá-los aqui. — Ele os colocou na cadeira no canto e se virou rapidamente em direção à porta. — Boa noite.

— Ei — disse Kyle.

Eric fez uma pausa, mas continuou de costas para Kyle. — Sim?

— Foi uma festa legal. Todos se divertiram.

— Você acha? — Eric virou a cabeça para o lado para não deixar Kyle completamente de fora.

— Com certeza. Vejo pessoas bebendo e se divertindo várias vezes por semana no trabalho. Sou especialista em quem está se divertindo e quem não está. A festa foi um sucesso.

— É bom ouvir isso. — Ele ficou parado por mais um momento, esperando para ver se Kyle tinha mais alguma coisa a dizer, então disse: — Durma bem.

— Vou dormir *profundamente* nesta cama.

Eric sorriu para si mesmo e fechou a porta atrás de si. Quando estava quase fechando, ouviu Kyle dizer: — Feliz aniversário.

Eric já tinha desabotoado a calça jeans antes mesmo de chegar ao seu quarto no último andar. Não conseguia se lembrar da última vez que estivera tão desesperado para se masturbar.

Quando fechou a porta do quarto atrás de si, sua calça jeans caiu no chão com o barulho alto do cinto. Ele enfiou a mão na cueca e gemeu tão alto ao

agarrar o pau que enfiou os nós dos dedos da mão livre na boca para abafar o barulho. Caiu na cama e deslizou a cueca até os tornozelos, chutando-a para longe enquanto arrancava a camisa e a jogava no chão.

Eric nunca havia comparado direta - ou indiretamente - suas técnicas de masturbação com as de outro homem, mas presumia estar no topo da lista de eficiência. Eric era eficiente em tudo; eficiente, disciplinado e experiente. Ele havia dominado a masturbação como uma ciência.

Ele se perguntou se Kyle também estava se masturbando. Se naquele momento ele estava nu e se contorcendo nos lençóis de linho de Eric, seus dedos longos e calejados massageando um pau que Eric só conseguia imaginar. E, meu Deus, como ele conseguia imaginar. Longo e lindo, saindo dos pelos pubianos, do mesmo loiro-escuro que os que se arrastavam até o cós da calça jeans. O abdômen de Kyle se contraindo e flexionando conforme ele se aproximava do clímax. Enquanto ele chegava onde Eric estava agora, oscilando à beira do orgasmo.

Se Kyle também estava se masturbando, será que ele estava pensando no Eric? Será que ele estava prestes a gozar com o nome do Eric nos lábios, como o Eric estava prestes a...

— Porra. Kyle. Por favor. — Eric sussurrou as palavras enquanto se arqueava e gozava por toda a barriga.

Quando tudo acabou, quando a última onda de prazer deixou seu corpo e Eric ficou segurando seu pau amolecido com o sêmen secando na pele, a vergonha se instalou. Que porra ele estava fazendo? Era um velho safado se masturbando pensando no jovem adorável que fora gentil o suficiente para ajudá-lo a limpar a bagunça depois da festa. Pouco mais que um conhecido. Um possível novo amigo.

Eric era patético.

Mas ele definitivamente se sentia atraído por homens. Sua bissexualidade parecia muito menos teórica, mesmo permitindo-se fantasiar sobre outro homem. Um outro homem específico. Um homem que estava dormindo dois andares abaixo de Eric naquele momento. Vestindo o pijama de Eric.

A menos que ele estivesse dormindo nu.

Meu Deus.

Eric respirou fundo e lentamente algumas vezes e então começou a raciocinar. Ninguém se machucaria ali. E Kyle tinha que saber que seus flertes teriam um efeito sobre Eric. Supondo que Kyle soubesse que Eric se sentia atraído por ele - atraído por *homens*...

Seria um problema se ele soubesse? Eric sempre presumiu que fosse algo que as pessoas não adivinhariam sobre ele, mas nunca se deparara com um homem que desejasse tanto quanto Kyle. Talvez seu desejo fosse tão claro quanto o dia enquanto conversava com ele. Era algo para se pensar, com certeza.

Eric se arrastou até o banheiro e se lavou rapidamente. Foi até o closet e encontrou sua segunda calça de pijama mais macia, apreciando a carícia do bambu enquanto a vestia. O tecido liso era frio contra sua pele aquecida.

Ao se deitar, percebeu o quão exausto estava. Enquanto adormecia, pensou em olhos azuis de inverno brilhando atrás de óculos, mãos calejadas e cabelos desgrenhados como seda de milho.

Capítulo Nove

Kyle acordou tarde.

Ele se espreguiçou languidamente, deslizando os membros para dentro das camadas macias como manteiga da roupa de cama cara de Eric. Os lençóis eram tão maravilhosos que ele deixou o pijama que Eric lhe trouxera na cadeira e dormiu de cueca. A carícia luxuosa do tecido não fizera nada para acalmar a excitação furiosa de Kyle, mas ele resistira à masturbação na noite anterior. Parecia errado fazer isso na casa de Eric. Kyle não queria ser rude.

Mas agora seu pau gritava por atenção. Kyle fez o possível para ignorá-lo, virando-se de bruços e enterrando o rosto em um travesseiro perfeitamente macio.

Eric o estivera cobiçando na noite anterior, Kyle tinha certeza. Ele já fora cobiçado muitas vezes na vida, e o tesão nos olhos de Eric ao contemplar o peito nu de Kyle fora inconfundível. E a maneira como ele saiu apressado do quarto, afobado e adorável.

Eric o queria.

Mas isso não significava que Eric fosse fazer algo a respeito. E não significava que Kyle devesse *querer* que ele fizesse algo a respeito. Eric, Kyle lembrou a si mesmo, estava fora dos limites.

Seus olhos escuros eram inacessíveis. Seus antebraços musculosos e seu peito largo eram inacessíveis. Sua barba salpicada de prata e seus lindos cabelos grossos eram inacessíveis.

Kyle não tinha certeza de quanto tempo estava transando no colchão, mas precisava parar. Não viu nem uma caixa de lenços de papel no quarto.

Ele se forçou a sair da cama, ajustando a ereção na cueca e torcendo para que ela desaparecesse logo. Normalmente, ele se entregava a uma sessão de punheta tranquila ao acordar, então seu pau estava confuso e irritado com sua recusa em reconhecê-lo naquele dia.

Ele colocou os óculos e passou a mão pelos cabelos. Vestiu a calça do pijama e a camiseta que Eric lhe dera - ambas extremamente macias - pegou a escova e a pasta de dentes, abriu a porta do quarto silenciosamente e foi para o corredor, em direção ao banheiro. Não tinha certeza se Eric já estaria acordado. Parecia que ele acordaria cedo, mas tinha sido uma noite muito longa.

Kyle se refrescou no banheiro e pensou em tomar um banho. Seu pau estava muito a fim da ideia, mas Kyle não ia deixar aquele idiota tomar as decisões. Ele não tinha certeza de onde Eric guardava as toalhas, ou se seria presunçoso usar o chuveiro.

A casa estava muito silenciosa. Kyle foi até a cozinha, na esperança de encontrar o café que Eric havia prometido, mas a encontrou vazia. As garrafas que Kyle havia enxaguado na noite anterior estavam guardadas em algum lugar, então Eric devia estar acordado.

Kyle estava parado no pé da escada que levava aos dois andares superiores, mas não conseguia ver nada além do ponto onde dobravam uma esquina. Subiu lentamente a escada, esperando que Eric se manifestasse antes que Kyle parecesse um perseguidor. Quando a sala no topo apareceu, seu queixo caiu.

Todo o andar parecia ser um estúdio. A parede da frente era toda de janelas, e as outras paredes eram brancas, refletindo o sol do meio-dia. O piso era de madeira clara, e a sala era escassamente decorada com plantas verdejantes e discretas obras de arte. Era um espaço deslumbrante, mas o mais impressionante era o homem no meio da sala, equilibrando-se, sem

camisa, apoiado nos cotovelos, com as pernas esticadas acima da cabeça em uma linha perfeitamente reta.

Kyle observou por um momento a tensão nos antebraços e bíceps musculosos de Eric. As linhas elegantes dos seus pés descalços. Os músculos definidos das suas costas. Ele era a perfeição física.

— Puta merda — sussurrou Kyle, o que fez Eric abrir os olhos. Sua testa franziu ao ver Kyle, então ele calmamente dobrou os joelhos, juntando as pernas ao corpo antes de se ajoelhar lentamente no tapete.

— Bom dia — disse Eric.

— Ainda é de manhã?

— Quase. — Eric se levantou e caminhou até Kyle, o peito brilhando de suor. Ele tinha pelos escuros cobrindo o peitoral, exatamente o que Kyle havia imaginado. Quando se permitia imaginar. O que acontecia com mais frequência do que deveria.

— Desculpe interromper.

— Está tudo bem. Você está com fome?

— Sempre.

— Deixe-me pegar minha camisa.

— Isso é necessário? — Kyle gemeu para si mesmo. — Desculpe.

Eric riu baixinho enquanto pegava a camisa do chão. — Você não durou nem cinco minutos.

— Bem, você pode me culpar? — Kyle acenou com as mãos na direção do peito nu de Eric. — Eu não tive nenhum aviso.

— Não deixarei de te mandar uma mensagem antes de tirar a camisa no futuro.

Os dois ficaram meio paralisados depois que Eric disse isso. Então Kyle riu, principalmente para quebrar a tensão. — Eu agradeceria.

— Vou fazer um café. O que você gosta de comer de manhã? — Eric desceu as escadas e Kyle o seguiu.

— Cereal Lucky Charms. Coco Puffs. Esse tipo de coisa.

Eric franziu a testa. — Ah, uh. Eu realmente não...

— Brincadeira. Sei que não nos conhecemos bem, mas tenho quase certeza de que você não come muito cereal açucarado e sem graça.

— Não. — Seu sorriso era doce e um pouco envergonhado. — Eu não.

— Você já comeu? Não precisa me alimentar.

— Ainda não comi. Gosto de malhar primeiro. Estou com fome. — Chegaram à cozinha e Eric começou a preparar o café. Kyle, sem saber o que fazer, sentou-se em um dos bancos da ilha.

— Você dormiu bem? — perguntou Eric.

— Como os mortos. E você?

— Igualmente. Não costumo ficar acordado até tão tarde. Estava exausto. Você gosta de iogurte grego?

— Claro.

— Tenho frutas vermelhas e granola. E mel.

— Chique.

A cafeteira borbulhava enquanto Kyle observava Eric preparar duas tigelas de iogurte com frutas vermelhas frescas e o que parecia ser granola feita localmente polvilhada por cima.

— Obrigado novamente pela ajuda ontem à noite — disse Eric. Com um sorriso tímido, acrescentou: — Você acha mesmo que todo mundo se divertiu?

— Com certeza. Eles te amam, dá para ver.

— Eles me *respeitam* — esclareceu Eric, colocando uma tigela lindamente montada na frente de Kyle.

— Scott ama você. E Carter.

Eric engoliu uma colherada de iogurte com uma expressão pensativa no rosto. — Sabe, durante anos eu fui basicamente um solitário no time. Ser goleiro cria uma separação natural entre você e o resto do time de qualquer maneira, mas como eu não bebo e não sou o cara mais sociável... bem, nunca me senti realmente parte da turma.

— O que mudou?

Eric sorriu. — Scott Hunter se juntou ao time.

Kyle ignorou a forma como seu coração se apertava como se estivesse em um aperto. — Ah, é?

— Scotty também não é a alma da festa, mas tem uma qualidade que sempre invejei. Ele conquista o respeito de todos ao seu redor instantaneamente. Desde a temporada de estreia. Não havia dúvidas de que ele seria capitão do time algum dia.

— Certo.

— Os outros caras estão sempre buscando a aprovação dele. Querem que ele goste deles. Querem o respeito dele. E o Scott provavelmente percebeu que eu não estava sendo convidado para sair depois dos jogos e que ninguém estava falando comigo no vestiário. Então ele fez questão de conversar comigo. De me convidar para sair.

Kyle suspirou. — Ele é mesmo perfeito, não é?

— Receio que sim. Desculpe.

Kyle sorriu para si mesmo enquanto dava uma mordida no iogurte com amoras. Era até bom conversar sobre isso com outra pessoa além de Maria. — Preciso sair. Sair para alguns encontros.

— Somos dois.

— Ah, é? — Kyle se animou. Ali estava um tópico de conversa interessante. — Você não namora desde... quer dizer, desde...

— Meu divórcio? — Eric ofereceu, prestativo. — Não. Nem um encontro sequer. Nem um encontro casual, nem nada do tipo, ou seja lá como estão chamando agora.

— Espera aí. Você não faz *sexo* desde que, hum...

— Minha esposa me deixou? Não.

Kyle sabia que não era da sua conta, mas não conseguiu se conter. — E isso foi...

— Há mais de um ano.

— Uau. Isso é, hum... você está bem?

Eric riu baixinho. — Estou bem.

— Como você não está, tipo, vibrando com excitação reprimida?

Eric o encarou com aquele sorriso sexy e divertido no rosto. — Vibrando com excitação reprimida?

— É! Eu ficaria... Quer dizer, já faz umas duas semanas e eu basicamente quero comer esse iogurte.

— Por favor, não. E eu nunca senti uma necessidade avassaladora de...

— Transar o dia todo, todos os dias?

— Certo. Isso.

Kyle deu outra mordida no iogurte para provar que estava brincando sobre querer transar com isso. — Você não gosta de sexo?

— Sim. Às vezes. Às vezes gosto bastante. Simplesmente não... me consome. Geralmente.

Kyle ergueu a sobrancelha. — Geralmente?

— Eu posso ficar... distraído. Com pensamentos sexuais. Às vezes. — Meu Deus, Eric estava corando um pouco e Kyle estava no paraíso.

— Talvez da próxima vez que você estiver distraído por pensamentos sexuais sobre alguém, você deva ver se essa pessoa está interessada.

Eric congelou, com a colher a meio caminho da boca. Kyle se repreendeu mentalmente.

— O café está pronto? — perguntou Kyle, praticamente pulando da cadeira para se distanciar de Eric.

— Sim. Eu acho. Provavelmente — gaguejou Eric, cambaleando na direção da cafeteira, e então parou quando percebeu que era para lá que Kyle estava indo. — Você pode, hum. Certo.

— Parece pronto. A luz está...

— Verde. Sim. A luz verde significa concluído.

— Tá. — Kyle quase riu do ridículo que ambos soavam. — Como você bebe? Preto, né? Só um palpite.

— Preto. Sim.

Kyle prometeu a si mesmo que pararia de flertar com o pobre Eric. Não estava adiantando nada para nenhum dos dois. Encontrou duas canecas de café de vidro transparente - todos os talheres de Eric pareciam ser de vidro transparente - e encheu as duas com café. — Outro palpite: você não tem creme.

— Eu tenho leite de aveia.

— Puta merda. Tudo bem. Cadê o leite de aveia?

— Na geladeira. É uma garrafa de vidro sem marca, mas é a única coisa que parece leite. Está ao lado do suco verde.

Kyle abriu a geladeira e a encarou por provavelmente um minuto inteiro. Parecia mais uma câmara frigorífica de laboratório do que uma geladeira. Estava impecável, para começar. Uma prateleira continha uma série de garrafas de vidro sem identificação, contendo líquidos de várias cores e aparência muito saudável. Outra prateleira continha potes cheios do que parecia ser algum tipo de mingau de aveia ou grãos úmidos. Havia ovos, iogurte, frutas vermelhas e alguns condimentos, tudo perfeitamente

organizado. As gavetas de legumes pareciam estar cheias de produtos frescos.

Kyle pensou na geladeira do apartamento que dividia com Maria. Estava abarrotada de sabe-se lá o quê. Definitivamente queijo, cerveja e sobras de comida para viagem. Talvez houvesse algum vegetal lá dentro.

— Parece um anúncio de geladeira de revista — disse Kyle. — É assim que imagino que seria a geladeira da Gwyneth Paltrow.

— Não há piadas que você possa fazer sobre minha dieta que meus companheiros de time não tenham feito um milhão de vezes.

— Você é tão *saudável.* Como consegue fazer isso?

— É importante. Não consigo dar o meu melhor se não cuidar do meu corpo. Principalmente na minha idade.

— Certo. Um homem tão velho aos quarenta e um anos.

— Nos anos de hóquei eu sou um velho.

— Bem, você me parece bem. — *Ops.* Ele entregou uma caneca de café preto a Eric, encontrando seu olhar e encontrando o mesmo interesse que vira na noite anterior. Kyle puxou a mão rapidamente, sem confiar em si mesmo para não roçar os dedos de Eric nos seus. *Eric idiota e sexy...*

Kyle tomou um gole de café perfeitamente coado, apenas ligeiramente prejudicado pelo leite de aveia, e tentou pensar em uma maneira de jogar um balde de água fria na conversa. Ele definitivamente precisava desviar o assunto do sexo.

Mas Eric estragou tudo ao dizer: — Tenho pensado muito em sexo ultimamente.

— Ah? — perguntou Kyle, com a voz um pouco estridente. — Algum motivo?

— É. Eu sou, hum. Eu sou... bissexual. — Eric soltou um suspiro depois de dizer isso. — Eu nunca disse isso em voz alta antes. Uau.

Espera. Que porra é essa? — Você nunca contou isso *para ninguém?*

— Não. Ainda não, pelo menos. Eu quero. Eu só... não disse. Ainda.

— Mas você está me dizendo?

Eric franziu a testa. — Eu não deveria ter feito isso?

Meu Deus. Kyle estava sendo um babaca. — Não! Não, ainda bem que você me contou. Estou... lisonjeado. Que você tenha sentido que podia confiar em mim. Você pode, sabia? Confiar em mim. Não vou contar a ninguém.

— Agradeço. Quero contar para todo mundo logo. Mas por enquanto... eu só queria contar *para alguém.* Se isso faz sentido.

— Sim! Com certeza. E me sinto honrado. Mas isso não responde à minha pergunta sobre por que você anda pensando tanto em sexo ultimamente.

— Certo. Não foi isso que eu quis dizer. — Eric riu, constrangido. — É mais que eu ando pensando em talvez, sabe, namorar. Homens, quero dizer. Mas eu não sei bem como.

— Como? Tipo... você não sabe como ter momentos sensuais com um homem?

— Eu nem sei como encontrar um homem para ter momentos sensuais.

Kyle deu um sorriso largo. — Não sou especialista... na verdade, é mentira. Sou mesmo... mas acho que você conseguiria entrar num bar gay e sair com, tipo, cinco homens muito dispostos. Você já se viu, né?

Eric balançou a cabeça, mas estava sorrindo. — Devo assobiar ou algo assim para anunciar minha presença?

— Sim. Ou se você puder fazer um daqueles chamados de porco?

— Meu Deus — disse Eric, rindo. — Eca.

— Quer dizer, você perguntou como conquistar homens. Não me culpe se não gostar de como funciona.

— Se — disse Eric, ainda rindo — você pensar em algum conselho realmente útil para um divorciado de quarenta e um anos que está procurando conhecer um homem legal, por favor, me avise.

— Você está procurando alguém para namorar ou apenas para trocar boquetes?

O rosto inteiro de Eric ficou vermelho, o que foi incrível de se ver. — Não sei. Encontro, eu acho. Trocar, hum... isso soa tão... transacional.

— É, eu acho. Mas também é meio que demais.

— Acho que não conseguiria fazer isso. Nunca fui muito de ficar. Gosto de conhecer a pessoa primeiro.

— Que legal. Você não está sozinho nisso. Tenho certeza de que nós podemos encontrar um homem legal para jantar com você.

— Nós?

— É. Claro. Quero te ajudar. — Era uma péssima ideia, mas Kyle estava apostando tudo. — A gente devia sair junto. Ver qual é o seu tipo e partir daí.

— Hum.

— Não precisa ser, tipo, uma *boate.* Pode ser um bar como o Kingfisher... mas *não* o Kingfisher, por favor, Deus... e a gente toma uma bebida e dá uma olhada.

Ele observou o rosto de Eric atentamente. Eric não pareceu enojado com a ideia, então foi uma vitória. — Quando você diz *para partir daí*...

Kyle ergueu as mãos. — Sem pressão para fazer nada. Só estou sugerindo um passeio super casual, onde a gente fica se olhando discretamente. É um primeiro passo fácil e seguro.

Eric pareceu refletir. — Certo.

— Incrível! — Kyle estava ficando animado com isso agora. — Isso é ótimo para mim também, porque preciso me expor.

— Então, quando você quer fazer isso?

Kyle tamborilou os dedos nos lábios. — Vou trabalhar amanhã à noite. Posso ir no domingo...

— Tenho um jogo no domingo. Segunda-feira estou livre.

— Estou trabalhando naquela noite. Terça-feira?

— Estarei em Boston na terça. Depois, em Toronto.

Droga. Isso não estava dando certo.

— Bem — Eric disse lentamente — que tal hoje à noite?

— Realmente?

— Claro. Não há momento melhor do que o presente, certo?

— Eu conheço o lugar perfeito. Tem um bar ótimo chamado Fortune que é supertranquilo, mas fica cheio às sextas, então teremos muita coisa para ver. Conheço o gerente do bar de lá e ele é um amor. Ele vai cuidar da gente.

— Certo. — Eric mordeu o lábio. — O que devo vestir?

Kyle bateu palmas. — Eu adoro você de camisa social, mas você estava um tesão ontem à noite de camiseta e jeans.

Eric abaixou a cabeça adoravelmente. — Um tesão?

— *Sim.* Você deveria ir assim. Vista-se de forma mais informal, pareça que não está se esforçando demais, porque não *precisa.* Você poderá escolher os homens.

— Achei que íamos apenas dar uma olhada.

— Vamos sim. Estou só brincando. Por que você não vai na minha casa? Moro a alguns quarteirões da Fortune. Aqui, me dá seu telefone.

Eric pegou o celular que estava carregando no balcão da cozinha e o entregou a Kyle. Kyle digitou seus dados de contato, incluindo seu endereço, enviou uma mensagem para si mesmo e devolveu o celular a Eric.

— Preciso ir — disse Kyle. — Tenho uma pilha de coisas para ler para a faculdade.

— Certo. Certo.

Kyle foi até o quarto de hóspedes e rapidamente vestiu as roupas da noite anterior. — Vou sentir mais sua falta, cama perfeita — disse ele enquanto saía do quarto.

Eric o acompanhou até a porta da frente, e eles compartilharam um momento estranhamente constrangedor em que Kyle sentiu vontade de lhe dar um beijo de despedida. Ele se contentou com um abraço rápido, o que pareceu normal. Kyle abraçava a todos.

— Vejo você hoje à noite — disse ele, envolvendo os braços em volta das costas de Eric.

— Hoje à noite — concordou Eric, envolvendo Kyle com seus braços musculosos. Ele cheirava maravilhosamente bem - um xampu picante e másculo, talvez - e Kyle mal conseguiu se conter e roçar o nariz em seu pescoço. Então, sentiu o roçar suave de Eric suspirando em sua orelha, e Kyle de repente achou muito difícil se soltar.

O abraço durou um momento longo demais para ser considerado rápido e amigável, mas Kyle tentou fingir que não. Eric parecia estar fazendo o mesmo, enfiando uma das mãos no bolso da calça de moletom e erguendo a outra para acenar desajeitadamente. Kyle acenou com a cabeça para ele, recuando até bater na porta. Virou-se rapidamente, abriu a porta e praticamente pulou os degraus para se salvar.

Capítulo Dez

Sabendo que Kyle era barman e estudante de meio período morando em Manhattan, Eric presumiu que seu apartamento seria pequeno e decadente. Ao cruzar a porta, porém, ficou chocado ao ver uma sala de estar espaçosa e iluminada, conectada a uma cozinha moderna e bem equipada. O apartamento inteiro tinha sido claramente construído recentemente; tudo, dos eletrodomésticos ao piso, parecia novo.

— Que lugar legal — comentou Eric enquanto se aproximava das janelas. Olhou para a Rua 19, quatro andares abaixo.

— Obrigado. Só um segundo. — Kyle desapareceu no que Eric presumiu ser seu quarto, então Eric deu uma olhada na sala de estar. Ele foi imediatamente atraído por uma estante cheia de livros na parede ao lado de uma televisão de tela plana. Eric havia se livrado da maior parte de sua coleção de livros quando abraçou o minimalismo e os e-books alguns anos antes. Ultimamente, ele se arrependia da decisão, desejando ter aberto espaço na nova casa para uma biblioteca. Adorava olhar livros, segurá-los. Sentia falta do cheiro de papel.

A coleção de Kyle era eclética e terrivelmente desorganizada. Em uma prateleira, havia histórias em quadrinhos, livros de história sobre a Roma Antiga, a América do Sul e a Primeira Guerra Mundial, autobiografias de celebridades, livros de culinária e romances em inglês, espanhol e francês. Eric pegou um exemplar de capa dura, bem gasto e sem a sobrecapa, da prateleira e o abriu. Estava em italiano, o que o fez sorrir.

Ele deslizou o livro de volta para onde o pegara - entre um manual de drinques e um exemplar de bolso da *Ilíada*. Seus dedos coçaram para

reorganizar a prateleira, mas, em vez disso, ele voltou a atenção para o topo da estante, que estava forrada de fotografias emolduradas e bugigangas. Havia uma foto de Kyle e Maria, ambos rindo com drinques elaborados à sua frente. Ao lado, havia um globo de neve com pequenas colinas de esqui dentro, com a inscrição - *Vermont* - na base. Eric o pegou e o virou, observando a neve cair sobre os pequenos esquiadores de plástico lá dentro.

— Quase como estar lá, né? — A voz de Kyle assustou Eric, e ele quase deixou cair o globo de neve. Era raro alguém conseguir se aproximar dele de surpresa.

— Desculpe. Eu não queria bisbilhotar. — Ele colocou o globo de neve de volta na prateleira. Quando se virou para Kyle, notou que ele estava extremamente atraente com uma camiseta roxa de gola V e uma calça jeans escura e justa.

— Tudo bem. — disse Kyle tranquilamente. — Você já sabe sobre minhas origens ultrassecretas em Vermont.

— Você volta para lá? — Eric não conseguiu evitar de perguntar.

O sorriso sumiu dos lábios de Kyle. — Faz anos que não volto.

— Oh.

— Mamãe e papai mandam dinheiro. Eles pagaram por este lugar. — Ele fez um gesto com a mão. — Mas não. Não fui convidado para ir para casa.

Eric não conseguia entender por que os pais de Kyle não estavam ansiosos para vê-lo o máximo possível. Ele era brilhante e adorável, e estava fazendo mestrado na Universidade de Columbia. Certamente seus pais estavam orgulhosos dele, não?

Ele abriu a boca para dizer... alguma coisa, mas Kyle o interrompeu. — Você está pronto para ir?

Eric decidiu não insistir por enquanto. Pelo menos o mistério do apartamento lindíssimo havia sido resolvido. — Claro.

Kyle pegou o casaco e o cachecol de onde os havia jogado sobre uma cadeira. Seu sorriso voltou, e ele piscou para Eric enquanto dizia: — Vamos chamar a atenção.

Eles não falaram nada até chegarem à rua, e então Eric pensou em uma pergunta que não tinha nada a ver com a família de Kyle. — Quantas línguas você fala?

— Como você sabe que eu falo mais de uma língua?

— Os livros na sua estante. Vi alguns idiomas diferentes lá. — Algo lhe ocorreu. — Ou talvez fossem da Maria.

— Você *estava* bisbilhotando — provocou Kyle. — São meus. Maria também fala espanhol, mas eu também falo italiano e francês. Uma das minhas disciplinas de graduação era latim, então eu sei ler. Um pouco de grego antigo também. Estou estudando grego moderno.

— Puta merda.

Kyle deu de ombros como se tivesse acabado de recitar uma lista de filmes de que gostava. — Aprendo idiomas rápido. Sempre aprendi.

— Você tem sorte. Sei francês o suficiente para me virar, mas idiomas definitivamente não são fáceis para mim.

— Todos nós temos talento. Eu não sou muito bom em ser goleiro.

Eric riu. — Você já tentou?

— Deus, não. Que tipo de maníaco deixa as pessoas atirarem discos nele?

— Alguém cujo primo tinha equipamento de goleiro do qual não precisava mais.

— Foi aí que tudo começou?

Eric assentiu. — Éramos pobres. Tive sorte de conseguir aquele equipamento de segunda mão. — Ele ainda se lembrava de como ficara emocionado na primeira vez que prendera aquelas proteções pesadas nas pernas. Adorara ser goleiro desde o primeiro disco que defendeu. Levava o

jogo a sério, porque levava tudo a sério, mesmo quando criança, e na adolescência via isso como uma forma de resolver as dificuldades financeiras da família. De talvez ter a chance de cursar uma universidade.

— Onde estão seus pais agora? — Kyle perguntou.

Eric sorriu. — Morando confortavelmente às margens do Lago Ontário. Comprei a casa dos sonhos deles quando assinei meu primeiro contrato na NHL.

— Deve ter sido um contrato e tanto.

— A casa dos sonhos deles não é nada extravagante. É só uma pequena e charmosa casa clássica norte-americana, nos arredores de Hamilton, Ontário. Foi lá que eu cresci. Em Hamilton, quero dizer.

— Você é filho único deles?

— Tenho um irmão mais novo e uma irmã mais velha. Os dois ainda moram em Hamilton. Fico feliz por isso, porque raramente volto para casa. Sou um péssimo filho.

— Filhos péssimos não compram casas para os pais.

— Era o mínimo que eu podia fazer. Eles se sacrificaram muito para que eu pudesse continuar no hóquei. Meu pai trabalhava de dia num centro de serviço automotivo e às vezes à noite descarregando caminhões num supermercado. Minha mãe trabalhou no Walmart durante a maior parte da minha adolescência. Minha irmã também trabalhou lá, quando já tinha idade suficiente. Tínhamos sempre dificuldade para pagar as contas.

— E agora você cuida de todos eles.

Não era bem verdade. A irmã de Eric era diretora de escola e o irmão dele, empreiteiro. Mas ele certamente os ajudava tanto quanto o orgulho deles permitia. — Eu faço o que posso.

Kyle enfiou as mãos nos bolsos do casaco e encolheu os ombros contra o frio. — Eu costumava esquiar competitivamente. Era muito tempo e dinheiro para os meus pais. — Ele bufou. — Dinheiro desperdiçado, eu acho.

Eric conseguia ver. O corpo esguio e tonificado de Kyle era definitivamente o de um esquiador. — Duvido que eles vejam dessa forma.

— Sim, bem. — Kyle ficou quieto novamente.

— Sempre fiquei nervoso esquiando — disse Eric, tentando amenizar a situação. — Não consigo me imaginar descendo uma montanha em alta velocidade.

Kyle riu. — Então, ter discos atirados em você é legal, mas esquiar é assustador?

— As pistas são planas.

— Mas esquiar tem as vistas mais incríveis. Eu fui esquiar em geleiras na Suíça no inverno passado e, cara, tenho pena de quem não consegue vivenciar isso. Não consigo nem descrever.

— Com certeza vou acreditar em você — disse Eric, embora de repente percebesse o apelo de aprender a esquiar. Por um instante, ele se perdeu imaginando Kyle lhe ensinando. Será que Kyle já havia trabalhado como instrutor?

Ele não teve a chance de perguntar, pois já tinham chegado ao bar.

Eric já tinha passado um tempo em bares gays antes, obviamente, mas apenas quando acompanhava seu amigo assumidamente gay. Ele nunca se sentira desconfortável em sair com Scott para bares gays, mas aquele era diferente. Desta vez, ele estava em um bar gay sozinho, com o propósito de observar abertamente os homens. E ser observado por eles.

Ele respirou fundo, lentamente, para se concentrar, o que Kyle percebeu. — Você está bem?

— Sim. Não sei por que estou tão nervoso.

— Nada com que se preocupar. Além disso, todos vão ficar olhando para *mim.* — Kyle piscou os cílios caricaturalmente para ele, o que fez Eric rir.

— Boa observação.

Kyle segurou a porta aberta e Eric entrou no bar. Parecia... um bar. Escuro, lotado e animado. Música pop tocava, mas não muito alta. Os clientes eram homens e, como Eric percebeu imediatamente, a maioria era atraente. E mais jovens que Eric.

Isso foi um erro.

— Estou velho demais para isso — murmurou Eric.

— De jeito nenhum. Estou vendo uma mesa que podemos pegar. Você se senta e eu pego umas bebidas. Quer água com gás com limão?

— Claro. Obrigado.

Eric meio que desejou ser ele quem iria ao bar, porque pelo menos isso lhe daria algo para fazer além de ficar sentado sozinho e vulnerável em um bar de paquera. Tirou o casaco e o pendurou no encosto da cadeira, depois puxou um pouco a camiseta. Escolheu uma cinza-claro, mais justa do que normalmente usava, e a combinou com uma calça jeans idêntica à que usara na noite anterior. Quando Eric encontrava algo que lhe caía bem, tendia a comprar várias unidades.

Ele passou a mão no cabelo e na barba enquanto se sentava, depois pegou um cartão especial de bebidas para ter algo para olhar. Estava com medo de, se olhasse para cima, cruzar os olhos com alguém e passar a impressão errada.

Kyle voltou depois do que pareceu uma eternidade, carregando duas bebidas. — Desculpe — disse ele. — O Calvin estava tagarela.

— É o gerente do bar?

— É. A gente trabalhava junto num restaurante de merda. Cara legal. Beijava muito bem.

Eric deu uma risada assustada. — Você beija todos os seus amigos?

Kyle estreitou os olhos como se estivesse pensando bastante. — A maioria, eu acho.

Eric tomou um gole de água em vez de responder.

— O quê? Jogadores de hóquei se beijam o tempo todo. Eu já vi isso — provocou Kyle.

— Normalmente não na boca.

— Vergonha.

Eric balançou a cabeça, sorrindo. — O que você está bebendo?

— É algo outonal e picante que o Calvin criou. Mas vou trocar para refrigerante depois disso.

Eric ficou comovido por Kyle estar disposto a se abster em seu benefício, mas não era realmente necessário. — Você não precisa.

Kyle acenou com a mão. — Eu não me importo. Além disso, estamos aqui em missão. Preciso manter a cabeça fria. — Ele se inclinou. — Então. De quem você gosta?

Eric foi pego de surpresa pela pergunta. E pela resposta que imediatamente lhe veio à cabeça: ele gostava de Kyle. Gostava de seus olhos azuis e claros e de seu cabelo cuidadosamente penteado. Gostava da clavícula que se projetava do amplo decote em V de Kyle.

— Não sei — mentiu Eric. — Todo mundo aqui é muito atraente.

Kyle se virou para o lado e observou a multidão por um momento antes de voltar o olhar para Eric. — É um bom bar para isso. E ele? — Ele acenou para alguém por cima do ombro de Eric, o que significava que Eric teria que se virar para vê-lo.

— Quem? — Eric perguntou, sem se virar.

— Alto, barba, músculos.

Eric se virou, o mais sutilmente possível, e facilmente avistou o homem que Kyle havia descrito. Ele era definitivamente bonito, mas mais do que os companheiros de time de Eric, o que não agradou a Eric.

— Atraente — concordou Eric, virando-se para Kyle. — Mas não para mim.

As sobrancelhas de Kyle se ergueram enquanto ele bebia um gole. — Grande demais? Peludo demais? Qual é o problema?

— Eu acho... — Meu Deus, isso era uma tortura. — Muito... jogador de hóquei.

Kyle riu como se fosse a coisa mais engraçada que já ouvira. Eric escondeu o rosto nas mãos. — Não consigo fazer isso — gemeu.

— Consegue. Eu entendo. Então, vamos procurar alguém menos machão e atlético.

— Eu não disse que não era atlético — argumentou Eric. — Só não... aquele cara. Não sei.

— E ele? — Kyle apontou descaradamente o dedo para a mesa ao lado deles, e Eric o rebateu.

— Não *aponte*!

Kyle cruzou os braços. — Querido. Estamos todos aqui pela mesma razão.

Eric olhou na direção que Kyle apontava e encontrou três homens bebendo drinques. Um deles sorria para Eric.

Eric se virou rapidamente para Kyle. — Ele parece ter dezenove anos!

— Isso é um não?

— Isso é um absoluto não.

— Bom saber.

Eric o encarou. — Aquilo foi um teste?

— De jeito nenhum. Primeiro, ele tem mais de dezenove anos. E segundo, eu namorei homens mais ou menos da sua idade quando eu era mais novo que ele.

Eric *não* gostou de pensar nisso. — Bem, não estou interessado em ninguém tão jovem.

Kyle olhou para a mesa, franzindo a testa. — Qual seria uma idade apropriada, na sua opinião?

— Não sei. Trinta, pelo menos? — Eric escolhera o número porque parecia certo. *Era* certo, não era?

— Entendido — disse Kyle. O tom soou um pouco gélido. — Vamos ver... — Ele olhou ao redor da sala. — Certo. E aquele contador fofo ali?

Eric encontrou o homem para quem Kyle estava olhando. Ele parecia ter uns 30 anos, era magro, loiro e bem-vestido, com óculos e um suéter de gola V sobre uma camisa xadrez. Ele era, de fato, fofo.

— Ah — disse Eric. Ele olhou de volta para Kyle, que sorria de orelha a orelha.

— Acertei dessa vez?

Quase. — Ele é muito... sim. Eu gosto dele.

— Ele parece inteligente, mas não pretensioso — refletiu Kyle. — Vamos adivinhar o nome dele.

Eric zombou. — Você não consegue adivinhar o nome de alguém só de olhar.

— Você pode se divertir tentando — insistiu Kyle. — Aposto que é... Alex.

— Isso é ridículo — disse Eric. — E, além disso, é o Justin.

Kyle riu. — Viu? Divertido. Então, Justin, o contador...

— Nós concordamos que ele é um contador?

— Sim. E ele é de... Wisconsin.

— Wisconsin?

— O pequeno Justin deixou a fazenda e foi para Nova York seguir seus grandes sonhos de contabilidade.

— E aqui está ele.

— E aqui está ele. Prestes a levar um astro da NHL para a cama.

Eric quase se engasgou com o água. — Ele *não está.*

Kyle estendeu o braço sobre a mesa e colocou a mão no antebraço. — Tô brincando.

A pele de Eric se arrepiou sob os dedos de Kyle. — É melhor que sim.

Kyle se recostou na cadeira, tirando a mão. — A propósito, você está lindo. Gostei da camisa.

— Ah. — Eric resistiu à vontade de cutucar. — Obrigado. Você também está lindo.

— Em uma escala de um a me matar, quão desconfortável você está agora?

Ele sorriu. — Pairando perto de matar.

— Relaxa. Não vamos fazer nada com que você não se sinta confortável. Eu prometo. Estamos só conversando e curtindo a paisagem.

— Como isso se compara ao esqui nas geleiras dos Alpes?

Kyle sorriu enquanto seu olhar seguia um belo homem de cabelos escuros que passava pela mesa deles. — Razoavelmente perto.

Eric riu baixinho e tomou um gole de sua bebida, mas seu coração se apertou com algo que parecia vergonhosamente próximo do ciúme.

— Então você não contou ao Scott que é bi? — perguntou Kyle, desviando a atenção de Eric de seus sentimentos confusos.

— Não, ainda não. Eu quero.

— Você acha que ele ficará surpreso?

Era mais provável, pensou ele, que Scott ficasse magoado quando Eric finalmente lhe contasse. — Não sei. Provavelmente.

— Você ficou surpreso quando ele se assumiu?

Eric pensou na resposta antes de falar. — Fiquei surpreso por ele ter se assumido, mas menos surpreso por ele ser gay.

— Enlouqueci quando o vi beijando o Kip na televisão. Passou na tela grande do trabalho e quase derrubei uma bandeja inteira de copos.

— Eu sabia que eles eram um casal e ainda fiquei chocado.

— Foi corajoso pra caramba. Significou muito, sabe? A vibe no bar naquela noite, depois que ele fez aquilo? Foi como se *todos* tivéssemos ganhado a Copa Stanley. Foi uma festa, com certeza. — Kyle bufou. — E me fez sentir bem idiota por achar que tinha uma chance com o Kip.

Pobre Kyle. Eric queria dizer algo reconfortante, mas não. Kyle realmente não tinha chance com Kip. — Você não foi idiota. Scott e Kip fizeram um bom trabalho mantendo o relacionamento em segredo. Ninguém sabia.

— Sim. Bem.

— E você? — perguntou Eric, mudando de assunto. — Quem está te chamando a atenção aqui esta noite?

Kyle apertou os lábios e pareceu estranhamente tímido. Por um segundo, Eric pensou que ele ia dizer que era *ele* quem Kyle estava de olho. Mas então Kyle disse: — Á sua direita. De camisa azul-marinho.

Eric se virou, tentando fingir que estava tirando algo do bolso do casaco, então olhou para cima e avistou um homem alto, com cabelos grisalhos, vestindo uma camisa social azul impecável, desabotoada no colarinho. Eric se virou para Kyle, surpreso. — Ele parece... maduro. Para você.

— É assim que eu gosto deles.

— Mas eu pensei que você evitasse homens assim. — *Como eu.*

— Eu *tento.* Mas não consigo evitar por quem me sinto atraído. Sei que é uma má ideia me envolver com essas pessoas.

Eric mexeu no copo. — Por que você gosta de homens mais velhos?

Kyle soltou um suspiro. — Essa é uma pergunta importante.

— Você não precisa me dizer — disse Eric, embora estivesse ansioso para saber por que alguém como Kyle poderia se sentir atraído por alguém como ele.

— Posso tentar. Acho que tem a ver com a maneira como me sinto quando estou com eles. Gosto de homens da minha idade, não me entenda mal. Já dormi com vários deles e me diverti muito fazendo isso, mas homens mais velhos... — Kyle mordeu o lábio. — Eles me fazem sentir *poderoso.* Como se eu fosse irresistível e eles fizessem qualquer coisa para me agradar. — Ele sorriu, seu olhar se tornando sonhador. — É eletrizante.

Eric expirou trêmulo enquanto o sangue subia para seu pênis. Kyle acabara de descrever as fantasias vagas que o dominavam havia meses, e especialmente nas últimas duas semanas. Ele queria agradar Kyle. Queria mimá-lo até a morte e que Kyle o recompensasse por isso como quisesse. Queria que aquele jovem deslumbrante o conquistasse e deixasse Eric suspirando por mais.

— Mas eles te machucaram? — perguntou Eric, porque precisava ouvir o outro lado naquele momento. A escuridão à beira daquela fantasia.

— Não fisicamente. Mas nunca terminou bem com nenhum deles. Muitas mentiras ou... — Kyle fez um gesto com a mão. — Enfim. Tanto faz.

Eric queria ouvir mais, mas não quis insistir. O que saiu da sua boca foi: — Eles não mereciam você.

O sorriso de Kyle era triste e totalmente errado. — Que gentileza sua dizer isso.

Era verdade, era o que era. Se Eric tivesse a sorte de levar Kyle para a cama, o trataria como um príncipe. Uma imagem vívida de Kyle reclinado, nu, sobre uma montanha de travesseiros surgiu na cabeça de Eric. Eric estaria entre suas pernas abertas, usando as mãos e a boca para dar prazer a Kyle conforme lhe fosse ordenado.

Ele tomou um longo gole de sua bebida e agradeceu silenciosamente ao universo por seu colo estar escondido em segurança perto da mesa naquele momento.

— Eu também aceitaria levar o Justin, o contador, para casa — disse Kyle com um sorriso malicioso. — Ou o twink, para ser sincero. Ou qualquer combinação dos três.

Eric estava completamente perdido. Sexo a três? *Sexo a quatro?* Ele só queria encontrar um homem legal para jantar. Talvez um beijo de boa noite. — Então você não é exigente?

— Tenho padrões elevados, mas gosto de experimentar todos os produtos do supermercado.

Eric riu trêmulo. Seu cérebro estava uma bagunça. — Certo.

As sobrancelhas de Kyle se ergueram. — Ooh. Acho que o Justin está vindo. Será qual de nós chamou a atenção dele?

— Você, tenho certeza — disse Eric. — Espere. Ele está vindo...?

— Oi — disse uma voz atrás do ombro de Eric. — Só queria te dizer que seus olhos são da cor mais linda.

Ele olhou para o homem que havia dito com facilidade as palavras que Eric vinha pensando secretamente havia dias. Era, de fato, o cara fofo, tipo contador. Talvez mais fofo assim de perto.

— Bem, obrigado — disse Kyle, brincando. — Você veio até aqui só para me dizer isso?

— Depende — disse o homem, lançando um olhar interrogativo para Eric. — Você está disponível para ouvir mais?

Eric começou a empurrar a cadeira para trás. Ele daria uma desculpa, iria ao bar ou ao banheiro. Talvez fosse para casa. Ele deveria deixar isso para Kyle.

Antes que ele tivesse a chance de ir embora, Kyle falou: — Na verdade, estamos comemorando nosso aniversário hoje à noite. — Ele estendeu a mão sobre a mesa e pegou a de Eric. Eric ficou boquiaberto. — Bem, *mêsversário*, né, amor?

Os olhos de Kyle estavam cheios de malícia. Os de Eric devem ter demonstrado sua confusão, mas ele conseguiu dizer: — Certo.

— Eu imaginei. — O homem suspirou. — Mas eu tinha que tentar.

— Você é fofo — disse Kyle, ainda segurando a mão de Eric. — Qual é o seu nome?

— Alex.

Kyle lançou um sorriso rápido e vitorioso para Eric e disse: — Sou Kyle, e este é Eric. Meu namorado.

Alex assentiu. — Bem, feliz mêsversário.

— Obrigado — disse Kyle — *Alex*.

Eric lutou para não revirar os olhos. Quando Alex saiu, Kyle soltou a mão de Eric e recostou-se na cadeira. Cruzou os braços sobre o peito, com uma expressão presunçosa.

— Ótimo — disse Eric. — Você adivinhou o nome dele. Parabéns.

— Eu sou um gênio.

— Você tem sorte.

— Eu poderia ter — disse Kyle melancolicamente, olhando na direção em que Alex tinha ido.

— Por que você disse a ele que éramos um casal?

— Porque eu não vou te *abandonar* esta noite. Estou aqui para te apoiar.

— Eu poderia ter ido para casa. Tudo bem. De qualquer forma, tenho treino amanhã de manhã.

— Você *quer* ir para casa?

Não. Eric queria ter essa visão de Kyle o máximo de tempo possível. — Posso ficar um pouco mais.

Kyle estava se divertindo muito.

Certo, sim, ele não se importaria de sair com o fofo Alex, e, sim, era estranho que ele tivesse mentido espontaneamente sobre ser namorado do Eric, mas ainda assim. Ele definitivamente não estava *entediado.*

Eric foi ao bar para pegar a segunda rodada, e Kyle insistiu que queria um refrigerante e não outro drink, o que foi a segunda mentira que ele contou naquela noite.

Ele realmente queria ajudar Eric. Provavelmente estava mais interessado na ideia de guiar Eric até seu primeiro encontro sexual com um homem do que deveria. Queria ter certeza de que a primeira vez de Eric seria agradável. Que seria com alguém paciente, doce e *bom.* Alguém que entendesse a importância disso.

Normalmente, Kyle não consideraria esse tipo de coisa importante. Ficar com alguém era um modo de vida para ele havia tantos anos que ele tinha dificuldade em pensar em sexo como um evento. Parte dele queria empurrar Eric gentilmente para os braços do primeiro homem que lhe chamasse a atenção, mas sabia que não era isso que Eric queria.

Eric buscava *mais.* Um encontro. Um... namorado, supôs Kyle. Alguém com quem compartilhar refeições e conversas. Alguém com quem compartilhar a vida. Por mais que Kyle quisesse ajudá-lo, ele tinha plena

consciência de que não conseguira encontrar isso sozinho, muito menos para outra pessoa.

Então talvez ambos precisassem de um pouco de prática.

— Está movimentado lá em cima — disse Eric ao retornar. Colocou dois copos idênticos de refrigerante na mesa e sentou-se. — Acho que o barman estava flertando comigo.

— A gente faz isso — disse Kyle. — Mas às vezes é sério. Ele era fofo?

Eric deu de ombros. — Já vi coisa mais fofa.

Ah, Eric. Você não está ajudando. — Você retribuiu o flerte?

— Sinceramente, não faço a mínima ideia. Acho que tentei. Não tenho a mínima habilidade para esse tipo de coisa.

— Acho que você está se subestimando. Mas... — Kyle deu um suspiro exagerado — ...acho que estou *aqui* para te treinar.

Os olhos escuros de Eric brilharam. — O que você estaria fazendo agora, neste bar, se não estivesse aqui com seu *namorado*?

— Bem, eu provavelmente estaria indo pros finalmentes com nosso amigo Alex agora.

Eric quase cuspiu a bebida. — *Pros finalmentes?* Quantos anos você tem?

— Vinte e cinco. — Eric estava brincando, mas Kyle percebeu que nunca havia contado a Eric sua idade antes. O riso desapareceu dos olhos de Eric assim que ele ouviu o número.

— Oh.

— Isso é mais velho ou mais novo do que você esperava?

— Acho que é o que eu presumi. Você parece que poderia ser mais jovem. — Eric se encolheu. — Quer dizer... temos alguns caras jovens no time... na casa dos vinte... que parecem ter a sua idade.

— Ah é? Eles são gostosos?

As bochechas de Eric coraram. — Eu jamais olharia para um companheiro de time desse jeito. Principalmente para um dos jovens. Meu Deus.

Jovens. — Certo — disse Kyle, rigidamente. — Trinta e mais. Esqueci.

Ficaram em silêncio por um momento, e a tensão era estranha. Kyle estava irritado e não sabia bem por quê. Ele engoliu em seco e disse: — Então, se eu estivesse aqui para pegar alguém, em vez de comemorar meu aniversário de um mês com meu namorado adorável, provavelmente estaria no bar. Se eu visse alguém de quem gostasse, enviaria alguns sinais óbvios e esperaria que viesse até mim. Uma vez estabelecido o interesse mútuo, o resto é fácil.

— Fácil?

— É. Decida para onde você vai, talvez o que vai fazer quando chegar lá, e então... vá e faça. — Kyle deu de ombros. — Como eu disse, quase todo mundo aqui está esperando transar hoje à noite. Não tem como adivinhar. O segredo é encontrar a pessoa certa.

— E se alguém quiser só conversar com alguém? Talvez trocar números?

Kyle considerou a possibilidade. Imaginou ser aquele homem, aquele que Eric abordou num bar porque achou que seria legal conversar. Será que Eric seria tímido ao iniciar uma conversa, ou calmo e confiante, com aquele olhar sereno e divertido que fazia Kyle querer beijá-lo?

— Acho que seria uma mudança revigorante — disse Kyle. — Faz tempo que não tenho um primeiro encontro de verdade.

— Provavelmente não tanto quanto eu. Vinte anos, mais ou menos.

Vinte anos atrás, Kyle tinha cinco anos. Mas isso não parecia a coisa certa a se mencionar.

Eric levantou o pulso para verificar seu relógio de aparência cara, e foi então que Kyle notou algo.

— Você tirou sua aliança.

Eric olhou para os dedos como se não tivesse ideia do que Kyle estava falando. — Sim. Achei que talvez estivesse na hora. — Ele disse como se não fosse grande coisa, mas Kyle imaginou que não tinha sido fácil.

— Minha primeira dica para ter sorte seria: sempre tire sua aliança antes de tentar dar em cima de alguém.

Eric riu. — Eu provavelmente deveria ter percebido isso antes. Eu disse que estava usando por motivos supersticiosos, mas talvez eu estivesse usando como um escudo.

— Você não estava pronto antes — disse Kyle gentilmente.

— Não — concordou Eric. — E por mais estranho que seja não estar usando agora, acho que estou pronto para voltar à ativa.

— Escudos abaixados.

Eric assentiu. — Escudos abaixados. — Ele flexionou os dedos e apoiou a mão na mesa. — Isso vai parecer bobo para você, mas estou nervoso em jogar sem ele.

— Sem o anel? — Isso não fazia sentido para Kyle.

— Sim. Vamos viajar depois de amanhã, e será a primeira vez que jogo sem usar o anel desde a minha segunda temporada.

Kyle achou que tinha entendido agora. — Você é supersticioso.

— Muito. Sei que o anel não me torna um goleiro melhor, mas mesmo assim. Vai ser estranho.

— Você vai ter que encontrar um novo amuleto da sorte. — A imaginação de Kyle partiu para outra aventura, imaginando um cenário em que Eric estaria usando algo que Kyle lhe dera por baixo do uniforme de hóquei. Talvez uma pulseira fina de couro...

— Tenho muitas superstições. Não preciso de uma nova.

— Ah é? Tipo o quê?

Eric cruzou os braços. — De jeito nenhum. Você vai tirar sarro de mim.

— Não vou. Não consigo imaginar você fazendo algo muito maluco. Então, o que é? Meias da sorte?

— Coloco e tiro meu equipamento exatamente na mesma ordem. Todas as vezes.

— Certo. E o que acontece se você não fizer isso?

— Não sei. Nunca aconteceu.

— Mas você fez isso e jogou um jogo ruim.

— Claro.

— Então...

Eric bufou. — Eu sei. Não faz sentido. Esquece.

— Não! Não estou tirando sarro de você, prometo. Só estou... interessado.

— Interessado em saber como eu sou maluco? — Eric sorriu. — E piora. Você acredita que eu falo com as minhas traves?

Os olhos de Kyle se arregalaram de alegria. — Sério?

— Muito sério.

— Isso parece tão... fora do personagem? O que você diz as suas traves?

— Agradeço quando param um disco que passou por mim. Reclamo dos outros jogadores para elas. — Eric deu de ombros. — Ser goleiro é um trabalho solitário às vezes.

— Isso é extremamente adorável. Adorei.

Eric sorriu e então cobriu a boca com uma das mãos enquanto seu rosto se esticava em um bocejo.

— Você precisa ir para a cama? — perguntou Kyle.

— Sim. Tento dormir antes das onze na maioria das noites. Já são duas noites seguidas acordado até tarde.

— Sou uma péssima influência.

— Talvez eu precise de uma.

Aquilo pairou no ar por um instante carregado. Então Eric se levantou, pegou o casaco e o vestiu enquanto se virava para a porta. Ele certamente parecia estar com pressa.

Kyle se ajeitou discretamente embaixo da mesa, pegou seu casaco curto demais e o vestiu enquanto seguia Eric para fora do bar.

— Eu te acompanho até em casa — disse Eric quando ambos estavam na calçada.

Ele não precisava, mas Kyle não ia recusar. Eles andaram meio quarteirão e Eric disse: — Obrigado por esta noite.

— Você acha que ajudou?

— Sim. Sei que não pareceu grande coisa, mas isso foi tudo novo para mim. Acho que é um pouco menos assustador agora. Então, obrigado.

— Estou feliz.

Eles caminharam mais um minuto em silêncio, então Eric soltou uma risada.

— O quê? — Kyle perguntou.

— Nada. Quer dizer, nada engraçado. É horrível se eu admitir que uma grande parte de mim quer continuar saindo com mulheres porque pelo menos já sei o que fazer?

— Não é horrível. Isso faz bastante sentido. Mas sexo com um homem não é tão diferente.

Eric zombou, e Kyle admitiu: — Ok. *É* diferente. Eu presumo. Só fiquei com homens. Mas não precisa ser assustador.

Eric pareceu refletir sobre isso. — Quero ver como é estar com um homem. Sei que provavelmente é ridículo dizer isso, mas sinto que algo vai se encaixar quando eu fizer isso.

Kyle entendeu o que Eric estava tentando dizer, mas queria deixar algo claro. — Você sabe que não é menos bissexual se nunca ficar com um

homem, certo? Sua sexualidade continua completamente válida e real, quer você faça sexo com um gênero, com vários gêneros ou com ninguém.

Eric ficou em silêncio por um longo tempo antes de responder: — Eu sei. Mas ainda parece... teórico.

— Não é. Você sabe quem você é e por quem se sente atraído. Você não precisa agir para que isso se torne realidade. — Ele olhou para Eric, que estava com a testa franzida, e decidiu acrescentar: — Mas querer agir também é válido. Se fazer isso é importante para você, então você deveria fazer.

— Obrigado — disse Eric baixinho. — Foi bom ouvir isso. Tudo.

— É tudo verdade.

Chegaram ao prédio de Kyle. Ele se levantou na ponta dos pés, depois se apoiou nos calcanhares, com as mãos firmemente enfiadas nos bolsos do casaco para não tentar alcançar Eric.

— Bem. — disse Eric. Ele estava de frente para Kyle, deixando talvez uns 30 centímetros de espaço entre os peitos. Eles eram de altura próxima - Eric uns 2,5 centímetros mais alto - e seria muito fácil para Kyle se inclinar um pouco e ajudar Eric a riscar da lista *Beijar um Homem.*

Mas ele não o fez. Porque não tinha o direito de roubar aquela primeira vez dele. Mesmo que os olhos de Eric estivessem um tom mais escuros do que estavam um momento antes.

— Podemos fazer isso de novo, se você quiser — disse Kyle. — Talvez ir a uma balada. Dançar. Às vezes é mais fácil quando você simplesmente... se deixa soltar.

Eric sustentou o olhar. — Não sou bom em se deixar soltar.

Os lábios de Kyle se curvaram. — Notei. — Mas, meu Deus, ele queria ajudá-lo. Queria desvendar completamente aquele homem, deixá-lo

desesperado e desinibido. Seria um desafio levá-lo até lá, mas Kyle se sentia à altura da tarefa. O que *não era* o que ele deveria estar pensando.

— Vou ficar ocupado por um tempo, mas talvez depois disso possamos...

— Iniciar a segunda fase da Operação: Arranjar um Homem para Eric?

Eric bufou. — É. Mas não vamos chamar assim.

— Posso dizer assim. Então, vamos a uma balada na semana que vem?

Eric acenou com a cabeça para a calçada e então ergueu o olhar. — Talvez.

Kyle se inclinou então, porque não conseguiu evitar. Beijou Eric na bochecha. Foi casto, mas seus lábios se demoraram avidamente na pele de Eric. Ele se afastou o suficiente para encontrar o olhar de Eric. Havia uma pergunta ali, um pedido silencioso de permissão. Kyle sabia que deveria se afastar, mas sentia a respiração de Eric contra seus lábios, e ele queria muito aquilo. Então, em vez de fazer a coisa certa, Kyle inclinou a cabeça e deixou Eric diminuir a distância.

Por um momento aterrorizante, Eric não reagiu, e Kyle achou que tinha interpretado mal a situação. Então, finalmente, os lábios de Eric tocaram os seus, perfeitamente gentis e doces. Kyle se forçou a ficar parado, para deixar Eric explorar seus lábios com movimentos cuidadosos e hesitantes, que lançaram faíscas por todo o corpo de Kyle.

Ele se afastou, só para ter certeza de que Eric estava bem com aquilo. Eric, impotente, perseguiu a boca, o que fez Kyle rir e beijá-lo apropriadamente. Ele colocou a mão delicadamente na lateral do rosto de Eric, acariciando sua barba macia, e entreabriu seus lábios, convidando-o a entrar. Quando as pontas de suas línguas se tocaram, Kyle gemeu e se abriu para ele, precisando de mais. Ele estava encantado com a inocência daquele beijo, mas ansiava porque Eric o possuísse de verdade.

Desta vez, Eric interrompeu o beijo, afastando-se o suficiente para encará-lo com os olhos arregalados e a boca aberta, como se estivesse surpreso ao

ver Kyle ali. Kyle estava pronto para fazer uma piada para aliviar a tensão e deixar Eric saber que aquilo não precisava ser grande coisa, mas antes que pudesse dizer uma palavra, Eric estava sobre ele novamente. Seus braços envolveram as costas de Kyle, puxando-o com força contra seu corpo enquanto ele o inclinava ligeiramente para trás e o beijava com voracidade. O estômago de Kyle se revirou com a avassaladora certeza disso enquanto ele o beijava de volta, engolindo os pequenos gemidos que Eric estava dando.

Finalmente eles se separaram, e Eric encostou a testa na de Kyle, as nuvens brancas de suas respirações se misturando enquanto ambos ofegavam.

— Uau — disse Kyle. — Acabamos de fazer isso.

— Sim — concordou Eric.

— Tudo bem?

Eric ficou imóvel por um instante, e Kyle sentiu um aperto no estômago. E se não tivesse dado certo? E se Kyle tivesse roubado o primeiro beijo de Eric com um homem, algo que deveria ter sido especial?

Mas então Eric assentiu com a cabeça na testa de Kyle. — Foi mais do que bem.

Kyle sorriu, aliviado. Estava tentado a beijar Eric novamente, mas sabia que precisava erguer algumas barreiras antes que as coisas saíssem do controle.

Kyle deu um passo para trás. — Pronto, isso aí já foi.

Eric franziu a testa. — Já foi?

— Seu primeiro beijo com um homem. Pode riscar isso da lista.

— Não foi isso que eu...

— A propósito, você se saiu bem. — disse Kyle, antes que Eric pudesse dizer qualquer coisa que pudesse levá-lo a convidá-lo para subir. — Beijo nota 10.

— Obrigado. — Eric levou os dedos aos lábios. Parecia perplexo, e Kyle percebeu que provavelmente estava sendo insensível. Ele estendeu a mão para pegar a outra de Eric.

— Ei — disse ele gentilmente. — Eu me diverti esta noite.

— Eu também. — Meu Deus, ele parecia tão perdido. Parecia que o seguiria para qualquer lugar, e Kyle achou difícil resistir. Ele queria aquele homem, queria levá-lo para o andar de cima e lhe ensinar tudo o que sabia sobre sexo. Queria continuar conversando com ele e beijando-o. Mas Eric não gostava de encontros casuais e deixara claro que Kyle era jovem demais para ele namorar. Mas talvez houvesse uma terceira opção.

Ele decidiu fazer uma oferta casual a Eric. — Vou deixar isso claro: se você quiser que eu te ajude com qualquer outra... novidade... eu ficaria feliz em ajudar. Quando quiser. Sem compromisso.

As sobrancelhas de Eric se ergueram. — Hum, obrigado. Isso é...

Kyle ergueu as mãos. — É uma oferta. Você não precisa aceitar. E não precisa decidir agora. Mas eu poderia te ensinar algumas coisas de uma forma segura e sem julgamentos. Talvez te faça sentir mais confiante em relação a encontros.

Eric pareceu atordoado, mas assentiu. — Vou pensar no assunto.

Kyle mordeu o lábio, inclinou-se e lhe deu um beijo rápido na boca. — Você tem o meu número.

O olhar de Eric ainda estava fixo na boca de Kyle. — Sim. Boa noite, Kyle.

— Feliz aniversário, querido.

Capítulo Onze

Obviamente, Eric não deveria ter beijado Kyle. Não que não tivesse sido bom.

Bom. Nossa, foi de arrepiar. Foi... afirmativo. Ele não era beijado há mais de um ano, e nunca tinha sido beijado daquele *jeito.* Ele não conseguiu parar de sorrir ou tocar os próprios lábios durante toda a viagem de táxi para casa.

Mas só porque foi um beijo infernal não significava...

Ai!

Eric sacudiu o protetor de bloqueio e tirou a máscara. — Ei, dá pra parar com esses chutes na cabeça? — gritou para todos no gelo ao mesmo tempo. — Isso doeu pra caramba.

— Desculpa, Benny — disse Matti, patinando até ele com uma expressão preocupada. — Esse me escapou.

Eric suspirou enquanto esfregava a testa. Na verdade, ele deveria ter prestado mais atenção. Odiava o quão distraído estivera durante todo o treino. — Só tome cuidado — resmungou enquanto recolocava a máscara.

Ele estava exausto. Não só havia ficado fora até mais tarde do que o habitual na noite anterior, como também não conseguira dormir depois de chegar em casa. Seu corpo vibrava de adrenalina depois daquele beijo. Sua mente fervilhava com as possibilidades que Kyle lhe oferecera tão casualmente.

Sem compromisso.

Eric sabia que isso era real. Amigos com benefícios, ou algo assim. Ele simplesmente nunca tinha tido isso antes e não tinha certeza se *conseguiria.* Talvez ele não tivesse esse porte.

Mas ele também não podia pedir mais nada a Kyle. Sexo com um homem mais velho era uma coisa, um relacionamento com alguém quinze anos mais velho era outra. Então, na noite passada, ele se convenceu de que não aceitaria a generosa oferta de Kyle. Então, ele ejaculou com sua maneira habitual e eficiente. Mesmo esse alívio não foi suficiente para fazê-lo dormir, e ele ficou se revirando na cama por horas.

Eric precisava se concentrar. Seu time estava em quarto lugar na divisão e embarcaria em uma viagem na manhã seguinte contra adversários difíceis. Seus gols pessoais contra a média estavam longe de ser os melhores, mas também não eram ruins. Ele ainda estava no caminho certo para terminar esta temporada - encerrar sua carreira - com dignidade.

Ele também gostaria de manter alguma dignidade na vida pessoal. Namorar um homem muito mais jovem o transformaria numa crise de meia-idade ambulante, e Eric realmente não queria esse tipo de atenção. Ele não conseguia suportar a ideia de ser um homem recém-divorciado se recuperando com uma pessoa bonita e jovem. E havia o fato de Kyle ser homem.

O treinador Murdock apitou. — Vamos trazer essas redes. Farmer, Woody — gritou para dois dos novatos. — Peguem uma rede. Empurrem-nas para as bordas do círculo aqui. — Ele apontou o taco para o círculo no canto à esquerda de Eric.

Eric patinou até Carter, só para sair do caminho de Woody. Carter deu um soquinho no bloqueador de Eric e disse: — Rinque pequeno!

— Você adora rinque pequeno.

— Porque sou o melhor nisso.

Eric pegou um disco com o taco de goleiro e começou a rebatê-lo no gelo. — Estou péssimo neste treino.

— Alguém te manteve acordado ontem à noite?

O disco escapou de Eric. — Não — ele mentiu.

— No vestiário você parecia um pouco... — Carter acenou com a mão de um jeito que não sugeria absolutamente nada que Eric conseguisse decifrar. — Sonhador.

— Você está inventando coisas.

Carter apontou para os próprios olhos. — Eles não mentem.

— Aparentemente mentem porque...

— Certo, senhores — berrou o treinador. — Vão para o círculo. Um goleiro em cada rede, e vamos fazer exercícios um contra um até eu mandar parar.

Eric patinou até a rede mais distante. Ao passar por Tommy, cutucou-o e disse: — Manda ver.

— Pode crer.

Os jogadores se reuniram em um dos lados do círculo, e o treinador enviou dois jogadores para disputar o disco e tentar arremessar em uma das redes. Eric geralmente gostava desses exercícios, mas a pequena superfície de gelo o impedia de relaxar. Ele precisava se concentrar na ação, pois ela nunca se afastava mais do que alguns metros dele. Hoje, a situação estava exaustiva.

Eric não gostava de sofrer gols durante os treinos, assim como não gostava durante os jogos. Mas sua capacidade de defender discos dependia muito mais do seu estado mental do que do seu estado físico, e hoje seu estado mental estava péssimo. Até os novatos estavam marcando gols nele.

Quando o treino finalmente terminou, o treinador de goleiros, Quinn Cameron, gesticulou para que Eric fosse para o banco. — O que está acontecendo, Eric?

Eric levantou a máscara. — Não dormi bem ontem à noite.

— Explica por que você está com uma cara horrível. — Quinn o observou, franzindo a testa. — Não está dormindo. Isso não é típico de você.

— Eu sei.

— É só isso?

Eric deu de ombros, um ombro enorme e acolchoado. — Acho que sim.

— Como está sua cabeça? Aquele chute do Matti pareceu doer.

— Não foi tão ruim assim. Só estou mal-humorado hoje.

Quinn deu um sorriso irônico. — Com o tempo, vem a idade.

— Sim.

Quinn tinha apenas dez anos a mais que Eric, mas parecia muito mais velho. Ele andava mancando visivelmente por causa de um disco que lhe quebrou o tornozelo quando ele próprio jogava na NHL. Ele fez uma cirurgia de substituição do quadril quando tinha mais ou menos a mesma idade de Eric e, graças a anos levando pancadas na cabeça como a que Eric acabara de minimizar, era propenso a tonturas. Eric também já tivera sua cota de lesões ao longo dos anos; seu ombro esquerdo era uma fonte frequente de sofrimento, mas estava relativamente bem desde a última operação que fizera. Ele fazia o máximo que podia fora do gelo para compensar o castigo que seu corpo sofria no gelo. Seus companheiros de time o provocavam por ser um fanático por saúde, mas Eric não queria acabar como Quinn. Se ioga, sono e alimentação saudável lhe dessem a chance de evitar isso, ele continuaria.

Este era o quarto treino consecutivo em que Eric planejava contar aos seus treinadores que se aposentaria após esta temporada. Seria tão fácil pedir a Quinn, naquele momento, que reunisse os treinadores para que Eric pudesse contar a eles. Mas ele não conseguia se obrigar a formular as palavras. A verdade era que estava com medo. Assim que anunciasse, seria para valer. Por mais certo que estivesse em seu coração de que aquela era a decisão certa, ele não estava pronto para que fosse para valer.

Sua mente estava tão confusa hoje. O medo de abandonar o hóquei conflitava com o medo do desejo que sentia por Kyle. Esses pensamentos se misturavam ao estresse do seu fraco desempenho no treino de hoje, à euforia de finalmente explorar sua sexualidade e à terrível incerteza que seu futuro reservava.

Ele realmente precisava de um cochilo.

Depois de tomar banho e se vestir, decidiu caminhar da arena até sua casa. Esperava que o ar fresco e o exercício adicional ajudassem a clarear a mente. Enquanto caminhava, tentou pensar razoavelmente sobre o que Kyle havia sugerido. Ele analisou os fatos e os organizou cuidadosamente em sua mente.

O primeiro era que ele gostava de Kyle, sentia-se atraído por ele, e parecia que a atração era mútua. O segundo fato era que Kyle parecia ter uma relação muito descomplicada com sexo e havia se oferecido para transar com Eric. O terceiro fato era que Eric estava nervoso em transar com um homem. Ou com qualquer pessoa, na verdade. Só tinha sido Holly desde a adolescência, e não tinha sido com muita frequência durante os últimos anos juntos. O quarto fato era que ele não conseguia se imaginar transando com um estranho. Simplesmente não o atraía. Na verdade, meio que o repelia.

Fato número cinco: a ideia de sexo com Kyle *não* o repelia. Nem um pouco.

Eric analisou esses fatos durante todo o caminho para casa. Ele examinou cada um deles, embaralhando-os como cartas e esperando que um plano de ação claro surgisse. O que o incomodava era que não tinha certeza do que aquilo significava, que queria transar com Kyle. Ele sabia que era um simples problema de lógica: Eric Bennett só gosta de transar com pessoas por quem tem sentimentos. Eric Bennett quer transar com Kyle. Portanto...

E era justamente por isso que ele *não conseguia* fazer sexo com Kyle.

A menos que ele pudesse.

Puta merda.

Quando Eric chegou em casa, correu direto para o quarto e se jogou na cama. Era tão macia e maravilhosa.

E solitário.

Finalmente, quando sentiu vontade de se mexer novamente, tirou as roupas e se acomodou sob os cobertores. Ao fechar os olhos, lembrou-se de cada detalhe do beijo que havia feito com Kyle na noite anterior. O calor da língua de Kyle e a pressão fria de seus dedos no queixo de Eric. O jeito doce como riu quando Eric se inclinou gananciosamente para mais.

Eric corou. Será que Kyle estava pensando naquele beijo tanto quanto ele? Provavelmente não.

Sua pele estava quente em todos os lugares, e ele chutou os cobertores. Normalmente, masturbar-se não era algo diário para ele, mas sua mão encontrou o caminho até o pênis e começou sua rotina habitual de estocadas rápidas e fortes. Ele gozou rápido, como sempre, segurando o gozo na mão.

Alguns minutos depois, enquanto se lavava no banheiro, ele se perguntou como seria se o sexo fosse algo que ele não estivesse apenas tentando superar. Que a liberação sexual não fosse apenas uma manutenção que ele proporcionava ao seu corpo, como uma massagem ou alongamento. Ele nunca fora aventureiro na cama e nunca prolongara deliberadamente suas sessões de punheta. Concentrou-se em atingir o orgasmo e na maneira como seu corpo respondia à liberação da tensão.

Ele não tinha dúvidas de que Kyle poderia lhe ensinar exatamente como o sexo podia ser bom. Sua imaginação o vinha chocando ultimamente com fantasias detalhadas de Kyle provocando-o e lentamente extraindo orgasmos dele. Naquela manhã, enquanto preparava o café da manhã, ele se distraiu completamente com um devaneio tão vívido que praticamente conseguia sentir as carícias de Kyle. E isso depois que as lembranças do beijo

da noite anterior o compeliram a se masturbar no chuveiro. Ele imaginou palavras obscenas e persuasivas na voz suave e brincalhona de Kyle enquanto se acariciava, e então ofegou o nome de Kyle enquanto a liberação de Eric respingava em seu azulejo escuro do box.

Ele queria que fosse real. Tudo. Queria que Kyle eliminasse a ansiedade de ter intimidade com um homem e queria recompensá-lo por seus esforços. Queria ser *bom* em dar prazer a um homem. Em dar prazer a Kyle.

E ele queria parar de pensar nisso. Estava perdendo o controle de si mesmo e odiava essa sensação. Talvez a única maneira de extinguir esses pensamentos fosse fazendo algo a respeito. E o que Kyle lhe oferecera não era uma ficada, nem um relacionamento. Era instrução e paciência, e talvez fosse exatamente o que Eric precisava.

Ele gostaria de ter outra pessoa com quem pudesse conversar sobre isso. Raramente buscava uma segunda opinião sobre qualquer assunto, mas, naquele assunto em particular, precisava de alguns conselhos.

Scott, claro, era a escolha óbvia. Ele nunca fora de falar sobre sexo - na verdade, Scott tendia a corar e gaguejar só de mencionar -, mas certamente sabia como encontrar a coragem para ser você mesmo. Sabia o quanto isso seria importante para Eric.

E já passava da hora de Eric contar ao seu melhor amigo.

Eric bateu na porta do quarto de hotel de Scott. Ouviu-o conversando com alguém e pensou em ir embora, mas a porta se abriu antes que ele pudesse recuar. Scott sorriu ao vê-lo e então segurou a porta aberta com a mão que não segurava o celular no ouvido.

— É o Benny — disse Scott ao celular quando Eric passou por ele e entrou na sala. Então, para Eric — Kip mandou um oi.

— Olá, Kip.

Pelo menos eles não estavam fazendo sexo por telefone. Carter certa vez roubou uma das chaves do quarto de Scott para pregar uma peça nele. Quando abriu a porta, pensando que Scott tinha saído, ele viu o que não devia. Sempre que Carter contava a história, ele parecia assombrado.

Scott encerrou a ligação depois de três - *eu te amo* - e se virou para Eric, com os olhos brilhantes e as bochechas rosadas. Ele era realmente absurdamente bonito.

— O que foi? — perguntou Scott.

A expressão de Scott ficou séria quando Eric se sentou na cama. Ele empurrou uma cadeira de escritório e sentou-se de frente para ele. — Está tudo bem?

— É. Está bem. Só que, hum... tem uma coisa que eu queria te contar.

Scott franziu a testa. — Certo. Estou ouvindo.

Eric respirou fundo. Era o momento dele. Não deveria ser difícil se assumir bissexual para o seu melhor amigo assumidamente gay, mas... Bem.

— Eu só queria te dizer... — Eric bufou e balançou a cabeça. — Não é nem grande coisa. Eu não sei por que eu...

— Eric. — Scott colocou a mão no pulso de Eric. Ele quase nunca o chamava pelo primeiro nome. Não disse mais nada, apenas esperou calmamente que Eric estivesse pronto para falar.

Eric se lembrou de quando Scott se assumiu para ele. Foi em um quarto de hotel como este, mas Carter e seu ex-companheiro de time, Greg Huff, também estavam presente. Eric pensou em convidar Carter desta vez, mas decidiu que não se tratava tanto de Eric se assumir para os amigos, mas sim de receber conselhos de Scott, especificamente. Ele contaria a Carter em breve.

Como Scott conseguiu dizer aquelas palavras naquele momento? Eric sentiu como se estivessem presas na garganta, grossas e impossíveis de

pronunciar. Respirou fundo, soltou as palavras e disse: — Eu não sou... hétero.

Scott arqueou as sobrancelhas. — Você é gay?

— Não. Acho que sou bissexual. Sempre presumi que era isso que eu era, de qualquer forma.

— Sempre? — Scott ficou pasmo, e Eric não o culpou. Se Eric sabia há tanto tempo que era bissexual, por que esperou tanto para contar a Scott? Por que deixou Scott derrubar aquele muro sozinho?

— Eu *sabia* — disse Eric cuidadosamente — mas não admitia. Eu sempre *soube*.

Scott juntou as mãos e olhou para o chão. Eric se sentiu um merda. Ele tinha sido um covarde.

Então Scott olhou para cima. Seus olhos brilhavam e ele sorria. Era confuso.

— Scott?

— Jesus, Benny. Vem cá. — Scott se levantou e abriu os braços. Eric, ainda perplexo, levantou-se e se aproximou dele. Scott o envolveu em um abraço apertado que Eric tentou retribuir, mas seus braços estavam praticamente presos ao lado do corpo. Ele bateu na cintura de Scott com a ponta dos dedos, no que esperava ser uma demonstração de afeto.

Quando Scott se afastou, estava radiante e com os olhos ainda marejados. — Obrigado por me contar.

— Eu só... precisava dizer isso, sabe?

— Ah, acredite, eu sei. — Scott passou a mão no rosto. — Você contou para mais alguém? Espere. — Seus olhos se arregalaram. — Você está *saindo com* alguém?

— Não — disse Eric rapidamente. — Quer dizer, sim. Já contei para outra pessoa. Mas não. Não porque estou saindo com ele. Ou com qualquer outra pessoa. Não estou saindo com ninguém.

Scott pareceu decepcionado, depois sorriu timidamente. — Desculpe. Fiquei um pouco animado. Então você contou para outra pessoa?

Eric recostou-se na cama. Por algum motivo, a ideia de contar a Scott que havia confiado em Kyle parecia mais aterrorizante do que revelar sua sexualidade. Então, em vez disso, perguntou: — Quando você e o Kip... — Fez uma pausa, sem saber como expressar a frase. — O Kip foi o primeiro homem que você...

Meu Deus, por que isso era tão difícil? Os dois eram adultos.

Mas Scott, previsivelmente, corou ao perceber o que Eric estava perguntando. — Não, hum. Ele não foi meu primeiro. — Ele sorriu timidamente. — Eu queria que ele tivesse sido, mas já tive algumas transas rápidas antes dele. Por quê?

Eric passou a ponta do dedo sobre o edredom do hotel. — Eu estava pensando que gostaria de experimentar. Estar com um homem, quero dizer. — Os olhos de Scott se arregalaram, e Eric percebeu de repente como isso poderia ser mal interpretado. — Não com você! Não é por isso que estou aqui.

Scott soltou uma risada trêmula. — Ah. Ótimo. Nossa, fiquei nervoso por um segundo.

Eric balançou a cabeça. — Com outra pessoa, eu prometo.

— A pessoa para quem você já se assumiu, talvez?

Eric desviou o olhar, percebendo tarde demais que Scott interpretaria isso como o *sim* que era. Ele só planejara contar a Scott que era bissexual e talvez fazer algumas perguntas vagas sobre ficar com homens. Mas agora, com Scott sorrindo para ele com expectativa, Eric decidiu que queria

compartilhar pelo menos parte disso com seu melhor amigo. — Vai soar estranho, mas eu contei para o Kyle.

— Kyle? Tipo, o Kyle, de quem a gente queria que você fosse amigo?

— Sim.

— Kyle, com quem eu *disse* que você se daria muito bem?

— O mesmo. Parabéns.

Scott deu um soco no ar e Eric mordeu o lábio para não sorrir.

— Vocês estão, tipo... Quer dizer, vocês, hum... — Scott gaguejou.

— Somos *amigos.* Ele tem metade da minha idade.

— Ele não tem nem *metade* da sua idade, pelo amor de Deus. Mas, sim. Ele é jovem.

— Novo demais para mim — disse Eric. Se repetisse isso várias vezes, talvez seu cérebro começasse a ouvir. — Mas ele tem me ajudado a navegar por essa situação.

A expressão de Scott ficou pensativa e ele disse: — Ele seria bom nisso. Os últimos dois anos não foram fáceis para o Kip, e Kyle tem sido um bom amigo para ele.

— Não foi fácil? — perguntou Eric. Pelo que ele sabia, Kip havia encontrado o Príncipe Encantado e iria cavalgar em direção ao pôr do sol com ele.

— De repente, ele está sob os holofotes. Sei que ele está feliz comigo, mas o resto não tem sido fácil. Ele perdeu amigos e teve que lidar com o fato de ser metade de um casal muito público. Recebemos muito apoio, e isso é incrível, mas também recebemos... outras coisas.

Eric sabia disso, era claro. Ele via os comentários postados no final de artigos online e ouvia as coisas ignorantes gritadas pela torcida quando o time estava fora de casa. Que diabos, ele as ouvia gritadas por pessoas - ele se recusava a chamá-las de torcedores - nos jogos em casa, em Nova York.

Isso sempre o enfurecia. Estranhamente, ele percebia agora, só sentira indignação por Scott quando ouvira as ofensas. Nunca por si mesmo.

— Sinto muito — ele disse, agora.

Scott fez um gesto com a mão. — Passei a vida inteira preocupado com o que *eles* pensam. Chega.

Eric sorriu ao ouvir isso.

— Então — disse Scott. — Você vai se assumir? Vai namorar?

— Quer dizer, ainda não. Mas eu gostaria.

— Homens, hein?

— Talvez. Estou curioso, eu acho — Eric zombou. — Isso parece tão clichê.

— É emocionante, é isso! Você devia vir com a gente um dia desses. Vai ter um evento beneficente numa balada na semana que vem que a gente vai ajudar. É um show de drag... um evento de Natal... e vai ter dança depois, claro. Vou ficar no palco durante parte do show, então você pode pelo menos me ver sendo zoado por umas drag queens.

— Isso é muito tentador. — Realmente parecia ideal. Seria tranquilo, porque Eric poderia estar lá apenas para apoiar o amigo. E ele poderia ir embora antes da balada começar. Talvez aquela pudesse ser a noite assumido que Kyle havia sugerido. Ele gostaria que Kyle estivesse lá. Para apoiá-lo.

— Sério — disse Scott gentilmente enquanto se recostava na cadeira em frente a Eric — seria ótimo ter você aqui. E fico feliz que o Kyle esteja te aconselhando sobre, hum, o lado amoroso das coisas. Sinceramente, eu sou péssimo com essas coisas.

— Ele está muito entusiasmado — disse Eric. Mordeu a bochecha para conter um sorriso que, tinha certeza, entregaria o fato de Kyle ter se oferecido para fazer sexo com ele.

Scott sorriu radiante. — Não acredito que tive um companheiro de time queer esse tempo todo!

As palavras foram ditas alegremente, mas Eric não conseguiu evitar que a culpa voltasse a invadir. — Desculpe por não ter te contado antes e por não ter tido coragem de assumir quando você se assumiu. Eu deveria estar ao seu lado.

— Você estava — disse Scott simplesmente. — Você tem me apoiado desde o momento em que me assumi para você. E depois que me assumi publicamente, você sempre esteve ao meu lado: indo a eventos LGBTQIA+, indo ao Kingfisher comigo. Acha que eu não sei o quanto você odeia ir a bares?

Isso fez Eric sorrir. — Gosto do Kingfisher.

— Eu também. E é sempre bom ter companheiros de time comigo lá. Nossa, foi bom ter *o Rozanov* lá.

— Por que Rozanov *estava* lá, afinal? Nunca entendi direito.

— Ah, ele queria falar comigo sobre a instituição de caridade dele. Sabe, aquela que ele fundou com o Shane Hollander?

— Ainda não consigo acreditar que isso seja real, mas sim.

— Eles têm uns acampamentos de hóquei de verão e ele perguntou se eu gostaria de ser treinador de um deles. — Scott riu. — Eu percebi que ele ficou arrasado por me convidar.

— Por que você? Quer dizer, eu sei por que alguém iria querer você como treinador num acampamento de hóquei, mas por que *o Rozanov iria* querer você lá?

— Não tenho certeza, exatamente. Mas ele mencionou que os acampamentos são inclusivos. Ele chegou a usar a expressão "*espaço seguro*" que quase me derrubou da cadeira. Quantos jogadores de hóquei você conhece que usam esse termo?

— Quer dizer, de uma forma que não seja debochada? Muito poucos.

— Certo. Então eles querem que a equipe seja diversificada. Eu nem seria o único gay, porque eles têm o Ryan Price ajudando.

— Eu continuo esquecendo que ele é gay.

— Ouvi dizer que ele tem um namorado ótimo. Um músico. Estou feliz por ele.

— É bom ouvir isso.

— E Hollander também é treinador, claro — continuou Scott, e então riu. — Então Rozanov pode ser o único treinador hétero. Quer dizer, possivelmente hétero. Na verdade, não sei.

Eric assentiu, então percebeu o que Scott tinha acabado de dizer. — Espera aí. Shane Hollander não é hétero?

Scott o encarou. — Ele é gay. Você não sabia disso?

— Ele se assumiu? Por que todo mundo não está falando sobre isso? — Eric nunca foi de fofocas e geralmente era o último a saber de tudo, mas isso parecia algo que Scott teria mencionado a ele.

— Ele se assumiu para os amigos e companheiros de time há mais ou menos um ano. E entrou em contato comigo, o que foi legal. Mas eu achava que a maior parte da liga já sabia. Ele não se importa que as pessoas saibam, mas não quer se assumir publicamente.

— Você quer dizer que ele não quer beijar o namorado ao vivo na televisão depois de ganhar a Copa Stanley? — provocou Eric.

Scott corou. — Exatamente. Enfim, eu disse a Rozanov que gostaria de ajudar, mas este verão será agitado com o casamento, a lua de mel e as outras obrigações que já tenho.

— Talvez no ano que vem.

— Foi o que eu disse. Tenho certeza de que o Kip gostaria de passar uma ou duas semanas em Montreal. É lá que fica um dos acampamentos.

— Parece uma boa instituição de caridade — disse Eric. — Li que eles já forneceram fundos para uma grande reforma de um lar para jovens em Montreal.

— É impressionante — concordou Scott. — Tenho pensado em abrir minha própria instituição de caridade, mas talvez eu devesse conversar com Rozanov e Hollander sobre unir forças com eles.

Rozanov e Hollander. Os nomes dos dois rivais ainda soavam estranhos um perto do outro. — Quem diria que Rozanov tinha um coração tão grande? — disse Eric.

Scott sorriu. — Tive um palpite. Acho que ele pode ser um grande sentimental no fundo.

— Ele faz um ótimo trabalho escondendo isso.

— Com certeza. Enfim, por que estamos falando do Ilya Rozanov? Prefiro falar de você.

Eric levantou a mão. — Não, obrigado. Já disse tudo o que precisava.

Scott olhou para o relógio em seu criado-mudo. — Acho que está ficando tarde. E nem a pau que eu não vou estar no meu melhor contra o Toronto amanhã à noite.

— É. Mas obrigado por me ouvir — Eric bufou. — Desculpe se foi um choque.

— Tá brincando? Estou emocionado. — Scott o puxou para um de seus abraços característicos. — Seu segredo está seguro comigo. Eu prometo.

Eric suspirou contra o ombro dele. Sentiria falta desses abraços depois que se aposentasse. — Eu sei. Mas não sei se precisa ser segredo. Talvez eu siga o caminho do Shane Hollander. Se as pessoas descobrirem, elas descobrirão. Mas não vou fazer um grande anúncio público.

— Isso é justo.

Eles se separaram, e Eric passou a mão pelos cabelos, precisando fazer mais um pedido a Scott e sem saber como fazê-lo. — Ei, hum, será que você poderia não contar para o Kip? Sobre o Kyle, quero dizer. Não que haja algo para contar, na verdade, mas mesmo assim.

Scott fez mímica de puxar um zíper sobre os lábios. — Não vou dizer nada. Mas Benny?

— Sim?

— Se valer a pena, acho que ele seria bom para você. Mesmo que seja só para... — Scott passou a mão na própria nuca, nervoso. — Instrução. Ou sei lá o quê.

Eric sentiu as próprias bochechas corarem. — Entendido.

Scott apertou o ombro de Eric e disse: — Estou orgulhoso de você, Benny.

— Obrigado.

Eric saiu do quarto de Scott se sentindo muito mais leve.

Capítulo Doze

Eric adorava jogar contra o Toronto porque odiava o Dallas Kent.

O astro do Toronto tinha muito talento, mas era um dos maiores babacas que Eric já conhecera. Ele era irritante como Ilya Rozanov, mas sem o charme. Porque, apesar de toda a conversa sobre o bad boy que Rozanov era, ele nunca, até onde Eric sabia, usara insultos dentro ou fora do gelo, nem postara piadas sexistas ou homofóbicas no Twitter. Rozanov tinha fama de conquistador, mas sempre parecia tratar as mulheres - e falar sobre elas - com respeito.

Basicamente o oposto do Dallas Kent.

Eric tinha muitas conquistas na carreira das quais se orgulhar, mas sua favorita talvez fosse o fato de nunca ter deixado Kent marcar um gol contra ele. Nem uma vez. E isso não mudaria naquela noite.

Eric notou que Kent parecia um pouco mais quieto esta noite do que na temporada passada. Provavelmente porque não tinha mais seu protetor - Ryan Price havia parado de jogar hóquei no meio da temporada passada. Francamente, Eric não podia culpá-lo; ele preferia beber veneno a ter que defender o Dallas Kent para sobreviver.

Kent também poderia estar mais quieto esta noite, porque sabia que insultos não seriam aceitos pelo time de Scott Hunter. Se ele ousasse dizer qualquer coisa remotamente homofóbica, todo o elenco do New York Admirals cairia sobre ele. Não tinha sido um caminho totalmente tranquilo para o time desde que Scott se assumiu - alguns jogadores se sentiram surpreendidos e desconfortáveis com o anúncio público de Scott -, mas

agora, mais de dois anos depois, não havia um único homem no time que não defendesse seu capitão.

Eric não deixou de notar o olhar furioso de Kent para Scott no gelo. Os olhares de desprezo. Kent era um merda.

E ele provavelmente não era fã de todas as bandeiras do arco-íris.

Desde que Scott se assumiu, todos os estádios em que os Admirals jogavam tinham pelo menos algumas bandeiras do arco-íris na plateia. Às vezes, havia cartazes feitos em casa agradecendo a Scott ou pedindo-o em casamento. As bandeiras podiam ser para Scott, mas Eric também se sentia encorajado por elas. Era bom se sentir apoiado, mesmo que os fãs não soubessem que estavam demonstrando apoio a ele especificamente.

Ele se perguntou quantos outros jogadores secretamente se sentiam assim. Talvez alguns dos infelizes companheiros de time do homofóbico Dallas Kent. Lembrou-se, mais uma vez, de que Ryan Price era gay e que sua função era *proteger* Kent. Como Kent ainda estava vivo?

Eric estreitou os olhos para Kent enquanto o babaca esperava para a disputa de disco. — Está vendo aquele cara? Ele não vai nos enganar hoje à noite, tá? — Suas traves estavam em silêncio, mas Eric tinha quase certeza de que entenderam suas ordens.

Felizmente, Scott venceu a disputa e o disco foi levado rapidamente para o outro lado do gelo. Eric se endireitou e sacudiu os ombros, que estavam tensos nos últimos dias.

— Passe para o Carter, ele está sozinho ali — murmurou Eric. Mas, em vez disso, Scott chutou, mas foi desviado, e agora Kent corria em direção a Eric com o disco. — Certo, pessoal. Lembrem-se do que eu disse. Ele não ganha nada da gente.

Matti alcançou Kent, então Kent passou o disco de volta para seu companheiro de linha, Troy Barrett, que Eric sempre secretamente

considerou como “Dallas Kent Leve”. Ele era quase tão talentoso, e quase tão grosseiro. Pelo menos, Eric presumiu que sim, porque era conhecido por ser próximo de Kent, e Eric não achava que alguém pudesse ser amigo de Kent a menos que também fosse uma pessoa ruim.

Então Troy Barrett também não tinha permissão para marcar gols nele.

Barrett foi forçado a voltar para a linha azul com o disco para que os atacantes de Toronto pudessem se reagrupar.

— Cuidado com o Aucoin! — gritou Eric, porque o único atacante do Toronto que não era um astro estava completamente vulnerável. — Vai em cima dele!

Matti ouviu e foi cobri-lo, mas não antes de Barrett passar o disco para Aucoin. Eric foi até o canto da rede e esperou. Ele era conhecido por sua paciência, por ser excelente em esperar o adversário e forçá-lo a se mover primeiro. Ele fez isso agora e foi recompensado com um olhar de Aucoin que indicou a Eric exatamente onde ele planejava chutar. Se Aucoin tivesse sido um jogador mais inteligente, como Ilya Rozanov ou Shane Hollander ou, que diabos, Dallas Kent, Eric teria que decidir se aquela mudança de olhar era um blefe. Mas Aucoin era mais previsível e chutou o disco exatamente onde Eric esperava: no alto, do lado da luva. Uma defesa fácil.

Kent esbarrou nele logo depois que Eric pegou o disco, jogando Eric para trás, fazendo com que seus ombros batessem contra a trave. Doeu pra caramba.

Eric o empurrou para trás, com força. — Legal pra caralho, imbecil.

Matti e Scott também estavam lá. — Sai de cima dele, porra! — gritou Scott, agarrando Kent.

Kent se livrou dele e o empurrou: — Não me toque Hunter, porra. — Ele fez uma cara de nojo, como se Scott fosse uma pilha de carne podre, e tentou

afastar a mão de Scott. Scott o segurou firme e o puxou para mais perto. Kent pareceu horrorizado, como se Scott fosse beijá-lo ou algo assim.

— Me solta, seu... — Kent interrompeu-se bem a tempo.

— Seu o quê? — Scott gritou na cara dele. — Seu *o quê?* Termine a porra da sua frase.

— Tudo bem, chega. — Um dos árbitros chegou para separá-los. — Vão para os bancos agora ou vocês dois serão punidos.

— Termine sua frase! — Scott gritou novamente, por cima do ombro do árbitro, enquanto Kent recuava.

— Ei. — Eric tirou a luva e pôs a mão no braço de Scott. — Esquece ele.

Scott era um amor na maior parte do tempo, mas podia ficar violento no gelo se alguém o atacasse o suficiente. Ele era um cara grande - mais de 1,80 m de altura e musculoso -, então podia causar bastante dano quando queria.

— Eu odeio aquele cara — disse Scott. Sua voz estava mais calma agora, então o árbitro o liberou.

— Todos nós o odiamos — disse Eric.

— Sem comentários — murmurou o árbitro, e então foi embora.

Eric notou, então, que Troy Barrett estava parado a alguns metros de distância, observando-os. Ele não parecia nada ameaçador. Na verdade, parecia... envergonhado? Certamente desconfortável.

Eric levantou a máscara e lançou lhe um olhar interrogativo. Troy abriu a boca, fechou-a e então saiu patinando.

Toronto era um time de esquisitos.

Eric bebeu um pouco de água e se preparou para a disputa que aconteceria bem na sua frente. — E é por isso — disse ele às traves — que não deixamos o Kent marcar gols.

Era uma pena que Kent fosse um homofóbico tão babaca, porque Toronto tinha uma comunidade queer grande e vibrante. Seria ótimo se o astro do hóquei deles fosse um exemplo melhor.

Kyle tinha sugerido que Eric saísse enquanto estivesse em Toronto. Visitasse um dos muitos bares gays e encontrasse, nas palavras de Kyle, um querido canadense sexy para mantê-lo aquecido. Eric definitivamente não faria isso, e tentou não pensar na possibilidade de Kyle estar procurando sua própria cama quente naquela noite em Nova York. Eric preferia muito mais reviver o beijo deles em sua cabeça. E fantasiar com a oferta de Kyle para fazer mais.

Mais. Não tinha como ser uma boa ideia.

Também não era uma boa ideia: sonhar acordado sobre sexo com Kyle enquanto estava no meio de um jogo de hóquei.

A jogada estava no outro lado, mas Toronto estava atacando Eric de volta com o disco agora.

— Lá vamos nós, pessoal — disse Eric em suas traves. — Eu faço o meu trabalho, vocês fazem o de vocês.

O chute veio de um ângulo inesperado. Eric se posicionou para bloquear um chute rasteiro do seu lado direito, mas o disco foi passado no último segundo. Eric tentou deslizar para pará-lo, mas o chute foi alto e passou por cima do seu bloqueador.

Plim!

Aquele som, aquele som glorioso, era o favorito de Eric em todo o universo. O tilintar nítido de um disco batendo na trave e desviando para longe da rede era um coro de anjos para um goleiro. Se Eric chegasse à velhice, ele queria aquele som tocando sem parar ao lado de seu leito de morte enquanto ele partia.

O gemido de decepção da multidão de Toronto que seguiu o tilintar também foi um som muito bom.

— Valeu, amiga — disse Eric, assim que a jogada saiu do seu lado do gelo. Ele deu um tapinha carinhoso na trave.

Certo. Foco, Eric. Ele não podia contar com as traves para salvá-lo uma segunda vez, então precisava clarear a mente.

Ganhe este jogo, ele disse a si mesmo, e você poderá pensar em Kyle o quanto quiser quando estiver de volta ao seu quarto de hotel.

Ele não se sentiu bem em usar algo tão patético como motivação, mas funcionou. Toronto não marcou mais um gol, e Nova York venceu o jogo.

Kyle: *Encontrei alguém para você.*

Eric olhou de soslaio para a mensagem na tela do celular. Normalmente, ele estaria dormindo àquela hora, principalmente depois de um jogo, mas estava inquieto naquela noite. Será que Kyle estaria no trabalho naquele momento? Será que o motivo da mensagem?

Ah. Certo. Ele encontrou alguém. Tipo, alguém para o Eric sair que não fosse o Kyle. Eric ignorou o aperto no estômago diante da ideia.

***Eric**: Quem?*

***Kyle**: Ainda não sei o nome dele. Mas ele é perfeito para você.*

Eric riu no escuro quarto do hotel e se levantou um pouco para poder se apoiar no cotovelo.

***Eric**: Parece incrível.* Ele esperava que seu sarcasmo fosse claro.

***Kyle**: Ele definitivamente tem uns 30 anos, é muito fofo, e eu o ouvi dizer que é vegetariano.*

Certo. Porque as preferências alimentares eram a principal coisa que atraía Eric.

***Eric**: Ele é um cliente?*

***Kyle**: Sim. Acho que ele teve um encontro hoje à noite, mas não deu certo. Agora ele está sentado sozinho.*

***Eric**: Você estava espionando um cliente enquanto ele estava em um encontro?*

***Kyle**: Eu só entrego as bebidas! Não consigo controlar o que ouço!*

Houve uma longa pausa, e então Kyle escreveu: *Eu também tirei uma foto dele.*

Eric gemeu. Era a primeira semana de um homem bissexual à espreita e a situação já estava ficando fora de controle.

***Eric**: Isso é assustador.*

Kyle não respondeu. Eric suspirou e escreveu: *Envie*.

Poucos segundos depois, Eric estava olhando para uma foto escura e um pouco desfocada de um homem sentado a uma mesa, virado de perfil. Era difícil dizer, mas ele parecia ser bonito. Cabelo castanho arrumado, roupas bonitas e, sim, parecia ter uma idade razoavelmente próxima à de Eric.

***Eric**: Você não deveria estar trabalhando?*

***Kyle**: Estou no meu intervalo!*

Ah. Eric não pôde deixar de se emocionar ao ver que Kyle estava passando o intervalo conversando com ele. E passando a noite tentando encontrar um par para Eric.

***Eric**: Ele parece legal.*

***Kyle**: Queria que você estivesse na cidade. Você poderia se sentar naquela cadeira vazia e perguntar o nome dele.*

A nuca de Eric esquentou só de pensar nisso.

***Eric**: E então o que eu diria?*

***Kyle**: Coisas normais?*

Eric não tinha ideia do que era algo normal quando se tratava de flertar.

***Kyle**: Vamos praticar. Eu serei ele. Você será você.*

***Eric**: Isso não é necessário.*

***Kyle**: Então você não precisa praticar?*

Eric fez uma careta. Ele definitivamente precisava praticar. Suspirou e escreveu: *Tudo bem*. Então me sentei e disse: *Oi. Sou o Eric.*

***Kyle**: Começo bom. Ok. Vou apertar sua mão e dizer: Sou o Neil. Prazer em conhecê-lo, Eric.*

***Eric**: Neil? Sério?*

***Kyle**: Sim. Por que você está tirando sarro do meu nome, seu otário?*

Eric riu e escreveu: *Desculpe, Neil. É um nome lindo.*

***Kyle**: Meu nome é uma homenagem ao meu avô.*

Uau. Kyle estava se aprofundando nesse personagem.

***Eric**: Ah. Isso é... legal.*

***Kyle**: Ele foi o primeiro homem a pisar na lua.*

Eric jogou a cabeça para trás no travesseiro e soltou uma gargalhada. Ficou aliviado por Kyle não estar levando aquele pequeno exercício muito a sério.

***Eric**: Uau. Isso é incrível.*

***Kyle**: ENFIM. O que você faz, Eric? Você me parece familiar por algum motivo.*

***Eric**: Eu jogo hóquei pelo New York Admirals.*

***Kyle**: Puta merda! Você conhece o Scott Hunter?*

***Eric**: Receio que sim.*

***Kyle**: Ele é muito gato.*

***Eric**: Sim. Ele é maravilhoso. E noivo.*

Se isso deveria ajudar Eric a aprender a flertar, não estava funcionando. Ele decidiu assumir o controle.

***Eric**: Você está aqui sozinho?*

Kyle: *Não mais.* Ele completou com um emoji de rosto piscando.

Eric não sabia o que dizer em seguida. Era difícil flertar com uma pessoa imaginária. Talvez se ele chamasse a pessoa imaginária de Kyle em sua cabeça...

***Eric**: Você tem olhos lindos.* Ei, não tinha nada de errado em roubar as falas daquele tal de Alex. Além disso, o Kyle tinha olhos lindos *mesmo.*

***Kyle**: Aposto que você diz isso para todos os caras.*

***Eric**: Eu realmente não.*

***Kyle**: Gosto dos seus olhos também. E do jeito que você está me olhando agora.*

Eric não estava olhando para ninguém naquele momento, mas ainda sentia a necessidade de desviar o olhar. Ele escreveu: *Estou olhando para você a noite toda.*

***Kyle**: Eu também estava olhando para você. Esperava que você me notasse.*

***Eric**: Ah é? Por quê?*

***Kyle**: Porque acho que você beija bem. Quero testar essa teoria.*

Eric distraidamente passou o polegar pelos lábios enquanto pensava na resposta.

***Eric**: Posso te ajudar com isso.*

Nesse cenário imaginário, haveria uma mesa entre ele e, hum, Neil. Não seria propício para beijos. Ele estava tentando encontrar uma maneira sutil de sugerir que saíssem da mesa quando Kyle escreveu: *Eu moro a apenas alguns quarteirões de distância.*

Ah. Certo. Bom, era aqui que as coisas ficariam estranhas. Era aqui que as coisas *estavam* ficando estranhas, agora mesmo.

***Eric**: Eu não gosto muito de sexo casual.*

A resposta de Kyle pareceu demorar uma eternidade.

Kyle: *Que legal. Tem alguma coisa que você possa gostar de mim?*

***Eric**: Posso te pagar outra bebida? Talvez possamos conversar um pouco?*

***Kyle**: Eu adoraria.*

Eric sorriu para o celular, imaginando se "Neil" seria tão tranquilo assim. Ele também se perguntou se Kyle estava interpretando um papel, ou se estava apenas se fazendo de bobo. Será que ele realmente reagiria assim se um homem sugerisse que tomassem outro drinque em vez de saírem correndo para transar?

Só que agora Eric não sabia bem o que escrever. Deveria ir até o bar e pagar uma bebida para o "Neil" ou simplesmente continuar falando? Isso era estranho.

***Eric**: Então o que acontecerá?*

***Kyle**: Você está perguntando para mim ou para o Neil?*

***Eric**: Você.*

***Kyle**: Você paga uma bebida para o Neil e depois perdem a noção do tempo conversando. Tudo ocorre muito bem. Você definitivamente quer vê-lo de novo.*

***Eric**: Certo. Então devo convidá-lo para jantar comigo algum dia?*

***Kyle**: Você pode tentar.*

Eric bufou e escreveu: *Adoraria te ver de novo. Gostaria de jantar comigo um dia desses?*

***Kyle**: Com certeza. Vou te dar meu número.*

Bem, não foi tão difícil. Eric se viu olhando para aquelas duas últimas linhas e para o quanto parecia que ele tinha acabado de convidar Kyle para um encontro.

***Kyle**: Você ainda está aí?*

***Eric**: Sim. Desculpe. Não sabia bem o que dizer.*

***Kyle**: Você deve ser incrível em sexo por mensagem.*

Eric riu e escreveu: *Eu nunca tentei.*

***Kyle**: Bem, se você quiser praticar...*

Prática. Lá estava aquela oferta de novo.

***Eric**: Eu me assumi para o Scott.*

***Kyle**: Eba! Como foi?*

***Eric**: Ótimo. Ele me apoiou muito, é claro.*

***Kyle**: Claro.*

Eric se recompôs. Era hora de abordar o assunto pelo qual ele vinha obcecado há dias.

***Eric**: Fiquei pensando na sua oferta.*

***Kyle**: Ah?*

***Eric**: Volto para a cidade na quarta-feira à noite. Quinta-feira é minha folga.*

Ele prendeu a respiração enquanto esperava por uma resposta.

***Kyle**: Ah é?*

***Eric**: Quer ir para um jantar?*

***Kyle**: Jantar ou "jantar"?*

O estômago de Eric se revirou. Ele queria ousar e confirmar a última opção, mas ainda não tinha certeza se estava pronto.

***Eric**: Vamos começar com o jantar.*

***Kyle**: E se ainda estivermos com fome depois...*

Eric mordeu o lábio e escreveu: *Te mando uma mensagem quando voltar para a cidade. Boa noite.*

Kyle enviou um emoji de carinha de beijo. Eric não respondeu porque emojis sempre lhe pareceram bobos.

Então, Eric tinha um possível encontro com Kyle. Ou melhor, uma possível sessão de sexo platônico programada. Argh, essa era uma maneira deprimente de pensar nisso.

Talvez ele fosse transar com Kyle. Possivelmente sexo *anal*, o que era ao mesmo tempo excitante e assustador de se pensar. Era algo que ele nunca tinha feito com Holly - dar ou receber -, mas já tinha experimentado um

pouco com os próprios dedos. O suficiente para saber que queria mais. Eric desejava que Scott *fosse* o tipo de amigo com quem pudesse conversar sobre sexo, porque gostaria de alguém para aliviar sua ansiedade de transar com um homem. Eric se perguntou se a timidez de Scott em relação ao sexo se estendia para o quarto ou se ele era secretamente um deus do sexo.

Certo. Aquilo ali era a prova de que Eric precisava daquela sessão de sexo platônico programada. Ele definitivamente não deveria estar pensando na personalidade sexual do seu melhor amigo e capitão.

Ele deixou seus pensamentos vagarem de volta para Kyle, o que não foi difícil. Sua imaginação lhe proporcionou uma visão de Kyle olhando para ele, com os olhos semicerrados e os lábios rosados brilhantes e flácidos de desejo enquanto Eric colocava seu pau na boca. Eric nunca tinha feito aquilo, mas, meu Deus, como ele queria.

Ele se masturbou rapidamente, como sempre, e se sentiu muito mais pronto para dormir depois de terminar. Ele se arrumou no banheiro e, ao voltar para a cama, viu que seu celular tinha uma nova mensagem.

***Kyle**: O nome dele é Sebastian. Eu nem cheguei perto.*

Capítulo Treze

Às seis horas da tarde de quinta-feira, Kyle estava na porta da frente de Eric com uma mochila e um grande apetite por comida e sexo.

Eric abriu a porta, absurdamente lindo. Sua camisa social branca estava aberta no colarinho e com as mangas arregaçadas, e de repente Kyle não se importava nem um pouco com comida.

— Ei — disse Eric, dando um passo para o lado para deixar Kyle entrar. — Obrigado por vir.

— Eu provavelmente ia assistir *A Batalha dos Carrinhos* ou algo assim, então agradeço o convite. — Ele beijou a bochecha de Eric enquanto passava por ele e entrava em casa.

Eric pegou o casaco e gesticulou para a mochila que Kyle segurava. — O que você trouxe desta vez?

— Ingredientes para outro drinque sem álcool.

Eric sorriu calorosamente, como se estivesse imensamente tocado por isso. — Isso é muito atencioso. Eu tenho um pouco de vinho, se você...

— Não. Estou bem. — De jeito nenhum Kyle ficaria um pouco embriagado esta noite se Eric confiasse em Kyle para levá-lo para a cama.

— Espero que você não se importe com comida vegetariana — disse Eric enquanto subiam as escadas para a cozinha.

— Claro que não. — Kyle também não se importava com a visão da bunda e das coxas de Eric enquanto o seguia escada acima. Mesmo cobertos de jeans, suas coxas pareciam capazes de esmagar carros.

— Não sou chef de jeito nenhum, mas sei fazer algumas coisas. Você gosta de ovos?

— Amo-os.

— Bom. Fiz shakshuka. É...

— Ovos cozidos em molho de tomate. Eu adoro essa coisa!

— Eu também. Comprei um pãozinho bom e pensei que poderíamos comê-lo na ilha da cozinha, já que é preciso comê-lo direto da frigideira.

Kyle adorou a ideia. Era divertido e intimista. O jantar perfeito para um encontro. Talvez Eric tivesse mais jogo do que demonstrava.

Ele seguiu Eric até a cozinha. Não dava para perceber que alguém estava preparando comida lá, exceto pela frigideira de ferro fundido cheia de molho de tomate borbulhante. Fora isso, o ambiente estava impecável. Eric foi até a geladeira e pegou uma caixa de ovos. Kyle decidiu começar a preparar as bebidas.

— O que você está fazendo? — perguntou Eric.

— Vai ser tipo uma versão sem álcool de um mojito. — Kyle acenou com um punhado de hortelã fresca no ar.

— Eu nunca tomei um mojito.

— Já que você gosta tanto de água com gás com limão, pensei que talvez lhe agradasse. — Kyle foi até o armário e pegou dois copos altos. — É limão e hortelã misturados com um pouco de xarope ou açúcar, e depois cobertos com água com gás. Obviamente, normalmente também tem rum, mas fiz um xarope temperado para compensar a falta de sabor.

— Impressionante. — Eric quebrou um quarto ovo na frigideira. — Você vai ter que me ensinar a fazer algumas dessas bebidas.

— Você pode me ajudar a fazer isso, se quiser. — Kyle começou a colher folhas de um talo de hortelã. — Então você nunca bebeu mesmo?

— Nunca. Nem na faculdade.

— Eu sei que não é da minha conta, mas há algum motivo?

— Eu gosto de controle. — Eric pegou um caule e se juntou a Kyle para remover as folhas. — Preciso estar no comando da minha mente e do meu corpo. E gosto de manter meu corpo o mais limpo possível.

— Você nunca sentiu vontade de se soltar? Relaxar esse controle?

— Não com frequência. Mas quando o faço, há... outras maneiras de fazer isso.

Kyle rasgou uma folha ao meio, com os dedos subitamente desajeitados. — Talvez eu saiba algumas maneiras.

Eric o encarou com olhos escuros e ardentes. Kyle sustentou o olhar, deixando claro que se sentia à vontade para discutir aquilo. Ou, que se dane, simplesmente fazer aquilo, que se dane Shakshuka.

Eric foi verificar os ovos. — Mais alguns minutos e eles estarão perfeitos, eu acho.

— Vem me ajudar a preparar o drinque.

Kyle mostrou a Eric como amassar delicadamente as folhas de hortelã no fundo dos copos com um macerador que Kyle havia trazido. Ele explicou como havia feito a calda e a importância do equilíbrio de sabores em um coquetel. Eric era um aluno dedicado, ouvindo atentamente e fazendo perguntas. Quando terminaram, havia dois copos altos de mojitos sem álcool dignos de Instagram.

— Você deveria ser um barman — brincou Eric.

— Queria *poder* fazer coisas assim no trabalho — Kyle suspirou. — Algum dia.

— Algum dia?

Kyle conseguia imaginar como Eric, com seu diploma em Harvard e sua impressionante carreira na NHL, reagiria a isso. — Acho que é isso que eu quero fazer. Barman. Hotelaria. Quem sabe um dia ter meu próprio bar.

Eric franziu a testa. — E os seus estudos? Achei que você talvez quisesse ser professor. Ou talvez trabalhar para um museu.

Desculpe decepcioná-lo, amigo. — Gosto do que estou estudando, mas acho que minha verdadeira paixão é cuidar das pessoas. Garantir que elas estejam se divertindo. Acho que proporcionar um espaço convidativo onde as pessoas possam relaxar e se divertir é um serviço importante. — Meu Deus, Kyle estava exagerando. Era desconfortavelmente parecido com as conversas que tivera com os pais. Ele esperou pela repreensão de Eric.

— Você é bom nisso — disse Eric. — Acho que você seria ótimo administrando um bar ou restaurante.

Kyle ficou tão surpreso com as palavras encorajadoras de Eric que, por um momento, apenas o encarou, atordoado. Então, finalmente assentiu e disse: — Obrigado. É só um sonho por enquanto.

— Sonhos são importantes. — Eric trouxe a frigideira e a colocou sobre uma toalha dobrada no meio da ilha. — Eu não estaria na NHL sem sonhos.

Kyle não sabia ao certo por que as palavras gentis de Eric eram tão chocantes. Seus amigos o incentivavam o tempo todo. Seria porque Eric era mais velho? Ou talvez porque ele era uma das pessoas mais impressionantes que Kyle já conhecera? Ou haveria outro motivo para Kyle ficar tão feliz com sua aprovação?

Kyle viu o pão num saco de papel e o pegou. — Nossa, tudo isso parece incrível. — Ele se sentou em um dos bancos em frente a Eric. — Este pão tem um cheiro incrível.

— Pão é a minha fraqueza — disse Eric timidamente. — Já tentei desistir, mas...

— Você precisa se *divertir.*

— Sim. Não consigo largar o pão.

Kyle ergueu o copo. — Ao pão.

Eric sorriu e brindou com seu copo contra o de Kyle. — Ao pão. — Ele tomou um gole e sorriu. — Isso está delicioso.

— Refrescante, certo?

— Muito. Só precisamos de uma praia em vez de Manhattan em dezembro. — Eric permaneceu do outro lado da ilha, em pé, com um cotovelo apoiado no balcão. Comeram as primeiras garfadas em silêncio, arrancando pedaços do pão e passando-os pelo molho de tomate encorpado.

— Aliás, essa é uma boa ideia — disse Kyle. — A shakshuka. Seria uma boa ideia servir se você tiver um encontro de verdade. Estou completamente encantado com isso.

Por um momento, Eric pareceu confuso. Então, sorriu de um jeito que não parecia totalmente natural e disse: — Vou me lembrar disso.

Eles nem tinham terminado o jantar e Eric já se sentia vulnerável e estúpido. Claro que ele sabia que Kyle não era seu namorado nem nada, mas o lembrete de que aquele não era um encontro de verdade ainda era como um tapa no estômago.

Ele precisava se superar. Kyle estava ali para ajudar, não para se apaixonar.

— Tenho pensado na melhor maneira de abordar isso — disse Eric. Parecia que ele estava conduzindo uma entrevista de emprego. Ele tentou novamente. — Quer dizer... tenho pensado no que poderíamos fazer. Hoje à noite.

Os olhos azuis de Kyle brilharam. Eric ficou feliz por ter usado os óculos naquela noite. Eles o faziam parecer... mais suave. — Ah, é? No que você anda pensando?

Eric empurrou um pedaço de pão pela frigideira, tentando reunir coragem. — Não sei se estou pronto para, hum, penetração.

Ele olhou para cima e viu Kyle dando de ombros com facilidade. — Por mim, tudo bem. Tenho um milhão de ideias de coisas que poderíamos fazer sem sexo anal. Imagino que seja isso que você quer dizer.

— Sim. Isso.

Kyle andou pela ilha até ficar ao lado de Eric. — Podemos fazer o que você quiser. Mesmo que seja eu agradecendo por uma refeição deliciosa e dizendo boa noite.

— Você veio aqui por mais do que isso.

— Não importa. — Kyle agarrou a mão dele. — Lição número um, Eric: você nunca tem obrigação de fazer nada. Se convidar alguém para transar e depois mudar de ideia, você pode fazer isso. Sempre.

Eric olhou para as mãos unidas, fascinado pelos dedos longos e finos que se entrelaçavam com os seus, mais carnudos. — Mas parece falta de educação.

— Mais uma vez, isso não importa. Você nunca é obrigado. Embora, se alguém te excita e não é um completo idiota, *é* considerado falta de educação deixá-lo esperando. Mas ainda é sua escolha. E se for *um* completo idiota, então deixe-o sair daqui com as bolas doendo, eu digo.

— Anotado. — Kyle estava tão perto, e tudo em que Eric conseguia pensar era em beijá-lo. — Mas e se ele não for um completo idiota, e se eu ainda estiver... interessado?

— Então — disse Kyle com a voz rouca — você deveria avisá-lo. Só para eles terem certeza.

Finalmente Eric criou coragem e perguntou: — Posso te beijar?

Kyle ergueu o queixo. — Por favor.

Ele permaneceu imóvel, deixando Eric se aproximar. Um choque percorreu Eric quando seus lábios se encontraram - excitação misturada com alívio por finalmente ter conseguido o que tanto desejava há dias. Os lábios

de Kyle eram tão macios e quentes, e ele o beijava de volta com tanta doçura, sem forçar. Quando Eric abriu a boca e suas línguas se roçaram, ele sentiu o gosto dos temperos do molho de tomate e da menta dos mojitos.

Kyle entrelaçou os dedos nos cabelos de Eric, puxando-os delicadamente, e por que isso era tão excitante? Quando Eric gemeu em sua boca, Kyle assumiu o controle do beijo, empurrando Eric para trás até que ele esbarrasse na geladeira.

Aquela pequena mudança - a sensação repentina de estar preso entre o aço inoxidável e o corpo firme e quente de Kyle - acionou um interruptor dentro dele. Ele teve um raro lapso de controle, beijando Kyle freneticamente, tentando desesperadamente puxá-lo ainda mais para perto. Quando fora a última vez que ele se sentira tão excitado? Será que já se sentira?

— Vamos subir — Kyle murmurou contra seus lábios.

Por mais excitado que estivesse, Eric ainda não conseguia parar de olhar ao redor da cozinha. Sabia que seria provocado por isso, mas precisava dizer.
— Certo. Mas primeiro, você se importa se eu limpar?

Kyle deu um passo para trás, sorrindo. — Seria um inferno deixar essa bagunça aqui, não é?

Eric pegou a frigideira e o contornou. — Eu não conseguiria me concentrar. Sem brincadeira.

— Eu acredito em você. — Não havia julgamento no tom de Kyle. Ele simplesmente foi até a ilha e recolheu a louça suja. Levou apenas uns dez minutos, com os dois trabalhando juntos, e a mudança de atividades deu a Eric a chance de se acalmar um pouco. Ele precisava encarar aquilo com a cabeça mais fria, caso contrário, a) pularia em Kyle como um adolescente tarado e b) gozaria imediatamente.

Quando terminaram, Kyle passou os braços em volta do pescoço de Eric. — Então, onde estávamos?

Eric deu uma risadinha. — Isso foi cafona.

— Foi ansioso — corrigiu Kyle. — Estou pensando em te pegar há dias.

Eric congelou. — Sério?

— Claro — disse Kyle, com naturalidade. — Tenho tantos planos para você.

Deus, ele era deslumbrante. Tão confiante, sexy e, bem, *jovem*... Eric não conseguia acreditar que estava realmente em seus braços. Prestes a ir para a cama dele. Mesmo que fosse só para ser um amigo prestativo. Ele o beijou de novo, porque podia fazer isso, por enquanto.

— Vamos — murmurou Eric, esperando que seu desejo mascarasse seu nervosismo. Ele conduziu Kyle pelos dois lances de escada até o quarto principal, respirando fundo e se acalmando enquanto tentava acalmar o coração acelerado.

— Uau. Isso é... uau — disse Kyle quando chegaram ao topo da escada.

O quarto e o banheiro ocupavam todo o último andar da casa. Eric adorava aquele cômodo, com suas janelas amplas e parede de tijolos aparentes. Uma de suas pinturas favoritas estava pendurada na parede em frente à cama - uma grande paisagem oceânica abstrata que ele achava relaxante e envolvente. O piso, a estrutura robusta e a cabeceira de sua cama king-size eram feitos de madeira de demolição. Era um espaço muito tranquilo, que, naquele momento, com a iluminação dramática que ele havia instalado antes e o belo homem parado no meio do chão, ele também poderia descrever como sexy.

Kyle sentou-se na ponta da cama, ainda olhando ao redor do quarto. — Então, o que tem no cardápio? — perguntou. — Quero perguntar agora,

antes de começarmos a nos beijar de novo. O que você quer fazer hoje à noite?

— Eu... — Eric *deveria* ter uma resposta pronta para essa pergunta, mas não conseguia encontrar nada. Pensou na boca de Kyle e em como ela se sentia contra a sua. Como seria em outros lugares. E como seria estar de joelhos para Kyle, usando a boca para ganhar elogios e gemidos de prazer. — Eu gostaria de tentar... oral.

Kyle cruzou os braços e sorriu. — Quer chupar meu pau, Eric? — Seu tom era brincalhão e sedutor ao mesmo tempo, e, meu Deus, que palavras! A ereção de Eric havia fraquejado um pouco quando subiram as escadas, mas agora ele mudou de posição para que sua excitação não fosse tão óbvia.

— Não posso prometer que serei ótimo nisso — disse ele honestamente. — Mas gostaria de tentar.

Kyle deslizou para fora da cama, mordendo o lábio enquanto caminhava em sua direção. — Não me importo de ser sua cobaia. — Seu olhar se voltou para a protuberância óbvia que se formara na calça de Eric. — Eu também não me importaria de lhe dar uma demonstração primeiro.

— Oh...

Kyle uniu suas bocas, beijando Eric com fervor. O cérebro de Eric estava letárgico de tesão - uma sensação à qual ele não estava acostumado -, mas ele fez o possível para manter o beijo. Queria que Kyle assumisse o controle e fizesse o que quisesse, mas não sabia como pedir. Não *queria* pedir. Pela primeira vez na vida, Eric não queria ser o único no controle.

Kyle levou a mão até a virilha de Eric e começou a acariciar seu pau rígido por cima da calça. — Que delícia — murmurou Kyle, apreciativo. Ele beijou o queixo de Eric e, em seguida, mordiscou o lóbulo da orelha. Eric inclinou a cabeça para trás e soltou um gemido completamente involuntário. — Você já está tão duro para mim. Faz tempo demais, não é, bebê?

O apelido poderia ter soado estranho - eles mal se conheciam -, mas Eric achou emocionante. — Tempo demais — concordou ele, sem fôlego.

— Nós vamos consertar isso — prometeu Kyle. — Vou te foder até cansar hoje à noite.

Deus, isso soou maravilhoso. Eric o beijou novamente, o que ele esperava que demonstrasse sua aprovação aos planos de Kyle. Ele se acalmou, com o corpo inteiro vibrando de expectativa, enquanto Kyle desabotoava a calça de Eric e enfiava a mão dentro. Seus dedos envolveram o pau de Eric, fazendo-o gemer na boca de Kyle. Ele sabia que queria isso, mas agora que tinha a mão daquele homem lindo em volta dele, e sua língua escorregadia acariciando a sua, Eric não sabia como havia vivido sem aquilo.

O aperto de Kyle estava frouxo, as pontas dos dedos roçando levemente o membro de Eric. Eric empurrou os quadris algumas vezes, precisando de mais. Kyle riu e retirou a mão. — Você está desesperado por isso. Por que não tira a roupa e me encontra na cama?

Eric nunca tinha tirado a roupa tão rápido. Já ficara nu na frente de outros homens tantas vezes na vida que não se sentia nem um pouco envergonhado por estar em plena exibição agora. Ele encarou Kyle, querendo sua reação. Querendo sua aprovação.

— Jesus. — Kyle parecia horrorizado. Não era nada animador. Mas então Kyle tocou levemente o peito de Eric, sobre um hematoma que se formara depois que Eric levou um disco ali durante o jogo em Toronto.

— Não é nada — disse Eric, não querendo nenhuma distração.

— São tantos — disse Kyle baixinho. Ele passou os dedos por outro hematoma. E mais um.

— Faz parte do trabalho. Quase não os sinto mais.

Então Kyle traçou as linhas das cicatrizes da cirurgia no ombro. — Aposto que você sentiu essas.

— Só alguns reparos. Está tudo funcionando agora.

Kyle beijou a cicatriz, o que foi chocantemente sensual, e fez os olhos de Eric se fecharem e sua boca se abrir. Os lábios de Kyle se demoraram, traçando delicadamente a linha fina da cicatriz enquanto Eric lutava para respirar. Era apenas uma cicatriz - nem sequer tinha uma história interessante -, mas o que Kyle estava fazendo era tão íntimo e encantador que Eric se perdeu naquilo.

Então, os lábios de Kyle desapareceram, e quando Eric abriu os olhos, viu que ele havia recuado para tirar a própria camiseta. O corpo de Kyle não estava machucado nem manchado, estava exatamente como Eric se lembrava de tê-lo visto meio despido no quarto de hóspedes: perfeito. Sua barriga chapada e peitorais definidos com aquela trilha de pelos em que Eric não conseguia parar de pensar estavam em plena exibição, e desta vez Eric podia admirá-los o quanto quisesse.

Ele sentou-se na beira da cama e observou Kyle abrir a calça jeans e deslizá-la sobre os quadris estreitos. Ele parecia um modelo parado na frente de Eric, vestindo apenas uma cueca boxer azul-royal.

Um modelo com uma ereção óbvia esticando o tecido da sua cueca.

Kyle ficou entre as pernas de Eric e ergueu o queixo. — Tire isso — instruiu.

No mundo do hóquei, Eric era conhecido por suas mãos firmes e por geralmente manter a calma diante da pressão. Mas ele não conseguia evitar que suas mãos tremessem um pouco ao estender a mão para Kyle. Colocou as palmas na cintura de Kyle e as deslizou sobre sua pele quente e macia, até o cós da cueca. Ele olhou para cima, e Kyle assentiu em aprovação, então Eric enganchou os polegares no cós e puxou a cueca para baixo uns dois centímetros. Então, ele fez uma pausa e se inclinou para pressionar os lábios na barriga de Kyle. Ele beijou seu abdômen e depois desceu até onde começava a trilha de pelos loiro-escuros.

— Que bom — murmurou Kyle. — Não tenha pressa.

Eric ergueu o olhar e encontrou Kyle o observando atentamente. — Você é lindo — disse Eric, porque nunca havia dito isso a Kyle antes e achava que deveria saber. Ele beijou seu umbigo.

Kyle passou os dedos pelos cabelos de Eric. — Obrigado.

Eric puxou a cueca para baixo até a ponta do pau de Kyle ficar visível. Ele a prendeu ali, contra a barriga de Kyle, com o elástico da cintura. Por alguns segundos, ele apenas a encarou, hipnotizado. Ele estava realmente prestes a tocar o pau de outro homem.

— Refletindo? — perguntou Kyle. Seu tom era brincalhão, mas Eric suspeitou que ele estivesse preocupado.

— Não — disse Eric. Ele encontrou os olhos de Kyle. — Eu simplesmente não consigo acreditar na sorte que tenho.

Os dois sorriram, e então Eric puxou a cueca de Kyle sobre as coxas e a deixou cair no chão. O pau de Kyle balançava na frente do seu rosto, longo e estreito, com uma curva distinta para cima, como uma rampa de esqui. Era perfeito, mas Eric não sabia exatamente o que fazer com ele.

— O que você quiser, lindo — disse Kyle, provavelmente notando a incerteza no rosto de Eric.

Eric sentiu um calor subir pela nuca. — Você poderia... me *dizer* o que fazer? Eu gosto quando, hum...

O sorriso de Kyle era malicioso. — Você quer que eu fique no comando?

Eric assentiu.

— Podemos brincar assim. Vou até pegar leve com você. Por que você não coloca as mãos nas minhas coxas e volta a beijar minha barriga? Eu gostei.

Eric colocou as palmas das mãos acima dos joelhos de Kyle e acariciou, lentamente, em direção aos seus quadris. Ele saboreou a sensação dos pelos

macios e da carne musculosa sob suas mãos, e a firmeza da barriga de Kyle contra seus lábios.

— Porra, eu adoro a sensação da sua barba na minha pele — disse Kyle, então Eric esfregou a bochecha na barriga e depois na base do pau. Ele sentiu o abdômen de Kyle se contraindo em resposta. Eric continuou esfregando as palmas das mãos para cima e para baixo, e seus polegares se esticaram para pressionar a dobra das coxas de Kyle.

— Brinque com as minhas bolas — Kyle instruiu. — Como você quiser. Eu adoro isso.

Havia algo em receber ordens que tornava tudo mais fácil. Eric segurou cuidadosamente as bolas de Kyle com uma das mãos, esfregando o polegar sobre a pele esticada e enrugada que, percebeu, parecia meticulosamente depilada, raspada ou algo assim. Será que Eric deveria depilar as próprias bolas? Não era algo que ele tivesse considerado fazer antes.

— Perfeito — disse Kyle enquanto Eric rolava e puxava delicadamente seu saco pesado. — Adoro que brinquem com minhas bolas. Eu poderia passar horas acariciando e chupando suas bolas, sem nem tocar no seu pau. Você ia adorar.

Parecia tortura, mas também extremamente excitante. Kyle devia estar exagerando sobre levar *horas,* certo? — Acho que eu gostaria disso — disse Eric.

— Eu me certificaria de que você gostasse.

A cabeça do pau de Kyle ainda balançava perto dos lábios de Eric. O olhar de Eric estava fixo na fenda e, sem querer, ele lambeu os lábios.

Kyle percebeu. — Faça, bebê. Quando estiver pronto.

Eric abriu os lábios e se inclinou. Beijou a ponta, passando a língua pela pele macia e quente. Ao ouvir a inspiração aguda de Kyle, continuou beijando a região da cabeça e, em seguida, a parte inferior do membro. Abriu

mais a boca enquanto prosseguia, usando mais língua, e Kyle gemeu em aprovação.

Eric beijou o caminho de volta até a ponta, então envolveu seus lábios ao redor da cabeça e silenciosamente rezou para todos que estavam ouvindo que ele não estava prestes a dar a Kyle o pior boquete da história.

Ele fechou os olhos, tentando silenciar a parte barulhenta do seu cérebro que insistia que ele fosse perfeito em tudo o que tentasse. Ele queria isso há tanto tempo, e agora estava ali com aquele jovem maravilhoso e paciente. Não iria estragar tudo se questionando. Ia se virar conforme as coisas fossem acontecendo.

Ele deslizou os lábios o máximo que pôde, passando a língua sobre a pele aveludada do eixo de Kyle e gemendo de alívio por finalmente saber como era ter um homem em sua boca.

— Que bom, bebê — disse Kyle. Ele acariciou delicadamente os cabelos de Eric com os dedos. — Eu sei que não tenho um pau de iniciante. Ele tem uma curvatura incrível.

Eric adorava a curva do pau de Kyle. Por mais bobo que parecesse, ele achava que combinava com ele. Todo o resto em Kyle tinha sido uma surpresa deliciosa; por que não seu pau?

As palavras encorajadoras de Kyle ajudaram Eric a relaxar, e ele começou a fazer o que achava certo, lambendo e chupando o eixo e a cabeça, e passando a língua sobre a fenda. Então, lembrou-se da coisa favorita de Kyle e levantou a mão para brincar com as bolas dele novamente. Kyle gemeu e sacudiu os quadris, enfiando-se uma vez na boca de Eric antes de se acalmar.

— Desculpe — disse Kyle com a voz rouca. — Não foi minha intenção.

Eric realmente gostou da ideia de Kyle enfiando na boca dele, mas talvez não naquela noite. Primeiro, Eric precisava praticar como levá-lo - ou a alguém, pelo menos - mais fundo. Naquela noite, ele aproveitaria a sensação

de ter a boca preenchida com carne quente e dura, e o peso das bolas cheias de Kyle em suas mãos. O primeiro gosto do pré-sêmen picante tocou a língua de Eric e ele lambeu a fenda, querendo mais.

— Tão fofo — Kyle ofegou. — Você está tão ansioso pra caralho. Eu adoro isso. Nossa, você tem um dom natural.

Não tinha como ser um bom boquete, por mais que Eric estivesse gostando, mas ele ainda apreciava o elogio. Continuou, seus esforços lhe rendendo mais gotas salgadas de pré-gozo, que ele lambeu avidamente. Imaginou se conseguiria perceber quando Kyle estivesse perto. Queria tentar engolir a ejaculação de Kyle, mas não tinha certeza se conseguiria.

De repente, Kyle deu um passo para trás, e Eric quase caiu da cama tentando persegui-lo. Tentando abraçá-lo novamente com os lábios.

— Chega, lindo — Kyle estava meio ofegante, meio rindo. Eric devia estar com uma aparência ridícula, nu e se esticando para o pau de Kyle como um passarinho. — Não quero gozar ainda. Por que você não fica à vontade?

Eric interpretou isso como um convite para se deitar na cama, e assim o fez. Empilhou travesseiros atrás da cabeça e se esticou sobre o edredom. Percebeu que estava exatamente na posição em que sempre havia colocado Kyle em suas fantasias: nu, esparramado de costas com as pernas abertas, o pau duro e plano contra a barriga.

— Meu Deus, olha só você! — Kyle sorriu e se moveu para a cama até se ajoelhar entre as panturrilhas de Eric. — Melhor do que eu imaginava.

— Você imaginou?

— Claro que sim. Não finja que não estava pensando em mim.

O coração de Eric disparou de vergonha e excitação. — Pensei em você. Imaginei você quando... — Ele se interrompeu, a vergonha vencendo a batalha dentro dele.

— Quando você estava se masturbando?

Eric assentiu.

— Que excitante. O que você imaginou?

Eric fechou os olhos. Não conseguia olhar para Kyle e dizer isso ao mesmo tempo. — Você me dizendo como... te agradar. — Ele engoliu em seco. — Me dando ordens.

Kyle respirou fundo. — Porra, Eric.

Eric abriu os olhos e viu Kyle segurando a base do próprio pênis com uma expressão de admiração no rosto.

— Você é incrível — disse Kyle. — Isso vai ser ainda mais divertido do que eu imaginava. Que tal você acariciar esse seu pau lindo e grosso para mim? Me mostre o que você fez quando pensou em mim.

Exibicionismo estava fora da zona de conforto habitual de Eric, mas ele não hesitou um segundo em obedecer ao comando de Kyle. Sua mão envolveu seu pênis e lhe deu suas habituais estocadas firmes e rápidas. Com Kyle observando, e a visão do corpo nu de Kyle combinada com o gosto persistente de seu pré-sêmen na boca de Eric, Eric estava perto de gozar com apenas alguns golpes. Ele grunhiu e levantou os quadris da cama, trazendo a outra mão para perto para segurar o esperma iminente.

— Pare — disse Kyle severamente. Eric parou. Ele respirou fundo apesar do choque que sentiu com a perda repentina de sensibilidade. Nunca tinha *parado de* repente. Foi... emocionante. Como levar um tapa na luva: uma dor terrível misturada a uma onda inebriante de poder.

— Você ia gozar, não é? — Kyle se inclinou, deitando-se sobre o corpo de Eric e beijando sua boca. — Incrível. Por que a pressa?

— É... é como eu sempre faço.

Kyle pareceu refletir. — Forte? Rápido? *Punitivo?*

— Eficiente — corrigiu Eric. — Não punitivo, só... não vagaroso.

— Bem. — disse Kyle, beijando seu queixo, depois seu pescoço e depois seu ombro direito — vamos tentar de outro jeito.

Ele sentou-se sobre os calcanhares, retornando ao seu lugar entre as pernas abertas de Eric. — Comece de novo — instruiu. — Devagar, desta vez.

Qualquer constrangimento que Eric sentisse ao se apresentar para Kyle foi superado por um desejo avassalador de seguir suas instruções. Quando pegou o próprio pau, não conteve o gemido de prazer com o contato. Sabia que Kyle queria ouvir, e Eric estava determinado a dar a Kyle o que ele quisesse.

— Isso mesmo — disse Kyle com a voz rouca, observando Eric passar a mão lentamente sobre o próprio membro. — Lento e devagar.

Um calor floresceu no estômago de Eric com o elogio de Kyle. Ele passou a mão preguiçosamente pelo próprio peito, esfregando de leve a pele que parecia tão crua e sensível quanto seu pênis. Como se cada centímetro dele fosse uma zona erógena, como se Kyle pudesse tocá-lo em qualquer lugar e ele gozasse instantaneamente.

Mas não era isso que Kyle queria, então Eric continuou com as estocadas dolorosamente lentas no pau, enquanto roçava os dedos no torso. Estava desesperado por mais. Queria ir mais rápido, mais forte. Queria a mão de Kyle ou a boca dele. Queria que Kyle lhe dissesse que podia gozar.

— Viu como isso é bom? — disse Kyle.

Eric assentiu com firmeza, sem nem ter certeza se *era* bom ou se era uma tortura.

— Você quer mais, bebê?

Eric assentiu novamente, mais certo disso. — Por favor.

Kyle se inclinou e deu um beijo suave no peito de Eric. O contato foi quase imperceptível, mas fez as costas de Eric arquearem. Kyle riu contra sua pele,

depois beijou o umbigo de Eric, cada roçar de seus lábios fazendo Eric se contorcer e ofegar. Finalmente, ele pairou a boca sobre o pênis duro de Eric. Eric expirou com dificuldade, ordenando a si mesmo que não gozasse quando os lábios de Kyle tocassem seu pau.

Se algum dia eles *fossem* tocar no pau dele. Kyle começou a beijar a saliência do osso pélvico de Eric, depois a dobra da coxa direita. Quando chegou à parte interna da coxa de Eric, Kyle acariciou as bolas dele, abrindo os lábios apenas para provocá-las com baforadas quentes de hálito. Eric queria sua língua, seus dedos, qualquer coisa, mas Kyle mudou para o lado esquerdo e começou a beijar de volta a barriga de Eric.

— Dobre os joelhos — ordenou Kyle. — Com os pés apoiados na cama. Quero dar uma boa olhada em você.

Eric presumiu que ele queria uma vista do seu... bem. Do seu buraco. Ou pelo menos da área onde ele ficava. Ele obedeceu, tentando não se envergonhar.

— Você pode dizer não a qualquer coisa que eu fizer ou pedir, ok? — disse Kyle, sério. — Pode dizer pare. Você pode acabar com tudo isso a qualquer momento. Entendeu?

— Sim?

— Experimente sem o ponto de interrogação. Isso é importante.

— Sim — disse Eric, desta vez com mais firmeza. — Eu te conto se me sentir desconfortável. Com qualquer coisa.

— Ótimo. Vou chupar seu pau agora e, se você não se importar, gostaria de brincar um pouco com seu buraco enquanto faço isso. Você gostaria?

— Não sei — disse Eric honestamente. Ele gostava de ter feito aquilo consigo mesmo, mas seria desconfortável ter outra pessoa tocando-o ali?

— Vou devagar e com delicadeza. E você pode me dizer para parar. Lembre-se disso.

— Eu vou.

— Certo — Kyle sorriu. — Então vamos nos divertir, lindo.

Ele lambeu o membro de Eric, lenta e intensamente, e os quadris de Eric ergueram para fora da cama. Puta merda. Não era como se Eric nunca tivesse sido chupado antes, mas fazia muito tempo. E Kyle sabia *mesmo* o que estava fazendo. Ele chupou a cabeça até Eric achar que ele ia morrer, e então o engoliu como um profissional.

— Uau — ele ofegou. — Isso é... uau. — Ele tinha quase certeza de que a cabeça do seu pau estava na garganta de Kyle, o que era uma sensação avassaladora e excelente.

Kyle parou. — Só começando, campeão. Relaxa e deixa eu te dar a recompensa pela vitória em Toronto.

Essas palavras despertaram algo em Eric. Ele gostava da ideia de ser recompensado por suas realizações. Gostava de sentir que havia conquistado esse prazer.

Ele se apoiou nos cotovelos para poder observar Kyle levá-lo fundo novamente. Kyle olhou para ele através dos cílios, os lábios bem abertos em volta do pau de Eric, e se ele conseguia sorrir naquele momento, Eric tinha certeza de que o faria. Kyle não parecia nem um pouco constrangido por estar sendo observado; ele parecia gostar, na verdade, de massagear o pau de Eric enquanto gemia alegremente como se fosse a melhor coisa que ele já tivesse provado.

Os dedos de Kyle percorreram as bolas de Eric e depois desceram para a pele sensível abaixo delas. Ele pressionou ali, e a pressão provocou um choque em Eric. Kyle riu ao redor do pau de Eric e continuou massageando-o, fazendo círculos lentos e firmes que eram incríveis.

Eric ficou tenso quando Kyle tocou a ponta do dedo em seu buraco. Foi um toque suave, roçando a pele enrugada, mas foi tão incomum e excitante que de repente ele estava prestes a gozar novamente.

Ele fechou os olhos e respirou fundo, com o desejo intenso de gozar. Ordenou a si mesmo que não o fizesse, querendo mais da boca e dos dedos de Kyle. Não estava pronto para que aquilo acabasse.

Felizmente, Kyle se afastou, dando a Eric um momento para se afastar da beira do abismo. Eric observou Kyle chupar dois dedos, encharcando-os de saliva, e então, sorrindo, os ergueu para Eric ver. Antes que Eric pudesse reagir, Kyle já estava levando o pau à boca novamente. Um segundo depois, seus dedos escorregadios pressionavam o buraco de Eric.

Distantemente, Eric pensou que deveria ter colocado um frasco de lubrificante em seu criado-mudo para que Kyle tivesse fácil acesso, mas não queria interromper o que estava acontecendo. Mesmo sem lubrificante adequado, os círculos que Kyle traçava na entrada de Eric eram elétricos.

— Bom? — perguntou Kyle, verificando.

— É — disse Eric com a voz rouca. — É uma sensação incrível.

— Isso? — perguntou Kyle, pressionando levemente seu buraco. Eric ofegou, chocado com a sensação boa que sentia. Ele havia dito a Kyle que não estava pronto para penetração, mas de repente estava desesperado por *algo...*

— Faça isso de novo — ele ofegou. — Por favor.

Kyle sorriu com conhecimento de causa enquanto empurrava novamente, um pouco mais forte dessa vez. O gemido de Eric foi tão alto que ele instintivamente cobriu a boca com o braço.

— Uh uh — disse Kyle, envolvendo firmemente o pulso de Eric com a mão e puxando seu braço. Ele o ergueu no ar acima da cabeça de Eric, o que

lhe proporcionou uma sensação intensa e totalmente nova. — Não esconda esses sons lindos de mim. Eu os conquistei.

A boca de Eric se abriu num sorriso largo, provavelmente bobo, enquanto ele olhava para Kyle. Uma das mãos ainda segurava seu pulso no ar, e a outra esfregava os dedos cuidadosamente contra seu buraco. Naquele momento, Eric se sentiu perfeitamente feliz e relaxado, apreciando a vista do belo homem que cuidava dele. A ereção de Kyle se projetava, escura e ainda brilhante com a saliva de Eric. Sem nem perceber, Eric estendeu a mão para pegá-la, envolvendo o membro com a mão livre e acariciando-o lenta e suavemente, como já havia sido instruído a fazer com seu próprio pênis antes.

Kyle soltou o pulso, o que pareceu uma perda até que Kyle o levou até o pau de Eric. Eles se olharam fixamente enquanto se acariciavam, e Eric ficou chocado com o quão escuros estavam os olhos normalmente claros de Kyle. Seus lábios estavam vermelhos e inchados de chupar o pau de Eric, e sua pele estava corada no peito e no pescoço. Ele estava absolutamente deslumbrante, como um anjo caído que estava neste planeta apenas para ensinar mortais a foder. A fantasia excêntrica fez Eric gemer, o que fez Kyle sorrir maliciosamente.

Ele soltou o pau de Eric e se deslocou para o lado da cama, forçando Eric a soltar o pau de Kyle também. Lambeu uma faixa no eixo de Eric e disse: — Quer que eu faça você gozar assim?

Cada parte de Eric gritava sim, mesmo sabendo que se arrependeria quando tudo acabasse. Ele assentiu e disse, corajosamente: — Quero que você me penetre. Um pouquinho.

Kyle pareceu entusiasmado com o pedido. — Vou devagar — prometeu. — Me avise se quiser que eu pare.

— Ok.

Kyle tomou o pau de Eric na boca e, por cerca de um minuto, seus dedos continuaram a circular suavemente a entrada de Eric. A expectativa, misturada ao êxtase de ter seu pau chupado com maestria, o fez voar. Seus dedos dos pés se curvaram e os dedos se flexionaram contra os cobertores enquanto ele se esforçava para não gozar antes que Kyle pudesse se pressionar para dentro dele.

Finalmente, sentiu a pressão excitante da ponta do dedo de Kyle o penetrando. Tentou relaxar, querendo convidá-lo para entrar. Kyle continuou massageando seu pênis com sua boca talentosa, mas seu olhar se voltou para o rosto de Eric, observando sua reação.

Eric não conseguia dizer nada. Só conseguia cerrar os dentes, enquanto a inevitabilidade do orgasmo se instalava. Tentou resistir, mas Kyle balançava a cabeça e fazia movimentos complexos com a língua exatamente no lugar certo, enquanto seu dedo criava uma pressão perfeita e ardente dentro dele, e Eric não conseguia impedir que o orgasmo o atingisse.

— Estou gozando. Porra, Kyle, eu estou...

Ele foi interrompido pela força do clímax, a liberação disparando enquanto sua mente se aquietava em êxtase. Cada parte dele foi consumida pelo puro prazer, e Kyle permaneceu onde estava, sugando e engolindo até Eric se esgotar.

Quando terminou, Eric deixou a cabeça cair nos travesseiros, ofegante. — Desculpe. Eu tentei durar.

Kyle beijava a parte interna das coxas de Eric. — Você foi perfeito. — Ele tirou o dedo da bunda de Eric, e Eric sentiu uma sensação surpreendente de vazio.

— Isso foi... — Eric procurou as palavras. — Incrível.

— Hum. — Então Kyle se sentou e andou de joelhos até ficar montado na cintura de Eric. Ele pegou o próprio pau e começou a acariciá-lo

rapidamente. — Vou garantir que dure da próxima vez. Quero te excitar por horas, até você implorar por alívio. Você já fez isso?

— Fiz o quê? — O cérebro de Eric não estava funcionando bem depois daquele orgasmo, ou com a oportunidade de assistir de perto Kyle se masturbando. Ou com a menção casual de Kyle sobre *a próxima vez*...

— Controle de orgasmo. Ver quanto tempo você consegue aguentar. Chegar ao limite e depois recuar. Repetidamente. — Sua voz soou tensa ao descrever. — Eu quero fazer isso com você. Fazer você perder completamente o controle. Acho que você precisa disso.

— Sim — disse Eric com a voz rouca. De repente, ele precisava urgentemente daquilo que mal tinha ouvido falar até então. Queria que Kyle o destruísse daquele jeito.

Kyle estendeu a mão para trás e Eric percebeu que ele provavelmente estava brincando com o próprio buraco. Será que Eric deveria estar se oferecendo para ajudar? Provavelmente. Mas Kyle não estava mandando, e ele parecia tão gostoso fazendo aquilo que Eric não conseguia se mexer. Ele estava hipnotizado, observando o borrão da mão de Kyle enquanto ela tocava sobre seu pau, e a linda expressão de êxtase em seu rosto. Seus lábios estavam frouxos e inchados, e seus olhos estavam fechados.

— Ah, porra. Eu vou gozar.

— Sim, faça isso — disse Eric, e acrescentou, ousadamente: — Em cima de mim. Vamos lá.

Kyle abriu os olhos. — Porra. *Porra.*

Ambos observaram enquanto o orgasmo jorrava de dentro dele, desnudando o peito de Eric. O rosto de Kyle estava deslumbrante quando gozou, sonhador e corado enquanto doces gemidos de êxtase saíam dele. Eric o firmou com as mãos firmes em seus quadris, e por um momento eles

apenas se encararam, com os olhos arregalados e, pelo menos da parte de Eric, perplexos com o quanto ele queria mais daquele homem.

Ele o puxou para um beijo longo e lento, que esperava expressar mais gratidão do que a adoração que ele realmente sentia. Quando se separaram, Kyle desabou na cama ao lado dele e disse: — Eu limpo isso. Só me dá um segundo.

— Sem pressa.

Kyle riu. — Então você não se importa com essa bagunça?

Eric olhou para as marcas brilhantes e pegajosas em seu peito enquanto os belos gemidos de Kyle, de um momento atrás, ecoavam em seus ouvidos. — Na verdade, não me incomoda nem um pouco.

Ficaram assim por um tempo, um ao lado do outro, mas sem se falar nem se olhar. Eric estava envolvido com a enormidade daquele momento. Ele sabia que esse tipo de coisa não significava quase nada para Kyle, mas Eric nunca havia feito sexo fora de um relacionamento romântico, muito menos com um homem. E seu coração gritava, absurdamente, para que ele abraçasse Kyle e nunca o soltasse. Era muita coisa para processar.

Por fim, Kyle se sentou e deu um tapinha no ombro de Eric. — Vou pegar um pano. Tem algum no banheiro?

— Sim, tem uma prateleira com alguns.

— Ok.

Eric esticou os braços em forma de T e soltou um longo suspiro. Era a mesma cama em que acordara. Será que se sentia diferente agora? Terminaria o dia como um homem mudado?

Bem, ele tinha o esperma de outro homem secando no peito. Aquilo era diferente.

Ele começou a rir. Kyle saiu do banheiro e parou ao ouvir a risada incomum de Eric. — Ah, não. Eu te quebrei.

— Não. — Eric passou a mão no rosto, tentando se recompor. — Não. Estou só... sobrecarregado.

Kyle sentou-se na cama ao lado dele. — Bom ou ruim?

— Bom — disse Eric rapidamente. — Muito bom.

— Parece que você se divertiu — provocou Kyle. Eric sorriu preguiçosamente em resposta.

O pano era quente e reconfortante enquanto Kyle lavava todos os vestígios de si mesmo da pele e dos pelos do peito de Eric. Mais uma vez, Eric pensou que deveria ajudar, ou simplesmente pegar o pano e fazer ele mesmo, mas isso era bom, e Kyle não pareceu se importar.

— Adoro os pelos do seu peito — disse Kyle. Ele passou os dedos da mão livre pelos cachos úmidos. — Tão sexy pra caralho.

— Obrigado. — Eric agarrou a mão dele e entrelaçou os dedos. Beijou o topo da mão de Kyle e o puxou para cima de si para poder beijá-lo novamente. Foi mais uma exploração lenta e preguiçosa, e Eric achou que poderia ser ainda melhor do que aqueles beijos urgentes e famintos. Ele beijaria Kyle assim com prazer para sempre, principalmente se continuasse soltando aqueles suspiros de felicidade.

Kyle apertou os punhos no esterno de Eric e apoiou o queixo, brincando. — Então. Sexo com homens: qual é o veredito?

Um milhão de pensamentos passaram pela cabeça de Eric, mas tudo o que ele conseguiu dizer foi: — Eu gostei.

Os olhos de Kyle se arregalaram, então ele rolou para longe de Eric. — Uau — disse ele, sem rodeios. — *Uau.*

Eric riu e tentou agarrá-lo, mas Kyle se esquivou. — Adorei — esclareceu Eric. — Foi ótimo.

— Tarde demais. Você acabou de descrever o sexo comigo do mesmo jeito que as pessoas descrevem um novo sabor de M&M's.

— Kyle. — Eric rolou para o lado e se aproximou arrastando os pés até olhar para Kyle. — Aquilo foi incrível. Mudou minha vida. Nunca vivi isso até hoje.

Kyle estreitou os olhos. — É um começo.

Eric beijou a testa dele e rolou para fora da cama, ficando de pé. Foi ao banheiro, sentindo-se tonto.

— Ooh. Ainda não dei uma boa olhada na sua bunda — gritou Kyle da cama. — Puta merda, cara.

Eric mexeu um pouco, o que lhe rendeu um assobio. Ele sabia que tinha uma bunda ótima. Era uma das muitas coisas que ele corria o risco de perder quando se aposentasse.

Quando Eric voltou do banheiro, Kyle já estava vestido.

— Você está indo embora?

— É. Eu pensei... Quer dizer, ainda é bem cedo. Posso ir para casa.

Eric tentou não demonstrar sua decepção. — Claro. Faz sentido.

— Embora eu tenha certeza de que dormiria como uma pedra naquela cama. Ou na sua cama de hóspedes de novo — Kyle acrescentou rapidamente. — Não vou presumir que...

Eric pegou uma cueca limpa na cômoda. — Se você passar a noite aqui, pode dividir minha cama. Ou dormir no quarto de hóspedes. A escolha é sua.

— Talvez na próxima vez.

Eric congelou por um segundo, depois voltou a vestir a cueca. Kyle já havia mencionado uma próxima vez, mas isso fora quando ele estava à beira do orgasmo. Ele realmente queria fazer aquilo de novo? Ele realmente queria fazer aquela coisa de se masturbar?

— Da próxima vez? — perguntou Eric, esperando que seu tom não revelasse o quanto ele estava ansioso.

— Se você quiser. Quer dizer, eu sei que você está impressionado agora, mas hoje à noite a gente só começou. Tenho muito a te ensinar.

Eric bufou. — Tá bom, professor. Talvez possamos marcar algo na semana que vem.

— Parece sexy. Vou te mandar um lembrete de compromisso.

Eric vestiu uma calça de moletom. — Ou você pode ser um pestinha por causa disso.

Kyle atravessou o quarto e envolveu a cintura de Eric com os braços. — Acabei de lembrar que estou ocupado pelos próximos seis anos.

— Que pena. Provavelmente estarei morto até lá.

Kyle o beijou. — Aposto que você vai estar ainda mais sexy em seis anos.

Eric acompanhou Kyle até a porta da frente e pegou seu casaco. Kyle tirou o celular do bolso e riu. — Kip está me convidando para o seu jogo de sábado à tarde.

Eric adorou a ideia de Kyle vê-lo jogar. Queria se exibir para ele. — Não se cansa de mim, né?

— Quero ver o quão flexível você é. — Kyle balançou as sobrancelhas, o que fez Eric rir.

— Obrigado — disse Eric, sem jeito, antes de abrir a porta. — Isso realmente foi... bem, foi mais do que eu jamais esperava. Foi perfeito. Obrigado.

Os olhos de Kyle eram suaves. — Eu me diverti. Mantenha contato, está bem?

— Eu vou.

— E — acrescentou Kyle alegremente — ficarei de olho em qualquer pretendente em potencial para você.

Isso deixou Eric perplexo por um momento, o que era bobo, pois ele sabia que *Kyle* não ia namorar com ele. Ele forçou um sorriso. — Parece bom. Vou acenar para você no jogo.

— Serei eu quem estará com a camiseta "Eu beijei *Eric Bennett*". Kyle piscou para ele e então ele foi embora.

Capítulo Quatorze

— Você já se acostumou com isso? — perguntou Kyle em meio ao rugido de vinte mil pessoas aplaudindo quando o gol de Scott foi anunciado.

Kip sorriu, com os olhos fixos no rosto de Scott na enorme tela do placar. — Não.

— Tipo, esse é seu namorado. Seu *noivo.* — De repente, ficou muito mais fácil provocar Kip sobre Scott. Ele não sentia mais uma pontada de ciúme ou desejo ao se lembrar de que Kip já estava comprometido, e Kyle não queria pensar muito no porquê.

— Eu sei — disse Kip. — Discutimos sobre as configurações da cafeteira esta manhã.

Kyle riu, imaginando. Sentiu um aperto surpreendente no peito quando Eric foi anunciado no início do jogo como goleiro titular. Eric não era seu namorado, mas a noite que passaram juntos tinha sido incrível, e Kyle estava obcecado por isso desde então. E não era só no sexo que ele não conseguia parar de pensar. Era em tudo: o jantar, a conversa, a forma como Eric não o dispensou quando Kyle confessou que era mais apaixonado por bar do que pela vida acadêmica. Na verdade, cada momento que passaram juntos tinha sido maravilhoso, começando pelas breves conversas na festa de noivado de Scott e Kip. Eric tinha Kyle completamente encantado.

E agora ele estava no gelo com o uniforme completo de hóquei, parecendo um gladiador enquanto uma arena cheia de fãs o aplaudia. Era difícil acreditar que ele era o mesmo homem que timidamente pedira a Kyle para lhe dar umas ordens no quarto.

Era um jogo à tarde contra Nova Jersey, então o estádio estava agitado. O placar estava 2 a 0 para Nova York no terceiro período, graças a algumas defesas incríveis de Eric.

— Quero que ele consiga um jogo sem gols — disse Kyle.

Kip o cutucou com força. — Não diga isso em voz alta! Você vai dar azar para ele!

— Nossa, o Scott realmente te contagiou. — Kyle se arrependeu imediatamente de ter dito isso, pois sabia o que estava por vir.

— O tempo todo — Kip falou lentamente.

Kyle olhou para o relógio. Faltavam seis minutos e meio.

Vamos lá, Eric. Você consegue.

Fazia tempo que ele não ia a um jogo com Kip, e nunca tinha ficado tão tenso assistindo a um. Seu estômago se revirou de nervosismo, não só porque queria que os Admirals vencessem, mas também porque não queria que Eric se machucasse. Como Kip lidava com todo esse estresse?

— Escolhemos um local — disse Kip, roubando casualmente um punhado de pipoca de Kyle. — Para o casamento.

— Sério? Onde?

— Encontramos uma pousada perto de Bay Shore... mais um resort, com um prédio principal e chalés ao redor. Reservamos tudo.

— Isso parece... — *Caro* foi a primeira palavra que veio à cabeça de Kyle, mas ele terminou com — incrível.

Kip sorriu. — Eu sei. É um casamento dos sonhos. Queríamos fazer fora da cidade, mas não muito longe. E queríamos um lugar privativo. Esperamos poder fazer a cerimônia ao ar livre, perto da água.

— Então não há casamento no centro do gelo?

— De jeito nenhum. Scott ama os fãs, mas isso é por nós.

Kip olhou sonhadoramente para o círculo onde Scott se curvava para uma disputa de disco. Os olhos de Kyle se fixaram em Eric, agachado no alto de seu vinco. Kyle se entregou a uma breve fantasia de dançar com Eric no casamento. Podia acontecer, mesmo como amigos.

A multidão começou a gritar com raiva, e sua atenção voltou-se para o jogo. Um dos jogadores do Admirals havia sofrido uma penalidade.

— Besteira total — resmungou Kip. — Isso não chegou nem perto de ser um golpe com o taco.

Kyle não tinha visto, mas concordou. — Ridículo pra caralho.

Agora, os Admirals ficariam com um jogador a menos, e a disputa aconteceria na zona deles, perto de Eric. Kyle se perguntou se Eric estaria estressado com isso. Ou talvez fosse divertido para ele. Talvez fosse o equivalente, para um goleiro de hóquei, a um esquiador parado na borda de uma mureta. Kyle já vivera por essa sensação um dia, e ainda a adorava sempre que tinha a chance.

O New Jersey venceu a disputa de disco e, pelos próximos cinquenta segundos, mais ou menos, disparou uma saraivada de chutes fortes na direção do gol dos Admirals. Eric foi inacreditável, defendendo uma chance de gol de um lado da rede e, em seguida, deslizando rapidamente para o lado oposto para defender o rebote. Um chute forte veio da linha azul e atingiu Eric com tanta força no peito que *Kyle* pôde sentir. A torcida rugiu em aprovação. Quando a jogada finalmente parou, eles gritavam '*Ben-ny, Ben-ny"* e o DJ começou a tocar "Benny and the Jets" do Elton John.

— Ele é tão bom! — disse Kyle, radiante de orgulho, como se de alguma forma fosse responsável pelo talento de Eric.

— Ele é incrível — disse Kip. — Aposto que ele pode jogar pelo menos mais cinco temporadas.

Kyle se perguntou. Eric parecia saudável e, com base em suas impressionantes habilidades de ioga de cabeça para baixo, muito em forma, mas por quanto tempo mais um corpo conseguiria suportar esse nível de punição?

No gelo, Eric parecia estar se recuperando daquela última defesa. Como se ser atingido por um disco a cem por hora fosse o mesmo que dar uma topada no dedo do pé. As telas gigantes mostravam uma imagem aproximada do rosto de Eric enquanto ele levantava a máscara. Ele parecia notavelmente calmo enquanto esguichava água na boca, como se estivesse em um parque em vez de se jogar na frente de discos de hóquei velozes como foguetes.

Faltavam menos de quatro minutos para o fim do jogo e um minuto para o fim da penalidade. Kyle entregou o resto da pipoca para Kip, pois estava nervoso demais para comer de qualquer maneira. Além disso, ele precisava juntar as mãos, mesmo não acreditando em orações. Simplesmente parecia certo.

Ele queria que Eric conseguisse esse jogo sem sofrer gols.

Ele queria que Eric o convidasse para comemorar esta noite.

A possibilidade de Kyle poder ter novamente aquele homem - o mesmo homem que naquele momento estava sendo adorado em alto e bom som por uma arena cheia de fãs entusiasmados - era emocionante. Ele não queria nada além da chance de dominá-lo e, então, destruí-lo completamente.

De repente, ele entendeu por que Kip estava sexualmente obcecado por Scott havia quase três anos. Aquilo era uma coisa inebriante.

O último minuto de jogo foi anunciado. A penalidade havia sido concluída, mas o New Jersey havia trocado o goleiro pelo atacante extra. Kyle se ressentia por isso. Era tão improvável que marcassem *dois* gols no

minuto seguinte para empatar o jogo que Kyle desejou que eles nem se dessem ao trabalho de tentar. Por que estragar a defesa de Eric sem motivo?

Eles tiveram várias boas chances de gol naquele minuto final, mas Eric defendeu todos os discos que passaram pela defesa. Quando os últimos dez segundos estavam sendo contados, Kyle gritava os números mais alto do que qualquer um. Finalmente, a sirene soou para encerrar o jogo, e Kyle pulou da cadeira. — É! É isso aí, Eric!

Kip riu enquanto se abaixava para pegar o casaco no assento. — Parece que o Benny ganhou um novo fã número um.

— Estou feliz por ele — disse Kyle, embora o que ele realmente estivesse pensando fosse: "*Quero transar com ele*". Ele observou os Admirals se abraçarem no gelo e, em seguida, saudarem a multidão com seus tacos antes de deixarem o gelo.

— Essa é a parte chata — disse Kip. — O pós-jogo demora uma eternidade. Principalmente depois de uma vitória. Quer ir ao Shake Shack?

Kyle piscou para ele. — Você comeu durante quase o jogo inteiro.

— Sempre tem espaço para o Shake Shack. Vamos lá. Por minha conta.

— De jeito nenhum. Você providenciou os ingressos. O mínimo que posso fazer é te pagar um hambúrguer.

Kip acenou com a mão. — Os ingressos eram de graça. Vamos.

— Scott me contou sobre Eric.

Kyle congelou, balançando no ar a batata frita do hambúrguer que estava prestes a enfiar na boca. Scott sabia que Kyle e Eric tinham ficado? — E sobre o Eric?

— Que ele é bi. O Scott me contou que o Eric te contou primeiro, o que é *interessante*.

Kyle tentou bancar o descolado. — Você ficou surpreso por ele ser bi?

— Sim! Eu não fazia ideia. O Scott nem desconfiava, e ele é um dos melhores amigos dele. — Kip riu. — Mas o Scott não é muito bom em perceber as coisas. Então por que o Eric te contou?

Kyle jogou a batata frita de volta no recipiente. — Não sei. A gente anda saindo um pouco. Acho que ele só queria contar para alguém que não era tão próximo assim.

— O quê, tipo, ele praticou a saída do armário? Com você?

Kyle mordeu a bochecha para não sorrir. Eric tinha praticado muitas coisas com Kyle. — É. Algo assim.

Kip o observou, franzindo a testa. — O que está acontecendo com vocês dois?

— Nada.

— Porque eu fiz aquele namoro secreto com uma estrela da NHL e não foi...

— Eu não estou namorando ele — disse Kyle com sinceridade, embora desejasse que fosse mentira. — Somos só amigos. Como você *queria que fôssemos.*

Kip sorriu ao ouvir isso. — Que legal. O Scott me disse que o Eric estava de ótimo humor no treino de ontem. Talvez você seja uma boa influência para ele. Ele precisa se divertir.

Kyle olhou para as batatas fritas para que Kip não visse o rubor que subia pelo seu pescoço. Será que Eric estava de bom humor por causa de Kyle? Será que ele também não conseguia parar de pensar na noite que passaram juntos?

Kip estava olhando para o celular, então Kyle pegou o seu. Havia uma mensagem de dois minutos atrás.

Eric: *Você está livre hoje à noite?*

Kyle sorriu para o celular e rapidamente escreveu: Estou, sim. Com vontade de comemorar?

Eric: *Com muita vontade. Pode vir aqui em casa? Daqui a mais ou menos uma hora?*

Kyle: *Estarei aí.*

— Por que você está sorrindo? — perguntou Kip.

— Uh, só um cara quer se encontrar comigo.

— Oh sim?

— Alguém que conheci no trabalho. — Kyle percebeu, ao dizer isso, que não era bem mentira. — Então... — Ele se levantou, pegando o que restava do seu milkshake de cookie com creme, porque não havia motivo para desperdiçá-lo. — Preciso ir. Preciso me refrescar um pouco primeiro, sabe?

Kip sorriu para ele. — Divirta-se. O Scott vai me encontrar aqui.

Kyle se abaixou rapidamente e o beijou na bochecha. — Obrigado por me convidar hoje.

— A qualquer momento. Até breve.

Kyle saiu correndo do restaurante e foi até a estação de metrô mais próxima, tonto ao perceber que iria colocar as mãos em Eric Bennett naquela noite.

Eric se sentia invencível. Ele sempre ficava animado depois de uma vitória - especialmente quando não tinha sofrido gols -, mas naquela noite ele se sentia confiante, atraente e com tesão pra caramba. Devia ser assim que seus companheiros de time se sentiam quando falavam sobre a necessidade de transar depois de uma grande vitória.

Ele tentou não deixar que nenhuma insegurança se instalasse e estragasse a incrível euforia que estava sentindo. Correu para o quarto, no andar de cima, para se certificar de que nada estava fora do lugar, o que, claro, nada estava. Verificou a gaveta do criado-mudo e ficou aliviado por ter bastante lubrificante no frasco. Depois de um momento se preocupando em não parecer muito atrevido, colocou o frasco em cima do criado-mudo. Não havia motivo para timidez naquela noite. Eric achou a simplicidade desse arranjo excitante. Não precisava adivinhar nem ser sutil. Podia entender por que ficadas casuais eram atraentes para muitas pessoas, contanto que fosse com alguém em quem confiasse.

A campainha tocou e Eric desceu as escadas correndo, o coração martelando de ansiedade. Abriu a porta e encontrou Kyle, enrolado num cachecol e gorro, com as bochechas rosadas de frio.

— Ei — disse Kyle. Ele estava sorrindo, e por um momento Eric não conseguiu falar, de tão lindo que estava. Então, ele finalmente se recuperou e deu um passo para o lado para deixar Kyle entrar.

Kyle largou a mochila e tirou o casaco, que Eric pegou para guardar no armário. Kyle estava no estilo barman naquela noite: camiseta branca, jeans desbotado e sem óculos. Era um visual criado para seduzir os homens, e provavelmente era o que Kyle normalmente usava quando ia encontrar alguém para ficar. Eric não tinha certeza se estava decepcionado por não estar encontrando a versão mais suave e universitária do homem.

— Foi muito sexy ver você conseguir aquele jogo sem sofrer gols — disse Kyle, se aproximando.

— Foi bem emocionante conseguir aquele jogo sem sofre gols — disse Eric. Ele inclinou a cabeça, seus lábios pairando na frente dos de Kyle. — Estou com vontade de comemorar.

— Sim, vamos fazer isso.

Não houve cautela naquele beijo. Nenhum aquecimento casto. Quando seus lábios se encontraram, eles se devoraram, os dedos de Kyle agarrando o queixo de Eric, e Eric apalpando a nuca de Kyle. Cada nervo do corpo de Eric vibrava de desejo. Ele se sentia faminto e pronto para beber até se fartar daquele homem deslumbrante.

Kyle o empurrou contra a parede, as costas de Eric batendo ao lado da pintura que eles estavam admirando juntos na festa. Kyle agarrou os pulsos de Eric e prendeu seus braços contra a parede. A vulnerabilidade repentina o assustou, e ele ofegou quando Kyle beijou seu pescoço.

— Você gosta disso? — disse Kyle contra a pele dele. — Você ficaria assim por mim se eu pedisse?

Eric gemeu em resposta, e então conseguiu dizer um — sim — estrangulado. Ele ficaria assim pelo tempo que Kyle quisesse, que se danassem os músculos doloridos. Ele lutaria contra o desconforto, como fazia quando praticava ioga, e ordenaria ao seu corpo que o suportasse. Por Kyle.

Ele podia sentir a pressão dos dentes de Kyle contra a carne macia perto do seu pomo de adão e imaginou que Kyle estivesse sorrindo.

— Você pareceu gostar quando eu estava no comando da última vez.

— Gostei.

— Talvez possamos brincar com isso, então. Porque eu falei sério da última vez: adoraria te apresentar o maravilhoso mundo do controle do orgasmo. Tenho a impressão de que você adoraria.

Eric assentiu. — Certo. Podemos tentar isso.

Kyle acariciou delicadamente a barba de Eric, agarrou seu queixo e o beijou com força. A força do beijo fez as pernas de Eric tremerem. Ele queria que Kyle fizesse o que quer que tivesse planejado ali mesmo, contra aquela parede, mas Kyle era a voz da razão.

— Por que não subimos para não derrubarmos aquele quadro no chão? — ele murmurou.

Surpreendentemente, naquele momento, Eric não estava nem aí para a pintura. Mas Kyle tinha razão; eles precisavam de uma cama. — Sim, sim. Lá em cima.

Kyle deu um passo para trás. — Suba. Fique nu e me espere na cama. — Ele riu baixinho, provavelmente se divertindo com a expressão atordoada no rosto de Eric. — Vá. Agora.

Kyle jogou dois níveis de *Angry Birds Blast* no celular, o que, na sua opinião, foi tempo suficiente para Eric se despir e se preparar para ele. Ele caminhou até o andar abaixo do quarto principal - o estúdio de ioga. Dedicou-se a um passeio tranquilo pelo estúdio escuro, com passos pesados. Esperava que Eric pudesse ouvi-lo e que estivesse tenso de ansiedade.

Quando finalmente subiu as escadas para o quarto de Eric, encontrou-o estendido na cama, nu, com as mãos cruzadas sobre o peito e os tornozelos cruzados. Seu pau estava grosso, mas não exatamente duro, e repousava contra uma coxa musculosa. Kyle se permitiu um momento para absorver aquela imagem. Deus, havia tantas coisas que ele queria fazer com aquele homem.

Kyle largou a mochila na cama. Pensou em tirar a camisa, mas decidiu deixá-la por enquanto. Gostava do equilíbrio de estar completamente vestido enquanto Eric estava nu. De perto, podia admirar a definição dos músculos bem definidos de Eric. E os inúmeros hematomas escuros por todo o corpo. O que aquele homem fazia todos os dias era impressionante.

Ele percebeu que Eric estava tentando parecer confortável e relaxado, mas a tensão nos nós dos dedos e a forma como seu abdômen se contraía e relaxava o denunciavam. Kyle envolveu o tornozelo de Eric com a mão e

apertou, depois o soltou e deslizou as costas dos dedos pela perna de Eric até chegar ao topo da coxa. Eric respirou fundo quando a mão chegou perto da virilha, mas Kyle a afastou.

— Você é absolutamente deslumbrante — disse ele. — Olha só esses músculos.

— Faço exercícios.

— Quanta tensão você carrega nesses músculos? — perguntou Kyle, apertando um dos bíceps de Eric. — Quanta pressão há nesses ombros?

Em resposta, Eric fechou os olhos e soltou um longo suspiro. Kyle brincou com seus cabelos, penteando delicadamente os cachos grossos. Queria acalmá-lo e mimá-lo, e depois, ele queria masturbá-lo até a última gota.

— Pode deixar tudo para lá — disse Kyle suavemente. — Sua única função esta noite é se sentir bem. E é minha função garantir que você se sinta bem.

— Sim — Eric sussurrou, mantendo os olhos fechados.

Kyle se abaixou para beijá-lo. Eric abriu-se avidamente, erguendo-se para conseguir um ângulo melhor e aprofundar o beijo. Ele enfiou a mão por baixo da barra da camiseta de Kyle, deslizando a palma pela barriga dele para levantar a camisa.

Kyle cobriu a mão com a sua, parando-a. — Boa tentativa — disse ele. — Acho que vou ficar de roupa por um tempo.

— Parece injusto.

— Eu nunca prometi ser justo. Deite-se.

Os olhos de Eric se arregalaram, e Kyle o pressionou contra o colchão com a mão firme em seu peito. Ter tanto controle sobre aquele homem poderoso e lindo era inebriante. Kyle queria um fim de semana a sós com ele. Uma semana. Um ano.

Quando Eric se acomodou, Kyle começou a aquecer o corpo com o leve roçar das pontas dos dedos. Havia hematomas recentes do jogo daquele dia, e Kyle os evitou enquanto percorria o peito de Eric, descendo até a barriga definida, e então mergulhava nas ranhuras profundas sob seus oblíquos. Ele observou o pau de Eric se contrair e engrossar em resposta, mas não o tocou. Em vez disso, caminhou até a ponta da cama e abriu a mochila.

— O que tem aí dentro? — perguntou Eric.

— Você verá.

Kyle decidiu que era melhor começar; caso contrário, eles ainda estariam ali à meia-noite, e ele não tinha intenção de dormir ali. Pensou em fazer um boquete em Eric primeiro, mas sabia, pela última vez, que isso o deixaria perto demais, rápido demais. Guardaria isso para uma rodada posterior. A primeira seria relaxante e lenta, com muita conversa.

Eric estava completamente duro agora e Kyle nem sequer tocara em seu pau. Aquilo ia ser divertido. Ele notou o lubrificante que Eric havia colocado no criado-mudo, mas Kyle tirou um frasco do seu lubrificante favorito da mochila.

— Você se masturbou hoje? — perguntou Kyle enquanto colocava um pouco de lubrificante na palma da mão.

— Não.

— Bom. Ontem?

Eric franziu a testa, como se precisasse pensar no assunto. — Não.

Kyle envolveu o pau de Eric com a mão escorregadia, o que o fez sibilar e contrair o abdômen. — Você deve estar morrendo de vontade de gozar, então.

— Eu posso aguentar... um pouco — disse Eric com a voz rouca.

— Sério? — perguntou Kyle em tom de conversa enquanto bombeava lentamente o pau de Eric. — Eu não. Geralmente, preciso gozar pelo menos uma vez por dia.

— Você é jovem.

— E você não é velho. — Kyle continuou a acariciá-lo, observando atentamente o rosto de Eric. Ele fazia careta e a testa ainda franzida. Tenso demais. — Acho que você vai gostar disso.

— Você diz isso para todo mundo que você tortura?

— Não faço isso para *qualquer um.* Este é um serviço premium que você está recebendo aqui. — Ele acrescentou um toque nas carícias descendentes enquanto continuava a acariciar Eric, mantendo a pegada solta. — Este vai ser o melhor orgasmo que você já teve. Eu prometo.

Eric resmungou em resposta. Kyle acelerou um pouco o passo.

— Adoro controlar meu próprio orgasmo — continuou ele. — Esta manhã, cheguei perto três ou quatro vezes antes de gozar.

Eric xingou baixinho, e Kyle sabia que ele estava imaginando. Ótimo. Ele queria que Eric imaginasse, o jeito como ele estava esparramado nu na cama, o pau duro e brilhante e a pele corada e escorregadia de suor. Meu Deus, Kyle nunca tinha tirado uma foto obscena de si mesmo - não depois do que aconteceu com Ian -, mas talvez tirasse, se Eric quisesse uma. Se Eric quisesse ver como Kyle era quando fantasiava com ele. Quando Kyle estava exausto e desesperado para gozar.

Kyle apertou com um pouco mais de força e continuou falando, querendo deixar claro: — Sabe no que eu estava pensando quando fiz isso?

— O quê?

— Eu estava imaginando isso. Você exposto para eu brincar o quanto eu quisesse. — Não era mentira. Kyle estava fantasiando exatamente sobre isso quando chegou ao limite várias vezes naquela manhã. Bem. Quase

exatamente isso. — Na minha fantasia, você tinha um plugue anal vibratório, mas podemos melhorar isso.

— Porra.

Kyle não estava brincando. Ele sabia exatamente qual plugue queria usar em Eric. Ele podia controlá-lo com um aplicativo no celular.

— Me avise quando estiver perto. Essa é a minha única regra.

— O que acontece... — Eric respirou fundo. — O que acontece se eu não fizer isso?

— Então a diversão vai acabar, e acho que você não quer isso. Eu sei que não quero. — Kyle não era sádico e nunca tinha gostado de misturar dor com prazer. Não tinha interesse em aumentar os hematomas que cobriam o corpo de Eric. O que Kyle realmente amava era ter homens impressionantes e confiantes entregando o controle a ele, e ele nunca tivera ninguém tão impressionante quanto Eric Bennett.

Eric não respondeu, mas abriu os olhos. Eles se encararam enquanto Kyle começava a acariciá-lo com mais força, mais rápido. Ele usou a mão livre para acariciar as bolas pesadas de Eric. Eric já estava correndo em direção ao clímax, Kyle percebeu. Ele se perguntou se Eric seguiria suas instruções e lhe avisaria quando ele estivesse prestes a gozar. O quanto ele confiava em Kyle?

— Estou perto — avisou Eric, e Kyle mordeu o lábio para impedir que um sorriso bobo e deliciado tomasse conta de seu rosto. Ele estava tentando parecer autoritário. Deu mais algumas estocadas em Eric, depois soltou o pau, mas continuou acariciando suas bolas.

— Porra. — Eric gemeu e riu ao ouvir a palavra. — Você faz isso por diversão, né?

— Espere só. — Kyle se esticou sobre o corpo de Eric e o beijou lenta e profundamente por um ou dois minutos. Parou quando percebeu que Eric

estava esfregando nele. Kyle deu um tapa na coxa dele. — Safado. Quer que eu te deixe assim?

— Eu poderia lidar com isso.

— Então não te forcei o suficiente. Vamos tentar de novo. — Num movimento fluido, Kyle deslizou pelo corpo de Eric e levou seu pau fundo na boca.

— Ah! *Merda!* — Era o som mais alto que Kyle já ouvira Eric fazer. Se não estivesse com a boca cheia, teria sorrido.

Kyle estava apaixonado pelo pau de Eric. Era o mais grosso que Kyle já vira pessoalmente, e era decentemente longo também. Kyle geralmente preferia ser ativo, mas, caramba, ele queria saber como seria a sensação daquele pau monstruoso dentro dele. Relaxou a garganta, levando Eric o mais fundo que pôde. Queria que fosse rápido, então foi implacável, chupando com força e engolindo a cabeça.

— Meu Deus, estou perto de novo. Eu vou...

Kyle se afastou e Eric deu um soco no colchão.

— Ah, não. Você já está bravo comigo?

— Não — resmungou Eric.

— Mal começamos. — Kyle montou em seus quadris e sorriu para ele.

— Você poderia pelo menos tirar a camisa — reclamou Eric.

— Suponho que você mereceu isso. — Kyle tirou a camiseta e a jogou no chão. As mãos de Eric o alcançaram imediatamente, deslizando pelos flancos e depois pelo peito.

— Você é lindo — disse Eric, puxando-o para um beijo. Os beijos de Eric rapidamente se tornaram a coisa favorita de Kyle. Havia uma doçura neles que Kyle não esperava antes de começarem a fazer tudo aquilo.

Quando Kyle o observava de longe, nas poucas vezes em que entrara no bar com Scott nos últimos dois anos, ele desfrutara de breves fantasias com

Eric o penetrando com força contra a parede do salão dos fundos. Talvez depois de Kyle tê-lo deixado tão excitado que Eric não conseguia mais resistir. E ele imaginara Eric de joelhos, com as mãos fortes cravadas nas nádegas de Kyle enquanto Kyle fodia sua boca. As fantasias eram sensuais, mas a realidade era mais excitante do que qualquer coisa que Kyle pudesse imaginar. Eric o beijava como se ele fosse importante, como se Kyle fosse algo precioso, e Kyle não se cansasse disso.

Era uma maneira perigosa de pensar.

Ele se forçou a interromper o beijo, saiu de cima de Eric e foi até a beira da cama. Precisava de um momento de distância para clarear a mente, para se lembrar do que estava fazendo ali. Ele não era importante nem precioso para Eric. Kyle era apenas um amigo prestativo que sabia lidar com um pau.

Ele enfiou a mão na mochila e tirou uma nova manga de masturbação que só tinha usado algumas vezes, mas que o tinha deixado completamente impressionado nas duas vezes. — Você já usou uma dessas?

— Eu nem sei o que é isso.

Kyle suspirou dramaticamente, como se não gostasse de ser o único a apresentar novos níveis de prazer a Eric. — Ah, Eric. — Ele despejou um pouco de lubrificante dentro do brinquedo e o alinhou com o pênis de Eric. Sem mais cerimônias, empurrou cuidadosamente a manga para baixo até cobrir completamente o membro de Eric.

— Puta merda, que diabos é isso?

— É um brinquedo sexual — disse Kyle, deliberadamente malcriado.

Eric estreitou os olhos para ele. — Já ouvi falar de brinquedos sexuais. Não sou *tão* ignorante assim.

Kyle riu. — É uma manga com saliências e sulcos divertidos por dentro. É uma delícia, não é?

Eric soltou um longo gemido quando Kyle lhe deu algumas estocadas lentas. — Isso é incrível.

— Eu sei. Usei em mim mesmo na semana passada e gozei feito um vulcão.

Eric gemeu novamente, possivelmente pela visão de Kyle usando o brinquedo em si mesmo, e possivelmente porque estava com inveja do orgasmo de Kyle. Talvez ambos.

Kyle lhe deu outra estocada longa e lenta, observando o brinquedo engolir o pau escuro e inchado de Eric. — Vamos ver quanto tempo você aguenta com essa coisa.

Não demorou muito. Cerca de dois minutos até os dedos dos pés do Eric começarem a se curvar.

— Quer me contar alguma coisa? — perguntou Kyle suavemente.

Eric apertou os lábios.

— Porque parece que você está prestes a gozar.

Eric respirava com dificuldade, e Kyle o deixou acreditar que havia vencido por um segundo, depois puxou o brinquedo. Eric gemeu enquanto seu pau se contraía com raiva contra sua barriga, vermelho e brilhante de lubrificante.

— Você não ia me contar daquela vez? — provocou Kyle. — Porque talvez nem precise. Talvez eu possa simplesmente. Contar. — Para provar, ele contou até dez mentalmente e começou a acariciar Eric com a mão. Em menos de um minuto, o abdômen de Eric estava contraído e suas bolas se levantando, e Kyle o soltou.

— Ah. Meu Deus. Foda-se — Eric ofegou. — Eu estava tão perto daquela vez.

— Suas bolas estão tão apertadas — Kyle riu, passando o dedo sobre elas. — Mal posso esperar para ver essa gozada. — Ele acariciou distraidamente

o ponto sensível logo abaixo da cabeça do pau de Eric e viu uma gota de pré-sêmen escapar da fenda. Kyle tinha certeza de que seu próprio pau estava vazando naquele momento. Estava ficando difícil manter o controle, do jeito que Eric estava se desfazendo para ele.

O peito de Eric subia e descia rapidamente enquanto ele lutava para se recompor. — Você pode... você pode tirar a calça jeans?

Kyle sorriu. — Gostei que você esteja transformando isso num jogo de strip poker. — Ele se levantou e se certificou de que Eric estava observando enquanto abria o botão da braguilha. Sua ereção era evidente, pressionando o jeans, então ele massageou a protuberância com a mão enquanto observava o rosto de Eric. Ele parecia destruído: olhos vidrados, pele corada e suor umedecendo os cachos nas têmporas. Kyle apostaria que ele faria quase qualquer coisa que ele pedisse naquele momento.

— Quero que você faça isso — Kyle decidiu de repente. — Acaricie-se. Chegue perto, mas não goze.

Eric soltou um grunhido irritado, mas obedeceu. Envolveu o membro com a mão e começou a estocadas lentas e cuidadosas, enquanto o resto do corpo tremia com o esforço de não gozar.

— Isso mesmo. Devagar — disse Kyle. — Como da última vez. Lembra da última vez?

Eric assentiu, cravando os dentes no lábio inferior e franzindo a testa em concentração.

— Ótimo — sussurrou Kyle enquanto enfiava a mão dentro da própria cueca. — Você está indo muito bem, bebê. Você me deixou tão duro.

— Eu quero ver — Eric ofegou.

Kyle tirou a calça jeans, empurrou a cueca para baixo e a tirou. Ele puxou o pau duro para baixo e o deixou bater contra a barriga. — Viu como eu

estou duro pra caralho? É porque você está tão lindo agora, se masturbando para mim. Fazendo o que eu mando.

Eric gemeu e fechou os olhos com força por um segundo. Quando os abriu novamente, Kyle notou como pareciam vidrados. O olhar de Eric se fixou no pau de Kyle, então Kyle lhe deu algumas carícias preguiçosas.

— Posso... você pode... — Eric rosnou. — *Porra*... eu não posso. Eu vou...

— Solte — disse Kyle firmemente.

Eric obedeceu, embora parecesse surpreso. Esfregou o rosto com a mão e gemeu de frustração. Kyle respirou fundo e sentiu como se seu coração tivesse parado. Percebia que Eric estava em agonia, mas estava disposto a suportar. Por Kyle. Porra, era impressionante. Ele agarrou a base do próprio pau e respirou fundo para se acalmar, antes de pegar o brinquedo novamente.

— Ajoelhe-se — ele instruiu, esperando que o tremor em sua voz não fosse óbvio. Eric se levantou num instante, com as pernas afastadas e os joelhos pressionando com força o colchão. Ele estava magnífico.

Kyle se abaixou para depositar um beijo suave na cabeça do pau lacrimejante de Eric. Era um pedido de desculpas e uma promessa. E um agradecimento. Ele se endireitou, colocou o brinquedo sobre a cabeça e o manteve imóvel. — Desta vez, você está fazendo o trabalho. Eu quero que você o foda.

Eric não precisou pedir duas vezes. Ele apoiou as mãos nos ombros de Kyle e começou a estocar o brinquedo com entusiasmo. Kyle soltou um gemido enquanto o observava, imaginando como seria ser fodido por aquele homem.

— Quem me dera que esse brinquedo fosse eu — disse ele, ousadamente. Não queria pressionar Eric, mas sua cabeça estava cheia de pensamentos safados e incríveis e ele queria compartilhá-los. — Eu adoraria sentir esse

seu pau grosso dentro de mim. Porra, aposto que você me rasgaria em pedaços com essa coisa.

Eric grunhiu e investiu mais rápido. Ele era tão forte e tão *em forma.* Kyle apostou que aguentaria horas se conseguisse segurar o orgasmo. Ele poderia segurar Kyle e simplesmente estocar nele.

— Você está imaginando? — perguntou Kyle. — Você está fingindo que esse brinquedo sou eu? Que você está me alargando e me preenchendo e...

As narinas de Eric dilataram-se enquanto ele fechava os olhos com força. Kyle arrancou o brinquedo, e Eric *gritou* de frustração, balançando o corpo inutilmente.

Certo, talvez fosse a hora.

— Deite-se — disse Kyle gentilmente. — De costas.

— Por favor — Eric choramingou.

Assim que Eric se acomodou como Kyle o queria, Kyle se acomodou entre suas coxas abertas. Ele parou um momento para admirar o resultado de todo o seu trabalho duro: Eric Bennett, corado e brilhando de suor e lubrificante. Seus olhos selvagens e suplicantes, e seu cabelo úmido e emaranhado contra o travesseiro. Kyle deslizou a mão por uma das coxas de Eric e observou o pênis desesperado de Eric se contrair. Suas bolas pareciam enormes, prestes a explodir, e Kyle queria abrir a comporta.

Ele começou a masturbá-lo. Não houve provocação dessa vez; ele acariciou com força e rapidez, segurando suas bolas carregadas com a outra mão. Eric implorou com os olhos, e Kyle assentiu. — É, lindo. Vamos ver.

Mais duas estocadas e Eric gozou. Ele se arqueou para fora da cama, uivando de alívio quando o primeiro jato de sua ejaculação atingiu seu peito. Kyle gemeu junto com ele enquanto seu próprio pau se contraía e liberava pré-gozo, ansioso por sua própria ejaculação.

Kyle acariciou Eric durante seu orgasmo épico, observando com espanto enquanto ele continuava a ejacular. Não o soltou até que estivesse completamente esgotado, e seu pênis conseguiu um último fio de esperma para se juntar à quantidade impressionante de sêmen que cobria a barriga e o peito de Eric.

— Meu Deus — Eric ofegou. — Isso foi... puta merda.

— Sim — Kyle concordou sem fôlego.

— Eu nunca gozei assim. Porra.

Kyle se recompôs e riu baixinho. — Bom, né?

— Incrível. Eu não sabia.

— Fica comigo, meu querido. — Kyle se inclinou e o beijou. — Eu sei de tudo.

Os dois homens descansaram lado a lado enquanto Eric recuperava o fôlego. Ele estava tão exausto que levou vários minutos para perceber que Kyle se acariciava calmamente. Eric rolou de lado para observá-lo.

— Posso ajudar com isso?

Kyle sorriu preguiçosamente para ele. — Tenho a impressão de que você prefere se limpar.

Eric abaixou a cabeça, envergonhado pela precisão das palavras de Kyle, mas também tocado por já o conhecer tão bem. E por sua consideração. — Só um segundo — prometeu.

— Sem pressa.

Ele observou Kyle por mais um momento - ele realmente parecia não ter pressa nenhuma para gozar, apesar de seu pênis estar duro como pedra e brilhando com pré-sêmen - e então foi rapidamente para o banheiro.

Ele imaginou que estar bêbado devia ser um pouco parecido com isso. Suas pernas pareciam gelatina e sua cabeça flutuava. Cada parte dele estava solta, relaxada e... feliz. Ele se sentia tão feliz.

Eric nunca tinha experimentado nada parecido com o que Kyle acabara de fazer com ele. Nem de perto. Ele definitivamente brincaria com a técnica de controle de orgasmo na próxima vez que se masturbasse. Sabia que não seria a mesma coisa que ter Kyle fazendo isso por ele - ou entregar esse controle a outra pessoa -, mas seria um exercício de disciplina, e Eric não era estranho a isso.

Ele se limpou e se examinou no espelho. Seu cabelo parecia como se tivesse acabado de tirar a máscara de goleiro, úmido e desgrenhado. Seus olhos estavam vidrados e sua pele, corada e brilhando de suor. Ele parecia, como alguns de seus companheiros de time diriam, bem fodido.

E Kyle estava na cama agora mesmo, se acariciando e possivelmente pensando em Eric e em como ele o fizera perder o controle. Eric ficou surpreso por não ter vergonha de quão descontrolado havia sido.

Ele não tinha vergonha de nada que tivessem feito, só se preocupava com o quanto queria fazer *mais*. Queria que Kyle lhe mostrasse tudo o que sabia, e Eric queria lhe dar tudo o que tivesse para dar em troca. Essa parte já era assustadora o suficiente, mas era o anseio de Eric por intimidades com Kyle além do sexo que o deixava verdadeiramente apavorado. Ele queria passar um tempo juntos, mesmo que não estivessem fazendo nada. Queria aprender tudo sobre ele e se abrir para ele, e Eric precisava pôr um fim nessa linha de pensamento antes de fazer algo estúpido.

Quando Eric voltou para o quarto, Kyle estava encostado em uma pilha de travesseiros, um braço sobre a cabeça e a outra mão massageando lentamente seu pênis. Ele era primoroso, tão raro e belo quanto qualquer obra de arte da coleção de Eric. Suas pernas longas e torneadas estavam

esticadas à sua frente, soltas e relaxadas. Seu pênis, com sua curva deliciosa, ainda estava duro e agora brilhava de lubrificante.

— O que você quer? — perguntou Eric. A visão de Kyle se dando prazer languidamente havia despertado um pouco de energia no corpo exausto de Eric. Até seu pau se esforçava para se erguer novamente.

— Venha aqui — disse Kyle. Deu um tapinha no colchão ao lado, e Eric foi imediatamente. Sentou-se com as costas apoiadas na cabeceira, com medo de que, se deitasse, pudesse adormecer de tão exausto que estava. Kyle o surpreendeu ao se encaixar entre as coxas de Eric e, em seguida, reclinou-se contra o peito dele.

Eric o abraçou, puxando-o com força contra si, adorando a sensação de tê-lo tão perto. Amando como Kyle se encaixava perfeitamente nele.

— Estou machucando você? — perguntou Kyle.

— Hm? — A última coisa que Kyle faria naquele momento era machucá-lo.

— O hematoma, quero dizer. Ou melhor, hematomas.

Era adorável como Kyle estava preocupado com os hematomas de Eric. Eram algo que Eric carregava na pele havia tanto tempo que ele não conseguia se lembrar de como era ficar sem eles. Supôs que descobriria em breve. Depois que se aposentasse. — Está tudo bem. Já estou acostumado com eles. — Ele beijou a têmpora de Kyle. — Eu gosto disso.

Kyle virou a cabeça e beijou o bíceps de Eric. — É?

— Hum. — Eric passou a mão livre pela barriga de Kyle e, em seguida, envolveu seu pênis com os dedos, substituindo a mão do próprio Kyle. Acariciou-o lentamente, tentando acompanhar o ritmo que Kyle vinha mantendo.

— É. Assim mesmo — disse Kyle, sonhador. — Adoro ser abraçado assim enquanto você mexe no meu pau.

Eric bufou, trêmulo. — Você não guarda muita coisa para si, né?

— Por que eu faria isso? Acho que você gosta da minha conversa indecente.

— Sim — admitiu Eric. Não adiantava mentir; seu pau estava duro de novo, cutucando as costas de Kyle. Ele gostava tanto daquele homem, mas sabia que precisava guardar a maior parte para si.

Ele observou a cabeça brilhante do pênis de Kyle entrar e sair do túnel de sua mão enquanto o acariciava mais rápido. Era apenas a segunda noite de Eric com um homem - com *aquele* homem -, mas ele se sentia confiante no que estava fazendo. O ângulo era familiar, como se estivesse se masturbando, mas os gemidos e suspiros encantadores que Kyle emitia enquanto se contorcia nos braços de Eric eram novos e excitantes.

— Bom? — perguntou Eric, seus lábios roçando a orelha de Kyle.

— Tão gostoso pra caralho — Kyle disse lentamente. Ele se mexeu e começou a esfregar a bunda no pau do Eric, o que foi incrível. Eric andava pensando muito ultimamente sobre como seria transar com um homem. Para ser mais sincero, ele andava pensando em como seria transar com *esse* homem. Mesmo exausto como estava naquele momento, queria se enterrar bem fundo dentro do Kyle. Mas essa provavelmente era uma lição para outro dia.

O pensamento o fez gemer, e ele o abafou contra o ombro de Kyle.

— O que você está pensando? — perguntou Kyle, sem fôlego. — Me conta.

Tão mandão. Eric fora condicionado por uma vida jogando hóquei a obedecer a ordens, mas obediência nunca fora tão emocionante antes. Ele compartilhou seus pensamentos com Kyle, impotente. — Eu quero te foder.

Kyle ficou tenso contra ele. — É?

— Não posso agora, mas em breve. Se você quiser. — Kyle dissera que queria, antes. Mas será que era real? Ou só conversa indecente?

— Ah, porra, Eric. — Kyle começou a empurrar na mão dele. — Quero você dentro de mim. Eu faria isso ser tão gostoso para você.

— Eu sei que sim — disse Eric gentilmente. Ele beijou seus cabelos e abraçou Kyle com mais força. Ele o conhecia há pouco tempo, mas confiava que ele seria paciente e gentil com ele. Que tornaria tudo divertido e relaxante, fazendo Eric rir tanto quanto o fazia ofegar e gemer. Seria maravilhoso, e Eric provavelmente deveria se certificar de que isso nunca acontecesse, porque tinha certeza de que não haveria volta. Seu coração estaria perdido.

A cabeça de Kyle rolou para o ombro de Eric, sua boca entreaberta enquanto ambos observavam a mão de Eric se contraindo contra seu pênis. Eric estava focado em seu objetivo, afastando pensamentos sem sentido sobre perder o coração e se obrigando a estar presente. Ele ouvia o corpo de Kyle da mesma forma que ouvia o seu enquanto praticava ioga, questionando-se se deveria parar antes que Kyle gozasse. Se conseguiria se conectar com seu corpo o suficiente para provocá-lo com a mesma habilidade que Kyle havia feito por ele.

O corpo de Kyle se contraiu nos braços de Eric, a cabeça inclinada para trás e os dedos dos pés curvados. Ele soltou um longo gemido, e Eric novamente considerou parar. Antes que pudesse tomar uma decisão, era tarde demais. O orgasmo de Kyle jorrou dele, cobrindo sua barriga e escorrendo pelos dedos de Eric.

Eric o abraçou, beijando sua têmpora, sua bochecha, sua orelha - tudo o que conseguia alcançar. Murmurou uma torrente de palavras carinhosas, sem conseguir impedi-las de sair da boca. — Tão lindo. Eu cuido de você. Você é tão sexy.

— Nossa — suspirou Kyle, deslizando sem força pelo corpo de Eric até sua cabeça encostar na coxa dele. — Que delícia.

Por mais que Eric adorasse segurar Kyle contra si, a visão do homem, exausto e feliz em seu colo era de tirar o fôlego. — Eu me saí bem?

— Ah, sim. Nota máxima. — Ele sorriu para ele e começou a cantarolar sonolento: — Ben-ny! Ben-ny!

Eric riu e penteou o cabelo de Kyle para trás com os dedos. Seu coração parecia enorme, cheio de sentimentos inapropriados que definitivamente não cabiam em um acordo sem compromisso. Se Eric não tomasse cuidado, acabaria se enredando nas amarras que seu cérebro parecia determinado a criar.

Kyle, felizmente, era mais forte. Ou, mais precisamente, provavelmente estava menos interessado. — Me dá uns minutos pra me recuperar, — ele disse, — e aí eu vou embora.

Eric queria convidá-lo para ficar, mas tinha medo de que ele aceitasse. — Sem pressa, — disse ele, em vez disso.

Kyle rolou e se levantou até que seu rosto ficasse na altura do de Eric. — Você é muito sexy, Eric.

— Eu sou?

Kyle beijou sua bochecha, seu queixo e depois sua boca. — Não finja que não sabe.

Eric não sabia, mas deixou Kyle acreditar que tinha pelo menos um pouco de confiança sexual. — Você é muito... inspirador.

— É um presente. — Kyle bocejou e depois riu. — É melhor eu me arrumar e ir embora enquanto ainda consigo andar.

— Você poderia...

Kyle pressionou um dedo nos lábios de Eric e o beijou docemente. — Vou para casa.

Por favor, fique. — Certo. — Mas Eric não podia deixar Kyle ir embora sem ter certeza de que o veria novamente. Ele se arriscou. — Imagino que você não estaria interessado em visitar a galeria da minha amiga esta semana? Comigo, quero dizer.

Eric não conseguia decifrar a expressão de Kyle. Ou estava agradavelmente surpreso com o pedido e decidindo se seria uma má ideia aceitar, ou estava irritado e prestes a dizer isso a Eric.

— Isso é um encontro? — perguntou Kyle, o que não era nada do que Eric esperava. Ele notou que Kyle não estava sorrindo.

— Não — disse Eric, embora desejasse poder dizer sim. — Só pensei que você gostaria de ver esta exposição. Se quiser. Tudo bem se preferir...

— Podemos pedir empanadas? — Os lábios de Kyle se curvaram e todo o corpo de Eric relaxou.

— Claro.

Kyle beijou sua bochecha. — Conte comigo.

Ele foi ao banheiro, e Eric olhou para o espaço vazio na cama ao lado dele, desejando que as coisas pudessem ser diferentes.

Capítulo Quinze

Quando entraram juntos na galeria, Eric lembrou a si mesmo pela centésima vez que aquilo não era um encontro.

— Olá? — Eric chamou para a sala vazia. Ouviu o som de saltos agulha batendo no chão de concreto, e então Jeanette apareceu dos fundos.

— Eric! — Ela o abraçou e beijou sua bochecha, depois se virou para Kyle. — E quem é esse?

— Jeanette, este é meu amigo Kyle. Ele está estudando história da arte na Universidade de Columbia. — Ele esperava não ter gaguejado na palavra *amigo.* Não que fosse mentira. — Kyle, esta é Jeanette Saint-Georges, minha amiga e dona desta galeria.

— Já passei por aqui tantas vezes e nunca entrei — disse Kyle, apertando a mão dela. — É um lugar lindo.

— Obrigada, e é um prazer conhecê-lo. Faz tempo que o Eric não traz um *amigo* aqui. — Ela lançou a Eric um olhar que continha uma pergunta que ele não tinha intenção de responder. Meu Deus, ele era mesmo tão transparente? Nunca lhe dissera nada que sugerisse que se sentia atraído por homens. Será que ela *sabia?* Alguém a quem ele apresentasse Kyle suspeitaria que o Eric estava dormindo com ele?

Ele desviou o olhar dela e perguntou: — Como foi a inauguração?

— Maravilhosa. Vendemos tudo.

— Não estou surpreso.

— Eu também não. Mas todo mundo tinha inveja de você. Sua peça foi o destaque.

— Mal posso esperar para ver — disse Kyle. — O Eric tem ótimo gosto.

Jeanette o encarou com um olhar avaliador, como se estivesse considerando expor Kyle em sua próxima exposição. — Ele certamente tem um olhar para a beleza.

Eric sentiu um calor percorrer a nuca. Ela definitivamente desconfiava. Com certeza. Trazer Kyle ali era uma péssima ideia. Mesmo que ele e Kyle estivessem mesmo namorando - se Kyle fosse seu namorado -, seria mais fácil. Ele não queria contar às pessoas que Kyle era um amigo que estava lhe dando aulas práticas de educação sexual.

Um amigo muito mais jovem.

Cristo, o que o Eric estava fazendo?

Jeanette os conduziu até a segunda sala, e Eric caminhou atrás dos dois, tentando organizar seus sentimentos. Tentando se controlar.

Ele achou que poderia estar sob controle até o momento em que Kyle avistou o quadro que Eric havia comprado. O rosto de Kyle se iluminou e o coração de Eric palpitou traiçoeiramente.

— Nossa — disse Kyle num sussurro reverente. — É deslumbrante.

— Sim — disse Eric baixinho. Enquanto Kyle examinava a pintura, Eric também o observava. Seus dedos longos estavam curvados diante dos lábios carnudos em contemplação, e seu quadril se projetava ligeiramente para o lado. Por que tudo nele era tão fascinante?

Sua mente vagou de volta para a noite de domingo, quando aqueles dedos estavam enrolados em volta do pau de Eric. Segurando aquele brinquedo maravilhoso com firmeza enquanto Eric o fodia. Ele se lembrou daqueles mesmos lábios carnudos sugando a cabeça de seu pau, roçando beijos suaves em sua pele. Aqueles mesmos quadris se contorcendo em seu colo enquanto Kyle chegava ao clímax enquanto Eric o abraçava.

Então ele percebeu que Jeanette e Kyle estavam olhando para ele, e era evidente, pela expressão deles, que esperavam que ele respondesse a alguma coisa. — Perdão?

— Eu perguntei ao Kyle se você já mostrou alguma das suas fotos pra ele.

— Eu disse que vi só uma, mas adoraria ver mais, — disse Kyle.

— Ah. — Eric se sentiu desconfortável com o fato de seu hobby ser discutido como se ele fosse um grande talento. Principalmente diante de uma arte tão requintada. — É mais do mesmo. Sou um turista com uma câmera. Às vezes, dou sorte.

— A sorte não tem nada a ver com isso — zombou Jeanette.

— Bem. — disse Eric lentamente — se é que tenho algum talento, é paciência. Acho que isso é útil, quando se trata de fotografia.

— Paciência e atenção aos detalhes — disse Jeanette. Ela cutucou Kyle. — Este aqui não deixa nada escapar, sabia?

Kyle não disse nada, mas sustentou o olhar de Eric enquanto seus lábios se curvavam em um sorriso lento e sensual. Eric rapidamente voltou sua atenção para a pintura, pois era um território mais seguro. Depois daquele sorriso, porém, as cores na tela pareciam opacas.

Kyle se moveu para ficar bem ao lado de Eric, e ambos estudaram a pintura em silêncio. Depois de um minuto, Eric se virou e ficou surpreso ao ver que Jeanette havia ido embora em algum momento.

— Onde você vai pendurá-lo? — perguntou Kyle. Sua voz era baixa, mesmo estando sozinhos.

— Minha sala de estar. Quero reorganizar o espaço para que este seja o ponto focal.

— Você vai mimar isso demais.

— Isso merece.

Kyle riu baixinho. — Obrigado por me mostrar.

Eric queria lhe mostrar tanta coisa. Tudo. Queria ver seu rosto se iluminar em todas as galerias do mundo. Em todos os museus. Em todos os locais históricos e vistas de tirar o fôlego. — Que bom que você veio. Você devia dar uma olhada no resto.

Eles passaram mais uns vinte minutos examinando a arte e discutindo cada peça. Finalmente, Kyle sorriu para ele e perguntou: — Está na hora da empanada?

— Definitivamente.

Eles agradeceram a Jeanette e ela os abraçou antes de irem embora. Quando estavam do lado de fora, Kyle disse: — Isso foi legal.

— A galeria?

— Sim, mas... eu quis dizer a experiência geral de ir a uma galeria com você.

O coração de Eric disparou. — Eu também gostei. Quer dizer, eu gosto de passar tempo com você.

Kyle sorriu para ele, e Eric pensou em beijá-lo. Mas Kyle recuou e disse: — Empanadas! Vamos lá.

Kyle sentiu o delicioso aroma de carne temperada e massa fresca antes mesmo de abrir a porta da Padaria Córdoba. Entrou no calor acolhedor da confeitaria argentina, apertada e colorida, e segurou a porta para Eric. Quando Eric passou por ele, Kyle se lembrou, mais uma vez, de que aquilo não era um encontro.

Valentina, que era dona da padaria com o marido, cumprimentou Kyle em espanhol, e eles conversaram um pouco na língua nativa dela. Ele não estava brincando quando disse a Eric que ia lá o tempo todo. Pediu o de sempre: quatro empanadas de carne apimentadas; duas para comer agora, uma para dar para Maria e uma para depois. Presumiu que voltaria para casa depois

disso. Ele e Eric não tinham combinado de fazer... outras coisas. E se Maria soubesse que ele tinha ido lá e não trouxesse uma empanada para ela, ficaria furiosa.

— Siempre tan predecible — Valentina brincou com ele. — Es uno para Maria?[2]

— Si tiene suerte.[3]

Ela olhou para Eric por cima do ombro, aparentemente o reconhecendo, e mudou para inglês. — Vegetais grelhados, certo?

— Certo — confirmou Eric. Uma empanada de legumes grelhados parecia um desperdício de dinheiro para Kyle, mas provavelmente era a coisa menos saudável que Eric se permitiu comer.

— Vocês se conhecem? — perguntou Valentina. — Vejo vocês dois o tempo todo, mas não juntos.

— Somos amigos — disse Kyle, lançando um sorriso por cima do ombro para Eric.

Valentina entregou a Kyle um saco de papel recheado de empanadas quentinhas. Como sempre, ela havia adicionado - secretamente - duas empanadas de sobremesa grátis ao pedido dele. Kyle, como sempre, ficou bem feliz com isso. Eric recebeu seu pedido e eles se afastaram para atender o próximo cliente. Córdoba era um lugar popular.

Kyle apontou para uma mesa milagrosamente vazia. — Vamos sentar-nos?

Eric assentiu. — Sim, tudo bem.

Ele parecia estranhamente nervoso. Kyle também notara isso na galeria. Seria porque Jeanette o estava provocando sutilmente sobre Kyle? Eric estaria envergonhado de ser visto com ele? Estressado com as suspeitas?

---

[2] "Sempre tão previsível."
"É um para Maria?"
[3] "Se ela tiver sorte"

Kyle queria dizer a ele para não se preocupar com nada disso, mas uma padaria apertada não era o lugar para discutir o assunto. Principalmente porque mais quatro clientes tinham acabado de entrar, ocupando quase todo o centro da loja.

Ele não tinha certeza do que Eric queria exatamente. A última vez que eles ficaram juntos tinha sido sexy pra caralho, e Kyle tinha quase certeza de que ambos achavam isso. Mas não era isso que fazia Kyle ficar tonto há dias. Era o quanto tinha sido difícil para Kyle ir embora naquela noite. Como ele estava morrendo de vontade de ficar na cama de Eric, não por sexo, mas porque queria ser abraçado por ele. Queria dormir em seus braços e acordar com seus beijos carinhosos. Queria conversar enquanto tomavam café da manhã e planejavam o dia juntos.

E era exatamente por isso que Kyle deveria estar se distanciando de Eric. Ele corria o risco de se apaixonar por aquele homem, e esse era um erro que Kyle não estava disposto a cometer. Para começar, Eric não parecia totalmente pronto para um relacionamento público com um homem. Para completar, ele claramente não se sentia confortável com a diferença de idade entre eles. Provavelmente conseguia se convencer de que não era grande coisa quando estavam na cama de Eric, ou quando visitavam uma galeria juntos, mas Kyle sabia como era frágil. Eric podia decidir a qualquer momento que Kyle era jovem demais, másculo demais... ridículo demais para Eric ter qualquer tipo de relacionamento. Kyle preferia não ter seu coração investido quando isso acontecesse.

Ele observou Eric tirar uma das empanadas do saco de papel e dar uma mordida. Fechou os olhos e suspirou feliz com a boca cheia de legumes grelhados. Havia pedaços de massa grudados nos lábios, dos quais Kyle não conseguia desviar o olhar.

Eric engoliu em seco e disse: — Meu Deus, isso é bom. — A ponta da língua dele disparou para remover as migalhas dos lábios.

— Sim — concordou Kyle, mesmo sem ter tirado a empanada do saco ainda.

— Você vai comer? — perguntou Eric antes de dar uma segunda mordida. Kyle se recompôs e enfiou a mão no próprio saco de papel. Ele estava, de fato, faminto, mas estava apreensivo em devorar seu almoço na frente de Eric. Parecia rude encher a boca de carne na frente de um vegetariano.

— Eu não me importo — disse Eric, como se lesse sua mente. — Coma. Por favor.

Kyle obedeceu, cravando os dentes na crosta quente e amanteigada e depois na delícia apimentada e queijeira que havia dentro. Ele gemeu um pouco mais orgásmico do que pretendia, mas, porra, aquelas empanadas estavam boas.

Ele pegou um guardanapo do porta-guardanapos sobre a mesa e o enxugou delicadamente nos lábios. — Adoro essas empanadas — disse Kyle, sem graça.

— Gostei de ouvir você pedir. — Os olhos de Eric pareciam um pouco mais escuros do que um momento antes. Kyle se remexeu na cadeira.

— Sim?

— Foi impressionante. Falo muito pouco espanhol.

— Bem, você sabe. Eu era jovem e sonhava em me casar com Diego Luna.

Eric o estudou por um momento com aqueles olhos penetrantes e expressivos, como se não tivesse certeza se Kyle estava brincando ou não. Então seus lábios se curvaram naquele sorriso sensual com o qual ele gostava de torturar Kyle, e Kyle voltou sua atenção para a última mordida em sua empanada. Sua empanada segura e descomplicada.

— Seu semestre deve estar quase acabando — disse Eric.

Kyle engoliu a comida. — É. Semana que vem.

— Você não parece estressado com isso.

— É só uma aula. Tenho um trabalho de conclusão de curso para entregar, mas está praticamente pronto. Só estou fazendo alguns ajustes.

Eric sorriu para ele novamente. — O quê? — perguntou Kyle.

— Aposto que você é um bom escritor.

Kyle deu de ombros. — Estou bem. Rápido, geralmente. Gosto mais da pesquisa do que da escrita.

— Eu também, quando estava na faculdade.

— Acho que você é o primeiro formado em Harvard que conheço que diz *faculdade* em vez de *Harvard* — provocou Kyle.

Eric pegou um guardanapo e limpou os dedos. — Fui lá pelo hóquei, não porque sou um gênio.

Kyle bufou. — Certo. E todos os seus colegas de Harvard se formaram?

Eric hesitou, depois admitiu: — Não.

— E quantos jogadores da NHL têm diplomas de Harvard?

Eric amassou o guardanapo e o colocou sobre o saco de papel vazio. — Atualmente?

— Claro. Ou, caramba, quantos *já se* formaram em Harvard?

Os lábios de Eric se contorceram, então ele disse: — Só eu, atualmente, eu acho. E talvez... não sei. Três? Cinco? Alguns? Não tenho certeza.

— Então estamos de acordo? Você é extraordinário.

Eric balançou a cabeça, mas seus olhos brilhavam. — Eu gosto de ler. Isso não me torna extraordinário.

Tudo em Eric era extraordinário. Kyle foi tomado por uma sensação avassaladora de descrença de que o homem comendo empanadas com ele era realmente Eric Bennett. Como era a vida real *desse* Kyle?

Os dois tinham terminado de comer, e Kyle se viu implorando para inventar uma desculpa para prolongar o tempo juntos. — Tem uma cafeteria ótima no próximo quarteirão — disse ele.

Eric lhe deu um sorriso caloroso que fez o coração de Kyle derreter. — Eu gostaria de tomar um café.

Eles decidiram levar o café para caminhar no parque High Line. Enquanto caminhavam pela trilha, Kyle tomou um gole de seu café com leite e encolheu os ombros contra o frio. Ele estava fora de Vermont há muito tempo para que o frio o incomodasse tanto.

— Então por que você não está namorando a Jeanette? — perguntou Kyle. — Ela parece incrível.

— Ela é — Eric concordou — mas a esposa dela não gostaria disso.

— Ah. — Kyle percebeu que não estava muito triste com isso. — Sua ex ficou com parte da sua coleção de arte no divórcio?

— Dividimos tudo de forma justa. Havia algumas peças de que ela gostava mais do que eu, então ela as levou. Deixei a maioria dos móveis da nossa antiga casa para ela. Eu queria começar do zero.

— Deve ter sido difícil. — Kyle nunca tinha passado por um término que envolvesse *algo.* Ele não conseguia imaginar todo aquele estresse somado a um coração partido.

— Não foi tão ruim. Holly e eu somos bem tranquilos. Ela vem de família rica, então o lado financeiro não foi tão importante quanto poderia ter sido. Eu estava bem indiferente à ideia de dividir tudo. — Ele bufou. — Acho que eu estava bem indiferente ao casamento inteiro, principalmente nos últimos anos. Nós dois estávamos.

Kyle só tivera relacionamentos que ardiam intensamente, mas que logo se extinguiram - para ele, pelo menos - inesperadamente. — Então não foi uma surpresa? O divórcio?

— Na verdade, não. Mais uma vez, eu não estava prestando muita atenção, então, se foi uma surpresa, foi só por isso. Holly não estava brava comigo. Ela me fez sentar uma noite e gentilmente me disse que não havia motivo para continuarmos casados. — Ele sorriu melancolicamente. — Ela sempre foi tão organizada. Apresentou um argumento muito convincente e, quando terminou, eu disse que ela estava certa. Nos abraçamos e, na manhã seguinte, iniciamos o processo.

— Nossa. Acho que não é assim que geralmente acontece um divórcio.

— Provavelmente não. Mas ainda somos amigos. E ela tem um namorado novo. Um cara legal.

Eles caminharam em silêncio por um momento. — Ela ficaria surpresa se você tivesse um? — perguntou Kyle. — Um namorado?

Eric demorou a responder, como se nunca tivesse considerado a ideia. — Acho que ela ficaria muito surpresa.

— Isso importa para você?

— Sinceramente, não sei. Normalmente, eu me importo com o que os outros pensam. E não gosto desse tipo de atenção.

— Certo — disse Kyle firmemente.

— Se eu estivesse em um relacionamento com um homem, alguém por quem eu estivesse apaixonado, talvez fosse diferente, eu acho. Talvez eu não me importasse com o que os outros pensam, se eu tivesse sentimentos tão fortes por alguém.

Se... Se Eric conhecesse alguém que atendesse aos seus padrões. Alguém que ele pudesse se orgulhar de apresentar como namorado. Alguém que não fosse Kyle.

Kyle se forçou a ignorar a amargura que havia se instalado. — Sinta-se à vontade para me apresentar como seu amigo/instrutor de sexo — brincou ele.

Eric deu aquele sorrisinho meio contido que Kyle adorava. — Eu realmente aprecio sua... ajuda.

— Não tem sido uma tarefa. — A verdade é que tinha sido a melhor coisa na vida de Kyle ultimamente. Ele estava terminando sem entusiasmo seu trabalho final para uma disciplina com a qual mal se importava e se arrastando para um trabalho que seria muito mais divertido se seu chefe se importasse com o bar ou com as sugestões de qualquer um de seus funcionários. Além disso, ele não estava saindo com ninguém além de Eric por motivos que não queria discutir, e estava enfrentando mais um Natal solitário em Manhattan.

Como se estivesse lendo sua mente, Eric perguntou: — Você tem planos para o Natal?

— Não. Só assistindo a filmes ou algo assim.

Kyle percebeu que Eric estava cuidadosamente tentando encontrar a resposta para as perguntas que *realmente* queria fazer. — Você conversa muito com seus pais?

— Na verdade não. — Eles pararam em um mirante, e Kyle se preparou para a pergunta que sabia que viria.

— Você não precisa responder se não quiser falar sobre isso, mas... — começou Eric. — Sua família. É porque você é gay? É por isso que eles...

— Me expulsaram? — Kyle terminou por ele.

Os olhos de Eric pareciam tão tristes. — Sim.

Kyle suspirou. — Não oficialmente, não. Pelo menos, não é o único motivo. Acho que é parte do motivo, não importa o que digam. — Ele passou

a ponta do dedo pelas ranhuras do protetor de copo de café. — Acho que nunca vou saber de verdade.

Eric estava quieto, com o olhar fixo na rua lá embaixo, e Kyle sabia que ele estava tentando não insistir em mais informações. Por algum motivo, Kyle queria se oferecer voluntariamente. Fazia muito tempo que ele não contava a ninguém sobre o capítulo mais vergonhoso de sua vida.

— Causei um pequeno escândalo, lá na pequena Shaw, Vermont. — Kyle se esforçou para manter o tom de voz descontraído, como se não estivesse lhe custando admitir isso para alguém tão impressionante quanto Eric Bennett. — Eu estava em um... relacionamento... com um homem que era meu chefe na época.

— Oh.

— Ele era casado. Com uma mulher, quero dizer. E tinha dois filhos.

— Ah — disse Eric novamente, desta vez com mais gravidade. — Entendo.

Uma das mãos de Eric agarrou o corrimão com tanta força que Kyle teve certeza de que os nós dos dedos estavam brancos sob a luva. Kyle não ficou surpreso - não devia ser nada agradável descobrir que o homem com quem você estava passando tanto tempo era um monstro.

— E — continuou ele, porque Eric merecia saber o quão ruim a situação era — eu sabia. Só para deixar claro, eu sabia que ele tinha uma família, mas ele me disse que me amava, e eu acreditei. — Ele riu sombriamente. — Eu nunca tinha ficado com ninguém antes. Eu achava que estava apaixonado.

O maxilar de Eric estava tenso, como se ele estivesse rangendo os dentes. — Quantos anos você tinha?

— Eu tinha acabado de fazer dezoito anos.

— Jesus.

— A esposa dele descobriu, e depois a cidade inteira. Havia... fotos. Vídeo.

Eric balançou a cabeça, o olhar fixo em algo distante. Kyle respirou fundo, se estabilizando. — Depois disso, meus pais acharam melhor eu sair da cidade. Eu sei que eles queriam me proteger, mas eles também... não suportavam me ver.

Kyle não queria falar sobre como tudo aquilo se *sentira.* Como seu frágil coração adolescente fora destruído quando Ian o excluíra completamente de repente, e então ele tivera que encarar os pais. Meu Deus, ele estava um caco. De coração partido, devastado e tão, tão envergonhado. Ele deixara de ser - aquele doce garoto, Kyle Swift - para se tornar um vampiro sexual depravado, que se aproveitava do homem mais respeitável da cidade. Para se tornar o garoto *daquelas fotos*...

Kyle esperava, agora, que Eric se afastasse dele. Que ele o criticasse por ser tão estúpido e egoísta. Eric havia sido casado. Ele conseguiria se identificar com a esposa de Ian.

— Kyle — disse Eric. Sua voz era suave, e Kyle desejou que não fosse. Seria mais fácil se ele simplesmente gritasse com ele. — Você sabe que não é o vilão dessa história, né?

— Eu não sou o herói.

Eric se virou para ele. — Você era uma criança.

— Não de acordo com a lei. — Kyle percebeu, agora um pouco mais velho, que o comportamento de Ian talvez tivesse sido pior que o seu. Kyle deveria ter recusado suas investidas, mas Ian não deveria tê-las feito em primeiro lugar. Kyle sabia, em seu coração, que jamais teria tentado seduzir Ian. Ele nem saberia como.

— Você era criança — disse Eric novamente, com mais firmeza. — E aquele cara se aproveitou de você.

— Bem. Eu certamente fui um participante voluntário.

— Ele era seu chefe. Acho normal que os mais jovens desenvolvam... paixões... por pessoas mais velhas que admiram. Até figuras de autoridade. Mas cabe aos mais velhos não se deixar levar por isso. Um treinador nunca deve dormir com um jogador, mesmo que o jogador queira.

Droga. O Eric estava fazendo muito sentido. Mas o Kyle ainda tinha argumentos a apresentar.

— Então as pessoas só devem namorar pessoas da sua idade?

Eric fez uma careta e disse: — Acho que depende da situação. Mas talvez, na maioria das vezes, sim. Provavelmente é o melhor.

Kyle olhou para o chão. Ele já sabia como Eric se sentia em relação a namorar um homem mais jovem, então não deveria doer tanto ouvir isso agora. Kyle estava sentindo muitas coisas ao mesmo tempo e preferia não sentir nada. Era mais seguro.

— De qualquer forma — disse ele, forçando a alegria ao levantar a cabeça. — Tudo isso já é passado. Aprendi algumas lições. Talvez ele também tenha aprendido. — Será que Kyle realmente aprendeu alguma coisa? Ele ainda deixava seu coração tomar decisões terríveis. Ainda sentia desejo por homens mais velhos.

Deus, Eric deveria correr o mais longe possível de Kyle.

Mas Eric não estava correndo. Na verdade, ele estava colocando seu copo de café em um banco e se aproximando de Kyle de braços abertos. Kyle colocou seu próprio copo sobre o banco e aceitou o abraço de Eric. Os braços de Eric eram fortes e se apertaram firmemente em volta dos ombros e costas de Kyle. O rosto de Kyle estava pressionado contra o calor sólido do ombro de Eric, e ele se permitiu fechar os olhos e sentir o cheiro de Eric por um instante.

— Sinto muito que essa tenha sido sua primeira experiência com, hum...

— Sexo? Amor? Homens? Foi. Tudo isso.

— Sinto muito.

Kyle piscou rapidamente, sentindo a ardência nos olhos. Não era como se ninguém tivesse demonstrado compaixão por aquilo antes. Maria lhe dissera tudo isso e muito mais. Kip não sabia, porque Kyle nunca tivera coragem de lhe contar. Provavelmente presumiu que os pais de Kyle fossem homofóbicos. Talvez fossem.

— Vamos continuar andando. — Kyle ficou feliz por sua voz estar tão firme. Ele sentia como se estivesse desmoronando por dentro.

— Ok.

Eles se separaram e Eric pegou os cafés dos dois no banco. Ele entregou o copo de Kyle, e Kyle quis segurar sua mão. Queria segurá-la enquanto caminhavam e desfrutar do conforto que frequentemente sentia na conexão física. Ele enfiou a mão livre no bolso.

Eric estava rígido e quieto enquanto caminhavam, com o maxilar cerrado e o olhar fixo em algo distante à frente. Kyle suspeitava que, apesar do apoio e do conforto que Eric lhe demonstrara depois de contar sua história, era difícil ignorar o fato de que Kyle era um destruidor de lares. Que Kyle fora egoísta, estúpido e tivera sorte de ainda receber ajuda financeira dos pais. Não havia nada de impressionante nele. Era um garoto rico que aprendera idiomas sozinho porque se sentira solitário e entediado: primeiro como um adolescente gay em uma cidadezinha, depois, como um caipira assustado morando sozinho em Manhattan.

— Eu deveria ir para casa — disse Eric de repente.

Claro. — Tem uma estação de metrô aqui perto. — Kyle apontou para uma escada que os levaria de volta ao nível da rua. — Logo ali.

Ele seguiu Eric escada abaixo. Ao entrarem na estação, perceberam que pegariam o trem e iam em direções opostas. Houve um momento

constrangedor em que Kyle pensou em beijar Eric, mas decidiu não o fazer. Até mesmo um beijo na bochecha parecia um privilégio que ele não merecia naquele momento.

Eric acenou com a cabeça para ele. — Me diverti muito, Kyle. Obrigado.

— Eu também. — A garganta de Kyle ficou apertada, mas ele conseguiu dizer as duas palavras sem revelar sua infelicidade, pensou.

Um minuto depois, eles estavam em lados opostos do amplo abismo de trilhos de trem. Eric olhava para o celular, e Kyle para Eric. Ele se perguntou, enquanto o trem chegava à estação e bloqueava sua visão, se algum dia voltaria a ter notícias de Eric.

Capítulo Dezesseis

A história do Kyle foi o que selou a decisão.

Quaisquer pensamentos românticos que Eric pudesse ter tido sobre Kyle precisavam ser trancados em uma caixa muito segura e jogados no Hudson. Se ele achava que já se sentira um velho tarado *antes*...

Kyle não parecia perceber o quão horríveis as ações do homem mais velho tinham sido, mas Eric viu claramente. Aquele homem - *Ian* - estava se aproveitando de seu jovem funcionário. E se ele estivesse apenas esperando Kyle completar dezoito anos e, assim que isso aconteceu, lhe ofereceu um emprego? Eric apostaria seu contrato que foi isso que aconteceu.

Talvez o homem tivesse se mudado para uma cidade diferente e tivesse feito a mesma coisa novamente.

Eric *odiava* esse cara. Ele queria caçá-lo.

— Preciso que você relaxe, Benny.

— Desculpe. — Eric respirou fundo e deixou seu braço direito cair molemente nas mãos de Sully, o massoterapeuta do time.

— Assim está melhor — disse Sully alegremente.

Faltavam menos de duas horas para o início do jogo, e Eric precisava parar de pensar em Kyle. Sua obsessão o fizera ter um desempenho péssimo no treino do dia anterior. Ele não poderia repetir isso naquela noite.

Sully terminou a massagem de Eric, e Eric foi para a academia fazer alguns alongamentos profundos.

Eric era sempre o primeiro jogador a chegar à arena antes dos jogos. Ele tinha uma longa rotina pré-jogo que era importante para sua preparação, tanto física quanto mental. Ele fazia uma massagem, se alongava, andava

um pouco na bicicleta ergométrica, se alongava mais um pouco, bebia água e comia uma refeição saudável à base de plantas, e então começava a vestir seus equipamentos.

Quando Eric acabou de terminar sua primeira rodada de alongamento, o treinador Murdock entrou na sala. Seu maxilar estava tenso, mas Eric detectou um pedido de desculpas em seu olhar.

Droga.

— Estou no banco hoje à noite, não estou? — perguntou Eric.

O treinador assentiu. — Vamos dar o início para o Tommy. Sua cabeça não está onde deveria estar. Quinn concorda.

Eric estremeceu, mas não discutiu. Ele *não podia* discutir. *Deixe-me terminar esta temporada como goleiro titular,* implorou silenciosamente a ninguém em particular.

— Eu vou consertar — ele prometeu.

O treinador deu um tapinha no ombro dele. — Todos sabemos que você vai conseguir, Benny.

Eric ainda terminou sua rotina. Quando terminou, o vestiário estava lotado de seus companheiros de time. Tommy cumprimentou Eric com um aceno de cabeça quando ele passou, e Eric retribuiu. Ele estava feliz pelo garoto, de verdade. Ele seria titular todas as noites na próxima temporada, e os treinadores provavelmente sabiam disso.

Garoto. Tommy tinha a mesma idade que Kyle. O pensamento fez o estômago de Eric se revirar. Que porra ele estava pensando?

Kyle era jovem demais para ele. Não importava que ele fosse uma das pessoas mais brilhantes e charmosas que Eric já conhecera. Não importava que o coração de Eric disparasse só de pensar em beijá-lo. Não importava que, no quarto, quando Kyle estava no comando, Eric não se sentisse nem um pouco mais velho.

Na verdade, a diferença de idade só parecia existir quando Eric estava longe de Kyle. Era quando ele tinha tempo para pensar sobre isso e se sentir desconfortável. Quando estava com Kyle, mal se dava conta disso.

Mas existia, assim como os sentimentos de Eric por Kyle. E essa era uma combinação perigosa.

— Ei, aquilo é amanhã à noite — disse Scott, tirando Eric do seu turbilhão de pensamentos confusos. — O show de drag que te contei.

— Ah. — Eric piscou e se concentrou no amigo. — Certo. O da caridade.

— Sim. Você ainda quer ir?

Ele se perguntou se Kyle estaria lá. Ele se perguntou se queria que ele estivesse.

Porra, é claro que ele queria que ele estivesse lá. E era por isso que ele não poderia ir.

— Acho que não consigo.

Scott franziu a testa, e Eric sabia que ele queria argumentar que provavelmente não estava ocupado. Mas, em vez disso, Scott apenas suspirou e disse: — Sem problemas — Foi o suspiro sofrido de um homem que era amigo de um chato.

Eric se sentiu mal, mas sabia que era a decisão certa. Ele não conseguia pensar com clareza perto de Kyle, então era melhor ficar longe.

Já fazia dias que Kyle não tinha notícias de Eric. Já tinham ficado mais tempo sem se comunicar, mas esse período parecia interminável. E significativo.

Kyle havia entregado seu trabalho de conclusão de curso e se viu com bastante tempo livre. Ele se dedicou à prática do grego e agora estava

sentado no sofá, pesquisando casualmente sobre programas de intercâmbio na Grécia. Manhattan estava começando a parecer sufocante.

A ideia de viajar sozinho não o atraía tanto quanto de costume. Ele não parava de ter visões indesejadas de explorar ruínas com Eric. Imaginava longos dias caminhando juntos pela costa e nadando no Mediterrâneo. Eric provavelmente ficaria espetacular de sunga.

Quais eram esses pensamentos? Kyle já tinha ficado com cerca de um bilhão de homens, e nenhum deles o fazia sonhar acordado com viagens pela Europa juntos.

Não desde, bem, Ian.

Ele se arrependeu de ter contado a Eric sobre Ian, mas também sabia que Eric merecia saber. Eric tinha sido gentil, mas Kyle não se iludiria em receber mais convites para sua linda casa.

O celular dele acendeu com uma mensagem do Kip. *Show de drag hoje à noite. Não esqueça!*

Kyle *tinha* esquecido. Ele não estava com vontade de sair, mas faria isso porque era um bom amigo.

***Kyle**: Certo. Estarei lá.*

Teria sido o lugar ideal para Eric ir, pensou ele, infeliz. Nossa, como teria sido divertido.

Outra mensagem, que ele esperava, era um sinal de positivo do Kip. Kyle deu um gritinho estranho de excitação ao ver que era do Eric.

***Eric**: Você vai ao show de drag hoje à noite?*

Kyle não sabia bem o que dizer. Será que Eric queria que ele dissesse não, para que fosse seguro para ele ir? Será que ele queria que Kyle dissesse sim pelo mesmo motivo?

***Kyle**: Eu estava planejando.*

***Eric**: Scott quer que eu vá.*

Certo. O que Kyle deveria dizer em resposta a isso?

***Kyle**: Você quer ir?*

***Eric**: Talvez.*

Senhor Deus. Que diabos foi isso?

***Kyle**: Acho que pode ser uma boa introdução à cena de baladas gays para você.*

A resposta de Eric pareceu demorar uma eternidade, mas a tela de Kyle finalmente se iluminou com: *Você sabe que há uma grande chance de eu nunca entrar na cena de baladas gays, certo?*

Kyle riu em sua sala de estar vazia.

***Kyle**: Mas é DIVERTIDO!*

***Eric**: Estou muito velho.*

***Kyle**: Não.*

***Eric**: Eu não sei dançar.*

***Kyle**: Até parece.*

***Eric**: Eu posso provar.*

Kyle sorriu e escreveu: *Então você vem hoje à noite?*

Ele se perguntou se Eric faria uma piada de duplo sentido. A maioria dos amigos de Kyle não resistiria a uma deixa dessas. Mas ele duvidava que Eric sequer tivesse notado a ambiguidade.

Eric: *Nossa. Você pulou algumas etapas aí.*

Kyle recostou-se no sofá, rindo. Sabia que não devia flertar com ele, mas não conseguiu evitar.

***Kyle**: Obviamente você nunca dançou COMIGO.*

Por um longo tempo, Eric não respondeu. Não havia nem um ponto indicando que Eric estava escrevendo alguma coisa. Kyle se amaldiçoou por ser tão estúpido.

***Eric**: Posso te ligar?*

Meu Deus. Isso soou... bem, Kyle não tinha certeza, na verdade. Ameaçador? Emocionante?

Kyle: Claro.

Um momento depois, seu telefone tocou. Ele mordeu o lábio, olhando fixamente para a tela, e então atendeu. — Oi.

— Oi. — Só essa simples palavra fez Kyle sentir uma faísca percorrer o corpo. Ele *sentia falta* do Eric. Fazia *dias*, e Kyle *sentia falta* dele.

— E aí?

— Eu só... eu queria falar sobre... — Eric suspirou ao telefone. — Se eu for hoje à noite, à balada, acho que não deveríamos...

— Entendido — interrompeu Kyle. Ele não suportava ouvir Eric terminar a frase. — Sem toques.

— Sim. Eu só... acho que é melhor.

— O que você quiser — Kyle conseguiu manter o tom de voz leve, mesmo com o coração dramático doendo no peito. — Não é como se não houvesse muitos homens para escolher quando você estiver lá.

Eric bufou. — Não vou ficar até tarde.

— Você tem um jogo amanhã?

— Não. Eu só...

— Não se preocupe — provocou Kyle. — Você pode assistir ao show, dançar uma ou duas músicas e ainda chegar em casa com tempo de sobra para fazer seu Tai Chi[4] antes de dormir.

— Eu não faço isso *toda* noite.

— Você vai se divertir. Prometo. E se por acaso tiver um cara gato lá com mais de trinta anos...

— Não vou ficar com uma pessoa aleatória que conheço numa balada.

— Eu não estava falando de *você.*

Isso fez Eric rir, o que Kyle sempre adorava ouvir. Ele riu também, mas seus olhos começaram a arder. A verdade era que ele só queria dançar com Eric. Sentir o corpo de Eric contra o seu enquanto se excitavam até não aguentarem mais. Até terem que correr para a casa de Eric - ou talvez para o apartamento de Kyle - para arrancar as roupas um do outro. Ele poderia fazer isso com qualquer um dos centenas de homens que estariam na balada naquela noite, mas Kyle só estava interessado em fazer isso com Eric.

Bem, ele teria que se superar. Eric não o queria, então Kyle precisava encontrar alguém que o quisesse. Kyle não era inexperiente quando se tratava de desilusões amorosas. A melhor coisa a fazer era seguir em frente o mais rápido possível.

— Então, te vejo hoje à noite — disse Eric.

— Se você tiver sorte.

Ele ouviu Eric suspirar. Parecia melancólico, não irritado. Ou talvez cansado.

— Eu... — Eric se interrompeu. — Quero que sejamos amigos, Kyle. Gosto de você.

---

[4] O Tai Chi Chuan, frequentemente referido apenas como Tai Chi, é uma arte marcial interna chinesa caracterizada por movimentos suaves, lentos e fluidos, combinados com técnicas de respiração e concentração mental. É praticado tanto como forma de exercício físico para a saúde quanto como uma forma de meditação em movimento.

— Somos *amigos* — Kyle assegurou. — Podemos ser o tipo de amigos que não fazem sexo. Ouvi dizer que algumas amizades funcionam assim. Parece estranho, mas estou disposto a tentar.

Eric deu uma risadinha. — Te vejo mais tarde.

— Mais tarde.

Eles encerraram a ligação, e Kyle prometeu a si mesmo que conseguiria encontrar um garoto bonito naquela noite que o faria esquecer completamente de Eric Bennett.

Capítulo Dezessete

Eric estava preocupado que Carter pudesse morrer de tanto rir.

Scott Hunter estava no centro do palco, usando uma fantasia de elfo bastante reveladora. Consistia em um short verde justo, um colete vermelho aberto sobre o peito nu, um chapéu pontudo e sapatos de bico fino com sininhos.

— Puta merda! — gritou Maria. — Isso é muita coisa, Scott.

Era definitivamente mais pele do que Eric jamais vira Scott exibir fora de um vestiário. Ele já tinha feito algumas sessões de fotos sem camisa, mas o short que estava usando agora era obsceno.

A drag queen que estava apresentando o entretenimento da noite, Helen St. Mount, tinha acabado de enfiar uma bengala doce no cós do short de Scott, o que fez Scott corar e Carter uivar.

— Ouvi dizer que você vai se casar — disse Helen.

— Sim, vou.

— Aff, que desperdício de homem — brincou Helen. Scott riu, e a plateia aplaudiu.

— Desculpe — disse Scott. A multidão estava devorando a atitude tímida do namorado que Eric sabia que não era encenação. Mais uma vez, ele ficou impressionado com o quanto Scott havia evoluído em poucos anos. De medo de que alguém descobrisse que ele era gay a participar, seminu, de um show de drag e fazer piadas sobre se casar com o namorado. Enquanto Carter não conseguia parar de rir, Eric sentiu a própria garganta apertar um pouco.

— Ele realmente preenche bem esse short, não é? — disse Kyle no ouvido de Eric. Eric tentou não reagir ao leve sopro de ar contra sua pele. Não era

fácil. Só de rever Kyle, tinha quase jogado o Eric no chão. Ele estava especialmente deslumbrante naquela noite, vestido para a balada com uma camiseta azul-escura justa e uma calça jeans preta mais justa, e sua pele brilhando um pouco por causa do calor da sala lotada.

— Não tenho ideia do que você está falando — ele respondeu, da forma mais calma possível.

— Ora, nem pensar.

— Eu vejo aquele cara pelado na maioria dos dias — Eric o lembrou. — Ele não vai *me fazer virar* a cabeça.

Kyle piscou para ele, e o coração estúpido de Eric deu um salto mortal. Ele realmente queria ser apenas amigo de Kyle, mas era difícil se lembrar disso quando cada parte dele ansiava por tocar o homem.

— Seu noivo sortudo está aqui esta noite? — Helen perguntou a Scott.

— Sim. Ele está nos bastidores.

Helen revirou os olhos e se curvou dramaticamente. — *Tudo bem.* Traga-o aqui, eu *acho.*

Kip saiu vestindo uma fantasia de Papai Noel bem folgada, com direito a uma barba branca e fofa. A multidão assobiou e aplaudiu.

— Ei — disse Scott, tentando ao máximo atuar. — Acho que essa era para ser *minha* fantasia.

— Ah, não — disse Helen, inocentemente. — Alguém deve ter trocado os nomes nas fantasias. — Ela deu de ombros, exagerada. — Ops.

— Você está na lista dos travessos agora — provocou Kip.

— Querido, eu nasci na lista dos travessos. — Ela se virou para a plateia com um sorriso de apresentadora de game show. — Não é maravilhoso ter... — Ela olhou por cima do ombro para Kip.

— Kip — ele disse a ela, rindo.

— Kip! — Seu rosto ficou carrancudo e ela disse, em um tom sombrio — *Kip*.

Kyle riu alto ao lado de Eric, e Eric sorriu. Ele estava feliz por ter vindo.

— Você se importa se eu tirar um pouco dessa fantasia? — perguntou Kip. — Está meio quente.

— O que achamos, gente bonita? Ele deveria tirar a fantasia?

Uma grande ovação, e então Kip sorriu e tirou a barba e o chapéu, e depois a jaqueta de Papai Noel. Ele estava usando uma regata preta por baixo, o que a plateia adorou. Ele tirou a calça larga para revelar uma calça jeans justa. Eric sempre achou Kip um cara bonito, mas esta noite ele estava... atraente. Scott era um homem de sorte.

Eric olhou para Kyle, porque se *ele* estava notando a beleza de Kip, então Kyle devia estar em agonia. Mas Kyle ria junto com todos os outros, com os olhos brilhando de alegria. Ele deve ter sentido o olhar de Eric, pois virou a cabeça, e a beleza de seu rosto sorridente o deixou sem fôlego.

Ele voltou sua atenção para o palco, onde Scott falava sobre a instituição de caridade LGBTQ+ para a qual estavam arrecadando dinheiro naquela noite. Ele falava com sinceridade sobre o excelente trabalho realizado pela organização. Eric estava orgulhoso dele. Era realmente emocionante ver Scott ser ele mesmo, dentro e fora do gelo.

Houve três apresentações de drag depois que Scott e Kip deixaram o palco. Eric ficou de pé assistindo a elas com o grupo que haviam reunido para aquela noite: Carter, Kyle, Maria e Matti. Scott e Kip se juntaram a eles na metade do segundo ato. Scott havia trocado de roupa, vestindo jeans e camiseta.

— Como foi meu desempenho?

— Isso foi hilário pra caramba — disse Carter. — Você é um cara legal, Scotty.

Scott sorriu. Seus olhos brilhavam e ele saltava, como se estivesse tomado pela mesma adrenalina que o deixava animado depois de uma grande vitória. — Foi divertido. Quer dizer, me senti ridículo, mas foi divertido.

— Você gosta de ser cobiçado por um mar de homens, admita — Carter o provocou.

— Quer dizer, não vou *negar*.

Matti envolveu Scott num abraço apertado e beijou o topo de sua cabeça. Ele era um dos homens heterossexuais mais fisicamente afetuosos que Eric já conhecera.

— Isso foi épico — disse Matti em voz alta. Ele disse tudo em voz alta, mas pelo menos ali, naquela balada, seu volume era apropriado. — Você é uma lenda.

— Preciso de uma bebida — anunciou Scott. — O que vocês querem?

— Vou sair — disse Carter. — Tenho um encontro com a Gloria pelo Skype.

— Estou morrendo de fome — disse Matti. — Este lugar não tem comida.

— Tem uma lanchonete na esquina que serve comida incrível. Aberto a noite toda — disse Maria. Eric não conseguiu conter o sorriso quando ela acrescentou: — Eu comeria.

Matti sorriu para ela e disse: — Sim. Vamos.

Eric não deixou de notar o olhar eufórico que Maria e Kyle trocaram.

— Você vem, Benny? — perguntou Matti.

Eric olhou para Kyle, que estava com as sobrancelhas arqueadas enquanto esperava a resposta. — Na verdade — disse ele lentamente, sabendo que era uma péssima ideia — acho que vou ficar por aqui um pouco.

Kyle ficou feliz por Eric ter decidido ficar, mas também não sabia o que fazer com ele. Ele pensou que aquele evento seria o momento perfeito para Eric se soltar um pouco e talvez tentar conquistar alguém, mas agora que eles estavam ali, Kyle percebeu que Eric provavelmente nunca faria nenhuma dessas coisas.

Eric conversava com Scott naquele momento, tomando uma água com gás com limão. Kyle observava a pista de dança, que ficara bem movimentada na última hora.

— Estou entediado — reclamou Kip em seu ouvido. — Vamos dançar.

— Scott não quer dançar com você?

— Acho que preciso atraí-lo. Vamos lá, faz séculos que não danço com você.

Kyle sorriu para o amigo. *Fazia* tempo demais. — Claro. Certo.

Kip agarrou sua mão e o puxou para a multidão de dançarinos. A música era alta e sensual, e ele rapidamente se deixou levar. Ele amava dançar, e amava Kip. E talvez seu amor por Kip não fosse exatamente o que ele imaginava.

Eles estavam bem juntinhos, braços, peitos e mãos se roçando, mas era firmemente platônico. Não se tocaram, não se esfregaram. Não se beijaram. Foi só... divertido. E legal. Dois jovens gays se divertindo e curtindo.

Como Kip previra, não demorou muito para Scott chegar à pista de dança. Kyle se afastou para que Scott pudesse tomar seu lugar. Quando Scott e Kip dançavam juntos, definitivamente não era platônico. As mãos grandes de Scott agarravam os quadris de seu noivo, e Kip passou os braços em volta do pescoço de Scott e puxou sua cabeça para baixo para que pudessem se devorar por um tempo. Kyle decidiu encontrar seu próprio garoto para beijar.

Enquanto procurava um parceiro em potencial na pista, seu olhar encontrou Eric, parado sozinho contra a parede. Observando. Kyle acenou com a cabeça em direção à pista de dança, convidando-o. Eric balançou a cabeça, o que era irritante. Qual era o sentido de todo o trabalho que Kyle vinha fazendo com ele se ele nem sequer tentasse? No mínimo, ele deveria aproveitar a pressão de um corpo duro e suado contra o seu na pista de dança. Não precisava levar a uma transa.

Mas se Eric queria ser teimoso e solitário, problema dele. Kyle tinha os seus próprios problemas. Como se dançava com o loiro fofo ou com o cara fofo de cabelo azul.

Cabelo azul venceu quando Kyle percebeu que tinha um piercing na língua. Fazia tempo que Kyle não saía com um cara que tinha um daqueles. O homem sorriu quando Kyle o encarou, e Kyle retribuiu o sorriso enquanto se espremia entre os outros até ficar em pé na frente dele. Pelo resto da música, nenhum dos dois disse nada. Kyle era um bom dançarino - seus anos de corridas montanha abaixo haviam lhe ensinado graça e agilidade. O outro era um *ótimo* dançarino. Nova York, Kyle logo aprendeu, era cheia de ótimos dançarinos.

No meio da segunda música, o homem aproximou a boca do ouvido de Kyle. — Eu sou o Jesse.

— Kyle.

Jesse sorriu maliciosamente para ele, então colocou um dedo em uma das alças do cinto de Kyle, puxando suas virilhas juntas para que Kyle pudesse sentir a protuberância dura ali.

Ele provavelmente não deveria estar pensando em Eric agora. Não quando Jesse estava esfregando os quadris com maestria em Kyle, e o pau dele estava duro em resposta. Não quando a mão de Jesse deslizou para o bolso de trás da calça jeans de Kyle e sua respiração estava quente no pescoço dele. Mas talvez Eric pudesse ganhar algo com isso.

Assista e aprenda, lindo.

Eric deveria ir embora. Ele não deveria ficar sozinho, assistindo Kyle se pegando com outro homem na pista de dança como um tarado. Mas de vez em quando Kyle o olhava nos olhos, como se o convidasse a assistir. Talvez aquilo fosse para ser mais um tutorial para Eric, mas ele não estava aprendendo muita coisa. Só que ele estava realmente excitado por ver Kyle dançar. E com ciúmes por ver Kyle beijando outra pessoa. E talvez excitado por esse ciúme.

Eric era uma má pessoa. Kyle só queria que ele relaxasse e se divertisse, e em vez disso, Eric estava sozinho, meio duro, olhando com raiva para um garoto de cabelo azul. Como se ele fosse um concorrente de Eric ou algo assim. Quando Eric disse *explicitamente* a Kyle que queria acabar com a parte de benefícios da amizade deles.

Isso era ridículo. Eric já deveria estar na cama há horas. Tinha certeza de que Kyle não se importaria se ele escapasse. Sabia que Scott sairia em breve; não havia a mínima chance de ele passar a noite fora quando eles tinham um treino na manhã seguinte.

Tudo o que ele precisava fazer era ir embora. Desviar o olhar do belo corpo de Kyle se movendo contra o do outro homem e ir embora. Mesmo que seus instintos fossem, aterrorizantemente, marchar para a pista de dança e arrancar Kyle do Pequeno Garoto Azul. Puxar o corpo de Kyle contra o seu e deixá-lo sentir sua excitação. Beijá-lo como ele ansiava há dias.

Nossa! Eric estava obviamente excitado demais para pensar com clareza. Ele respirou fundo, controlando a libido. Essa amizade com Kyle havia se tornado uma luz brilhante na vida de Eric; algo para compensar a turbulência do divórcio e a ansiedade que sentia com a aposentadoria iminente. Kyle fazia Eric sentir que sua vida não havia acabado, que ele

estava simplesmente prestes a virar uma página. Pela primeira vez em mais de um ano, ele estava animado com o futuro.

Ele não iria estragar isso.

Saiu o mais rápido possível, mal se lembrando do casaco. O ar frio lá fora o teria lembrado rapidamente. Percorreu metade do quarteirão, sem nem saber para onde estava indo ou por que não tinha procurado um táxi, quando ouviu seu nome. Virou-se e encontrou Kyle correndo em sua direção com o casaco agarrado à mão. — Eric! Espera!

Kyle o alcançou, com as bochechas coradas e a respiração ofegante em nuvens brancas. Eric tirou o casaco das mãos dele e o segurou aberto para que ele colocasse os braços nas mangas. Estava frio demais para ficar lá fora de camiseta.

— Você não tinha um cachecol? — perguntou Eric, com o coração martelando nas costelas. Kyle tinha vindo atrás dele.

— O quê? Ah, sim. Tinha. Acho que já era.

Eric tirou o próprio cachecol e o enrolou no pescoço de Kyle. Levantou a gola do casaco, que era muito mais quente do que o casaco de veludo cotelê de Kyle. — Por que você me seguiu?

— Por que você foi embora?

— Estou cansado. E você parecia... ocupado.

— Achei que você fosse dançar. — O lábio inferior de Kyle se projetou petulantemente. Eric queria prendê-lo entre os dentes.

— Você devia voltar para dentro — disse Eric, arrumando o cachecol para cobrir mais o pescoço e o queixo expostos de Kyle. — Você é jovem e eu... — Ele suspirou. — Não. Você devia estar se divertindo com aquele cara de cabelo azul. Não se preocupando comigo.

— Não estou *preocupado* com você. Eu só... — Kyle apertou os lábios, como se não quisesse terminar a frase. — Eu queria dançar com você. Ou pelo menos ver você dançar com outra pessoa.

— Eu não sou um bom dançarino.

— Como se eu fosse acreditar nisso! Eu vi você fazer espacate completo umas três vezes naquele jogo outro dia. Precisamos te colocar na pista. Você podia estar por aí arrasando, se jogando no chão daquele jeito dramático que drag queen faz no final da dança.

Eric sorriu carinhosamente para ele. Gostava da aparência de Kyle, todo enrolado no cachecol de Eric. — Não faço ideia do que isso significa.

— Tanto para aprender — suspirou Kyle.

— Eu sei.

Deus, como ele era lindo. Seus olhos azul-claros brilhavam enquanto ele mordiscava o lábio inferior vermelho e inchado pelo beijo. Eric odiava que aqueles lábios carnudos fossem resultado do esforço de outra pessoa, mas não o suficiente para impedi-lo de querer beijá-lo. Para apagar todos os vestígios daquele outro homem.

Sem nem perceber o que estava fazendo, Eric agarrou as pontas do cachecol com a mão e puxou Kyle para si, andando de costas até que ele estivesse encostado na parede. Observou o rosto de Kyle por um instante, procurando por qualquer sinal de resistência. Tudo o que viu foi o olhar de Kyle vagando pela boca de Eric, e a ponta da língua dele aparecendo para umedecer o lábio inferior.

Suas bocas se chocaram. Eric provavelmente deveria estar envergonhado por sua falta de controle, mas não se importava. Estava frenético, precisando reivindicar Kyle depois de quase perdê-lo para um impostor de cabelo azul.

Não que Kyle lhe pertencesse. De jeito nenhum. Mas agora, com Kyle correspondendo à sua urgência enquanto se beijavam, Eric podia fingir. Kyle

o pressionou com força contra o prédio de tijolos, encaixando uma coxa entre as pernas de Eric e deixando-o sentir sua excitação. Eric respirou fundo e moveu os quadris para ganhar um pouco de fricção contra a própria ereção. Kyle gemeu em sua boca, então interrompeu o beijo e disse: — É por me ver pegando outro cara?

Eric não quis responder. — Venha para casa comigo.

Kyle sorriu e o beijou novamente. — Meu lugar é mais perto.

— Seu apartamento tem uma colega de quarto.

— Nós dois levamos pessoas para casa o tempo todo. Estamos acostumados.

Eric balançou a cabeça, frustrado com o tempo que estavam perdendo. — Não vou conseguir relaxar se achar que alguém está me ouvindo. É na minha casa.

— Bem.

Kyle deu um passo para trás e Eric pegou o celular para ligar para o serviço de carro. Ao encerrar a ligação, notou Kyle se abraçando, visivelmente congelando.

— Você precisa de uma parka — disse Eric.

— Eu tenho uma, só não usei porque sou um idiota — disse Kyle.

Eric envolveu os braços em volta do corpo trêmulo de Kyle. Kyle relaxou contra ele, e Eric fechou os olhos. Que delícia. Ficaram assim por alguns minutos, sem falar. Kyle virou a cabeça e acariciou a lateral do pescoço de Eric, o que fez com que Eric prendesse a respiração.

— Você está quente — murmurou Kyle.

— Que bom ser útil. — Ele queria se oferecer para segurar Kyle a noite toda. Adorava a ideia de ter Kyle aconchegado nele enquanto dormia.

— Poderia ter sido divertido — disse Kyle, erguendo a cabeça e sorrindo maliciosamente para ele. — Se tivéssemos ido para a minha casa. Para ver se você conseguia ficar quieto. Poderíamos ter feito uma brincadeira.

— Não quero ficar quieto. — Eric ficou chocado com a rouquidão da sua voz. Kyle também deve ter ficado surpreso, pois seus olhos se arregalaram.

— Porra. Cadê aquele carro?

Eric bufou e o beijou novamente. Não conseguia acreditar o quanto desejava aquilo, o quão descaradamente estava se comportando. Será que já se sentira tão tomado pela luxúria? Podia fazer sexo oral em Kyle no carro.

Um SUV preto parou na rua em frente a eles, e Eric relutantemente soltou Kyle.

— Ah — disse Kyle fracamente. Ele deu um passo para trás e se virou para o carro. Eric o seguiu, tonto de desejo.

Ele manteve o assento do meio entre eles. Não confiava em si mesmo para se comportar sem a barreira. A divisória entre o banco de trás e o motorista estava erguida, mas Eric não estava pronto para se tornar o tipo de cara que transa no banco de trás de um táxi.

Um gemido suave vindo do lado de Kyle no carro chamou a atenção de Eric. Kyle estava sentado com as pernas abertas, ligeiramente virado para Eric, e massageava o próprio pau descaradamente através da calça jeans.

Eric o observou em silêncio, esperando que seus olhos demonstrassem aprovação. Ele mordeu o lábio inferior distraidamente enquanto observava o espetáculo. Quando aquilo se tornara sua vida? Ele passara de um sexo extremamente básico e raro com a esposa para a ausência total de sexo, para... isso. Estar na companhia de um jovem lindo que estava tão excitado por ele que mal conseguia esperar até que chegassem em casa para se tocar.

— Guarde isso — Eric se ouviu sussurrar. — Espere até eu poder te tocar direito.

Kyle mordeu o lábio e disse: — Você pode me tocar agora mesmo.

Eric balançou a cabeça. — Seja paciente. Eu te dou o que a gente quiser quando chegar em casa.

Kyle apertou-se mais uma vez e esticou o braço sobre o banco de trás. As pontas dos dedos roçaram a lateral do pescoço de Eric. — Qualquer coisa?

O olhar de Eric permaneceu firme. — Sim.

Ele pegou a mão de Kyle e beijou sua palma. Passou a língua na pele sensível, fazendo Kyle respirar fundo. — Tenho uma longa lista de desejos.

— Hum. — Eric decidiu ser ousado e chupou o dedo indicador de Kyle. Ele o envolveu com a língua e chupou com força enquanto Kyle soltava gemidos suaves. O próprio pau de Eric estava dolorosamente duro, mas ele resistiu a tocá-lo. Como Kyle lhe ensinara na última vez em que estiveram juntos, às vezes era melhor esperar.

Felizmente, o carro chegou ao destino um minuto depois. Eric deu um beijo de despedida na mão de Kyle e saiu do carro. Assim que entraram em casa, Eric tirou o casaco e prendeu Kyle contra a parede.

— Oi — disse Kyle com um sorriso malicioso.

— Oi. — Eric caiu de joelhos. Ele praticamente abriu a braguilha de Kyle, desesperado para colocar a boca no pau dele.

— Uau. Merda — disse Kyle com a voz rouca.

— Mal posso esperar. — Eric puxou a calça jeans e a cueca de Kyle até os joelhos.

— Porra, eu amo como você está excitado. Eu te deixei bravo beijando aquele cara?

— Vamos parar de falar dele — Eric rosnou antes de encher a boca com o pau de Kyle.

— Eu deixei, não foi? — disse Kyle, embora sua voz falhasse no meio. — Você estava com ciúmes.

Eric respondeu balançando a cabeça e chupando-o com força e rapidez. É, ele estava com ciúmes pra caralho. Não gostava da ideia de Kyle estar com outros homens e não queria analisar isso muito de perto. Só queria fazer Kyle gritar.

— Isso é tão bom. Puta merda. — Kyle agarrou o ombro de Eric, e Eric percebeu que ele estava lutando para ficar parado. — Adoro sua boca, Eric.

Eric grunhiu, adorando o som do seu nome na voz de Kyle, devastada pelo sexo. Queria que Kyle o dissesse quando gozasse.

Ainda havia uma voz distante na cabeça de Eric, lembrando-o de que aquela era uma péssima ideia. Era exatamente o que ele havia prometido a si mesmo que não faria. Mas essa parte do seu cérebro estava sendo abafada pelos gemidos e xingamentos sussurrados de Kyle. Ele precisava disso.

— Queria que você tivesse dançado comigo — Kyle ofegou. — Você teria ficado tão sexy.

Eric duvidava, mas sua boca estava ocupada demais para discutir. Talvez ele devesse ter dançado com Kyle. Talvez ele devesse tê-lo beijado na pista de dança, na frente dos amigos e de quem mais quisesse assistir. Mostrar a todos que aquele homem deslumbrante era dele.

Ele não é seu.

Eric afastou o pensamento. Pelo menos por aquela noite, Kyle era dele. Ele se preocuparia com o resto depois.

Ele pressionou Kyle com mais força, deslizando a mão pela coxa para brincar com suas bolas. Seu próprio pau se esticava contra a calça jeans, duro como pedra e desesperado por atenção, mas ele o ignorou, querendo apenas dar prazer a Kyle. Desejando que ele gozasse em sua boca. Eric queria. Precisava.

— Você já está tentando me fazer gozar? — Kyle ofegou após mais um minuto de tentativas de Eric. Eric sustentou o olhar dele e assentiu o melhor

que pôde. Tentou relaxar o maxilar para poder levá-lo mais fundo. Estava longe de conseguir fazer uma garganta profunda, mas conseguiu enfiar um pouco mais do membro de Kyle em sua boca.

— Ai, merda. Isso é incrível. Porra. Eu quero durar, mas é demais.

Eric sentia o gosto salgado de gotas de pré-gozo na língua. As bolas de Kyle estavam pesadas e apertadas entre seus dedos. Ele não queria que Kyle durasse. Queria que ele se desfizesse.

— Eu não posso... Eric, porra. Eu vou...

Eric continuou com ele, esperando que ele não estivesse prestes a fazer papel de bobo.

A primeira explosão de prazer de Kyle inundou sua boca, mas Eric conseguiu engolir, mesmo com Kyle continuando a ejacular. Além do pânico momentâneo de sentir que não conseguia respirar, Eric amava o quão poderoso se sentia.

Quando o orgasmo de Kyle passou, ele se jogou contra a parede enquanto Eric o soltava da boca. — Uau — disse Kyle, sem fôlego. — Eu sou um ótimo professor.

Eric riu baixinho e se levantou. Limpou os lábios com as costas da mão. Sua boca ainda estava cheia do gosto persistente de Kyle. — Você é.

— Bem — Kyle falou lentamente — como é que eu vou retribuir?

Eric colocou a mão na parede ao lado da cabeça de Kyle e se inclinou. — Me ensinando a te foder.

Os olhos de Kyle se arregalaram. — Puta merda. Sério?

— Com certeza.

Kyle o beijou, e por um momento Eric pensou que talvez tivesse esquecido que tinha acabado de gozar na boca de Eric, mas Kyle gemeu alegremente quando suas línguas se roçaram. Eric ainda estava dolorosamente duro, mas

se perdeu no beijo, pressionando Kyle contra a parede e esfregando o pau contra o quadril de Kyle. O quarto de repente pareceu distante demais.

Quando se separaram, os dois homens ofegavam. Eric se aproximou para outro beijo, odiando a distância mínima entre suas bocas, mas Kyle lambeu os lábios e disse: — Lá em cima, gostoso. Prometo que valerá a pena o percurso.

Eric cobriu o corpo nu de Kyle com o seu enquanto se beijavam como adolescentes na cama. Kyle sentia a ereção de Eric pressionando seu quadril, mas, apesar da urgência anterior, Eric não parecia ter pressa em fazer nada a respeito. Continuou beijando o pescoço, os ombros e o maxilar de Kyle antes de retornar à boca por longos e luxuriosos minutos que o deixaram sem fôlego.

Entre a hora tardia e o orgasmo recente, a mente de Kyle estava um pouco confusa, mas ele tinha uma vaga noção de que não deveriam estar fazendo aquilo e que era estranho que Eric tivesse mudado de ideia repentinamente sobre não fazer sexo. E que talvez tudo aquilo tivesse sido uma péssima ideia.

Mas ele não conseguia se conter. Não quando Eric o beijava como se Kyle fosse algo precioso. Não quando Eric estava tão ansioso para experimentar algo novo com ele.

Me ensinando a te foder. Jesus. Kyle nunca esqueceria o som da voz do Eric quando ele disse aquilo.

— Pega o lubrificante — disse Kyle. — Vou me preparar para pegar esse seu pau grosso.

Eric o beijou mais uma vez antes de rolar de cima dele e abrir a gaveta da mesa de cabeceira. Kyle pegou o lubrificante e se ajoelhou no colchão. Ele estendeu as mãos para trás e começou a massagear, depois a alongar e abrir

o ânus. Por mais raramente que fosse passivo ultimamente, Kyle adorava brincar com o ânus. Ele tinha uma variedade de vibradores e plugues no quarto e conhecia muito bem todos eles. Gostaria de ter um agora. Poderia mostrar a Eric como ele aguentava um.

Eric parecia estar gostando do espetáculo. Ele observava Kyle com desejo evidente no rosto, e possivelmente um pouco de curiosidade.

— Vire-se — disse ele bruscamente. — Deixe-me ver.

Porra. Era um tesão infernal quando Eric estava tão tomado pela luxúria que se esquecia de ser reservado e tímido em relação ao sexo. Kyle se virou e apoiou uma das mãos no colchão, a outra pressionando um dedo em seu buraco. A penetração foi frustrantemente superficial, mas ele sabia que logo seria recompensado com algo muito maior.

— Posso ajudar? — perguntou Eric. Ele apalpou as nádegas de Kyle com as duas mãos, afastando-as, o que fez Kyle gemer em aprovação.

— Divirta-se — disse ele lentamente. Ouviu o clique do frasco de lubrificante e então sentiu um dos dedos de Eric percorrendo sua entrada. Kyle tirou o próprio dedo, e Eric não hesitou em recolocá-lo. Kyle se contraiu alegremente quando o dedo de Eric penetrou mais fundo do que ele conseguira alcançar sozinho.

— Assim mesmo — gemeu Kyle. — Pressione... — Ele ofegou quando uma onda de prazer familiar o percorreu. — Bem ali. Porra.

— É a sua próstata? — Eric parecia surpreso por ter conseguido localizá-la.

— É sim, porra. Continue acariciando.

O pau de Kyle estava completamente duro novamente, e ele o estocou algumas vezes enquanto Eric o sondava. Ele olhou por cima do ombro e viu Eric concentrado em sua tarefa com a testa franzida. Kyle mordeu o lábio para não rir. Eric sabia ser adorável.

— Você consegue enfiar dois dedos aí? — perguntou Kyle.

— Sim — disse Eric, sem fôlego. Um segundo dedo penetrou Kyle, e ele gemeu feliz ao se esticar.

— Você acha que vai conseguir enfiar esse pau grosso dentro de mim? — Kyle ofegou. Entre o jeito como Eric massageava a próstata e a ansiedade de ser preenchido pelo pau dele, era difícil manter as coisas puramente instrutivas.

— Acho que você consegue.

— Eu sei que posso. Porra, eu quero. Você tem camisinha, né?

Eric se moveu como um raio e pegou um pacote de camisinha da gaveta da mesa de cabeceira. Rasgou uma embalagem e rapidamente colocou. Kyle o observou passar lubrificante no pênis envolto em lubrificante, com água na boca. Eles iam mesmo fazer aquilo.

— Deite-se — ordenou Kyle.

Eric se esticou de costas. — Assim?

— Assim mesmo. Vou cavalgar você com muita força.

Kyle montou na cintura de Eric e estendeu a mão para trás para agarrar o pau rígido de Eric. Os dois gemeram alto quando Kyle finalmente afundou nele, o estiramento queimando deliciosamente enquanto Eric o preenchia completamente.

— Uau — Eric disse com a voz rouca. — Porra. Só um segundo.

Kyle sorriu para ele. — Eu nem comecei ainda.

— Você se sente incrível. E eu estou excitado desde que chegamos na balada.

— Hum. — Kyle se moveu lentamente no início, dando tempo ao corpo para se ajustar. Ele adorava ficar por cima - gostava de sexo em praticamente qualquer posição -, mas era *bom* pra caralho em montar um pau. — Que tal isso?

Eric fechou os olhos com força. — Incrível pra caralho.

— Você está pronto para mais?

Eric abriu os olhos e encontrou o olhar de Kyle. — Estou pronto.

— Então aperte o cinto, lindo.

Kyle foi com tudo, quicando no pau de Eric enquanto ele rebolava os quadris e o penetrava fundo. Seu próprio pau batia na barriga dele enquanto ele se fodia.

— Puta merda — Eric ofegou. — Tão bom pra caralho, Kyle.

— É? Você gosta? Você gosta quando eu faço todo o trabalho?

Eric grunhiu em vez de responder. Kyle continuou. — Você gosta de ter seu pau no meu buraco, Eric? Você gosta de transar com um homem?

— Sim — ele respondeu com os dentes cerrados.

— Você quer ser fodido assim, bonito?

Os olhos de Eric estavam escuros e selvagens. — Não assim.

— Mostre-me. Mostre-me como você quer ser fodido.

Com um rosnado, Eric os virou e agarrou um dos tornozelos de Kyle. Então, ele investiu contra Kyle, com força e rapidez, enquanto Kyle uivava descaradamente. Isso era além de tudo o que ele esperava. Eric, que sempre fora tão feliz em deixar Kyle assumir o controle, chegar ao seu limite e retomar o controle era tão excitante.

Kyle pôs a mão no próprio pau, acariciando-se rapidamente até chegar ao clímax. — É assim que você quer, bebê? — ofegou. — Quer ser fodido com força assim?

— Sim. Porra. Estou tão perto.

— Eu também, lindo. Puta merda. Eu... — Kyle chegou à beirada e caiu sobre ela, seu segundo orgasmo em menos de uma hora o atingindo com força enquanto o sêmen jorrava em sua barriga.

— Kyle. — Eric sussurrou a palavra enquanto se acalmava e chegava ao clímax. Seu olhar sombrio se fixou no de Kyle enquanto ele estremecia com o orgasmo.

— Tão bom, bebê — murmurou Kyle, esfregando os flancos de Eric. Eric se apoiou nos braços trêmulos acima dele, respirando com dificuldade e a cabeça baixa. Então, ele desabou sobre ele, beijando-o apaixonadamente enquanto Kyle tentava ignorar a vibração feliz em seu estômago.

Eric se afastou e o coração de Kyle doeu ao ver seus olhos brilhantes e seu sorriso largo e alegre. Ele se inclinou para beijar o sorriso de Eric para que não precisasse mais olhar para ele.

— Você vai ficar esta noite, certo? — disse Eric em voz baixa e áspera.

O primeiro instinto de Kyle foi dizer não, mas já era *muito* tarde. — Posso dormir no quarto de hóspedes, se preferir...

— Fique — interrompeu Eric. — Aqui. Por favor. — Ele sustentou o olhar de Kyle, mesmo que seus olhos parecessem inquietos.

— Ok — disse Kyle. Era uma péssima ideia. A pior ideia. Amanhã, Eric se arrependeria dessa falta de disciplina, e Kyle sabia que seria mais difícil ser rejeitado depois de passar uma noite nos braços de Eric.

Eles se arrumaram e Eric vestiu uma cueca, o que pareceu um gesto arbitrário de modéstia, mas Kyle fez o mesmo. Durante o primeiro minuto de volta à cama, os dois homens ficaram em silêncio, olhando sem jeito para o teto. Então Eric quebrou o silêncio com uma risada.

— O quê? — Kyle perguntou, sorrindo.

— Nada. Não sei por que isso é tão estranho.

Os dois rolaram de lado, um de frente para o outro. — Sexo te deixa desconfortável?

Eric pareceu considerar a pergunta por um momento. — Talvez. Geralmente. Não estou acostumado a... — Ele mordeu o lábio, como se estivesse impedindo que as palavras escapassem.

— Não acostumado com o quê?

— Normalmente tenho mais controle sobre meus... desejos. Libido. Não sei o que anda acontecendo comigo ultimamente.

Kyle arqueou as sobrancelhas. — O que tá acontecendo com você *sou eu*, gostoso. — Eric riu, mas soou forçado. Kyle conteve o riso. — Talvez seja só por, sabe, não transar há tanto tempo.

— Talvez.

— E fazer sexo com homens é novo e excitante.

Eric assentiu. — Pode ser isso.

Kyle deu um tapinha no peito, brincando. — Você deveria me dizer que é só por minha causa.

A risada de Eric soou genuína desta vez. Então, seu rosto ficou sério, e Kyle percebeu que estava prestes a dizer exatamente aquelas palavras, e possivelmente falando sério, o que não poderia acontecer se Kyle quisesse manter algum controle sobre seu coração estúpido.

Então ele o interrompeu com um bocejo: — Aquilo foi incrível, mas agora estou exausto.

— Está tarde — concordou Eric, mas nenhum dos dois se moveu. Os dois continuaram se olhando até que, de repente, estavam se beijando novamente. Eric colocou a palma da mão na bochecha de Kyle, e Kyle se ouviu emitir um som sussurrado e carente enquanto a língua de Eric acariciava a sua.

Haveria a mínima chance de Eric sentir o mesmo que Kyle? Não que Kyle soubesse ao certo como se sentia, mas Eric também estaria confuso? Seu

coração disparou ao ver Kyle? Será que ele pensava nele o tempo todo? Seria possível que Eric quisesse mais do que aquilo?

Kyle queria perguntar, mas também não queria estragar o momento. Quando finalmente se separaram, Eric abaixou a cabeça timidamente, mas não conseguiu esconder seu sorriso adorável.

— O quê? — Kyle perguntou.

Eric balançou a cabeça e olhou para ele através dos cílios escuros. — Não sei se vou conseguir dormir.

— Eu não fiz o suficiente para te cansar? — Kyle provocou.

— Não consigo parar de olhar para você. — Os olhos de Eric se arregalaram, como se ele não conseguisse acreditar que tinha acabado de dizer aquilo.

Kyle congelou. Isso com certeza estava saindo da zona do sexo sem compromisso, e ele não devia incentivar isso. — Pode olhar o quanto quiser.

Eric passou o polegar pela bochecha de Kyle. — Que bom que você aceitou. Que você ficou.

Kyle fechou os olhos, incapaz de suportar a ternura na expressão de Eric. Eric estava feliz agora, mas o que a manhã lhe reservava? Kyle poderia ter se poupado de muitos problemas se tivesse ido para casa depois que os orgasmos tivessem passado. Agora ele tinha que lidar com seus malditos sentimentos.

— Devíamos dormir — murmurou ele.

— Ok.

Kyle rolou de lado, de costas para o peito de Eric, e Eric o abraçou. Seu bíceps estava pesado e quente, e Kyle não conseguiu evitar se aconchegar contra Eric. Ele poderia fingir, por uma noite, que aquilo era real.

Capítulo Dezoito

Eric até conseguiu dormir, mas ficava indo e voltando do sono. Pelo que ele percebeu, Kyle adormecera imediatamente e não acordara a noite toda. Ele ainda dormia quando Eric piscou e acordou pela última vez, com a luz do sol espreitando pelas bordas das persianas.

Ele adorou abraçar Kyle a noite toda. Adorou ouvi-lo respirar enquanto dormia. O mais estranho era que adorou a pressão suave da sola do pé de Kyle contra a canela de Eric.

Kyle ainda estava de costas para ele, mas Eric apreciava a vista de seus ombros nus e cremosos, suas costas lisas e os nós de sua espinha. Cada centímetro de Kyle era mais interessante para Eric do que deveria ser. Ele estava perigosamente apaixonado por aquele homem e sabia que isso não lhe faria bem. Quando Kyle estava dançando com o jovem de cabelo azul, isso deveria ter feito Eric ver a diferença entre eles. Kyle era jovem, bonito e *divertido.* Eric não era o cavalo ao qual Kyle deveria atrelar sua carroça.

Ele resistiu à vontade de acordar Kyle com beijos suaves nos ombros e saiu cuidadosamente da cama, pois tinha certeza de que, se o acordasse, Kyle iria embora. Tomou um banho, lavando qualquer resquício da diversão da noite anterior, e pensou no que diria a Kyle quando acordasse. O que Eric *queria?*

Ele gostava demais de Kyle, sabia disso. E nunca se interessara tanto por sexo na vida. Tentou se lembrar de como tinha sido quando começou a namorar Holly. Sentira-se atraído por ela, com certeza, e eles com certeza fizeram um sexo sexy e cheio de hormônios no dormitório da faculdade de Eric.

E em algum momento, ele se apaixonou por ela. Foi como mergulhar em um banho morno - confortável, mas nada excitante.

O que ele sentia por Kyle era diferente. Havia uma urgência nisso, uma atração gravitacional à qual estava ficando cada vez mais difícil resistir. E talvez ele não precisasse resistir. Pelo menos ainda não.

Quando voltou para o quarto, com a toalha enrolada confortavelmente na cintura, encontrou Kyle apoiado em um cotovelo, piscando para as janelas que ainda estavam cobertas pelas persianas.

— Bom dia — disse Eric.

— Bom dia. — O olhar de Kyle percorreu o corpo quase nu de Eric. — Droga. Gostei dessa roupa.

— Então você adoraria o vestiário do Admiral.

— Tenho certeza que sim.

Eric sentou-se na beira da cama, de frente para ele. — Dormiu bem?

— Sim. Você tem ótimo gosto para camas.

— Tenho ótimo gosto para tudo.

Os lábios de Kyle se curvaram e ele tocou a ponta da toalha de Eric com os dedos. — Você tem. Queria que você tivesse me dito que ia tomar banho. Eu poderia ter me juntado a você.

— Outra hora.

— Ou talvez — disse Kyle suavemente enquanto enfiava a mão por baixo da toalha. — Eu possa te sujar de novo agora mesmo.

Eric estremeceu, mas prendeu a mão de Kyle com a sua, imobilizando-a. — Tenho um treino para fazer em breve. Vou descer e preparar o café da manhã, e você pode tomar seu próprio banho, se quiser. — Ele se levantou, ajeitando a toalha sobre a ereção crescente.

Kyle se jogou no travesseiro, derrotado. — Tudo bem — suspirou. Sorriu preguiçosamente para ele, e por um instante Eric só conseguiu encará-lo, completamente hipnotizado por aquela criatura deslumbrante em sua cama.

— Café da manhã — disse ele com firmeza, afastando a vontade de voltar para a cama e deixar Kyle fazer o que quisesse com ele. Caminhou rapidamente até o closet, ansioso para cobrir o corpo e clarear a mente.

Eric tinha duas omeletes com fatias de tomate e torradas quando Kyle desceu, já de banho tomado e vestindo as roupas da noite passada.

— Oi — disse Eric secamente. — Tem café pronto.

— Ótimo. Obrigado. — Kyle imaginou que essa seria a parte em que Eric lhe diria que não podiam mais fazer aquilo. De novo.

Seu braço roçou em Eric enquanto ele pegava a cafeteira, e ele não deixou de notar a forma como Eric se esquivou do contato. Nossa, isso ia ser horrível.

— Algo errado? — perguntou Kyle enquanto servia seu café, querendo acabar logo com aquilo.

Eric agarrou o balcão com as duas mãos, e Kyle esperou em expectativa miserável pela rejeição que viria.

Mas o que Eric disse foi: — Posso te contar uma coisa? Preciso que você guarde segredo, mas preciso contar para alguém.

Que diabos? — Claro.

Eric hesitou, parecendo se preparar, e então disse: — Vou me aposentar. No final desta temporada.

— Ah. — Então talvez o humor do Eric não tivesse nada a ver com o Kyle. E — Uau.

O queixo de Eric caiu no peito. — É. É, hum, vai ser difícil.

— Você não tem certeza sobre isso?

— Não. Eu sei que está na hora. Só não quero tomar a decisão final, sabe? Todo mundo vai fazer um estardalhaço por causa *disso*.

Kyle colocou a mão no antebraço de Eric. Seus músculos estavam tensos de tanto segurar o balcão.

— Eles sentirão sua falta — disse Kyle gentilmente.

Eric suspirou e esfregou a outra mão no rosto. — Eu também vou sentir falta deles. Vou sentir falta de tudo. Não sei o que vou fazer depois desta temporada. — Ele virou a cabeça para olhar para Kyle e encontrou tristeza em seus olhos. — Minha vida inteira foi hóquei. Não sei como vou lidar quando isso me for tirado.

— Ei. Vem cá. — Kyle o puxou para os braços. Eric pressionou o rosto contra o pescoço de Kyle, e os dois respiraram fundo por um minuto.

Kyle ficou surpreso ao saber que Eric não sabia o que fazer depois do hóquei, pois Eric sempre pareceu tão capaz e no controle. Ele imaginou que, se Eric estava se aposentando, era porque tinha um plano sólido para o que viria a seguir.

— Você ainda não contou para ninguém? — perguntou ele. — Nenhum fã de hóquei?

— Não. Ninguém.

Kyle tentou ignorar a forma como seu coração se encheu ao saber que Eric havia lhe confiado algo tão importante. De novo.

Eric levantou a cabeça e Kyle o soltou. — Vou fazer um anúncio em breve — disse Eric. — Depois do Natal, eu acho. Ou talvez depois do intervalo do Jogo das Estrelas. Não quero dar uma coletiva de imprensa nem nada. Só uma declaração por escrito. Mas primeiro preciso contar aos meus companheiros de time, e isso não será fácil.

— Vocês parecem ser um grupo muito unido.

— Somos. É como se afastar da família, sabe? — Eric fez uma careta. — Desculpa. Eu não devia ter te dito isso. Eu não queria...

Kyle acenou com a mão. — Não se preocupe com isso. — Ele realmente não queria que a conversa se voltasse para os problemas com os pais. — E você ainda vai ver aqueles caras, né? Você vai ficar em Nova York?

— Eu pretendo. Mas não será a mesma coisa. E ontem à noite, na balada com Scott, Carter e Matti... isso me fez pensar nisso. Eu amo esses caras, especialmente o Scott.

— O Scott não vai a lugar nenhum. E você *sabe* que ele ainda vai ficar com você o tempo todo.

— Eu sei. — Eric endireitou os ombros. — A gente devia comer. Deve estar frio agora.

Eles se sentaram na ilha da cozinha, um ao lado do outro. Enquanto comiam, suas pernas roçavam uma na outra, e Kyle não parava de lançar olhares furtivos para Eric. Mesmo quando estava melancólico, ele ainda era tão sexy.

— Se precisar de alguém para conversar, estou aqui, ok? A qualquer hora. — Kyle sorriu. — É sério. Fico até tarde.

Eric cruzou o olhar com ele e, por um breve instante, Kyle achou ter visto o mesmo desejo que ele tentava esconder em sua própria expressão. Mas então ele desapareceu, e Eric simplesmente disse: — Obrigado.

— E se você precisar de alguma... distração, ficarei feliz em ajudar.

Eric riu disso. — Eu te aviso.

Kyle decidiu interpretar isso como um bom sinal e comeu sua omelete alegremente, já imaginando como gostaria de distrair Eric.

— Vou ficar ocupado por um tempo — disse Eric após um minuto comendo em silêncio. — Pegamos a estrada amanhã de manhã por uma

semana, depois estarei em Hamilton por alguns dias para o Natal e viajarei novamente no dia 28 por mais quatro dias.

Kyle não tinha certeza se Eric estava dizendo isso por algum motivo, ou se ele estava apenas puxando assunto, mas quase parecia um pedido de desculpas.

— Parece agitado — disse Kyle, suavemente. A verdade é que ele sentia uma pontada de decepção por Eric não estar por perto. Ele até tinha pensado em convidá-lo para assistir a filmes no dia de Natal. Mas é claro que Eric passaria o Natal com a família. Porque era isso que as pessoas cujos pais não sentiam nojo deles faziam no Natal.

— Será — concordou Eric. — Mas temos uma semana de folga no final de janeiro. Estou mais ansioso do que o normal este ano.

— Por que isso? — Kyle não queria ter esperanças de *ter* algo a ver com isso.

Eric bufou. — Porque estou velho. Tenho sentido mais nesta temporada do que nas outras. É por isso que decidi que é definitivamente hora de me aposentar.

— Você vai a algum lugar na folga?

— Não, vou só relaxar em casa. Mal posso esperar.

Kyle mordeu a parte interna da bochecha. Relaxar em casa poderia incluir muitas coisas. Coisas das quais ele não se importaria de participar. Se Eric pedisse.

Havia também a possibilidade muito real de que duas semanas ou mais na estrada seriam tempo suficiente para Eric perder o interesse no que quer que ele e Kyle estivessem fazendo. Talvez Eric reencontrasse uma antiga paixão do colégio em sua cidade natal, no Canadá. Na época do Natal. Como um filme clichê.

Era irritante o quanto Kyle queria alguma garantia de que Eric continuaria... a passar tempo com ele. Mesmo que não fosse sexo, Kyle adoraria dar outra caminhada. Outra refeição. Visitar outra galeria. Era raro Kyle querer passar tanto tempo com alguém, mas se dependesse dele, ficaria o resto do dia e a noite toda.

Eric já havia levado os pratos sujos para a pia e começado a lavá-los quando Kyle conseguiu interromper seu fluxo de pensamentos. Ele se levantou e caminhou desajeitadamente até a pia, pairando ao lado de Eric, inutilmente. — Posso ajudar?

— Tudo bem. Preciso ir já.

— Certo. Vou indo então. — Ele deu um passo em direção à escada, mas hesitou.

— Eu te acompanho — disse Eric, secando as mãos.

Na porta, os dois homens ficaram de frente um para o outro por um momento tenso e silencioso. Finalmente, Kyle deu um abraço rápido em Eric. — Tenham uma boa viagem. Ou duas, eu acho. E um feliz Natal.

— Obrigado.

Quando Kyle se afastou, encontrou Eric olhando com desejo para sua boca. Era uma oportunidade que ele não podia ignorar. Ele se inclinou e murmurou: — Que tal um beijo de despedida?

Eric respondeu juntando os lábios. O beijo foi suave e doce, e Kyle se arrependeu de tê-lo pedido. Foi terno demais. De cortar o coração demais.

— Obrigado mais uma vez — disse Eric baixinho. — A noite passada foi incrível.

Kyle ativou seu escudo sedutor e despreocupado. — Claro que sim.

A risada calorosa de Eric foi a última coisa que Kyle ouviu quando abriu a porta e fugiu do homem por quem corria o risco de se apaixonar.

Capítulo Dezenove

— Se algum de vocês, seus idiotas, desistir do Jogo das Estrelas, eu vou te matar pessoalmente — disse Carter. Eles estavam no vestiário, se vestindo para o primeiro jogo em casa em duas semanas.

— Por quê? — perguntou Scott.

— Porque Gloria e eu reservamos uma semana em Grand Cayman, e se um de vocês desistir, eles vão me colocar pra substituir.

— Carter — disse Eric calmamente. — Sou goleiro.

— Certo. Certo, então o Scotty tem que ir.

— Vou — disse Scott. — Adoro o Jogo das Estrelas.

— Você é o único — resmungou Carter. — Tenho uma longa lista de coisas que prefiro fazer na minha semana de folga do que jogar uma partida horrível na porra do Buffalo.

— Ei — disse Scott. — Sou de perto de Buffalo.

— E eu sou da Dakota do Norte, mas também não quero passar minhas férias lá — brincou Carter.

Eric não tinha planos de faltar ao jogo das estrelas. A escalação havia sido anunciada ontem, e ele ficou surpreso e emocionado por ter sido nomeado para o time este ano, já que havia alguns goleiros jovens realmente excelentes que mereciam a vaga tanto quanto ele. Ele apreciou ter uma última oportunidade de se exibir na competição de habilidades e de se despedir secretamente dos colegas.

O Natal já tinha passado e Eric ainda não tinha contado a ninguém que se aposentaria no final da temporada. Ele simplesmente não conseguia dizer as palavras. A cada semana, teria um novo motivo para justificar a espera.

Agora, decidira esperar até fevereiro, depois do Jogo das Estrelas. Não queria a atenção que receberia da mídia e dos outros jogadores, se soubessem que aquela seria definitivamente sua última aparição no Jogo das Estrelas.

Ele também não via nem falava com Kyle havia duas semanas. Aproveitava as viagens consecutivas de carro para clarear a mente e talvez se permitir refletir razoavelmente sobre o que estava fazendo com Kyle. Imaginava que um pouco de distância aliviaria sua vontade de estar com ele.

Não funcionou.

Eric ainda se sentia aquecido cada vez que pensava na última vez que estiveram juntos. O que acontecia com frequência. Na verdade, a maioria dos seus pensamentos era dominada por Kyle. Ele pensava nele quando estava na estrada - em aviões, em ônibus, malhando e, definitivamente, em seus quartos de hotel. Pensava nele enquanto estava em casa com a família. Pensara nele com uma quantidade surpreendente na manhã de Natal, chegando a desejar que Kyle estivesse lá com ele, conhecendo seus pais e irmãos, o que era um pouco alarmante.

Eric queria mandar uma mensagem para ele ontem, quando ele voltou para a cidade. Talvez ver se ele queria ir até lá. Mas ele não queria parecer muito ansioso e não gostava de como seus sentimentos estavam incontroláveis. Kyle estava forçando a entrada no coração de Eric como um disco voando para o canto superior da rede, enquanto Eric estava esparramado, indefeso, no gelo. Ele não conseguia controlar o que estava acontecendo e odiava coisas que não conseguia controlar.

Geralmente.

— Vocês adoram ficar com o Dallas Kent na neve — brincou Carter. — Eu vou estar na praia com o amor da minha vida.

— Rum? — Scott perguntou secamente.

Carter jogou um rolo de fita adesiva nele.

***Eric**: O que você está fazendo?*

Kyle não gostou da sensação de aperto no coração ao ver a mensagem de Eric. Foi uma resposta completamente inapropriada e desproporcional.

***Kyle**: Estou saindo do campus.*

Ele observou os três pontos piscando na tela pelo que pareceu uma eternidade enquanto Eric digitava. Kyle não conseguia imaginar do que se tratava. Não tinha notícias de Eric havia duas semanas. Quase havia perdido as esperanças.

***Eric**: Eu queria saber se você gostaria de tomar um café.*

Bem, isso foi adorável.

***Kyle**: Claro. Onde?*

Combinaram de se encontrar em uma cafeteria perto de Columbia, de que Kyle gostava. Ele se escondeu no banheiro antes de sair do campus. Depois de um seminário de três horas, duvidava que estivesse com a melhor aparência possível. Examinou-se no espelho e penteou a parte da frente do cabelo com os dedos para que não caísse no rosto. Finalmente decidiu que era uma causa perdida e tirou um gorro preto de inverno da mochila. Pelo menos hoje, estava com seus óculos favoritos.

Talvez fosse triste estar tão animado para um café com um amigo, mas ultimamente vinha tendo dificuldade em não ficar obcecado por Eric Bennett. Em todos os turnos em que trabalhava no Kingfisher, torcia para que Eric entrasse, mesmo quando Kyle sabia que ele estava viajando. Ele assistia à maioria dos jogos fora de casa do Admirals, alguns pela televisão no trabalho e outros em casa. Seu coração palpitava cada vez que as

transmissões mostravam o rosto de Eric, mesmo que estivesse atrás de uma máscara.

Kyle poderia ter mandado uma mensagem para ele. Ele sabia disso e já tinha se sentido tentado a fazer isso várias vezes. Na manhã de Natal, ele tinha uma mensagem toda digitada - apenas um simples *Feliz Natal* -, mas a apagou. Por algum motivo, ele tinha feito um acordo consigo mesmo de que deixaria Eric entrar em contato em seguida. E se Eric nunca fizesse isso, bem. Era isso, então. Não era como se Kyle nunca tivesse sido ignorado antes.

Não era como se Eric tivesse lhe prometido alguma coisa.

Então, receber uma mensagem - um *convite* - de Eric agora, depois de uma aula longa e particularmente tediosa, foi extremamente bem-vindo.

Quando Eric entrou na cafeteria, o estômago de Kyle se revirou. De alguma forma, ele havia se esquecido de como o homem era lindo pessoalmente: alto e elegantemente vestido com um longo casaco de lã salpicado de flocos de neve. Ao avistar Kyle, ele sorriu calorosamente, e Kyle silenciosamente se ordenou a manter a calma.

— Oi — disse Eric.

— Oi. — Eles ficaram perto do balcão, um de frente para o outro. A mão de Kyle tremeu de vontade de tocá-lo, mas ele não o fez. Dali, ele podia ver os flocos de neve derretendo no cabelo de Eric, fazendo-o brilhar.

— É, hum, bom ver você — disse Eric. — Faz um tempo.

Pareceu muito tempo para Eric? Sentira *falta* do Kyle? — Faz. Você teve um bom Natal?

— Foi curto, mas bom. É sempre bom voltar para casa. — O sorriso de Eric sumiu. — Quer dizer...

— Está tudo bem. — disse Kyle rapidamente. — Mamãe me ligou no Natal. Conversamos por dez minutos inteiros. Foi muito festivo.

Aparentemente, meus irmãos mais velhos estão fazendo coisas maravilhosas e meus pais estão muito orgulhosos deles.

Meu Deus, por que ele tinha acabado de dizer tudo aquilo? Ele viu uma compaixão indesejada nos olhos de Eric, então mudou de assunto: — Vamos pedir. Preciso de cafeína depois daquela aula.

Poucos minutos depois, eles trouxeram seus cafés para uma pequena mesa em um canto.

— Ouvi dizer que você entrou para o time das estrelas. Parabéns.

— Obrigado. Foi uma surpresa, para ser sincero.

— Por quê? Você tem jogado bem nesta temporada, não é?

Eric tirou delicadamente a tampa do copo de café e a colocou sobre a mesa. — Outros goleiros já foram melhores. Goleiros *mais jovens.*

Ah. Isso.

— Eric — Kyle disse cuidadosamente — você me mandou mensagem porque está se sentindo velho?

Os olhos de Eric se arregalaram. — O quê? Não, claro que não. — Mas sua testa se franziu de um jeito que sugeria que ele estava considerando a possibilidade.

— Gostei de tudo o que fizemos juntos e, sinceramente, de todo o tempo que passamos juntos. Mas se você está aqui porque eu te faço sentir jovem ou algo assim...

— Não é isso — disse Eric rapidamente. — Você *é* jovem, mas quando estamos juntos eu... — Ele se interrompeu. Kyle *precisava* que ele terminasse a frase.

— Você o quê?

— Não penso na nossa diferença de idade. Às vezes, penso nisso quando estamos separados, mas sempre que estou com você eu simplesmente... esqueço.

Definitivamente havia algo de romântico naquela admissão, mas Kyle fez o possível para ignorá-la. Provavelmente não foi intencional. — Devo não estar me hidratando tão bem quanto pensava — disse ele secamente.

Eric riu baixinho. — Não foi isso que eu quis dizer. E não estou aqui para me alimentar da sua juventude. Estou cercado de muitos rapazes quando estou no trabalho.

— Somos dois. — Kyle tomou um gole de seu café com leite. — Mas você tem alguma coisa em mente?

Eric brincou com o copo de café. — Ainda não contei a ninguém que vou me aposentar. E as viagens de carro foram... difíceis, eu acho. Em cada arena em que jogávamos, eu pensava que poderia ser a última vez que eu jogaria lá. Esta pode ser a última vez que vou voar de San Jose para o Colorado com meus companheiros de time. — Ele balançou a cabeça. — Não sei por que esses pensamentos me incomodaram tanto. É bobagem.

— Não é. Você está prestes a encerrar um capítulo enorme da sua vida.

— Eu sei. — Eric suspirou e disse: — De qualquer forma. Eu não te convidei aqui para desabafar.

Kyle arqueou as sobrancelhas sugestivamente. Quando Eric percebeu, abaixou a cabeça para esconder o sorriso envergonhado.

— Por que você me convidou? — perguntou Kyle.

Eric olhou para cima. — Eu me peguei... sentindo sua falta.

A boca de Kyle se abriu e então se curvou num sorriso tonto que ele tentou, sem sucesso, controlar. — Eu também acho que senti sua falta. — Ele baixou a voz. — Pensei muito na nossa última noite juntos.

Eric sustentou o olhar dele, e Kyle viu o tesão que se acendeu neles. — Eu também.

Ele mordeu o lábio, pensando se o que estava prestes a propor era uma boa ideia. Provavelmente não era, mas — Maria acabou de começar seu turno da noite no Starbucks.

Eric levou um segundo. — Então seu apartamento está vazio?

— Tenho tudo só para mim. Se você não estiver ocupado...

— Não estou. — Eric já estava tampando o café, preparando-se para sair. — Vamos.

Kyle riu da ansiedade dele. — Sabe, se você quisesse um encontro casual, podia ter dito. Não precisava me encontrar para tomar um café.

— Eu queria te ver, não só... quero dizer, eu gosto de conversar com você.

Argh. Eric precisava parar. Kyle ia ter todo tipo de ideia errada se não parasse. Ele decidiu manter a sensualidade. — Que tal conversarmos *depois* que eu te mostrar o que eu sonho em fazer com você há duas semanas?

Capítulo Vinte

Eric se contorcia na cama de Kyle, fora de si de tesão. Kyle já o havia levado ao limite três vezes sem deixá-lo gozar, e Eric não tinha certeza se sobreviveria à quarta vez.

— Por favor — ele implorou. *Implorou.* E nem ficou envergonhado com isso.

Kyle sorriu maliciosamente para ele. Eric estava completamente nu e esparramado de costas. Kyle pairava sobre ele, ainda completamente vestido.

— Você quer tentar algo novo? — Kyle perguntou.

— É você me deixando gozar?

Kyle riu. — Eventualmente. Um segundo. — Ele desapareceu pela beirada do colchão, e Eric ouviu o som de algo raspando no chão, embaixo da cama. Kyle se levantou novamente, segurando uma caixa de sapatos. Colocou-a sobre a cama, abriu-a e tirou um conjunto de algemas pretas de velcro, presas por clipes de metal.

— Sim ou não? — perguntou Kyle, segurando as algemas.

A resposta saiu dos lábios de Eric antes que ele tivesse a chance de pensar. — Sim.

— Você confia em mim? — Kyle perguntou enquanto voltava para a cama, sentando-se na cintura de Eric.

Novamente, sem hesitação. — Sim.

Kyle respirou fundo. — Porra, Eric. — Ele se inclinou e o beijou, tão lenta e autoritariamente quanto acariciava o pau de Eric alguns minutos antes.

Eric gemeu baixinho em sua boca, sem conseguir decidir se queria que aquele beijo perfeito durasse para sempre ou se queria mais.

Kyle tomou a decisão por ele, afastando-se e levantando um dos pulsos de Eric. Foi então que Eric percebeu que, inconscientemente, havia deixado as mãos presas ao colchão acima da cabeça durante o beijo, já antecipando as amarras de Kyle.

Um pulso estava envolto em uma algema, depois o outro. Kyle deixou as algemas separadas por enquanto e perguntou a Eric se estavam apertadas demais. Eric balançou a cabeça, perplexo por eles estarem realmente fazendo aquilo, mas excitado demais para se preocupar.

Kyle posicionou as mãos de Eric no travesseiro acima da cabeça dele e usou os ganchos dos punhos para prendê-las. — Eu poderia prendê-las na minha cabeceira — disse ele — mas acho que não preciso. Preciso?

— Não. — Não, Eric manteria as mãos exatamente onde Kyle as queria. Ele poderia fazer isso por ele. Ele era disciplinado.

— Mais uma coisa — disse Kyle. Ele voltou à caixa de sapatos e tirou outro pedaço de tecido preto. Eric levou um instante para reconhecer que era uma venda.

— Sim ou não? — Kyle perguntou novamente.

Eric tinha menos certeza sobre isso. Seus olhos - sua visão - eram tão importantes para ele. Ele ganhava a vida observando, prestando atenção e reagindo rapidamente. Ter isso tirado dele, mesmo que por um minuto, era assustador. Mas também... emocionante.

— Quero tentar — disse Eric. — Sim.

O sorriso de Kyle era mais caloroso dessa vez, com menos malícia e mais carinho. — Me diz logo se você não gostar. Promete?

— Eu prometo.

Eric respirou longa e lentamente e fechou os olhos enquanto Kyle colocava a venda sobre sua cabeça e brincava com o elástico.

— Certo — disse Kyle baixinho. — Como assim?

Eric abriu os olhos e viu... nada. Escuridão. Seu primeiro instinto foi arrancá-la do rosto ou mandar Kyle fazer isso. Mas ele se deu um momento para se acostumar. — Fale comigo — disse ele.

— Estou bem aqui — disse Kyle, e então beijou o queixo de Eric. — Está tudo bem?

Eric respirou fundo para se acalmar. — Acho que sim. É só que... diferente.

— Quando quiser parar, me avise. Mas você está absolutamente deslumbrante agora. Porra. Você devia se ver.

— Vou ter que acreditar em você. Ah! — O corpo inteiro de Eric estremeceu quando Kyle agarrou um de seus mamilos com os dentes. A dor misturada ao prazer era tão intensa que ele não conseguia acreditar que tinha sido só o mamilo. O dele nunca fora particularmente sensível. Sentiu o hálito quente de Kyle roçar a carne dolorida que acabara de morder, e Eric se perguntou se faria aquilo de novo. A antecipação fez seu coração disparar, e ele cerrou os punhos.

Ele sentiu o calor úmido da língua de Kyle enquanto ela lambia o mamilo, acalmando-o com lambidas suaves. Eric soltou um longo gemido misturado a um suspiro, derretendo-se no colchão. Então Kyle o mordeu novamente, e Eric gritou.

— Bom? — perguntou Kyle. Eric percebeu que ele estava se esforçando para não rir.

— É estranho. Intenso. Nunca fiz nada parecido.

Kyle passou os dedos leves como plumas pelo peito e pela barriga de Eric, e Eric tinha certeza de que, se olhasse, veria linhas brilhantes de eletricidade em sua pele. Seu corpo já estava sobrecarregado com a sensação dos esforços

de Kyle, e agora ele achava que poderia explodir como fogos de artifício se Kyle tocasse em seu pênis.

Então Kyle se foi. Seu peso desapareceu da cintura de Eric. Seu calor desapareceu. Seus dedos, sua língua. Sua respiração. Eric o procurou com as orelhas. — Kyle?

Nenhuma resposta. E então Eric ouviu um zíper e um farfalhar suave em algum lugar ao lado da cama. Ele virou a cabeça para segui-lo e então sentiu algo roçar em seus lábios.

A cabeça do pau de Kyle.

Eric conseguia sentir o cheiro almiscarado, agora familiar, enquanto Kyle provocava seus lábios com leves cutucadas e movimentos. Eric abriu a boca em um convite, virando-se de lado e passando a língua rapidamente pelos lábios secos. Ele queria aquilo. Queria chupar Kyle às cegas, com as mãos presas acima da cabeça. Queria que Kyle o alimentasse enquanto Eric só podia ficar deitado ali, aceitando.

A cabeça esponjosa do pau de Kyle deslizou por seus lábios e Eric cantarolou alegremente em volta dela. Kyle colocou uma das mãos na cabeça de Eric, os dedos se enroscando em seus cabelos enquanto ajustava o ângulo de Eric.

— Nossa, você está tão sexy agora — disse Kyle com a voz rouca. — Absolutamente lindo, bebê.

Eric só conseguiu responder sugando mais dele para dentro da boca, esticando o pescoço para alcançá-lo. Seus dedos se contraíram com a necessidade de tocá-lo, mas ele obedientemente os deixou no travesseiro.

— Porra, isso é melhor do que eu imaginava. Você adora chupar meu pau assim, não é? Adora não ter nada pra fazer além de me chupar.

Eric gemeu em concordância. Ele adorava aquilo. Provavelmente deveria parecer estranho, ou degradante, mas na verdade era... tranquilo. Sua mente

estava em silêncio. Não havia pressões, nenhum time dependendo dele, nenhuma decisão assustadora que mudasse sua vida. Havia apenas Kyle e a necessidade de agradá-lo.

Ele ainda tinha pouca experiência em chupar pau, mas Eric sempre aprendera rápido. Ele passou a língua sobre a cabeça de um jeito que Kyle pareceu adorar da última vez.

— Isso é bom, bebê. Isso é incrível pra caralho — balbuciou Kyle. Seus dedos apertaram os cabelos de Eric e depois o soltaram.

Eric estava vagamente ciente de alguns ruídos, mas os ignorou, concentrado demais em sua tarefa para tentar adivinhar o que eram. Sentiu o gosto salgado de gotas de pré-sêmen e ouviu Kyle respirar fundo e xingar baixinho. Então, Kyle se afastou, deixando-o vazio. Baba escorreu pelo canto da boca de Eric, mas ele não conseguiu limpá-la. Rolou de costas, frustrado.

Uma mão escorregadia envolveu seu pênis, inesperada e implacável. Acariciando-o com força e rapidez, Eric só conseguia ofegar, xingar e sacudir os quadris. Ele sabia que Kyle pararia antes de gozar. Sabia que Kyle não se daria ao trabalho de contê-lo e cegá-lo se ele fosse terminar tudo tão rápido. Mas o corpo de Eric não se importou. Enfiou-se com otimismo no punho fechado de Kyle, buscando a liberação. Estava tão perto - bem *ali.* Eric podia senti-lo pulsando dentro dele, enorme e inevitável. Só mais um pouco de persuasão e ele sairia dele.

Kyle parou, é claro. Eric xingou alto enquanto seu pênis se contraía descontroladamente no ar acima da barriga, buscando qualquer tipo de fricção.

— Vire-se — Kyle instruiu, sem demonstrar nenhuma compaixão em seu tom. — De joelhos.

Eric obedeceu imediatamente. Apoiou a testa no colchão, entre os antebraços, as mãos ainda entrelaçadas acima da cabeça, como se estivesse

se posicionando em pose de criança. Ergueu a bunda, tremendo de tão exposto e vulnerável que se sentia.

— Sua bunda é uma obra-prima, Eric — disse Kyle. Ele passou a palma da mão sobre uma das nádegas e pressionou os lábios ali. — E essas coxas. Porra.

Sem aviso, um dedo escorregadio deslizou sobre o buraco de Eric, e Eric sibilou no colchão.

— Quer que eu vá mais fundo dessa vez? — perguntou Kyle. — Você já teve a próstata massageada?

— Não... não por outra pessoa. — Eric só tentara fazer isso algumas vezes e, por mais flexível que fosse, fora difícil aplicar a pressão que ele queria. Ele tinha a sensação de que Kyle seria capaz de lhe dar exatamente o que ele precisava.

— Então isso vai ser divertido. — Kyle massageou a entrada de Eric com movimentos circulares e constantes com a ponta do polegar, mantendo-o imóvel com a mão firme na nádega de Eric. Eric tentou controlar a respiração, mas ela alternava entre prendê-la por muito tempo e, em seguida, suspirar e ofegar enquanto Kyle o abria.

Sem perceber o que estava fazendo, ele se contraiu contra o dedo de Kyle, desejando-o mais fundo. O alongamento crescente o queimou, e Kyle deu um tapa de leve na bunda de Eric com a outra mão.

— Paciência — ele repreendeu. — Só respire e relaxe por mim.

— Assim como ioga.

— Exatamente. Ioga onde você chega ao clímax como uma fonte no final.

Eric riu e depois gemeu quando Kyle pressionou mais fundo.

— Talvez você já tenha feito isso antes — refletiu Kyle. — Gozou ali mesmo no seu estúdio de ioga.

Eric resmungou em resposta. Certamente não tinha.

— Aposto que você é flexível o suficiente para chupar o próprio pau. Já tentou isso?

— *Não.*

— Há algo para trabalhar durante sua aposentadoria.

— Pare de me fazer rir — disse Eric, com o corpo todo tremendo. Ele se recompôs com uma respiração longa e lenta, depois apenas apreciou as ondas de prazer que percorriam seu corpo enquanto Kyle fazia suas terminações nervosas vibrarem. Era maravilhoso ser cuidado daquele jeito, ter tudo removido para que Eric pudesse se concentrar apenas no prazer. Ele deveria se sentir impotente, mas em vez disso se sentia... seguro. Cuidado. Amado.

Uma explosão de prazer percorreu Eric quando Kyle acariciou sua próstata. Seu corpo se inclinou para a frente, como se tentasse escapar da sensação avassaladora.

— Demais? — perguntou Kyle gentilmente. Ele beijou o ombro de Eric, depois sua têmpora. Eric sentiu seu hálito quente contra o ouvido. — Quer que eu pare?

— Não — Eric respondeu com a voz rouca. — Não pare. De novo. Por favor.

Kyle beijou o canto da boca dele e desapareceu. Um instante depois, ele tinha um dedo - possivelmente dois - dentro de Eric novamente. O alívio tomou conta de Eric, percorrendo sua pele e inundando suas entranhas. Kyle estava com ele, dentro dele, exatamente onde Eric precisava. Dando-lhe o que Eric ansiava por mais de duas semanas. Ele massageou a próstata de Eric, enviando descargas de prazer intenso pelo corpo trêmulo de Eric.

O pau de Eric - meu Deus, ele quase tinha se esquecido do próprio pau - parecia um peso forte entre suas pernas. Ele pendia, enorme e pesado como uma âncora, enquanto Kyle dedicava toda a sua atenção à bunda de Eric.

Eric se concentrava nele agora, em como ele queria desesperadamente ser tocado. Em como cada pressão do dedo de Kyle contra sua próstata forçava gotas de pré-sêmen a escorrerem da fenda de Eric. Ele conseguia imaginar um rastro de fluido prateado conectando seu pau duro ao colchão. Uma poça de sua excitação nos lençóis.

Kyle apertou delicadamente suas bolas, e Eric gritou e apertou os dedos que ainda estavam em seu traseiro.

— Meu Deus, elas são como granito — disse Kyle, ofegante. — Não consigo decidir como quero que você goze.

Eric queria dizer a ele para se decidir sobre isso agora mesmo, mas em vez disso ele apenas choramingou e disse: — Por favor.

Kyle riu baixinho atrás dele e, em seguida, acariciou delicadamente o pau de Eric algumas vezes. Eric tentou empurrar sua mão, mas Kyle a retirou assim que seus quadris começaram a se mover.

— Preciso gozar.

— Eu sei. Porra, eu também. Você me deixou tão excitado. Como você quer? Quer ver?

Eric assentiu com a cabeça contra o colchão. — Sim.

Kyle o guiou de costas e posicionou as mãos de Eric acima de sua cabeça novamente. Ele montou na cintura de Eric, e Eric saboreou o peso dele. Adorava estar preso sob ele. A bunda de Kyle pressionava contra a virilha de Eric, e Eric percebeu que Kyle havia tirado as roupas em algum momento. Kyle revirou os quadris e o pau de Eric deslizou por sua fenda anal. Eric gemeu alto, dividido entre querer gozar assim, espirrar seu gozo contra a bunda nua de Kyle ou enfiar o pau bem fundo dentro dele. Porra, ele nem estava usando camisinha. Isso era perigoso.

— N-não — ele disse entre dentes. — Estou perto demais para isso.

Kyle pareceu entender e afastou o traseiro da mina terrestre que era a ereção de Eric. Então seus lábios pousaram-nos de Eric, e Eric correspondeu imediatamente, beijando-o com voracidade "selvagem", amando a urgência ardente da boca de Kyle. Amando a intensidade do beijo com os olhos ainda vendados. Mas, meu Deus, ele queria ver. Queria olhar para Kyle e ver seu rosto se contorcer quando ele gozasse.

— Kyle — Eric murmurou contra os lábios. — Quero te ver.

Dois dedos deslizaram por baixo do elástico que prendia a venda, e então ela desapareceu. Eric levou um instante para perceber que estava com os olhos fechados sob o pano e piscou para abri-los. Tudo estava claro e embaçado, mesmo com a luz do teto apagada.

— Oi — Kyle disse calmamente.

Eric piscou novamente. Seus olhos estavam úmidos de lágrimas, o que ele não conseguia explicar. — Oi.

Kyle era de tirar o fôlego. Ainda usava óculos, mas nada mais, e sorriu quando Eric percebeu. Seu cabelo desgrenhado caía sobre a testa, sobre os olhos azuis de inverno. Suas bochechas estavam rosadas de esforço e excitação, e Eric não conseguia parar de olhar para ele.

— Você é tão bonito — disse Eric. Sua voz soava arrasada, aguda e tensa.

Kyle acariciava lentamente o próprio pau, ainda montado na cintura de Eric. A cabeça era escura e brilhante, e Eric a desejava em sua boca quase tanto quanto queria ver Kyle se masturbando. Seu olhar se desviou do antebraço tenso de Kyle para aquela protuberância tentadora em seu bíceps, para sua boca úmida e machucada pelo beijo, e então de volta para a cabeça brilhante de seu pau.

— Me diz o que você quer — disse Kyle, trêmulo. — Me diz.

— Quero que você goze. Quero tudo em mim. — Eric não se permitiu pensar antes de responder. Não era mais capaz de pensar.

Kyle se acelerou. Seu peito arfava enquanto sua respiração acelerava, e ele manteve os olhos fixos nos de Eric. — Me diz para parar — disse ele. — Não me deixe gozar ainda.

Puta merda. Eric ia gozar sem nenhum contato no pau se Kyle continuasse com isso. Ele assentiu porque não conseguia encontrar palavras. Ele tentaria fazer isso por Kyle. Ele faria isso direito.

Ele observou o rosto de Kyle, observou cada mudança em seus olhos, em sua respiração, na tensão em seu pescoço enquanto Kyle se masturbava impiedosamente. Eric o observou até que os olhos de Kyle se fechassem e se abrissem novamente. Até que o rubor em suas bochechas se espalhou para a barriga. Ele não falou, não disse que estava perto, mas Eric sabia.

— Pare. — Era pouco mais que um sussurro, mas Kyle soltou o pau e jogou a cabeça para trás, gemendo. Ele ofegou por algumas respirações, depois abaixou a cabeça para encontrar o olhar de Eric.

— Foi perfeito, bebê. Eu estava bem perto. Puta merda.

O peito de Eric também subia e descia rapidamente. Ele estava exultante - cheio de orgulho, adrenalina e a necessidade constante de gozar. Kyle se abaixou, beijou-o rapidamente e deslizou até ficar ajoelhado entre as pernas de Eric na cama. Sem cerimônia, agarrou o pau de Eric e o acariciou com força.

— Porra, sim, Kyle. Me faça gozar. Me faça gozar. Me faça...

Um dedo deslizou de volta para dentro do buraco de Eric, buscando e encontrando sua próstata imediatamente, e Eric se arqueou para fora da cama e gritou quando sua liberação finalmente irrompeu. Seu sêmen jorrou como uma fonte antes de espirrar em sua barriga e peito, um pouco salpicando o peito de Kyle. Kyle continuou bombeando, arrancando mais empurrões de seu pau, mais jatos de esperma de suas bolas até que a última gota escorreu de seu pau exausto.

Seu dedo permaneceu dentro de Eric por um momento depois que ele soltou o pau. Kyle sondou delicadamente a próstata de Eric, o que provocou um tremor final em seu corpo exausto. — De tirar o fôlego — disse Kyle. — Porra, é como se você guardasse tudo para mim.

Foi quase exatamente o que Eric fez. Ele se masturbou algumas vezes nas últimas semanas, mas pensou apenas em Kyle em cada uma delas. E não se masturbou sozinho nos últimos dias, na esperança de que a próxima vez fosse com Kyle.

— Eu queria você — disse Eric. — Queria isso.

— Eu sei que sim. — Kyle estava se acariciando novamente, ainda ajoelhado entre as pernas de Eric.

— Venha aqui. Mais perto. Eu quero fazer isso.

Kyle soltou uma risada enquanto se movia para montar em Eric novamente. — Não vai demorar muito.

— Você quer isso?

— Não. Não posso. Só me faça gozar.

Eric fez um túnel apertado com as mãos algemadas e segurou-o na frente do pau de Kyle. — Será que vai funcionar?

Kyle enfiou o pau nas mãos de Eric e gemeu. — Porra, Eric. Isso funciona perfeitamente. Tão sexy com essas algemas. *Porra.*

Ele empurrou com avidez, balançando os quadris com força e rapidez, e a boca de Eric ficou seca ao imaginá-lo enfiando em seu buraco. Só de pensar nisso, ele tinha certeza de que seu buraco havia relaxado um pouco.

— Quero que você me foda, Kyle. Um dia.

— Sim, bebê. Quero isso também. Te foder assim, assim mesmo.

— Eu quero... eu quero fazer tudo. Com você.

Os olhos de Kyle se arregalaram, e Eric se preocupou por ter admitido demais, mas então Kyle ofegou e disse: — Ai, merda. Ai, merda, Eric. Aí

vem. Eu vou... — Seu anúncio se transformou em um gemido alto, e então ele se acalmou e gozou em todos os pelos do peito de Eric e até na barba dele.

Ele caiu sobre Eric, que passou as mãos algemadas sobre sua cabeça e as segurou firmemente nas costas de Kyle. Ele o abraçou, o nariz pressionado nos cabelos de Kyle enquanto ouvia sua respiração se acalmar.

— Você pode estar me arruinando — murmurou Kyle finalmente. — Talvez eu não queira mais ninguém depois disso.

Bem, *essa* era uma admissão perigosa, e a maneira como Kyle ficou tenso em seus braços disse a Eric que ele sabia disso.

— Foi divertido — disse Eric levemente, ignorando a forma como seu coração estava se expandindo.

Kyle levantou a cabeça e observou seu rosto. — Você tem esperma na barba.

— Eu sei.

— É gostoso.

— Mas acho que vou ter que lavá-la.

— Covarde.

Eric riu e apertou Kyle com mais força.

— Sente-se melhor? — Kyle perguntou sonolento.

Eric não conseguia se lembrar por que Kyle estava fazendo aquela pergunta. Ele já tinha se sentido mal antes? Já tinha se sentido mal alguma vez na vida? — Eu me sinto incrível. Obrigado.

— Chega de papo de velho. — Kyle beijou a clavícula. — Não quando você pode gozar como um gêiser.

— Acho que isso teve mais a ver com você do que comigo.

— Você não goza assim quando está sozinho?

Eric riu. — Nunca gozei assim na minha vida. Você é mágico.

— Eu sou *habilidoso.*

Eric beijou o cabelo dele. — Você é.

Kyle se esquivou das mãos de Eric e começou a remover as algemas. — Você gostou disso, então? — perguntou ele enquanto abria o velcro. — As algemas? A venda?

— Sim. Eu, hum. — Apesar de tudo o que tinham acabado de fazer, as bochechas de Eric coraram. — Gostei muito.

— Bom saber. — Kyle removeu a segunda algema e começou a massagear as mãos de Eric, o que foi maravilhoso.

— Você gosta? — perguntou Eric. — Ser amarrado? Ou você só faz isso com outras pessoas? — Uma faísca de ciúmes surgiu dentro dele ao pensar em *outras pessoas.*

— Eu gosto. Principalmente quando estou estressado ou sobrecarregado com alguma coisa. Pode ser meio...

— Libertador? — Eric respondeu.

— É. Exatamente. E tranquilo, sabe?

— Sim. Foi assim que me senti. Foi relaxante e emocionante ao mesmo tempo.

Kyle beijou a palma da mão de Eric. — Que bom. Era isso que eu queria.

Deus, esse homem. Eric precisava desse homem em sua vida mais do que era justo com Kyle.

Mais tarde, quando ambos estavam limpos, Kyle se aninhou em Eric e brincou distraidamente com os pelos do seu peito. A cabeça de Kyle ainda girava com tudo o que tinham acabado de fazer e com tudo o que ele ainda queria fazer com Eric.

Ele podia admitir para si mesmo que nutria sentimentos por Eric. Sentimentos que iam muito além de amizade ou desejo vil. Kyle queria estar com ele, mas sabia que não devia esperar por isso. Sabia que isso só levaria à decepção e à tristeza. Eric ainda estava se descobrindo. Ele nem tinha se assumido ainda, além disso era uma celebridade. E depois de se divertir com Kyle, partiria para alguém mais *apropriado*...

Trinta anos ou mais.

Kyle tinha 25 anos, e o que eram cinco anos, na verdade? Que droga, em poucos meses ele faria 26. Será que ele seria tão diferente aos 30? Será que Eric realmente não o via como um adulto agora?

O pensamento irritou Kyle, porque provavelmente era verdade. Eric provavelmente o via como alguém para se divertir, não como um homem com quem ele consideraria ter um relacionamento maduro e duradouro.

Kyle estava, mais uma vez, se precipitando. Ele e Eric tinham ficado algumas vezes no último mês. Certamente não foi um romance dos melhores.

— Eu queria te ligar no Natal — disse Eric de repente. — Ou pelo menos mandar uma mensagem.

— Você quis?

— Eu estava pensando em você naquele dia. Bem... — Ele apertou o braço que envolvia Kyle. — Pensei em você todos os dias, para ser sincero. Mas principalmente no Natal.

A boca de Kyle ficou subitamente muito seca. — Por quê?

— Porque eu sabia que você estava sozinho. — Ele suspirou alto. — Eu deveria ter ligado.

Kyle levantou a cabeça de onde estivera apoiada no peito de Eric. — Eu estava bem, mas... não me importaria de ter notícias suas. — Ele sorriu, e Eric retribuiu o sorriso, embora não alcançasse seus olhos.

— Eu não queria parecer ansioso. — Eric balançou a cabeça. — Foi burrice da minha parte me preocupar com isso. Me desculpe.

Kyle também não queria parecer ansioso. Ele havia apagado a mensagem que planejava enviar para Eric no Natal. Mas não disse isso porque não ajudaria em nada. — Agradeço a intenção.

Eric pôs a mão na bochecha de Kyle e se inclinou para beijá-lo. Outro beijo carinhoso e apaixonado que fez Kyle desejar coisas que não deveria.

— A que horas Maria chega em casa? — perguntou Eric.

— Normalmente por volta das onze. Temos tempo.

Eric riu baixinho. — Tempo para quê? Não tenho mais nada se você está pensando...

— Tempo da *comida.* Estou morrendo de fome.

— Eu também.

— Deveríamos comer.

— Mm. — Eric se lançou sobre ele, beijando seu pescoço enquanto Kyle caía na gargalhada.

A comida poderia esperar um pouco mais.

Capítulo Vinte e Um

Duas semanas depois, Eric estava em um vestiário barulhento em Buffalo enquanto o Jogo das Estrelas da Conferência Leste se preparava para a competição de habilidades. Velhos amigos, que normalmente eram adversários, aproveitavam a rara oportunidade de colocar o papo em dia. Outros caras provocavam uns aos outros em voz alta. Eric observava todos em silêncio.

Era um exercício interessante reunir todos esses rivais no meio da temporada. O hóquei era um esporte emocional, e os ressentimentos eram profundos, mas todos estavam conectados por esse jogo que amavam. Eles eram, de certa forma, todos uma família.

Ilya Rozanov e Shane Hollander estavam sentados frente a frente, trocando olhares e sorrindo. Havia uma afeição mútua que Eric ainda não conseguia acreditar. Eram rivais tão famosos, mas, ele supunha, também eram seres humanos que iam além de suas habilidades no hóquei. Obviamente, haviam encontrado coisas que gostavam um no outro e se tornado bons amigos.

Dallas Kent estava em um canto, conversando com outro jogador de quem Eric não gostava muito. O companheiro de time de Kent, Troy Barrett, estava sentado na baia ao lado de Eric, mas ficou em silêncio durante todo o tempo em que vestiu seu uniforme. Agora, estava absorto no celular. Eric não tinha motivo para gostar do garoto, mas decidiu tentar ser amigável.

— Este é seu primeiro Jogo das Estrelas, não é?

Troy ergueu os olhos, assustado. — É. Eu deveria ter ido ano passado, mas me machuquei.

— Eu lembro. Que evento você vai fazer?

— O patinador mais rápido.

Eric assentiu. — Faz sentido. Mas você tem uma concorrência acirrada.

— Acho que não vou ganhar. Mas a outra opção era fazer aquela pista de obstáculos idiota, e não quero passar vergonha na minha primeira competição de habilidades.

— Os goleiros definitivamente têm facilidade nessas coisas.

Troy tinha apenas 24 anos. Não era um cara particularmente grande - provavelmente um metro e setenta e cinco, com volume mínimo. Assim como Kyle, tinha um corpo feito para a velocidade. Ao contrário de Kyle, tinha cabelos castanho-escuros e brilhantes que caíam sem parar sobre seus penetrantes olhos azuis. Aqueles olhos não pareciam felizes naquele momento, e Eric percebeu que nunca vira Troy particularmente feliz. Não que o tivesse visto muitas vezes.

— Normalmente, depois disso, nos encontramos no bar do hotel ou às vezes há festas no quarto — disse Eric.

— Eu imaginei. Seria divertido, mas... — Ele franziu a testa para alguém do outro lado da sala, e Eric percebeu que era Dallas Kent. — Você acha que o Hunter vai estar lá?

— Por quê? — Eric sentiu uma pontada de raiva. Será que o Troy era um babaca tão homofóbico a ponto de não socializar com o Scott?

Troy olhou para ele com olhos arregalados, cor de safira. — Não porque... Jesus, eu não sou assim, tá? Eu não odeio gays. Eu só quero, sei lá, falar com ele. Mas ele pode não querer falar comigo. Só isso.

Eric relaxou. — Ele vai falar com você — disse ele com convicção. — O Scotty é o cara mais legal do mundo.

— Parece que sim.

Eric decidiu que, se não fizesse mais nada de útil neste último fim de semana do Jogo das Estrelas, poderia pelo menos dar um conselho ao jovem.

— Sabe, estou nesta liga há muito tempo e tive que jogar em times com pessoas de quem eu não gostava particularmente. Algumas delas eram até estrelas. Felizmente, os vestiários são grandes e você pode escolher as pessoas que quer manter por perto.

Troy franziu a testa, então olhou para o chão. Vestiu a camisa e disse: — Estou começando a entender isso.

Eric tentou um tapinha amigável no ombro - do tipo que Scott ou Carter fariam sem esforço. Soou um pouco estranho, mas ele esperava que o sentimento tivesse sido transmitido.

Mais tarde naquela noite, após o término da competição, um grande grupo de jogadores de ambos os times se reuniu no bar do hotel. Eric estava sentado a uma pequena mesa com Wyatt Hayes, o goleiro do Ottawa, um sujeito muito engraçado. Eles foram abordados por Ilya Rozanov.

— Mova-se, Hazy — ordenou Rozanov. — Preciso falar com Bennett.

Wyatt balançou a cabeça, mas se levantou. — Não tem o menor respeito pelo cara que te salva quarenta vezes por jogo.

Rozanov entregou-lhe uma nota de dez dólares. — Vá comprar uma cerveja.

Wyatt o encarou. — Eu posso comprar minha própria cerveja. Eu também sou uma Estrela, sabia?

Rozanov piscou para ele, e Wyatt se afastou, resmungando sobre os egomaníacos russos. Rozanov sentou-se na cadeira de Wyatt. — Você não anunciou sua aposentadoria — disse ele, indo direto ao ponto.

— Seu poder de observação nunca deixa de me surpreender.

— Por que não?

— Eu queria esperar até depois deste fim de semana.

— Você não quer uma grande algazarra?

— Não, eu não.

Rozanov sorriu. — É por isso que somos diferentes. Quero uma temporada de despedida. Um desfile. Todo mundo chorando em cada jogo.

— Tenho certeza de que você vai conseguir.

Ele não deixou de notar o olhar de Rozanov se dirigir brevemente para onde Shane Hollander estava. — Talvez.

— Scott me disse que você quer que ele ajude nos seus acampamentos neste verão.

— Sim. Mas ele está ocupado se casando com aquele cara que ele gosta de beijar.

— Acho que ele vai ajudar no futuro. Ele está impressionado com você. Todos nós estamos.

Rozanov parecia quase envergonhado. Baixou a cabeça e ergueu os olhos timidamente. — Sim?

— Com certeza. Se houver algo que eu possa fazer para ajudar, me avise.

— Você poderia vender um desses ternos caros que você gosta de usar e nos dar o dinheiro.

Eric riu baixinho. — Posso dar dinheiro sem vender os ternos.

— Poderíamos usar mais ajuda de goleiros nos acampamentos.

— Eu provavelmente conseguiria. Gostei do seu esforço para ser inclusivo nos seus acampamentos. Imagino que seja por isso que você convidou o Scott.

— Sim. Ele também não é ruim no hóquei.

— Essa é a coisa mais legal que você já disse sobre ele.

— Não conte a ele.

Eric não tinha certeza se deveria ou não compartilhar informações pessoais com Rozanov, mas algo lhe dizia para confiar nele. — Não que isso importe, na verdade, mas eu sou bissexual. Quer dizer, parece que você já adivinhou, mas se você quer esse tipo de reputação nos seus acampamentos...

O rosto de Rozanov se iluminou. — Bissexual! Isso é ótimo. Você já fodeu com aquele adolescente loiro?

— Ele não é um... — Eric mordeu a língua. — Ele tem vinte e cinco anos.

— Vinte e cinco foi há muito tempo para você. Lembra-se de vinte e cinco?

— Onde diabos está Wyatt? — Eric fingiu olhar por cima do ombro de Rozanov.

— Então você fez isso? Fodeu com ele?

Eric deveria ter ficado apavorado com a conversa, mas em vez disso se viu desejando poder contar a Rozanov que não tinha apenas *fodido* Kyle. Queria poder dizer que estava namorando-o. Que Kyle era seu namorado. — Não vou te contar nada.

— Isso é um sim.

Naquele momento, Shane Hollander se aproximou da mesa deles. — Oi, Eric. — Shane era basicamente o oposto de Rozanov: sério, educado e quieto.

— Shane. Bom trabalho na pista de obstáculos.

Shane deu um sorriso irônico para Rozanov, que não havia se saído tão bem na mesma prova. — Obrigado. Foi bem fácil, sinceramente.

Rozanov o encarou com olhos que ardiam de irritação e algo mais. Antes que Eric pudesse entender o que era, Rozanov desviou o olhar.

Eric viu Scott conversando com Troy Barrett perto do bar, o que o deixou feliz. Dallas Kent não estava em lugar nenhum, mas, pela sua reputação, ele provavelmente havia encontrado algumas fãs para lhe fazer companhia.

— Vou subir para o meu quarto — disse Shane. — Vejo vocês amanhã.

— Boa noite, Shane — disse Eric.

— Provavelmente também irei em breve — disse Rozanov.

Shane assentiu, virou-se rapidamente e saiu. Rozanov permaneceu à mesa por mais um minuto e então disse a Eric que ia ao banheiro. Eric notou que ele foi na direção dos elevadores.

Uma hora depois, Eric estava sozinho no elevador com Scott, indo para seus quartos de hotel lado a lado.

— O que você acha que vai fazer? — perguntou Eric. — Depois de se aposentar?

Scott franziu a testa. — Por quê?

— Só por curiosidade.

— Ainda não pensei nisso. Ainda tenho muito hóquei pela frente.

Eric assentiu lentamente. — Tenho pensado muito nisso ultimamente.

— Você está... — Scott baixou a voz para um sussurro horrorizado. — Está dizendo que está pronto para se aposentar?

— Tenho quarenta e um anos.

— É, mas... Quer dizer... Olha só você! Você está em melhor forma do que qualquer outro jogador deste time.

— Você estava me observando, Scott?

— Às vezes! Você pode me culpar? Você se lembra da altura que você alcançou nos seus saltos de agachamento no acampamento de treinamento deste ano? — Scott se abanou teatralmente.

Eric riu. — Sério mesmo. Não posso jogar para sempre.

— Você poderia *tentar*.

Eric sorriu carinhosamente para ele quando o elevador chegou ao andar deles. Ele realmente amava Scott, e era hora de ser honesto com ele. Seguiu-

o pelo corredor e parou quando chegaram ao quarto de Scott. Scott abriu a porta e gesticulou para que Eric o seguisse para dentro.

— Você está tentando me dizer alguma coisa, Benny?

Eric se preparou. Era isso. — Vou fazer o anúncio em breve. Esta é minha última temporada.

O queixo de Scott caiu.

— Não conte a ninguém — continuou Eric. — E não tente me fazer mudar de ideia. Chegou a hora.

Scott abriu e fechou a boca algumas vezes, então disse: — Você tem certeza.

— Tenho certeza.

— Mas vou sentir sua falta — disse Scott, como se esse fosse todo o argumento de que Eric precisava.

— Vou comprar ingressos para a temporada. Vou a todos os jogos.

Scott sentou-se pesadamente na cama. — Não é a mesma coisa.

— Eu sei. Vou sentir sua falta também. Vou sentir falta de todo mundo.

— O treinador sabe?

Eric sentou-se ao lado dele. — Não. Ninguém sabe. — Era mentira, mas ele não queria contar a Scott que havia confiado em Kyle primeiro *novamente.* Isso abriria uma nova linha de questionamento. E ele *definitivamente* não queria contar a Scott que Rozanov sabia. Scott nunca se recuperaria. — Vou contar a Carter assim que estivermos todos juntos novamente. Não quero que ele ouça de outra pessoa.

— Certo, tudo bem. Tenha certeza antes de contar para alguém, está bem? — disse Scott.

Eric o cutucou. — Você fala como se eu estivesse me precipitando em vez de terminar uma carreira de dezoito anos.

— É muito cedo.

Eric deu um tapinha na coxa de Scott. — Estou me aposentando, não morrendo. — Ele se levantou, e Scott fez o mesmo, imediatamente o envolvendo num abraço apertado.

— É melhor você estar em todos os jogos — disse Scott.

— Eu vou. — O que mais Eric teria que fazer? Não era como se ele estivesse *ocupado*...

— Não sei se esta TV é grande o suficiente — brincou Maria.

Kyle bufou. Kip havia convidado ele e Maria para assistir ao Jogo das Estrelas. Ele havia se mudado para a cobertura de Scott em Manhattan alguns meses depois de começarem a namorar, o que era definitivamente um upgrade em relação à casa dos pais em Bay Ridge. Com direito a uma televisão gigante na parede.

— Os jogadores são basicamente do tamanho real nesta coisa — disse Kyle.

— Ei — disse Kip, colocando uma tigela de Doritos na mesa de centro — às vezes você precisa ver cada gota de suor durante um jogo de hóquei e cada lantejoula durante um episódio de *Drag Race.*

Maria apontou para a televisão com a garrafa de cerveja. — Olha. Estão mostrando o seu noivo feio.

O rosto absurdamente bonito de Scott, com seu queixo quadrado e olhos azuis vívidos, preenchia a tela. Ele conversava com outro jogador durante um intervalo, rindo de algo que o outro disse. Eric ainda não havia jogado naquela partida, porque, como um dos três goleiros do time do Leste, ele jogaria apenas o terceiro período. A transmissão só havia sido exibida no início do jogo, quando cada jogador foi anunciado individualmente. Ele

estava deslumbrante sob as luzes dramáticas, sem máscara, acenando para a torcida.

Kyle tinha visto Eric bastante nas últimas semanas. Depois da tarde alucinante que passaram no quarto dele, ele sentia saudades de Eric a cada minuto que passavam separados. Considerando o número de vezes que Eric o convidara para ir à sua casa, parecia que o sentimento era mútuo.

Mas era só sexo. Era isso que Kyle se lembrava toda vez que saía da casa de Eric, mesmo que, na maioria das vezes, ele saísse de manhã. Tirando um encontro à tarde, ele passou a noite com Eric todas as vezes depois, envolto em seus braços fortes naquela cama paradisíaca. Eles sempre conversavam depois do sexo, aconchegados e lutando contra o sono. A conversa era quase a parte favorita de Kyle.

Quase.

— Tive outro cliente ontem à noite que sugeriu que tivéssemos um menu de uísque adequado — disse Kip durante um intervalo comercial.

— É, tomei dois desses na quinta — disse Kyle, grato por ter algo para conversar que pudesse acalmá-lo um pouco. — Vou passar para o Gus, mas, sabe como é.

— Ele não vai fazer nada para mudar o lugar.

— Não.

— O que diabos há de errado com o seu chefe? — perguntou Maria. — Por que ele não quer que o bar dele seja bom?

— Não sei — disse Kyle. — Ele é um cara legal, mas seu coração não está no lugar há muito tempo.

— Gostaria que ele pelo menos considerasse mesas novas — disse Kip. — Quase todas elas balançam agora e estão meio que permanentemente grudadas.

— Ele poderia pelo menos restaurá-las — concordou Kyle.

— Gostaria que você estivesse no comando — disse Kip. — Você tem ótimas ideias para aquele lugar.

Kyle corou um pouco com o elogio de Kip. Secretamente, ele gostaria de estar no comando do Kingfisher. — É, bom. Acho que já é popular o suficiente do jeito que está.

— Só porque as pessoas continuam indo lá na esperança de ver o Scott — disse Maria, levantando-se. — Vou ao banheiro e depois pegarei mais cerveja. Alguém quer uma?

— Claro — disse Kip.

— Pode ser — concordou Kyle.

Depois que Maria foi embora, Kip cutucou Kyle e disse: — O Eric está lá quase tanto quanto o Scott agora. Por *algum* motivo.

— O que você está insinuando?

— Que há algo acontecendo entre vocês dois.

Kyle franziu a testa. — Somos amigos. Lembra que você disse que deveríamos ser amigos? Pois é, agora somos.

— Só amigos? — perguntou Kip. — Porque eu notei o jeito que ele olha para você...

A verdade é que Kyle queria mesmo conversar sobre isso com alguém, e isso pareceu um convite. — Tá. Então, eu meio que... ando ajudando-o com essa coisa toda de ficar com homens. No começo era só conversa. Tipo, a gente foi a um bar gay juntos, só pra tomar uma bebida.

— Eu pensei que Eric não bebesse — interrompeu Kip.

— Ele bebe *líquidos.* Conversamos e foi legal. E aí a gente meio que... se beijou.

Kip deu um soco no braço dele. — Eu estava *certo!*

— Ele *me beijou*! Juro. Tipo, eu beijei a bochecha dele, mas aí ele caiu na real.

— Puta merda. E então o que aconteceu?

— Nada. Nós nos beijamos. E então me ofereci para ajudá-lo com qualquer outra... primeira vez.

— O que ele disse? — Kip perguntou ansiosamente.

— Nada no começo. Seguimos caminhos separados. Alguns dias depois, ele me convidou para jantar na casa dele. E... fizemos sexo educativo depois.

— Sexo educativo?

— Sexo educativo extremamente *gostoso.* E depois fizemos mais algumas vezes.

— Estou pasmo — disse Kip. — Então vocês dois estão juntos?

— Não — disse Kyle rapidamente. — Definitivamente não. Combinamos de parar de transar e ser apenas amigos. Então é isso que somos. — Ele não gostou do jeito que Kip estava sorrindo para ele. — O quê?

— Você está tão a fim dele.

— Irrelevante.

— *Extremamente* relevante!

— O que é extremamente relevante? — perguntou Maria ao retornar da cozinha com três garrafas de cerveja.

— Nada — disseram os dois homens ao mesmo tempo.

Maria estreitou os olhos. — Bem, isso não parece suspeito.

Kyle riu nervosamente. — Só coisas de trabalho.

— E não tem nada a ver com o fato de Kyle estar claramente a fim de alguém? — acusou Maria.

— Eu... não, eu não estou! — Kyle gaguejou.

— Uh huh. Só estou dizendo que pode ter mais de uma pessoa nesta sala transando com um New York Admiral.

Kyle ficou boquiaberto. Ele adoraria contar a Maria tudo sobre Eric, mas Eric ainda não tinha se assumido completamente. E, além disso, não era como se fosse um relacionamento de verdade. Ele decidiu desviar a atenção de si mesmo.

— Por quê? Você e o maldito Matti Jalo?

— Quem me *dera* — suspirou Maria enquanto se jogava no sofá. — A gente comeu junto uma vez depois daquele show de drag em dezembro e nunca mais ouvi falar dele.

— Ah — disse Kip. — Ele foi legal com você, pelo menos?

— Ele riu das minhas piadas e me fez perguntas. Gente! Ele me fez perguntas! Sobre *mim!* — Ela pegou uma almofada e a abraçou.

— Espere. E ouviu suas respostas? — perguntou Kyle.

— Ele fez *perguntas complementares.* Foi, sem dúvida, o melhor encontro que já tive. Exceto pela parte em que não foi realmente um encontro.

Kip a abraçou. — Desculpa, amiga.

— Tipo, eu sei que não tenho chance com o Matti Jalo, mas mesmo assim. Droga.

Kip se engasgou. — Claro que você tem uma chance com ele! Estou noivo de um astro do hóquei! Eu! A gente trabalhava junto, lembra?

Kyle assentiu. — Na verdade, é estranho que você *não esteja* namorando uma estrela da NHL, Maria.

Todos riram e depois se distraíram da conversa quando Scott marcou um gol na televisão.

— Esse é o meu cara — disse Kip alegremente, depois se encostou em Kyle e descansou a cabeça em seu ombro. O calor que Kyle sentiu com esse toque casual foi bem-vindo e não continha a angústia ou a culpa que ele talvez tivesse sofrido antes. Ele se inclinou no braço do sofá para que o amigo pudesse relaxar mais solidamente contra ele.

Pareceu demorar uma eternidade para o terceiro tempo acontecer, mas finalmente Eric estava no gol e Kyle estava assistindo ao jogo com muito mais atenção. A mãe de Maria ligou para ela, então ela levou o celular para a cozinha, deixando Kip e Kyle sozinhos novamente.

— Você deveria falar com ele — disse Kip sonolento.

— Quem? — Kyle perguntou, como se não soubesse.

— Eric. Se você tem sentimentos por ele, deveria descobrir se ele compartilha os mesmos.

— E se ele não compartilhar? — perguntou Kyle, em vez de negar os sentimentos que sabia ter por Eric.

— Então pelo menos você tentou. Por que e se ele *compartilhar*?

A ideia era avassaladora. Kyle não se permitia imaginar de verdade uma vida em que fosse namorado de Eric. Onde pudesse se apaixonar por ele.

Ele observou Eric fazer uma defesa na televisão e refletiu calmamente sobre a pergunta de Kip.

E se ele compartilhar?

Capítulo Vinte e Dois

— O que você acha?

Eric se encolheu interiormente diante da própria impaciência, mas esperar e observar enquanto Scott lia a declaração que Eric havia escrito para anunciar sua aposentadoria foi uma tortura. Era o dia do primeiro jogo deles após o intervalo do Jogo das Estrelas, e Eric decidira oficializar sua aposentadoria, começando pelos seus companheiros de time naquela noite.

— Está bom. — Scott sorriu tristemente enquanto devolvia o celular de Eric do outro lado da mesa do restaurante. — Então você vai mesmo fazer isso?

— Vou mesmo fazer isso. Amanhã de manhã isso será postado no site do Admirals e nas redes sociais. Vou avisar o time hoje à noite, depois do jogo.

As bochechas de Scott incharam enquanto ele soltava um suspiro. — Você vai ficar com o celular desligado o dia todo amanhã?

— Definitivamente.

— Você tem algo planejado para distraí-lo?

Eric cutucou sua paella vegana. — Não.

— Eu me ofereceria para sair com você amanhã — disse Scott — mas Kip e eu vamos nos encontrar com nosso planejador de casamentos.

— Vou ficar bem. Talvez eu assista aquele programa que o Carter vive me dizendo para assistir.

— Você quer dizer aquele em que a namorada dele é a estrela?

Ah... — É, sim. Acho que sim.

— Talvez a aposentadoria lhe dê uma chance de finalmente se atualizar sobre a cultura pop, Benny.

— Parece exaustivo.

— Não há mais ninguém... com quem você gostaria de passar o dia de amanhã? — Scott perguntou casualmente.

— Você está perguntando se estou saindo com alguém?

— Bem...

Eric desejou poder dizer sim. O tempo que passara com Kyle nas últimas semanas fora incrível, mas ele sempre se sentia culpado depois. Não tinha o direito de ocupar tanto o tempo de Kyle e estava começando a se preocupar em estar se aproveitando dele. Às vezes - tá, muitas *vezes* - Eric conseguia imaginar um futuro em que ele e Kyle seriam um casal de verdade. Mas não era justo que ele quisesse. Por mais que Kyle não parecesse achar que a diferença de idade deles importasse, Eric sabia que importava. Kyle era divertido demais - cheio de vida demais - para se apegar a um goleiro velho que muito provavelmente precisaria de uma cirurgia reconstrutiva no ombro em breve. Que teria o corpo de um homem muito mais velho do que Eric. A diferença de quinze anos entre eles pareceria de quarenta.

— Não. Ninguém — ele disse a Scott agora.

— E quanto a...?

— Não. — Eric pousou o garfo. Por mais que soubesse que a situação era desesperadora, ele estava desesperado para conversar com alguém sobre isso há semanas, e ali estava sua chance. — Kyle e eu... nós... estamos fazendo coisas.

Scott arqueou as sobrancelhas. — Coisas?

— Ficando. Esse tipo de coisa. É casual, mas... eu gosto dele. Muito.

— Ah. Uau. Certo. — As bochechas de Scott ficaram rosadas, como sempre acontecia quando a conversa se voltava para sexo.

— Preciso dar um fim nisso. A parte do sexo, quero dizer. Não acho que eu seja o tipo de pessoa que consegue fazer isso sem que signifique mais. Eu não teria dormido com ele se não tivesse sentimentos mais profundos por ele. — As palavras saíram rápido de sua boca, agora que ele havia removido a barreira. — Não é justo da minha parte fingir que essas transas não significam nada para mim quando significam muito.

Houve silêncio, e o Scott disse: — Nossa. Você realmente está passando por algo difícil, não é? Nossa, eu não fazia ideia.

— Eu sei. E eu consigo lidar com isso sozinho, na maior parte do tempo, mas...

— Tem certeza de que ele não sente o mesmo por você?

— Não sei. A gente se dá bem, e ele me disse que se sente atraído por homens mais velhos, mas se sentir atraído por homens mais velhos e transar com eles não é a mesma coisa que estar em um relacionamento com um goleiro velho e ferrado com uma libido instável.

— Hum.

— Desculpe. Provavelmente foi informação demais.

— Não! Não, está tudo bem. — As bochechas de Scott estavam em brasa. — Isso é, uh, quer dizer que você normalmente não gosta de sexo?

— Gosto muito quando encontro alguém com quem quero transar. Só não é muito comum me sentir atraído por alguém dessa forma. Eu sei que é estranho.

— Não é estranho — disse Scott rapidamente. — Passei a maior parte da minha vida sem sexo, embora fosse mais por medo do que por falta de, hum, interesse. — Ele riu nervosamente. — Enfim. Você gosta do Kyle e gosta de transar com ele, certo?

— Sim.

— E ele provavelmente gosta de você e gosta de fazer sexo com você.

Eric mordeu a bochecha para conter um sorriso ao se lembrar da última vez que estiveram juntos. Kyle algemara os pulsos e tornozelos de Eric e o fez deitar de bruços na cama usando um equipamento que Kyle trouxera. Eles se chuparam ao mesmo tempo, com o corpo magro de Kyle esticado sobre Eric, até ambos chegarem ao clímax. Então Kyle se virou e cavalgou Eric com força até ambos gozarem.

E depois, Kyle passou a noite. Eric o abraçou forte enquanto dormiam, e pela manhã transaram novamente. Dessa vez, não houve algemas nem brinquedos. Apenas beijos de arrepiar os cabelos, muitos sorrisos e risadas.

Talvez tenha sido aí que Eric percebeu que estava muito perto de se apaixonar por Kyle.

— Acho que estou me metendo em confusão — admitiu Eric.

O olhar de Scott era compassivo, o que só fez Eric se sentir ainda mais patético. — Como eu disse, provavelmente não sou a melhor pessoa para dar conselhos sobre namoro, mas parece que você deveria conversar com ele.

Eric considerou a sugestão sensata de Scott e balançou a cabeça. — Não posso. Mesmo que ele queira um relacionamento comigo, não é justo com ele.

Scott tomou um gole d'água e disse: — Sabe, eu pensei a mesma coisa sobre o Kip uma vez. No começo, por causa das coisas escondidas, e depois por causa da atenção que eu sabia que receberíamos como casal. Mas, com o tempo, percebi que a decisão não era minha. O Kip merecia ter voz, e o Kyle também. Ele é jovem, mas não é criança.

— Eu sei. Eu só... — Eric suspirou. Ele sabia que tudo o que Scott dizia fazia sentido, mas ainda não estava convencido de que pedir mais a Kyle do que eles tinham agora era justo. — Vou dar um jeito. Vamos falar de hóquei. Você acha que os caras vão ficar chocados hoje à noite?

Scott mastigou o arroz, pensativo. Depois de engolir, disse: — Talvez não chocado, mas acho que ainda vai ser um baque para eles. A gente não dá o valor que você merece, sabia?

— Tommy está pronto para o trabalho.

Scott assentiu. — Tenho certeza. Ele vai se sair bem. — E sorriu tristemente. — Mas ele não é você.

— Vou ficar em Manhattan. Você ainda vai me ver. Trabalhei demais naquela casa para deixá-la.

— Quando me mudei para a cidade, achei que nunca me acostumaria. Mas agora não consigo me imaginar morando em outro lugar.

— Igualmente. Acho que estou aqui para o resto da vida. — Enquanto dizia isso, o pensamento lhe veio à mente: ele *conseguiria* se imaginar indo embora se estivesse em um relacionamento sério com Kyle, e ele quisesse sair de Nova York. Era um pensamento absolutamente ridículo.

— Bem, então — disse Scott com um sorriso — podemos envelhecer juntos.

— Estou um pouco à frente de você, Scotty.

Scott riu, mas Eric odiava que fosse verdade. Ele odiava ser muito mais velho do que quase todos os seus amigos. Muito mais velho do que o homem em quem ele parecia não conseguir parar de pensar.

Pela milionésima vez, Eric guardou todos os seus pensamentos e sentimentos sobre Kyle em uma caixa e a trancou. Ele precisava se concentrar no jogo daquela noite contra o Toronto. Entre o anúncio da aposentadoria e o fato de que seu time realmente precisava de uma vitória naquela noite, sua vida amorosa deveria ser a menor de suas preocupações.

O clima no vestiário ficou sombrio após o jogo. Os Admirals jogaram duro, mas não conseguiram manter a vantagem até o final. Toronto empatou o

jogo faltando pouco mais de um minuto para o fim do terceiro tempo e marcou novamente na prorrogação. Eric se sentiu péssimo por ter deixado isso escapar.

E agora ele precisava anunciar aos seus companheiros de time que estava se aposentando. Ora, talvez eles ficassem aliviados depois daquela atuação.

— Ei — disse Scott em voz alta. Ele caminhou até o meio da sala, ainda vestido com uniforme da cintura para baixo e sem camisa da cintura para cima. — Essa foi difícil. Mas nós lutamos muito e não precisamos nos preocupar com isso, tá? — Ele apontou para um dos novatos. — Woody, aquela jogada que você fez no segundo período para nos dar o terceiro gol? Incrível pra caralho. Uma das melhores que eu já vi.

Houve murmúrios de concordância na sala, e até mesmo algumas palmas.

— Benny, eu sei que você está se culpando por causa daqueles dois últimos gols, mas quarenta e oito defesas? E houve pelo menos cinco que foram basicamente impossíveis. Você se esforçou muito por nós esta noite.

— É, Benny! — gritou Carter. Os outros caras repetiram e bateram palmas.

— Breezy, — Scott se virou para Brisebois. — Você bloqueou aquele chute do Kent. — Isso arrancou alguns assobios e aplausos dos caras. — Corajoso, cara. Corajoso pra caralho. Adoro ver isso. Como está sua perna?

— Machucada. Mas eu arrancaria a perna inteira e a jogaria fora se isso impedisse o Kent de marcar.

Risadas irromperam, e até Eric estava sorrindo.

Scott sentou-se ao lado de Eric e disse em voz baixa: — Pronto. Eu os aqueci para você.

Eric sorriu agradecido para ele. Scott e Carter eram os únicos na sala que sabiam que Eric estava se aposentando. Ele havia contado aos treinadores e à diretoria uma semana antes, mas aquela seria a parte mais difícil.

Eric se levantou e acenou, o que fez com que todos se calassem imediatamente. Ele raramente tomava a palavra, então isso foi incomum o suficiente para chamar a atenção. — Oi. Vou ser breve, mas tenho algo para contar a vocês.

O ambiente estava tão silencioso que Eric achou que seus companheiros de time provavelmente conseguiam ouvir seu coração acelerado. Ele respirou fundo para se acalmar. — Esta vai ser minha última temporada.

Exclamações de choque começaram, e Eric ergueu a mão para silenciá-las. — Jogar na NHL, e especialmente jogar aqui em Nova York, com todos vocês, foi uma honra. Eu nunca imaginei, enquanto crescia, que... — Ele teve que fazer uma pausa para pigarrear, porque ela ficou apertada rapidamente. Tentou novamente. — Tem sido incrível. Eu não trocaria um segundo disso. Mas é hora de ir embora. — Ele fez uma pausa e conseguiu dar um sorriso irônico. — Enquanto eu ainda consigo andar.

Ouviram-se algumas risadas discretas, mas ele conseguia ver a confusão e o choque nos rostos dos companheiros de time. Será que eles realmente achavam que ele jogaria para sempre? — Sério, rapazes — brincou. — Tenho 41 anos. Vocês tinham que prever isso.

Houve silêncio, e então alguém - Prentice, ao que parecia - disse: — Você tem apenas quarenta e um anos?

Todos riram e isso abriu as comportas.

— Achei que você tivesse pelo menos sessenta anos.

— Os goleiros nem usavam máscaras quando você era novato.

— Meu avô cresceu observando você.

Eric balançou a cabeça. — Foda-se todos vocês. Mal posso esperar para nunca mais ver vocês.

Ele sentou-se novamente, sorrindo, e Scott o abraçou. — Eles te amam.

— Eu sei. — Eric observava a movimentação na sala com os olhos marejados. — Vou sentir muita falta disso.

Ele tirou o resto do equipamento exatamente na mesma ordem em que o tirava desde o ensino médio. Riu com os colegas de time quando alguém fazia uma piada e sorriu quando Carter o provocava. Ele ainda fazia parte daquele time. Ainda não tinha terminado.

Kyle não esperava ver Eric no Kingfisher naquela noite. Principalmente sem Scott. O jogo contra o Toronto estava passando na televisão do bar, então Kyle viu a derrota brutal na prorrogação. Ele nem teve a chance de mandar uma mensagem para Eric para tentar animá-lo.

Mas lá estava ele. Alto e bonito, com seu casaco de lã e cachecol de cashmere, mas seu rosto demonstrava sinais de exaustão e sofrimento. Ele avistou Kyle atrás do balcão e caminhou em sua direção.

— Oi — disse Kyle com um sorriso simpático.

— Oi.

— Eu assisti ao jogo. Sinto muito por isso.

Eric assentiu. — É, é uma pena.

— Eu lhe ofereceria um uísque ou algo assim, mas...

Eric bufou. — Hoje à noite, eu quase aceitaria.

Essas palavras foram de cortar o coração. — Sente-se. — Kyle gesticulou para o banco ao lado de Eric. — Vou te manter abastecido com água com gás e suco.

— Obrigado. — Eric tirou o casaco e o cachecol e os pendurou cuidadosamente no encosto do banco. Ao se sentar, imediatamente se jogou para a frente, apoiando os antebraços no balcão. — Que noite incrível.

Kyle colocou uma garrafa de água com gás e limão na frente dele. — Me conta tudo.

— Você não quer ouvir sobre isso.

— Sou barman. Meu trabalho é ouvir histórias tristes. — Ele jogou uma toalha de bar no ombro, brincando, e se inclinou. — Me conta.

— Eu disse aos meus companheiros que estava me aposentando. Contei a eles depois do jogo.

Kyle ficou boquiaberto, fingindo espanto. — Você não jogou *tão* mal assim.

Eric riu. — O anúncio público será amanhã de manhã. O time vai divulgar um comunicado.

— Como eles reagiram? Seus companheiros de time?

— Eles pareceram chocados. E aí, sabe, brincaram sobre a minha idade. Então, cada um está lidando com a situação à sua maneira. — Ele bateu os dedos no copo de água. — Acho que isso está mesmo acontecendo.

Ele parecia tão perdido. Kyle queria levá-lo para o quarto dos fundos e beijá-lo até deixá-lo feliz. — Amanhã vai ser um desastre, eu acho.

— É — suspirou Eric. — Não estou ansioso por isso. Vou desligar o celular e, sei lá. Evitar isso.

— Você não tem treino amanhã?

— Não. Eu queria fazer o anúncio num dia de folga, para pelo menos evitar os repórteres.

Kyle de repente teve uma ideia maravilhosa e terrível: — Passe o dia comigo.

As sobrancelhas de Eric se ergueram. — Sério?

— É. — Kyle deu de ombros. — Eu também tenho folga amanhã. A gente podia, sei lá, assistir a filmes ou... sair da cidade. — Ele riu, mas depois teve uma ideia ainda melhor. — Ei, a gente podia fazer uma trilha! Conheço uns lugares ótimos fora da cidade. Você já foi à Montanha Azul?

— Não. — Eric pareceu se animar. — Seria ótimo ficar ao ar livre o dia todo.

Kyle estava praticamente pulando de alegria agora. Ele estava precisando desesperadamente de um tempo de qualidade ao ar livre. — Vamos lá! Você tem carro?

— Tenho.

— Isso vai ser incrível. Você vai se sentir um novo homem depois disso.

— Certo. — Eric sorriu para ele, parecendo quase tão animado quanto Kyle. Ele também parecia precisar de algo mais de Kyle.

— Vou trabalhar pelo menos até as duas — disse Kyle. Ele parou ali, sabendo que Eric entenderia o que ele estava dizendo.

— Certo. Eu imaginei.

— Você deveria ir para casa — disse Kyle gentilmente. — Descanse para a nossa grande aventura.

Eric assentiu. — É. Certo. Me manda uma mensagem amanhã quando acordar.

— Vou. — Kyle queria muito subir no balcão e beijá-lo, mas ele resistiu. Beijos frenéticos na rua à parte, eles nunca tinham se beijado na frente de outras pessoas. — Bem cedo, bonitão.

Capítulo Vinte e Três

Eric vinha reconsiderando sua decisão de passar o dia caminhando com Kyle até o momento em que o avistou esperando por ele na calçada em frente ao seu prédio. Eric sabia que tinha sido irresponsável da sua parte concordar com esse passeio; ou ele estava se deixando levar por Kyle, ou se deixando levar pelo próprio coração. De qualquer forma, isso só complicaria ainda mais seus sentimentos por Kyle. Mas o sorriso de Kyle quando Eric parou o carro na sua frente, com a animação estampada no rosto, fez com que ele não se importasse muito com decisões ruins.

— Eba! Caminhada! — cantou Kyle.

Ele estava de óculos e com um gorro de tricô quentinho. Estava adorável, e o coração de Eric batia inutilmente no peito.

Ele não é para você, Eric lembrou a si mesmo. *Não desse jeito.*

Agora estavam completamente sozinhos, juntos no topo da Montanha Azul, apreciando a vista espetacular do Rio Hudson e das montanhas nevadas ao fundo. Tinha sido um dia perfeito até então. Kyle era um caminhante experiente, completamente à vontade nas trilhas, e Eric sentiu como se o estivesse conhecendo pela primeira vez. Havia o barman galante Kyle e o brilhante estudante de pós-graduação Kyle, mas também havia este homem: corado e feliz depois de um dia ao ar livre no frio.

Eric estava se apaixonando por todos os lados de Kyle e não sabia como impedir isso.

— Você tirou algumas fotos boas hoje? — perguntou Kyle.

— Hm? Ah. Sim, acho que sim. — Ele pensou na imagem que havia capturado de Kyle, com as bochechas rosadas e sorrindo para um esquilo

que avistara em uma árvore, e ficou feliz por ter levado sua câmera naquela caminhada. — Algumas bem bonitas, na verdade.

— Ótimo. Talvez seja isso que você deva fazer depois de se aposentar: viajar e tirar fotos.

— Pode ser solitário — disse Eric sem querer. Ele havia considerado fazer exatamente o que Kyle havia proposto - era assim que Eric havia passado alguns de seus verões. Gostava de viajar sozinho, mas esperava que sua aposentadoria fosse compartilhada com outra pessoa. Alguém que amasse a vida ao ar livre e conhecesse história e arte. Alguém com talento para idiomas e paixão por aprender. Alguém que fizesse Eric rir, relaxar e... *desejar*... Quando foi a última vez que Eric desejou algo tanto quanto desejou Kyle?

Isso era ruim. Isso era muito ruim.

— Para onde você iria? — perguntou Eric, na esperança de desfazer essa linha de pensamento perigosa. — Se você pudesse viajar para qualquer lugar?

— Qualquer lugar. Todo lugar. Quero ver tudo, mas ultimamente tenho pensado na Grécia. Talvez fazer um curso de idiomas lá.

— Parece bom.

— Quero fazer uma caminhada na Península de Pelion.

— E seguir os passos de Aquiles?

Kyle sorriu. — Exatamente. Talvez encontrar um centauro bonitão que queira me ensinar algumas coisas.

— É disso que você gosta? Cavalos?

— Não. Só homens mais velhos, inteligentes e com paus grandes.

Eric tinha certeza de que a descida da montanha não seria melhorada por ter uma ereção. — Comporte-se — ele repreendeu.

Eric silenciosamente disse a si mesmo para se comportar também. Na noite anterior, quando fora ao Kingfisher, não quisera fazer planos para um passeio hoje. Queria que Kyle fosse para casa com ele, mas aquele dia inesperado juntos valia muito mais do que sexo.

— Devemos continuar? — perguntou Kyle.

— Claro.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Kyle caminhava na frente de Eric e olhava para as árvores. A trilha estava maravilhosamente silenciosa, interrompida apenas por pássaros, esquilos e uma rajada ocasional de vento sacudindo os galhos das árvores. Era perfeito e tranquilo, e Eric conseguia pensar com muita facilidade enquanto caminhavam.

Mesmo apenas andando atrás dele, o coração de Eric se enchia de alegria cada vez que Kyle virava a cabeça para olhar alguma coisa, permitindo-lhe ver seu perfil. Suas bochechas rosadas, seus óculos, seu meio sorriso satisfeito. Ele conseguia se imaginar andando atrás dele assim na Grécia, na Itália. Em qualquer lugar que Kyle quisesse ir.

Ou ele podia imaginar noites tranquilas em casa, em Manhattan. Talvez lendo juntos no sofá, com os dedos dos pés de Kyle sob as coxas de Eric. Depois, caindo na cama juntos, rindo, se beijando e...

Eric quase bateu em Kyle, que parou abruptamente.

— O quê...?

— Shh — Kyle sussurrou. — Olha.

Eric olhou para onde apontava e viu dois veados parados em uma clareira. Ele ficou completamente imóvel, sem querer fazer nada que os assustasse. Os veados ficaram ali por um tempo, comendo calmamente algo que crescia perto do chão. Quando finalmente desapareceram na floresta, Eric soltou um suspiro. — Uau.

Kyle sorriu para ele, os olhos brilhando sob os óculos. — Você não vê isso na cidade.

— Não. — O coração de Eric batia forte contra as costelas. Ele estava tomado por uma estranha adrenalina depois de estar tão perto de animais selvagens, mesmo tão serenos quanto aqueles veados. Naquele momento, Kyle parecia dolorosamente belo.

Kyle o olhou com curiosidade. — O quê?

Eric balançou a cabeça. — Nada.

Kyle o encarou por mais um instante, depois sorriu e disse: — Sabe o que eu poderia querer depois disso? Panquecas.

Eric riu, em parte aliviado por a tensão ter se dissipado. — Não me lembro da última vez que comi panquecas.

— Bem, isso é deprimente. Tem um restaurante aqui perto que serve comida deles o dia todo. Eu verifiquei.

— Você verificou as opções de panquecas antes da nossa caminhada?

Kyle deu de ombros, ainda sorrindo. — Sou de Vermont. Levamos nossas panquecas a sério.

Meu Deus. Essa versão de Kyle era perigosamente encantadora. Quando ele estava alegre, sedutor e brincalhão, derrubava todas as defesas de Eric. Ele não queria nada além de pressionar Kyle contra uma árvore e beijá-lo até deixá-lo sem fôlego.

Mas Kyle já havia retomado sua jornada montanha abaixo, deixando Eric o seguindo, fascinado.

Uma hora depois, eles estavam sentados em uma mesa aconchegante em um restaurante clássico de Nova Jersey. O garçom tinha acabado de trazer dois pratos grandes de panquecas. Eric costumava comer refeições ricas em nutrientes e proteínas, e panquecas eram, em sua maioria, calorias vazias, mas ele pôde se dar ao luxo disso uma vez. O cheiro era incrível.

Eric observou Kyle despejar uma quantidade absurda de xarope de bordo em suas panquecas.

— Vermont — Kyle o lembrou novamente quando o pegou olhando fixamente. Ele deslizou a garrafa para Eric, que despejou um pouco de xarope em seu próprio prato.

Eric gemeu ao dar a primeira mordida na panqueca. — Meu Deus. Essas são tão boas.

— Sério? Você não deveria se privar de panquecas.

— Não sei se você é uma boa ou má influência.

— Claramente boa. Antes de você me conhecer, era uma existência sombria, sem panquecas e com orgasmos fracos.

Eric quase cuspiu o próximo pedaço de panqueca. Conseguiu engolir. — É verdade. — Era *verdade.* Sua vida não tinha sido nada terrível antes, mas Kyle a tornara *divertida...*

Kyle sorria para ele agora. Suas bochechas ainda estavam rosadas da caminhada, e seu cabelo estava uma bagunça por estar preso debaixo de um gorro.

Deus, como ele era fofo.

Eric tentou não imaginar uma vida com Kyle com base naquele dia incrível que passaram juntos. Aquele dia era especial, e ele não deveria se deixar levar pela ilusão de que poderiam ter aquilo todos os dias. Que poderiam ser mais.

O que ele não tinha pensado o dia todo era na sua aposentadoria. A declaração, ele presumiu, havia sido publicada nas redes sociais e no site do Admirals naquela manhã, mas seu celular estava desligado e ele, felizmente, não tinha conhecimento da reação ao anúncio.

— Como vão as coisas no trabalho? — ele perguntou.

Kyle pareceu surpreso com a pergunta. — No trabalho? Bem, eu acho. O Gus tem estado ainda mais ausente do que o normal. Gostaria que ele se importasse mais com o lugar. Ele só aparece com frequência suficiente para garantir que não mudamos nada. Deus nos livre de melhorar o lugar.

Eric ouvira Kyle reclamar de Gus muitas vezes. Ele não parecia odiar o homem - na verdade, o descrevera como um amor -, mas estava frustrado com a apatia de Gus em relação aos seus negócios.

— O que você faria com o lugar? — perguntou Eric. — Se você estivesse no comando?

Kyle soltou um suspiro. — Bem, para começar, teríamos um ótimo cardápio de drinques. Incluindo drinques sem álcool — acrescentou com uma piscadela. — A decoração poderia ser melhorada. Provavelmente uma reforma, na verdade. Gosto do clima aconchegante de taverna, mas não deveria parecer desgastado e sujo, sabe?

— Precisa de uns reparos — concordou Eric. Ele próprio pensava o mesmo sobre o bar. Um pouco de dinheiro e esforço poderiam fazer uma enorme diferença no lugar.

— Aram mencionou que quer organizar mais eventos lá. Desenvolver uma comunidade Kingfisher mais forte.

— Essa é uma boa ideia.

— E nós temos uma chef muito boa, mas você nem imagina. A Lucy é talentosa demais para aquele lugar. Se ela tivesse total liberdade na cozinha, teríamos um cardápio incrível.

Eric absorveu tudo isso, refletindo. — Parece que vocês andam pensando bastante nisso.

— Há *anos*... Meu Deus. Eu amo o lugar, sério, mas ele precisa de ajuda. Não sei por que o Gus não vende. Embora os novos donos possam simplesmente destruir o lugar e demitir todos nós.

Seria uma pena. O Kingfisher realmente conquistou o Eric.

Eles comeram em silêncio por alguns minutos, Kyle devorando suas panquecas com gosto, e Eric saboreando lentamente cada pedaço amanteigado e doce de bordo.

— Obrigado por sugerir isso hoje — disse Eric ao terminar. — Era exatamente o que eu precisava.

— Não me agradeça. Estou tendo um ótimo dia.

— Bem, eu agradeço, de qualquer forma. Sei que não sou a pessoa mais divertida do mundo.

— Meu Deus. Você pode, por favor, parar de agir como se fosse meu velho tio Eric, com quem sou obrigado a passar o tempo? Você é meu amigo, e eu não me importo de olhar para você, então isso é uma vitória para mim.

Eric o estudou por um minuto. Kyle o encarou de volta.

— Ok — disse Eric finalmente.

A cabeça de Kyle ficou uma bagunça durante toda a viagem de volta para a cidade. Ele gostava tanto de Eric. Queria contar a ele. Queria passar o resto do dia e da noite com ele. Queria se apaixonar por ele porque sabia que não precisaria de muito. Apenas permissão.

— Você tem que trabalhar hoje à noite? — perguntou Eric.

— Não, graças a Deus. Estou cansado demais para isso.

Ele olhou para ele e notou que o maxilar de Eric estava tenso. — Você não está pronto para encarar isso, está? — perguntou Kyle gentilmente.

— Não.

Quando chegaram a Chelsea, Kyle disse: — Por que você não sobe um pouco? Podemos evitar o mundo real por mais um tempinho.

Eric pareceu considerar a oferta, e Kyle podia sentir a rejeição chegando.

— Nós dois sabemos o que vai acontecer se eu subir com você — disse Eric.

— É. Eu pensei... você não *quer* que isso aconteça?

Os nós dos dedos de Eric estavam firmes no volante, e seu maxilar estava cerrado enquanto ele olhava para a frente, evitando o olhar de Kyle. — Não importa o que eu quero. Não podemos continuar fazendo isso.

O coração de Kyle se apertou. — Por quê?

— Porque eu não sou o tipo de pessoa que consegue transar com um amigo e simplesmente agir como se fosse normal. — Ele deixou as mãos caírem no colo e olhou para elas. — Estou confundindo o que a gente está fazendo com outra coisa... algo impossível

Kyle engoliu em seco, sentindo um nó na garganta. — Impossível?

Eric finalmente encontrou seu olhar, e Kyle pôde ver lágrimas em seus olhos. — Se as coisas fossem diferentes, Kyle...

— Não — interrompeu Kyle, a fúria crescendo dentro dele. — Se você está me dizendo que tem sentimentos verdadeiros por mim... que quer *mais...* mas acha que a diferença de idade é demais, então pode parar agora mesmo.

— Mas é verdade.

— Eu não sou uma *criança.*

— E eu não sou a pessoa certa para você, Kyle.

Kyle balançou a cabeça, com lágrimas nos olhos. — Você *é*... — Ele podia muito bem admitir. Nada a perder agora. — Você é *perfeito* para mim. Não percebeu como somos bons juntos? Não posso ser só eu que sinto isso.

Eric sorriu tristemente de volta. — Não é só você.

— Então? — A voz de Kyle falhou na segunda palavra.

— Eu nunca me perdoarei se deixar você desperdiçar seu tempo comigo. Sua *juventude.*

— Foda-se a minha juventude! — gritou Kyle, mais alto do que pretendia. — E foda-se você por achar que eu não posso tomar minhas próprias decisões.

Eric abaixou a cabeça. — Eu tinha 24 anos quando me casei com a Holly. E dezesseis anos depois, percebemos que não éramos feitos um para o outro.

— E daí? Então você não deveria tentar, caso um dia mude de ideia? Acha que se apaixonar não vale o risco?

Os olhos de Eric se arregalaram e uma lágrima escorreu, escorrendo pela bochecha até a barba. — Eu sei que você pensa...

— Eu *sei*... Eu não *acho*... Eu sei o que sinto por você. Eu quero ficar com você, Eric. Eu...

— Você disse que seria casual — disse Eric, com um tremor de raiva na voz. — Você disse que sexo não precisava ser um grande problema. Sem compromisso, certo?

Kyle fungou e desviou o olhar. — Certo. Acho que eu estraguei tudo. — Ele colocou a mão na maçaneta. — *De novo.*

— Kyle...

— Não. Eu entendo. Não foi para isso que você concordou. Sou só um garoto com uma paixão por homens que só me veem como diversão. — Ele abriu a porta, virou-se e disse, amargurado: — A propósito, você se formou. Nota máxima. Obrigado por frequentar a escola de sexo gay do Kyle.

— Kyle...

Mas Kyle já estava fora do carro e batendo a porta atrás de si.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ele caminhava rapidamente para o elevador. Por que ele continuava fazendo isso? Por que ele não conseguia se apaixonar por um homem que realmente queria estar com ele? O pior era que ele não tinha certeza se Eric não queria estar com ele. Se Kyle fosse alguns anos mais velho, eles provavelmente estariam comemorando

seu aniversário de um mês de verdade agora. Ou talvez Eric nunca tivesse sequer considerado se rebaixar a um relacionamento com um destruidor de lares de 25 anos.

Ele finalmente chegou ao seu apartamento, que felizmente estava vazio, e trancou a porta firmemente atrás de si. Deixou-se cair no chão, de costas para a porta, e enterrou o rosto nas mãos, miserável e frustrado.

Capítulo Vinte e Quatro

O problema dos playoffs era que Eric nunca tinha certeza de quando seria seu último jogo. Era ainda mais difícil saber quando seria seu último jogo *em casa*.

O último jogo acabou sendo fora de casa, em Washington, no final da primeira rodada dos playoffs. Foi uma lavada, então Eric ficou sozinho com suas traves - suas companheiras constantes - e silenciosamente fez a contagem regressiva dos últimos dez segundos.

Quando terminou, ele deu um tapinha na trave atrás de si. — Obrigado por tudo, pessoal. Tratem bem a próxima geração, ok?

Foi devastador não ter conseguido passar nem da primeira rodada, mas Eric ficou emocionado com a ovação de pé da torcida de Washington após o jogo. A arena exibiu sua foto nos telões enquanto o locutor lembrava à plateia que aquele era o último jogo de Eric. Havia muitos torcedores do Admirals no estádio, mas todos os torcedores do Washington também estavam aplaudindo. Entre o golpe devastador da eliminação e aquela demonstração tocante de carinho da torcida, Eric estava chorando muito quando finalmente chegou ao vestiário.

— Desculpe — disse ele a Scott, cujos olhos estavam tão vermelhos e úmidos quanto os de Eric. — Eu queria nos levar mais longe.

— Perdemos juntos — disse Scott com firmeza, mesmo em meio às lágrimas. — Só lamento que seu último jogo não tenha sido em casa.

Ele o abraçou, e então Carter o seguiu, e logo todo o time estava se abraçando, com Eric bem no centro. Ele amava muito aqueles caras.

A sala ficou sombria por um tempo, mas não demorou muito para que Carter recuperasse o ânimo. — Meu último jogo — disse ele — vai ser lendário. Vou marcar cinco gols, e o último vai abrir um buraco no Dallas Kent.

Todos riram e aplaudiram. Eric estava grato por Carter. Ele não achava que conseguiria suportar se sua última vez dividindo um vestiário com aqueles caras fosse silenciosa e miserável.

Eric também teve uma comemoração discreta durante o último jogo em casa na temporada regular. Sua família - pais, irmãos, sobrinhos e sobrinhas - veio de Hamilton para assistir ao jogo e saiu depois, passando o dia seguinte juntos. Tinha sido legal, mas Eric não estava no clima de comemoração há muito tempo. Desde que Kyle bateu à porta do carro na cara dele.

Já fazia dois meses desde aquele dia em que tinham feito uma trilha. Dois meses desde que ele vira Kyle, ou falara com ele. Ele pensara em mandar mensagens. Pensara em simplesmente aparecer no Kingfisher. Pensava em Kyle todos os dias. Mas Eric tinha os playoffs para focar, e ainda acreditava que tinha feito um favor a Kyle ao se afastar dele. Estar longe dele doía como se tivesse quebrado todos os ossos do corpo, mas era para o bem. Assim como um osso quebrado, isso se curaria com o tempo.

Mas, meu Deus, se ao menos ele tivesse apresentado Kyle à família. Ele sabia que seria um choque sempre que contasse à família que se sentia atraído por homens. Seria um choque ainda maior se apresentasse Kyle como seu namorado, mas ele estava começando a não se importar em chocar as pessoas. A verdade era que ele não conseguia parar de pensar na declaração impetuosa de Kyle: *Você é perfeito para mim.*

E apesar do cérebro irremediavelmente prático de Eric lhe dizer o contrário, Eric sabia que era verdade. Seu *coração* sabia que era verdade.

Kyle tinha sido a pessoa mais brilhante na vida de Eric, e Eric estava tendo dificuldade em encontrar alegria em qualquer coisa desde que o perdera. Seu tempo livre era preenchido principalmente com a reforma da sala de estar para combinar melhor com sua nova pintura. Agora, ele passava as noites olhando para aquela pintura, sozinho, e desejando não ter se dado ao trabalho de acomodar algo tão sombrio. Questionando-se se deveria ter aberto espaço em sua vida para algo mais acolhedor.

Os pensamentos de Eric foram consumidos por Kyle durante o curto voo do time para casa naquela noite. Talvez fosse a montanha-russa emocional dos playoffs, ou talvez o mergulho de penhasco do fim oficial de sua carreira no hóquei, mas Eric se pegou pensando se não seria tarde demais para tentar novamente com ele. Kyle poderia estar com outra pessoa agora. Ele poderia ter esquecido completamente de Eric. E não era isso que Eric queria?

Não. Deus. Só de pensar nessa possibilidade era uma agonia. Eric não queria que Kyle ficasse com mais ninguém. E Eric não queria ficar com ninguém além de Kyle.

Ele olhou pela janela, observando as luzes de Nova York brilharem na escuridão. O hóquei havia acabado. Aquele capítulo da sua vida estava oficialmente encerrado. Quando desembarcasse daquele avião, estaria se despedindo dos seus companheiros de time, da sua carreira. E quando pensasse no resto da sua vida, tudo o que sabia era que queria Kyle nela.

Ele precisava ser destemido, mais uma vez. Desta vez, sem máscaras e sem proteção. Precisava ir até Kyle com o coração nas mãos e se desculpar por não lhe dar uma chance. Por não dar uma chance *a eles.*

E Deus, ele esperava que não fosse tarde demais.

Kyle congelou quando Eric entrou no Kingfisher. Ele não tinha acabado de jogar sua última partida *naquela noite*? Em *Washington?*

Kyle procurou por Scott, mas ele não estava lá. Fazia sentido, já que Kip não estava trabalhando naquela noite. Era Eric, sozinho, caminhando com determinação em direção a Kyle.

Que diabos era aquilo? Será que o Eric estava triste com o fim da carreira e esperava um sexo sem compromisso e distrativo com o Kyle? Kyle não tinha a mínima chance de concordar com isso.

Provavelmente.

Ele se recompôs quando Eric se aproximou e disse, da forma mais branda possível: — Ei.

— Oi. — Os olhos de Eric estavam arregalados e incertos. Se ele tinha mais a dizer, não parecia ter pressa.

— O quê? — Kyle perguntou finalmente, sua paciência se esgotando.

— Eu... — Eric olhou ao redor do bar. — Tem algum lugar onde possamos conversar? Só um instante?

— Por quê? Tá procurando um sexo estimulante? Passo. — Kyle fingiu secar uma caneca de cerveja perfeitamente seca, esperando parecer desinteressado na presença de Eric.

— Não, não é por isso que estou aqui. Eu prometo. Eu só... eu queria muito falar com você.

— De novo, por quê?

— Porque preciso me desculpar.

Kyle zombou. — Você levou dois meses para descobrir isso, hein?

— Sim — disse Eric, com sinceridade. — Levei. Mas isso não significa que eu não pensasse em você todos os dias.

Porra. Kyle não conseguiu evitar a aceleração do coração. Ele pensara em Eric constantemente nos últimos dois meses, com uma mistura de raiva, tristeza e arrependimento. Olhando para ele agora, tão bonito no terno com que devia ter saído da arena, Kyle não conseguia negar que ainda o desejava.

Ele avistou Aram parado à mesa com três homens muito bonitos. — Um segundo — disse a Eric. Caminhou até Aram e deu um leve toque em seu braço para chamar sua atenção.

— O que foi? — perguntou Aram.

— Você pode ficar de olho no bar por alguns minutos? O Eric quer falar comigo sobre algo em particular. — Kyle sabia o quão intrigante aquilo soava, mas foi o melhor que conseguiu pensar.

— Claro — disse Aram, embora o olhasse com curiosidade.

Kyle se afastou antes que houvesse mais perguntas. Ele conduziu Eric até o depósito atrás do bar. Fechou a porta com firmeza atrás deles e ficou de frente para Eric, sem saber o que esperar.

Kyle cruzou os braços sobre o peito, em tom de defesa. — Só tenho alguns minutos.

— Desculpe — disse Eric imediatamente. — Eu estava errado, e desculpa mesmo. Eu estraguei tudo, e queria ter subido com você depois daquela caminhada.

Kyle franziu a testa. — Você se arrepende de não ter transado há dois meses?

— Não. Lamento tudo o que poderia ter acontecido depois de termos feito sexo há dois meses.

O coração de Kyle parou de bater. Aquilo estava mesmo acontecendo? — O que poderia ter acontecido?

Eric deu um passo em sua direção. — Eu poderia ter dito como realmente me sinto. Que amei cada momento que passamos juntos, seja fazendo sexo ou apenas conversando. Que quero ter mais desses momentos. Anos deles.

Kyle engoliu em seco, com os olhos ardendo. — Ah. — Ele deixou essas palavras se aprofundarem, então se lembrou das palavras opostas que Eric dissera meses atrás. — O que aconteceu com *as pessoas só deverem namorar*

pessoas da sua idade? Porque eu não envelheci magicamente quinze anos nos últimos dois meses.

— Desculpe-me por ter dito isso. Desculpe-me por tantas coisas. — Eric olhou suplicante para Kyle. — Você me odeia?

Kyle relaxou os braços e suspirou. — Eu *tentei* te odiar.

Os lábios de Eric se curvaram levemente. — Funcionou?

— Não. Porra, Eric. Eu não consigo te odiar. Eu quero tudo o que você acabou de dizer. Eu quero isso há meses.

Eric estava tão perto agora. Seu olhar se desviava de Kyle, e ele mastigava o lábio inferior. Kyle preferiria ser ele a fazer isso.

— Quero ficar com você, Kyle. Quero ser seu namorado. Parceiro. Enquanto você me quiser.

Lágrimas escorriam livremente dos olhos de Kyle. Ele não se importava. Deu um sorriso marejado e disse: — Como ousa me dizer isso nos fundos do trabalho?

Eric riu baixinho e deu um passo em sua direção. — Não foi como eu planejei.

Kyle passou os braços em volta do pescoço dele. — Você sabe que eu tenho que voltar lá e atender os clientes depois disso, né?

E então os lábios de Eric se encontraram com os dele, e eles se beijaram loucamente. O corpo de Kyle cantou de alívio depois de tantas semanas sem isso. Eric agarrou a cabeça de Kyle, os dedos enredados em seus cabelos, bagunçando-os.

— Nós não deveríamos... — Kyle ofegou, interrompendo o beijo.

— Eu sei — disse Eric, beijando-o novamente. Sua mão deslizou por baixo da barra da camiseta de Kyle, levantando-a e expondo sua barriga.

— Ah, merda — Kyle ofegou. Ele empurrou os quadris para a frente para que sua virilha pudesse tocar a de Eric, e então voltou a devorá-lo. Ele não

conseguia acreditar que aquilo estava realmente acontecendo, e estava tão tomado pelo desejo que estava considerando transar com Eric naquele depósito.

Eric se afastou de repente. — Desculpe — disse ele, limpando a boca com o antebraço. Seu rosto estava vermelho de excitação e provavelmente de algum constrangimento. — Eu não devia ter... eu não queria...

— Está tudo bem. Eu *realmente* não me importo.

Eric sorriu para ele como se não acreditasse que ele era real. Kyle tinha certeza de que ele tinha a mesma expressão no rosto.

— Quero ir para a Grécia com você — Eric deixou escapar.

— Você quer?

— Sim. Em breve. Quando você pode ir?

— Eu...

— E eu estava pensando... você acha que o Gus venderia este lugar? Pra mim, quer dizer? E talvez pro Scott também. Não sei. Não conversei com ele sobre isso. Mas acho que ele adoraria ser coproprietário comigo, e você poderia ser o gerente e...

Kyle o interrompeu com outro beijo, mas foi desleixado porque ele estava rindo da tagarelice incomum de Eric. — Isso tudo parece incrível, mas preciso terminar meu turno agora.

— Certo. Certo. — Eric o beijou novamente. — A gente devia conversar. Depois.

— Depois — concordou Kyle. — Termino em uma hora.

— Venha para minha casa?

— Já passou da sua hora de dormir. Tem certeza?

Eric se inclinou e o beijou novamente. — Que se dane a hora de dormir. Estou aposentado.

Epílogo

— Eu os declaro casados — proclamou o celebrante. — Podem se beijar pra valer.

Todos riram e aplaudiram quando Scott e Kip fizeram exatamente isso. O coração de Eric se encheu de alegria ao observá-los. Ele cruzou o olhar com Kyle, parado à sua frente, ao lado de Kip. Os olhos de Kyle estavam marejados, e ele sorriu para Eric.

Era um dia perfeito de julho que se transformara em uma noite perfeita, com uma brisa fresca vinda do oceano. A cerimônia aconteceria ao ar livre, ao pôr do sol, em uma colina gramada com vista para a Great South Bay. Scott fizera um ótimo trabalho garantindo que o casamento fosse um evento muito privado. Ele havia reservado o resort inteiro e não era permitida a presença da imprensa. Aquele dia era só para amigos e familiares.

Havia muitos amigos e familiares, porém; mais de duzentos convidados estavam presentes, mas Eric só tinha olhos para Kyle. Ele estava insuportavelmente bonito de smoking. Principalmente de óculos.

Scott se virou e abraçou Eric. — Obrigado por estar aqui.

— Não teria perdido. Estou feliz por você. — Eric falava sério. Ele estava emocionado por seu melhor amigo. E era bom estar no casamento de duas pessoas verdadeiramente apaixonadas. Ele esperava ter um desses casamentos algum dia.

— Estou feliz por você também — disse Scott. Ele acenou com a cabeça na direção de Kyle. — Ele é bom para você. Você deveria ficar com ele.

— Espero que sim.

Scott deu-lhe um último aperto de mão e então se virou para pegar a mão do marido. Os convidados estavam todos de pé para a curta cerimônia, e a grande multidão engoliu os recém-casados em um mar de abraços e tapinhas nas costas.

Kyle deu um passo em direção a Eric. — Até que não foi tão horrível.

— Nada mal — concordou Eric.

Kyle se inclinou e o beijou, o que foi um alívio depois de olhá-lo por tanto tempo sem poder tocá-lo. Seus lábios eram macios e um pouco frios por estarem lá fora, perto do oceano, e Eric se derreteu contra ele.

— Caminhe um pouco comigo? — perguntou Kyle.

Eric pegou a mão dele e apertou. — Claro.

A pousada tinha uma trilha que levava à praia. Quando chegaram à areia, Eric tirou os sapatos e se abaixou para tirar as meias. Kyle sorriu e fez o mesmo. Estar com Kyle o tornara mais relaxado. Ele ainda gostava de rotina - ainda se exercitava, ainda mantinha uma dieta saudável -, mas estava mais impulsivo e menos preocupado com o que os outros pensavam dele. Não sentia necessidade de ser perfeito e, obviamente, o peso de ter que se apresentar no gelo havia sido aliviado.

A aposentadoria, até agora, tem sido muito excelente.

Ele e Scott haviam se tornado oficialmente os novos donos do Kingfisher há um mês. As reformas ainda estavam em andamento, mas eles estavam planejando uma grande festa de reinauguração para quando Scott e Kip retornassem em agosto de sua lua de mel europeia de um mês. Eric havia recomendado alguns lugares na Grécia que ele e Kyle haviam adorado particularmente durante sua viagem no final de maio.

— Não é Creta, mas não é ruim — disse Kyle agora, enquanto olhavam juntos para a baía, com os dedos dos pés enterrados na areia.

Na praia de Creta, Kyle estava deslumbrante. Sua pele úmida brilhava ao sol, exposta apenas onde estava coberta pela sunga curta. Eric tirou uma foto dele espiando por cima do ombro, com as longas pernas nuas esticadas na areia. Essa foto estava agora em um porta-retrato no quarto de Eric. Ele pensou que, se estivesse com a câmera agora, poderia tirar uma foto igualmente deslumbrante de Kyle de smoking sob a luz roxa do início da noite.

Eles ainda moravam separados, mas Kyle passava a maior parte das noites na casa de Eric. Eric esperava que ele fosse morar com ele eventualmente, mas sabia que se mudar complicaria as coisas para Maria, a menos que Kyle nunca se desse ao trabalho de contar aos pais que não morava mais lá. Era uma opção muito real que Kyle vinha considerando. Por que não deixar seus pais ricos e péssimos pagarem por um apartamento para a amiga?

— Deveríamos voltar para a Grécia — disse Eric. — Em breve.

— Acabamos de voltar!

— Eu sei, mas... — Kyle sempre foi um deleite, mas na Grécia ele realmente se sentira vivo. Além de apreciar o quão incrível ele ficava de sunga, Eric ficava constantemente impressionado com o conhecimento de Kyle quando visitavam locais históricos e museus, e com a facilidade com que ele traduzia grego para ele. Adorava ouvi-lo falar a língua com os moradores locais. Depois de dias inteiros sendo excitado pelo cérebro de Kyle, Eric estava ansioso para arrebatar seu corpo à noite.

— Devíamos ir para outro lugar. Itália, talvez. — Kyle bateu palmas. — Sicília!

— Onde você quiser — disse Eric. Era verdade. Kyle poderia sugerir o lixão da cidade e Eric o seguiria alegremente.

— Por enquanto, provavelmente deveríamos voltar para dentro. A parte importante da recepção provavelmente já vai começar.

— Provavelmente. — Eric roubou outro beijo, e então eles voltaram para a pousada para celebrar o casamento dos amigos que inadvertidamente os uniram.

— E se eu simplesmente o convidasse para dançar?

Kyle sorriu para Maria, que encarava as costas de Matti Jalo do outro lado da sala. — Então ele seria o homem mais sortudo do mundo.

Maria endireitou os ombros, o que fez seus seios parecerem ainda mais incríveis. — Eu vou fazer isso.

— Talvez espere por uma música lenta? — Kyle gesticulou em direção ao DJ, que estava, no momento, tocando um hino de festa do Pitbull.

— Certo. Certo. Ótimo. Hora de mais uma taça de vinho, então.

Kyle riu enquanto ela marchava em direção a um garçom com uma bandeja cheia de taças de vinho. Um momento depois, braços fortes e familiares o envolveram por trás.

— Se divertindo? — perguntou Eric.

— Demais. — Kyle se virou para encará-lo. — Onde você estava?

— Conversando com alguns caras. Sabe como é.

— Já sente falta deles?

Eric torceu o nariz. — Quase.

— Você quer dançar ao som de Pitbull?

— Não.

Kyle o beijou. A música mudou para uma lenta, e Eric disse: — Talvez eu consiga lidar com essa.

Eles deram as mãos enquanto caminhavam juntos para a pista de dança. A música era um clássico dos casamentos, “Can't Help Falling in Love” de

Elvis Presley, mas, envolto nos braços do homem que amava, Kyle sentiu como se fosse a primeira vez que a ouvia.

Ele roçou os lábios na orelha de Eric e murmurou: — Você se lembra de quando essa música foi lançada?

Eric bufou. — Foda-se.

Kyle riu encostado no pescoço de Eric. Ele tinha feito muitas piadas sobre a idade de Eric quando estavam na Grécia, explorando templos antigos.

— Ei — sussurrou Eric. — A Maria está dançando com o Matti.

Kyle virou a cabeça de um jeito nada sutil. Ele rapidamente avistou Matti, já que ele era o mais alto da sala, e, de fato, Maria estava com os braços estendidos para envolver seu pescoço. Eles se entreolharam e sorriram, e Kyle *realmente* esperava que aquela fosse a noite em que ficariam juntos, porque estava ficando cada vez mais claro que Matti estava a fim dela.

— Olha como ele está apaixonado por ela — disse Kyle, sorrindo.

— Ele seria um tolo se não fizesse sua jogada esta noite.

— Bem, algumas pessoas só precisam de um tempinho, sabe?

— Nem todo mundo é tão confiante sexualmente quanto eu — concordou Eric.

O caminho para se tornarem um casal de verdade tinha sido estranho para Eric e Kyle, mas Kyle não poderia estar mais feliz com o que os havia levado. Ele adorava que estivessem construindo um negócio juntos ao mesmo tempo em que aprofundavam o relacionamento. Tudo na vida de Kyle estava tão perfeito naquele momento que ele estava preocupado com a possibilidade de algo dar errado.

Mas não havia motivo para pensar nisso agora. Não enquanto ele dançava com seu namorado maravilhoso em uma sala cheia de amigos.

— Eu te amo — disse ele. Eles diziam isso um ao outro o tempo todo, mas ainda não tinha enjoado.

Eric o beijou, interrompendo a dança. Kyle se derreteu, tonto, apesar de ter bebido apenas uma taça de vinho.

— Eu também te amo — disse Eric quando finalmente interromperam o beijo. E então ele bocejou.

— Já passou da sua hora de dormir? — provocou Kyle.

— Já faz algumas horas que estou ansioso para estar na cama com você. — Os olhos de Eric brilharam com malícia.

— Deus, eu criei um monstro.

— *Seu* monstro — rosnou Eric. Então, ele mordeu o lóbulo da orelha de Kyle.

A música terminou e Eric apertou Kyle com força. — Estou tão feliz por você estar na minha vida. Sinto muito que não tenha estado antes.

Kyle colocou a mão na bochecha de Eric e olhou para o homem que finalmente se tornara digno de seu coração. — Você guardou seus melhores anos para mim, lindo.

Agradecimentos

Como sempre, um enorme agradecimento à minha incrível editora, Mackenzie Walton, que torna tudo o que escrevo muito melhor. Ao meu marido, Matt, e aos meus filhos, pelo apoio e paciência. À minha agente, Deidre Knight, por acreditar em mim. A todos que me disseram que gostam dos meus livros, porque eles realmente significam muito e o incentivo de vocês me incentiva a continuar escrevendo quando estou frustrada e cansada. E ao aplicativo que me permite assistir aos jogos da NHL ao vivo no meu iPad enquanto escrevo, para que eu possa realizar várias tarefas ao mesmo tempo.

Sobre a Autora

Rachel Reid sempre morou na Nova Escócia, Canadá, e provavelmente continuará morando lá. Ela tem dois diplomas chatos e dois filhos interessantes. Ela é fã de hóquei desde a infância, mas infelizmente nunca chegou à NHL. Ela gosta de livros sobre homens gostosos fazendo coisas gostosas e mulheres legais sendo incríveis.

Você pode seguir Rachel no Twitter @akaRachelReid se você gosta de posts sedentos sobre jogadores de hóquei, e no Goodreads, se você quiser acompanhar a montanha de livros que ela está sempre lendo. Seu site e blog, onde ela escreve mais coisas, é www.rachelreidwrites.com.